

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

REGINALDO MOREIRA

PROJETO MALUCO BELEZA: A COMUNICAÇÃO COMO DISPOSITIVO
TERAPEUTIZANTE DE (RE)SIGNIFICAÇÃO DE SENTIDO DE VIDA, NO CONTEXTO
DA REFORMA PSIQUIÁTRICA

São Paulo
2011
REGINALDO MOREIRA

PROJETO MALUCO BELEZA: A COMUNICAÇÃO COMO DISPOSITIVO
TERAPEUTIZANTE DE (RE)SIGNIFICAÇÃO DE SENTIDO DE VIDA, NO CONTEXTO
DA REFORMA PSIQUIÁTRICA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa e Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, área de concentração em Interfaces Sociais da Comunicação, linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Doutor em Ciências da Comunicação, sob a orientação da Profa. Dra. Alice Mitika Koshiyama.

São Paulo

2011

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Moreira, Reginaldo

Projeto Maluco Beleza : a comunicação como dispositivo terapêutico de (re)significação de sentido de vida, no contexto da reforma psiquiátrica / Reginaldo Moreira – São Paulo : R. Moreira, 2011.

217 p. : il + DVD

Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Alice Mitika Koshiyama

1. Comunicação 2. Saúde mental 3. Maluco Beleza 4. Cartografia 5. Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. I. Koshiyama, Alice Mitika II. Título.

Nome: MOREIRA, Reginaldo

Título: Projeto Maluco Beleza: a comunicação como dispositivo terapeutizante de (re)significação de sentido de vida, no contexto da reforma psiquiátrica

Tese de Doutorado apresentada ao Programa e Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, área de concentração em Interfaces Sociais da Comunicação, linha de pesquisa Políticas e Estratégias de Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Doutor em Ciências da Comunicação, sob a orientação da Profa. Dra. Alice Mitika Koshiyama.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa para minha sobrinha Luciana, que virou uma estrela durante o meu processo de doutoramento. Esteja onde estiver, no céu, entre nuvens, ou numa linda noite de lua cheia...

Dedico também a todas as pessoas portadoras de sofrimento mental, para seus familiares e para os profissionais da saúde mental.

A todos os profissionais de comunicação, que fazem dos seus trabalhos, uma prática militante em busca da democratização dos meios.

AGRADECIMENTOS

“Gentileza gera gentileza”.

Ao fazer minha prece de gratidão aos que estiveram comigo nessa jornada do processo de doutoramento, ora dando forças, ora dando colo, ora danço suporte, ora dando empurrões, mas sempre dando, dando, dando... Foram pessoas se ofertando, livros se ofertando, caminhos, descobertas, todas se ofertando a mim. Nesta minha prece de gratidão invoco Profeta Gentileza, o “santo” moderno de nossos tempos, do qual sou devoto, aqui, pelas palavras de Guelman (2009):

A antinomia da gentileza é o favor (por favor), a troca interessada, a não gratuidade nas relações. Do mesmo modo a obrigação (do dizer obrigado) se opõe ao verdadeiro agradecimento. Por isso PORR GENTILEZA e AGRADECIDO “são palavras que libertam” e POR FAVOR e OBRIGADO, “palavras que condenam”. (Guelman, 2009 : 14)

Comovido por tanta gentileza, agradeço a meus pais, pela oportunidade da vida! À minha mãe Santina, pela presença e torcida, e a meu pai Manoel (in memorian), por imprimir em minha pele parte de minha vocação à cartografia.

Agradecido à minha irmã Sônia, e meus sobrinhos, Luciana, Juliana, Mariana e Júnior, presentes, atentos, sempre ouvidos e palmas.

Agradecido aos meus amigos Ana Paula, Márcio e Marli, pelo carinho, pela sintonia, pelo respeito, compreensão e por toda parceria de vida! Companheiros que eu amo tanto e que dão sentido aos meus dias! Às minhas amigas Sandrina e Cíntia, pelos momentos de disponibilidade, que não foram poucos. Aos amigos da Biodanza, que compartilharam tantas fases deste processo, especialmente ao João, Taninha e Mary!

Aos amigos do trabalho, que muito se fizeram presentes! A meu terapeuta, Luiz Contro, que tanto colaborou, mostrando que no “pote cabia sempre mais uma gota”! A todos os amigos e colegas, que compartilharam comigo desta jornada!

Aos usuários e participantes do Projeto Maluco Beleza, que dão sentido ao meu trabalho transformando minha lida diária! Aos funcionários do Ponto de Cultura, pela docilidade e companheirismo! Agradeço à Carlinha, à Sil e ao Zé!

Agradeço a todos os depoentes colaboradores de minha pesquisa, especialmente ao caso-guia, Anjo Barroco, que, sem medo, se entregou ao processo.

Agradeço à Instituição pesquisada, que abriu as portas, e confiou em meu trabalho!

Aos amigos André e Dina, que se dedicaram no processo de transcrições das entrevistas, de maneira ímpar!

À Professora Cléo van Raij, que gentilmente me presenteou com a revisão de minha tese. Agradeço a dedicação, o carinho, a paciência e o respeito que teve com meu trabalho!

Aos professores Émerson Merhy, Rosana Soares e Alice Mitika Koshiyama, que brilhantemente compuseram minha Banca de Qualificação, colaborando, e muito, para o desenvolvimento da pesquisa. .

Ao meu co-orientador (mesmo que extra-oficialmente) Professor Émerson Merhy, pelo carinho, pela paciência, pela sabedoria e pelos ensinamentos, que foram além do campo acadêmico, mas para minha vida toda! Obrigado por poder compartilhar com você momentos que me causaram tanta inspiração!

E por fim, à minha orientadora, Professora Alice Mitika Koshiyama, por ter apostado em meu trabalho e me desafiado constantemente no processo acadêmico!

Agradeço a todos! Pelo poder das “palavras que libertam”! Amém!

RESUMO

MOREIRA, Reginaldo. **Projeto Maluco Beleza: a comunicação como dispositivo terapeutizante de (re)significação de sentido de vida, no contexto da reforma psiquiátrica.** 2011. 217f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta pesquisa apresenta um novo conceito de comunicação: a comunicação terapeutizante. O novo termo é fruto da investigação da aplicabilidade das tecnologias de comunicação em rádio vivenciadas pelos usuários da saúde mental, participantes do Projeto Maluco Beleza, localizado no Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, na cidade de Campinas, interior de São Paulo.

A comunicação terapeutizante tem demonstrado ser uma importante ferramenta de (re)significação de sentido de vida para os portadores de sofrimento mental inseridos no projeto de comunicação do Ponto de Cultura Maluco Beleza.

Após participarem do projeto, os usuários se capacitam para a comunicação, para expressarem suas ideias por meio do rádio. Esse processo os incentiva a retomarem as redes de conexão que estavam esquecidas, ou não acionadas, e restabelecerem novos meios de convívio social, dentro do contexto de Reforma Psiquiátrica pelo qual passa a instituição pesquisada.

A pesquisa tem como objetivo a investigação da nova possibilidade de comunicação aplicada, como dispositivo aos cuidados da saúde mental alternativa e complementar. O recurso comunicacional, disponibilizado no Projeto Maluco Beleza, representa uma forma de ressarcimento do direito de expressão, que, por longos anos, foi negado aos portadores de sofrimento mental, confinados nos pátios dos manicômios e privados dos direitos fundamentais para a construção de uma vida minimamente digna.

A comunicação empregada nos programas produzidos para a veiculação na Rádio Educativa de Campinas e na Rádio Maluco Beleza online, revela uma alternativa complementar à rede de cuidados aos usuários da saúde mental, com efeitos terapeutizantes na vida dos participantes, que, na maioria das vezes, retomam eixos norteadores de suas vidas, num processo de (re)significação de suas trajetórias.

A pesquisa é legitimada pela narração do saber militante do pesquisador implicado nesse processo, por meio da utilização da metodologia cartográfica. A cartografia, aplicada na vida de uma das participantes do projeto, revelou a importância que a comunicação possui em sua história.

Outros participantes do projeto, como usuários, funcionários e pessoas da comunidade, também colaboraram com depoimentos que corroboram para os efeitos terapeutizantes dessa nova aplicabilidade de comunicação, por meio da retomada do sentido e da (re)significação de vida, que se dá pela comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Saúde Mental; Maluco Beleza; Cartografia; Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira; Ponto de Cultura.

ABSTRACT

MOREIRA, Reginaldo. **Maluco Beleza Project: communication as a therapeutic device of life resignification, inside the psychiatric remodeling.** 2011. 217f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This research features a new communication concept: the therapeutic communication. This new term is a result of the investigation of the applicability of radio communication technologies experienced by mental health patients – also called as “users” – that are participants in the Maluco Beleza Project, located in the Dr. Cândido Ferreira Health Department, in Campinas, São Paulo.

The therapeutic communication has proven to be an important tool for giving, once again, meaning of life to mental patients that are participants in the Ponto de Cultura Maluco Beleza’s communication project.

After participating, the users are trained to communicate and express their ideas through radio broadcast. This process encourages them to resume the network connections that were forgotten, or not activated, and re-establish new ways of social interaction inside the context of psychiatric reform which institution is going through.

The research’s goal is to investigate this new possibility of communication used as a device to an alternative and complementary mental health care. The communication resource, available at the Maluco Beleza Project, represents a way to compensate the lack freedom of speech that for many years was denied to mental patients, who were confined in mental hospitals’ courtyards and who had their fundamental rights to build a dignified life taken away.

The communication used in the programs produced for broadcasting on Radio Educativa de Campinas (local radio station) and Maluco Beleza online (online radio station), reveals a complementary alternative to the mental user health care’s network with therapeutic effects in participants' lives, which in most cases, incorporate guiding principles for their lives, a process of giving them new meanings.

The research is legitimized by the knowledge description given by the militant researcher involved in this process through the mapping methodology. The mapping, applied in one of the participants' life showed the importance that communication has in his history.

Other project participants, such as users, staff and people from the community, also cooperated with statements that support this new communication's therapeutic effects applicability, through the resumption of giving meaning and new meanings of life, given by communication.

KEYWORDS: Communication; Mental Health; Maluco Beleza; Mapping; Dr. Cândido Ferreira Health Department; Culture Point.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABRACO - Associação Brasileira de Rádios Comunitárias
AIH - Autorização de Internação Hospitalar
AI-5 - Ato Institucional no. 5
ANATEL - Agência Nacional de Telecomunicações
CAPS - Centro de Atenção Psicossocial
CID - Código Internacional de Doenças
CD - abreviatura de Compact Disc, disco compacto em inglês
EMDEC - Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas
FM - Frequência Modulada
FSM - Fórum Social Mundial
GPS - Global Positioning System, em português: Sistema de Posicionamento Global
INSS - Instituto Nacional do Seguro Social – Previdência Social
LOAS - Lei Orgânica da Assistência Social
MHZ - Mega-hertz
NOT - Núcleo de Oficinas e Trabalho
OMS - Organização Mundial de Saúde
PT - Partido dos Trabalhadores
PTI - Prontuário Terapêutico Individual
PUC - Pontifícia Universidade Católica
RG - Registro Geral da Carteira de Identidade
RP - Reforma Psiquiátrica
SAN - Serviço de Alimentação e Nutrição
SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SETRANSP - Secretaria de Transportes
SSCF - Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira
SUS - Sistema Único de Saúde
TRANSURC - Transporte Coletivo Urbano de Campinas
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
WEB - The World Wide Web, em português: Rede Mundial de Computadores

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Mapa de orientação cronológica.....	74
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de eixos temáticos - paradas.....	79
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1. METODOLOGIA.....	20
1.1. O colocar-se em análise a partir da análise do processo.....	29
1.2. Respeitável Público: eis a instituição onde se dará o campo da pesquisa.....	38
1.3. Que rufem os tambores: a um passo da cartografia.....	41
2. O PROJETO.....	43
2.1. Histórico.....	44
2.2. Parceria com a Rádio Educativa.....	47
2.3. Produção dos programas.....	49
2.4. Relacionamento com a Rádio Educativa.....	55
2.5. Bolsa e outras inserções dos usuários no Cândido.....	56
2.6. Eventos, coberturas e valorização.....	57
2.7. Ponto de Cultura.....	58
2.8. Rádio Maluco Beleza online.....	59
2.9. Prêmio Cultura Viva - 3ª Edição.....	60
2.10. Comunicação e aplicabilidades na saúde mental.....	61
2.11. Loucu-tores: uma identidade formada por dois significados.....	63
2.12. Abertura para pessoas da comunidade.....	64
2.13. A comunicação terapeutizante.....	65
3. O CASO-GUIA.....	72
3.1. PARADA: A HISTÓRIA DE VIDA.....	80
3.2. PARADA: A HISTÓRIA DO SOFRIMENTO.....	111
3.3. PARADA: OUTRAS INSTITUIÇÕES.....	121
3.4. PARADA: CÂNDIDO FERREIRA.....	131
3.5. PARADA: MALUCO BELEZA.....	159
3.6. PARADA: OUTRAS CONEXÕES.....	173
4. OUTROS PARTICIPANTES DO PROJETO.....	185
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	209
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	214

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta um novo conceito para a comunicação: a comunicação como dispositivo terapeutizante. A construção desta tese se dará por meio da investigação da aplicabilidade da comunicação no contexto da saúde mental, vivenciada pelas pessoas portadoras de sofrimento mental, no contexto pós início da Reforma Psiquiátrica¹, participantes do Projeto Maluco Beleza, localizado no Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira², que se encontra na cidade de Campinas, interior de São Paulo.

A investigação dessa nova aplicabilidade da comunicação aos usuários³ da saúde mental, buscará compreender não só o impacto desse dispositivo na vida dos envolvidos, como também quais as redes de conexão (re)estabelecidas a partir dessa participação no Projeto Maluco Beleza. Quando, em quais contextos e de que forma a comunicação empregada pode exercer um papel terapeutizante na (re)significação da trajetória de vida desses produtores de rádio.

A comunicação pressupõe um emissor e um receptor. No projeto, compreendemos que o processo de comunicação se estabelece pela emissão, por meio de um trabalho diferenciado de produção de mensagens, advindo de uma população historicamente marginalizada socialmente. A recepção dá-se por meio da veiculação dos programas na Rádio Educativa de Campinas⁴, e por meio da Rádio Maluco Beleza online, estação web de rádio, inaugurada no projeto pesquisado. Nosso foco para esta pesquisa estará centrado na emissão e nos processos de produção das mensagens. Pelo fato de o projeto estar localizado no campo da saúde, o objetivo do trabalho da aplicação da tecnologia da comunicação só se justifica pelo viés da promoção da saúde e da melhoria da qualidade de vida das pessoas que se

¹ A Reforma Psiquiátrica é um movimento que surgiu no Brasil no final da década de 80 inspirado pelo fim da ditadura militar e pela abertura política. Tal reforma reúne pessoas indignadas com a condição de abandono e de desrespeito aos direitos humanos dos doentes mentais e tem o objetivo de possibilitar novas formas de cuidados, indo contra os antigos modos de tratar a saúde mental, como confinamento, camisas de força, eletrochoque, lobotomia, estrutura asilar cercada por grades e altos muros. A reforma visa a substituir os antigos manicômios por formas alternativas de cuidados mais humanizados.

² O Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira é o segundo hospital psiquiátrico e o primeiro hospital psiquiátrico filantrópico fundado no Estado de São Paulo, inaugurado em 1924. Sua abertura tirava os loucos e desocupados dos porões da Cadeia Pública de Campinas, recolhidos por ocasião da implementação da República no país. Ao longo dos anos, a instituição passou por diversas fases em que acreditou a Psiquiatria, iniciando, em 1990, transformações advindas da Reforma Psiquiátrica.

³ O termo usuário de saúde mental substitui a palavra “louco”, doente mental, paciente psiquiátrico, ou qualquer outra terminologia. Esse novo termo de referência é uma exigência do Movimento da Luta Antimanicomial e dos demais participantes do II Encontro Nacional da Luta Antimanicomial, ocorrido em novembro de 1995, em Belo Horizonte/MG.

⁴ A Rádio Educativa de Campinas (FM 101,9 MHz) é uma rádio pública, concessão da Prefeitura de Campinas, interior de São Paulo, inaugurada oficialmente em 14 de julho de 2000.

encontram em tratamento. Por esse motivo, o foco principal do projeto não estará na recepção dos programas, mas em seu processo de produção, que implica a participação do usuário do serviço e o papel terapeutizante que essa produção pode estabelecer em sua trajetória de vida.

A investigação dar-se-á por meio do saber militante do pesquisador, altamente implicado no processo. A construção desta pesquisa utilizará a metodologia cartográfica, com o objetivo de conhecer a história de vida de uma das participantes do projeto, que se tornará nosso caso-guia. Além dessa cartografia, serão registrados depoimentos de outros participantes do projeto, tanto usuários da saúde mental, como pessoas da comunidade, que se inseriram no projeto a partir de sua transformação em Ponto de Cultura⁵, o que possibilitou sua abertura à participação de outras pessoas.

Inaugurado no ano de 2002, o programa de rádio Maluco Beleza é realizado pelos usuários da saúde mental de Campinas e veiculado pela Rádio Educativa da cidade. Nesse programa, os loucu-tores, como a maioria se autodenomina, têm a oportunidade de expressar seus pontos de vista sobre temas escolhidos por eles mesmos, para a sociedade, por meio de uma revista eletrônica mensal composta por diversos quadros, como entrevistas, enquetes, músicas, expressões artísticas, debates, opiniões e depoimentos.

Em 2008, o projeto foi reconhecido pelo Ministério da Cultura como Ponto de Cultura, por meio de um convênio realizado pela Prefeitura Municipal de Campinas. Desde então, as ações de rádio foram se ampliando. O fato de o projeto ter se tornado Ponto de Cultura abriu-o para a participação de outras pessoas da comunidade, não necessariamente portadoras de sofrimento mental. A partir desse reconhecimento, vários cursos de capacitação foram destinados aos usuários da saúde mental e comunidade. Ainda: um estúdio de rádio e uma sala de inclusão digital composta por nove computadores conectados à internet foram instalados na instituição psiquiátrica.

No ano de 2009, o Ponto de Cultura Maluco Beleza foi selecionado como Ponto de Cultura Estadual, pelo do Governo do Estado de São Paulo, o que irá ampliará as atividades em áudio para o audiovisual, por meio da capacitação dos usuários da saúde mental e da comunidade interessada em aprender técnicas de gravação e edição de vídeo.

O programa de rádio Maluco Beleza continua a ser produzido e veiculado, sendo o projeto inspirador de outras ações que estão surgindo a partir dele. Tendo como base o Ponto de Cultura, o projeto se abriu para a participação de pessoas da comunidade, com o objetivo de produzir e disseminar na cidade, além de propiciar espaços de convivência e troca entre sociedade e usuários da saúde mental, até então não experimentados.

⁵ O Ponto de Cultura será trabalho detalhadamente no capítulo que discorrerá sobre o projeto.

Uma rádio online foi inaugurada em setembro de 2010, ampliando os conteúdos veiculados para além da parceria com a Rádio Educativa, o que possibilitou a inclusão de outros programas produzidos pela comunidade. Até o momento, 23 programas têm sido produzidos por usuários, funcionários, familiares, comunidade e outros projetos sociais, que vão ao ar semanalmente por meio do site www.radiomaluobezeza.org.br. A diversidade de programas e de temas dá a tônica da rádio web, que tem abrangido crianças, adolescentes, crianças em situação de rua, idosos, familiares dos usuários, artistas de rua e usuários e funcionários da saúde mental, como produtores dos programas, nos quais podem expressar seus conteúdos.

Uma ilha de edição de TV também está em processo de implantação no Ponto de Cultura Maluco Beleza. Em 2011, prevê-se que os participantes serão capacitados para a linguagem audiovisual e, em 2012, os locutores do Programa Maluco Beleza realizarão oficinas em vários Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade, multiplicando os saberes adquiridos.

Para a realização desta pesquisa não há receita, mas, sim, exploração de situações reflexivas que possam contribuir para clarear enunciados, já apontava Merhy (2002), ao escrever *Saúde – a cartografia do trabalho vivo*. O mesmo pesquisador também reflete na Introdução de sua obra, *A Reforma Psiquiátrica no Cotidiano II*, sobre o caminho do compartilhamento de olhares dos profissionais do Cândido Ferreira com outros públicos, em sintonia ao que também é desejado por esta pesquisa:

Nesse caminho, procurar o compartilhamento do que vem sendo feito pelo conjunto dos trabalhadores da rede substitutiva de cuidados em saúde mental, do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, significa apostar na possibilidade de que os seus trabalhadores, podem e devem explicitar suas sabedorias para outros, em um ato reflexivo e de produção de conhecimentos; bem como apostar que o resultado final não é fechado, está em aberto como oferta de empréstimo de olhares e modos de fazeres, também para outros que também se interessam por isso. (Merhy, 2007 : 14)

Com base nas proposições apresentadas, esta pesquisa inicia seu percurso na busca da construção de um novo conceito: a comunicação terapeutizante.

1. METODOLOGIA

Esta pesquisa utilizará a metodologia cartográfica, para investigar as implicações do Projeto Maluco Beleza e as possíveis redes de conexão que seus participantes possam estabelecer a partir desse processo. A cartografia, proposta por Deleuze e Guattari (2005), levar-nos-á a uma viagem pela trajetória de vida de uma das participantes do projeto. Esse percurso será composto por acontecimentos que impliquem novos dispositivos, que, por sua vez, abrirão novos sentidos, novos eixos e novas conexões na cartografia a ser realizada, emprestando o olhar do pesquisador sobre a vida de nossa depoente colaboradora, aqui chamada caso-guia.

A metodologia cartográfica não pressupõe um objeto, mas investiga um processo em produção, com a mobilidade necessária para que se faça possível a apresentação da história de vida da participante escolhida, por meio dos diversos platôs de sua existência.

Uma participante do Projeto Maluco Beleza foi escolhida para ser o caso que nos guiará pela cartografia, em busca da produção de conhecimento, por meio de sua história de vida, de suas experiências vivenciadas no projeto pesquisado, por meio dele, a partir dele e para além do Projeto Maluco Beleza. Pelas mãos do nosso caso seremos conduzidos para o universo da pesquisa, descobrindo as redes de conexão, os novos sentidos de vida, a retomada dos desejos adormecidos ou abandonados, a (re)significação de eixos norteadores pela cartografia, que revelará as forças que contribuem para a formação de territórios existenciais constituintes de sua vida, conforme Rolnik (2007):

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um modo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades do seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago. (Rolnik, 2007 : 23)

A cartografia de nosso caso-guia será composta pela narração de doze depoentes escolhidos, que contribuirão como fontes orais e testemunharão sobre diversos aspectos da vida da participante, além dela própria, a principal narradora e a testemunha auto-referenciada.

A metodologia aplicada reunirá os acontecimentos da trajetória pesquisada em eixos temáticos, de acordo com os dispositivos relevantes encontrados, por meio de uma síntese interpretativa realizada pelo pesquisador, após a apropriação das diversas narrativas advindas das fontes. A cada eixo temático o pesquisador realizará um aprofundamento em determinado aspecto daquela trajetória de vida, voltando, em seguida, para a superfície do mapeamento, em que a produção de vida acontece.

Esses agrupamentos temáticos formarão os platôs existenciais da cartografia, que nesta pesquisa denominaremos de “paradas”. Cada parada é singular em relação à outra, possuindo temporalidade e dinâmica específicas. Dessa forma, os eixos temáticos serão divididos em seis paradas, de acordo com os acontecimentos narrados, sobre a história de vida da participante; a história do seu sofrimento mental; a sua trajetória em instituições de saúde em busca de tratamento; a sua inserção no Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, que representa uma mudança substancial nas formas de cuidar; a sua inserção no Projeto Maluco Beleza e as outras conexões estabelecidas a partir de sua participação nos projetos de comunicação, o que desencadeou numa participação política militante tanto em causas relativas à Reforma Psiquiátrica, como em causas associadas à democratização da comunicação.

Na metodologia cartográfica, os eixos temáticos são oblíquos e se transversalizam, comunicando-se entre si, pois um mesmo acontecimento pode envolver dispositivos sobre eixos ordenadores da história de vida, da saúde, do trabalho ou do namoro do cartografado. O mesmo tema pode surgir com significados diferentes em eixos distintos. A transversalidade cartográfica traz como resultado, produção e fluxo, pois um acontecimento interfere no outro. Dessa forma, muitas vezes encontraremos na aplicação metodológica narrativas que extravasam o próprio eixo.

A cartografia constrói-se a partir do olhar do cartógrafo/pesquisador sobre a pesquisa realizada. Nessa construção, as fontes depoentes são importantes contribuintes para a aplicação metodológica, e a associação desses múltiplos narradores, com a documentação escrita, é que validam e legitimam as narrativas. Esse cruzamento de dados entre as narrativas dos próprios depoentes, como da documentação escrita, valida a veracidade dos fatos narrados. Na inexistência de documentos que comprovem as narrativas, a metodologia vale-se da repetição dos acontecimentos no próprio discurso narrado, para ampliar a veracidade do que foi dito.

O movimento da viagem na busca do sentido de vida permite-nos construir protocolos, links e conexões possíveis por meio da cartografia, buscando mostrar o que é

visível somente ao sensível, segundo Rolnik (2007). A cartografia sentimental constrói-se pela investigação sobre os processos de significação de sentido dos eixos ordenadores da vida, das descobertas de novas redes de conexão, do sentido da trajetória. O processo, a viagem, interessa muito mais do que a partida ou a chegada, pois, nessa metodologia, a partir dos fatos cotidianos, conforme Bertiusi (2010), busca-se compor formas de compreensão e de visibilidade para os sentidos de produção da vida e do mundo.

Uma vez que os seres vivos estão em processo de produção de vida, nada é estanque, não há começo, nem fim, mas caminho. Não há tentativa de enquadramento do que é intrinsecamente processual, que não se faça sem que se perca os almáguas, as ligações, o rizoma apresentado por Deleuze e Guattari:

Um rizoma não começa, nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tábula rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...) (...) É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (Deleuze & Guattari, 1995 : 37)

A linguagem metafórica empregada no decorrer da tese será um recurso ferramental metodológico, com o intuito de criar imagens que contribuam para traduzir complexidades. A sintonia cartográfica, segundo Rolnik (2007), é teórico-pragmático-poética. O emprego da metáfora, como recurso de linguagem, auxilia a tradução dos encontros de sentidos que se apresentam pela viagem cartográfica. Para Deleuze e Parnet (1977), não há senão palavras inexatas, para designar algo exatamente.

A experiência que se vive é como se fosse uma correnteza que avassala a vida dos participantes do projeto e que não cabe em tubos de ensaio. A força das águas, mais que sua composição química, nesse contexto correnteza, é o que nos impulsiona, pois é água viva repleta de movimentos e conexões; rio, movimento que alarga o leito margem afora, mesmo que o rio analisado possa ter o leito acidentado em maior ou menor intensidade, que os considerados “normais”. Muitos rios, que por anos foram estancados e tiveram suas águas represadas, podem dar vazão à sua expressividade no Projeto Maluco Beleza, sem que isso

signifique falta de direcionamento, pois o próprio leito funciona como um canalizador das águas da nascente que tornará correnteza. Nos terrenos mais acidentados é que nascem as cachoeiras, só neles.

Por meio do caso-guia, com o recurso da cartografia, a pesquisa tem o objetivo de descobrir as redes de conexão, produção de sentido e (re)significação de trajetória, que o Projeto Maluco Beleza pôde trazer para o caso apresentado. Partindo do pressuposto que o Manicômio é a dependência exclusiva do aprisionamento, uma vez que na relação entre paciente e instituição total não há espaço para a criação de redes de dependências, podemos ter um indicativo de que um bom dispositivo terapeutizante é o que amplia e enriquece as redes de dependência singulares de cada um. A metodologia cartográfica nos auxiliará percorrer por essas implicações, por dispor de recursos que permitem análises para além da linearidade, em busca da forma como essas redes de conexão de vida são (re)construídas.

O movimento da viagem nem sempre acontece de maneira ritmada, pois viagens pressupõem rumos novos, visitasões, conquistas do desconhecido, ou revisitações do passado, em busca de novos sentidos, de (re)significações de trajetos de vida, como Rolnik nos apresenta nas *Notas de Encerramento, sobre seu Livro Dois*:

O movimento é convulsionado. É que se trata de intensidade em seu estado puro ou bruto. Palavras que nascem diretamente dos afetos revisitados – ou visitados pela primeira vez, em se tratando de fisgá-los com palavras. É um *rough draft*, um rascunho rústico do tempo. Não há por que limpar as marcas. Não há por que esconder o desatino, o desespero e deixar apenas os sinais de calma e esperança. (Rolnik, 2007 : 230-231)

O acidente, o atraso, as condições do tempo, do clima, as boas condições da estrada, do veículo, o combustível, a boa sinalização para evitar acidentes, os próprios acidentes, o motorista e sua forma de dirigir, tudo diz respeito diretamente à efetivação da viagem. Quando se sai em busca do novo, ou da revisitação do novo por meio da (re)significação do trajeto, há sempre uma aventura a ser experimentada, novos rumos, sensações, pessoas, paisagens, prosas, que tornam o itinerário novo de novo, mesmo já percorrido. Sobre isso, Rolnik nos dispõe, em seu livro, um mapa dos itinerários percorridos, sob o qual reflete:

(...) como toda cartografia, ela foi se fazendo ao mesmo tempo que certos afetos foram sendo revisitados (ou visitados pela primeira vez) e que um território foi se compondo para eles. O próprio livro é uma cartografia e tais notas nada mais são do que a ressignificação - a mais atual - daqueles afetos (daí seu ar de síntese). Na verdade, essa ressignificação é apenas provisoriamente a última: se funciona é somente até que se imponha a

necessidade de descobrir/inventar novas cartografias, novos mundos. (Rolnik, 2007 : 26)

Assim, o recordar, o (re)significar, torna a cartografia sentimental. Na metodologia empregada por esta pesquisa, sentimental não significa sentimentalismos, mas sim com relações de afeto, com o estado de ser afetado por alguma causa, como escreve Rolnik ao nos explicar sobre a panorâmica de suas noivinhas:

(...) Melhor ainda: uma cartografia sentimental. (É bom lembrar que “sentimental” aqui não tem nada a ver com sentimentos e muito menos com sentimentalismo, embora tanto o cartógrafo quanto suas amigas noivinhas, ao longo da expedição , tenham resvalado muitas vezes por uma indisfarçável pieguice .(...). O “sentimental” aqui tem mais a ver com afeto: cartografia do afetar e do ser afetado dos corpos vibráteis de uma geração. Devir desses corpos). (Rolnik, 2007 : 231)

O mergulho no passado, realizado pelo cartógrafo, por meio do caso-guia, traz à tona recordações carregadas de marcas, por se tratar de uma história de vida, na qual os obstáculos e desafios a serem enfrentados não foram e não são poucos. Esse terreno acidentado, pelo qual percorre a vida do caso-guia, remete-nos à geografia montanhosa de Minas Gerais, onde nasceu e inicia o percurso de sua vida. A territorialidade acidentada é uma característica de nossa viagem cartográfica. As montanhas de Minas Gerais estão internalizadas pelo caso-guia, que, mesmo morando em São Paulo há 40 anos, dos seus 45 completos, ainda traz em sua trajetória as marcas de um passado desafiante e um futuro desafiador. O território acidentado e montanhoso contribui para uma estética cartográfica suntuosa, como aponta Rolnik:

As cartografias vão se desenhando ao mesmo tempo (e indissociavelmente) em que os territórios vão tomando corpo: um não existe sem o outro. Concluindo: a produção do desejo, produção de realidade, é ao mesmo tempo (e indissociavelmente) *material, semiótica e social*. (Rolnik, 2007 : 46)

O processo de recordar faz com que as fontes rememorem, revivam as emoções, os afetos, as implicações, na busca de novos sentidos. A palavra recordar é composta pelo prefixo “re”, fazer de novo o movimento, acrescido de “cordis”, relativo ao coração. Portanto recordar é colocar de novo no coração⁶.

O afetar-se, deixar ser afetado pela geografia, pelo roteiro que for se construindo por meio do próprio percurso da viagem, é um abandono necessário ao cartógrafo, que necessita

⁶ Regate – Revista de Cultura no. 3 – Adélia Bezerra de Menezes – “Memória de Ficção” – pp 9 a 15.

estar entregue ao processo, tendo como critério “o grau de abertura para a vida que cada um se permite a cada momento”, segundo Rolnik (2007 : 68). A entrega do cartógrafo à viagem é que define o seu trabalho, por meio de sua sensibilidade, “o que define, portanto, o perfil do cartógrafo é exclusivamente um tipo de sensibilidade, que ele se propõe a fazer prevalecer, na medida do possível, em seu trabalho”, conforme Rolnik (2007 : 66).

A antropofagia vivenciada pelo cartógrafo em campo o faz devorar e ser devorado, na busca de elementos necessários e que deem sentido à sua cartografia. Para ele, a cartografia está acima das teorias, acima dos valores morais. Segundo Rolnik (2007 : 65) “a prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das *formações do desejo no campo social*.” Ao definir as características do cartógrafo, a autora revela a necessidade do despir-se da moral diante de qualquer fenômeno da existência humana, com o intuito de descobrir matérias de expressão necessárias na viagem à busca de sentidos para os movimentos do desejo. O cartógrafo se depara diante da trajetória de vida do outro que oferece suas recordações, por um meio de um olhar do presente sobre os fatos vividos no passado. Por sua vez, o cartógrafo imprime seu olhar sobre essa trajetória de vida, e vai traçando mapas, e, por meio deles vai construindo a cartografia da vida do depoente. O processo cartográfico exige um despir-se dos preconceitos e julgamentos por parte do pesquisador/cartógrafo.

Do mesmo modo, pouco importam as referências teóricas do cartógrafo. O que importa é que, para ele, teoria é sempre cartografia – e, sendo assim, ela se faz juntamente com as paisagens cuja formação ele acompanha (inclusive a teoria aqui apresentada, evidentemente). Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos de desejo, tudo o que servir para cunhar a matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. *Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas*. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia. O cartógrafo é um verdadeiro *antropófago*: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, *transvalorando*. Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. Aliás, “entender”, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima – céus da transcendência -, nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer travessia: pontes e linguagem. (Rolnik, 2007 : 65-66)

O cartógrafo desta pesquisa é um ser implicado, militante do processo da Reforma Psiquiátrica, afetado com os novos modos de cuidar da saúde mental, com os participantes do Projeto Maluco Beleza, com o caso que nos guiará na aplicação metodológica. O cartógrafo desta pesquisa-ação é um trabalhador da saúde, participa do projeto pesquisado, é um dos seus idealizadores, e continua trabalhando no projeto. Esse olhar implicado do pesquisador/cartógrafo visa a trazer para a pesquisa uma contribuição ímpar.

Já que não é possível definir seu método (nem no sentido de referência teórica, nem no de procedimento técnico), mas apenas sua sensibilidade, podemos nos indagar: que espécie de equipamento leva o cartógrafo, quando sai a campo? (...) É muito simples o que o cartógrafo leva no bolso: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro e preocupações – este, cada cartógrafo vai definindo para si, constantemente.

(...) O critério de avaliação do cartógrafo você já conhece: é o grau de intimidade que cada um se permite, a cada momento, como caráter de finito ilimitado que o desejo imprime na condição humana desejante e seus medos. É o do valor que se dá para cada um dos três movimentos do desejo. Em outras palavras, o critério do cartógrafo é, fundamentalmente, o grau de abertura para a vida, que cada um se permite a cada momento. Seu critério tem como pressuposto seu princípio.

O princípio do cartógrafo é *extramoral*: a expansão da vida é seu parâmetro básico e exclusivo, e nunca uma cartografia qualquer, tomada como mapa. O que lhe interessa nas situações com as quais lida é o quanto a vida está encontrando canais de efetuação. Pode-se até dizer que seu princípio é um antiprincípio : um princípio que obriga a estar sempre mudando de princípios. É que tanto seu critério quanto seu princípio são vitais e não-morais. (Rolnik, 2007 : 67-68)

A imersão do pesquisador no projeto pesquisado objetiva trazer a contribuição original para a tese, por acreditar que tal envolvimento é fundamental para revelar suas características, por meio da interação, dessa implicação no processo. Essa imersão do pesquisador, da pesquisa-ação servirá como fio condutor deste trabalho, sendo o eixo articulador da pesquisa, como procedimento no modo de produção da cartografia, que pode se fazer mais rica de elementos antropofágicos advindos do saber militante.

Tomando o ofício do retratista como exemplo, ao mesmo tempo em que ao pintar o modelo retratado não está preocupado somente com o momento da pose, mas se imbuí de um processo de observação, em busca de encontrar os traços que revelem o retratado com a maior fidelidade possível, assim se assemelha o processo de busca desta pesquisa. Mais que observador, o pesquisador está entranhado, implicado com o caso a ser cartografado. O eixo norteador das análises vem de uma experiência em que o pesquisador faz parte do processo,

portanto trata-se de uma pesquisa-ação. Aqui o pesquisador não tem a intenção de afastamento do objeto, aproveitando o exemplo do retratista, mas é como se o retrato todo visto pelo pesquisador, estivesse refletido num espelho, onde ele próprio se enxerga, como parte do processo que analisa. Experimentos da própria pele, punho, voz e ação são elementos essenciais para a cartografia da tese. Pesquisa-se o que se experimenta, experiência retratada por um dos próprios experimentos e experimentadores.

O sujeito que interroga é ao mesmo tempo o que produz o fenômeno sob análise e, mais ainda, é o que interroga o sentido do fenômeno, partindo do lugar de quem dá sentido ao mesmo, e neste processo cria a própria significação de si e do fenômeno. Ou mais, ao saber sobre isso mexe no seu próprio agir, imediatamente e de maneira implicada: chegando ao ato de intencionar o conhecimento através de um ‘acontecer nos acontecimentos’, como algo que, como um processo, emergisse do silêncio do instituído, provocando ‘ruídos’ no seu modo de dar sentido ao ‘fenômeno’ e a si mesmo, de interrogar-se como o próprio protagonista do processo sob o foco analítico, o que lhe faz colocar a si mesmo como objeto, nas suas próprias dimensões de sujeito da ação, sujeitado ou não, e tornando-se mais sujeito da ação com mais ganhos de autonomia neste processo auto-analítico. (Merhy, 2004 : 12)

O saber militante e implicado traz singularidade e subjetividade para a construção da cartografia. Esse processo de devoração entre projeto, pesquisador e caso-guia traz referências antropofágicas de retro-alimentação. Mais: Rolnik (2007) observa a transformação dos territórios, com seus modos de subjetivação, seus objetos e saberes, compondo-se e decompondo-se. Merhy (2004) corrobora com a reflexão sobre essa implicação militante na construção do conhecimento:

Neste processo o conhecer demandado será um conhecer militante, um saber que não pode deixar de ser singular, ou quase particular, que faça sentido para quem está no processo sob análise, e que poderá fazer sentido para os outros que compõem o cenário protagônico em interrogação. Ser vários sujeitos sob análise será um tema para o coletivo que destes processos participam. As várias implicações ficam sob foco, os vários modos de dar sentido e significar o fenômeno sob análise estarão no centro desse processo de construção do conhecimento. (Merhy, 2004 : 13)

A partir do fio condutor do saber militante do pesquisador, do eixo articulador do caso-guia como expoente das outras histórias experimentadas no projeto, é que pretendemos revelar como é a experiência de realização dos programas, qual a implicação o projeto tem na vida dos envolvidos.

O dispositivo do espaço da micropolítica é um importante contribuinte da cartografia a ser construída, pois foca a produção do conhecimento nos saberes cotidianos, construídos a

partir da educação não-formal⁷, no campo da comunicação inserida e aplicada num contexto de transformações de tratamento em saúde mental pós início da Reforma Psiquiátrica, presente no Projeto Maluco Beleza, localizado no Ponto de Cultura Maluco Beleza, um dos projetos que integram os cuidados do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, no contexto da saúde pública empregada na cidade de Campinas, interior de São Paulo, em sintonia com as determinações do Ministério da Saúde, do Governo Federal do Brasil.

A micropolítica do projeto em questão é compreendida como dispositivo de ação em espaço privilegiado de experimentação, possibilitando uma produção, uma partilha e uma apropriação do conhecimento, por conta dos saberes coletivizados e partilhados entre os participantes do projeto. É na lida diária, nos pequenos encontros, no pensar, no fazer e no produzir programas de rádio, somente ali, é que se fazem as apropriações de técnicas de comunicação, na busca da produção de sentidos de vida para os participantes envolvidos, da ampliação da plasticidade das redes de conexão. Para Rolnik (2007), “cada um de nós passa pelas mais variadas micropolíticas e, em cada uma delas, muda a maneira de pensar, sentir, perceber, agir – muda tudo. Além disso, cada momento de nossas vidas é feito, simultaneamente, de várias micropolíticas.”

“Micro” é a política do plano gerado na primeira linha: cartografia. O princípio de individuação, neste caso, é inteiramente outro: não há unidades. Há apenas intensidades, como sua longitude e sua latitude; *lista de afetos* não subjetivados, determinados pelos agenciamentos que o corpo faz e, portanto, inseparáveis de suas relações com o mundo. (Rolnik, 2007 : 60)

1.1. O colocar-se em análise a partir da análise do processo

A produção de conhecimento a partir da implicação de sujeito militante no projeto pesquisado coloca o próprio pesquisador na berlinda de análise, uma vez que a cartografia a ser realizada por ele passa e perpassa pelos muitos eles, pelos muito nós que a vida pregressa e atual o levou. São inúmeros eus no mesmo eu, como trazem Deleuze e Guattari, na introdução do livro *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia – volume 1*, narrando sobre quando escreveram a obra *Anti-Édipo* a dois:

Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuimos hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservamos nossos nomes? Por

⁷ (...) Tipo de educação que respeita a não-fixação de tempos e locais e a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto. (...) É um acontecimento que tem sua origem em diferentes preocupações com a formação integral do ser humano. FERNANDES & PARK (2007 : PAG 131 e 132).

hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados. (Deleuze & Guattari, 1995 : 11)

Na busca desses muitos eus que se somam e resultam o eu pesquisador que por hora se dispõe a cartografar a vida de uma das participantes do projeto pesquisado, vou buscar as relações antropofágicas, devoradoras e devoráveis em minha história de vida, no sentido de encontrar conexões com a metodologia de desenvolvimento empregada nesta pesquisa, refletindo sobre algumas transversalidades possíveis sobre a viagem-militante do emprego da comunicação na saúde mental pública brasileira, com minha própria história pessoal. Portanto, essa busca de elementos na própria história do pesquisador trata-se de parte integrante da metodologia, e não de um memorial de vida, ou de uma “contação de caso”, como pode parecer a quem faça uma leitura superficial sobre a metodologia empregada.

A experimentação cartográfica exige do pesquisador, que ele possa se analisar e buscar os sentidos e os porquês das viagens realizadas até aqui, para o início dessa nova viagem a ser cartografada. Segundo Bertiussi, a busca pela imagem da viagem remete à transitoriedade desejada:

E pensando em viagens, busco apropriar-me do sentido do movimento, da transitoriedade, do que está por vir. Utilizo-me dessa viagem sob alguns pretextos. Primeiramente, para pensar a pesquisa, enquanto movimento de investigação, procura, busca e descobertas enquanto processo, com variados caminhos, idas e vindas, retornos e contornos, “abandonos” e “recomeço”. (...) A imprevisibilidade é inerente à viagem. (Bertiussi, 2010 : 33)

Antes dessa nossa viagem-pesquisa, alguns elementos e reflexões sobre *minha viagem-pessoa-pesquisador*, o processo que me trouxe até aqui, ou parte dele. Em busca desse meu conhecimento militante, faz-se necessária uma autoanálise dos percursos, dos modos de agir, em busca dos sentidos individuais e coletivos das experiências vividas, conforme aponta Merhy:

A produção desse saber militante é novo e autoanalítico, individual e coletivo, particular e público. Opera sob os vários modos de ser sujeito produtor do processo em investigação e em última instância interroga os próprios sujeitos em suas ações protagonizadoras e os desafios de construir novos sentidos para os seus modos de agir, individual ou coletivo. Interroga e pode repor suas apostas e modos de ação. Ao passar

pela autoanálise das implicações do sujeito, acorda-o do seu silêncio instituído e abre-se para novos sentidos e significações para os fenômenos, reconhecendo-se como seu produtor, resignificando a si e os sentidos de seus fazeres. (Merhy, 2004 : 13)

O emprego da metáfora, na busca das imagens de representação, reaparece aqui com bastante intensidade. Na busca pelo veículo com o qual realizaria a viagem-pesquisa, refleti sobre qual o veículo deixaria me levar nessa pesquisa e por qual meio (terra, água, ou ar). Essa reflexão me levou a encontrar resposta em minhas recordações de infância. Sempre fui apaixonado pelo circo. Quando criança, quando o circo chegava à minha cidade natal, São José do Rio Pardo, interior do Estado de São Paulo, eu ficava deslumbrado com a magia, com o lúdico, as cores, os animais (na época permitido). O que antes não passava de um terreno baldio, transformava-se em poucos dias numa arena de espetáculos e sonhos: o circo estava instalado. Nesse processo, eu menino passava meus dias ao redor da trupe, assim que saía da escola ficava ali rodeando o circo, e quando minha mãe permitia, ia ver o espetáculo (apesar de querer ver todas as apresentações). Devorava o circo em mim, com o olhar sonhador de menino do interior. Como eram lúdicos aqueles momentos. Não foram poucas as vezes que desejei ir embora com o circo, mas me continha, pois jamais teria o consentimento de minha mãe, e não suportaria vê-la sofrer na hipótese de o circo me levar sem o consentimento dela (como se isso fosse possível). Mas na cabeça do menino, o que não era possível no mundo da magia? Rememoro aqui esses encontros entre mim e o circo, para justificar o porquê do veículo que escolho para seguir viagem. Para mim, o melhor veículo condutor para seguir adiante nesta cartografia é o trailer.

O trailer faz sua viagem pela estrada, mas carrega consigo toda a bagagem, toda a casa. Seja lá onde for realizada a próxima parada, a casa acompanha o condutor/morador/viajante. A casa é ao mesmo tempo morada e veículo. O carregar da casa para territórios diversos onde possa se tornar morada, desobriga o condutor/morador/viajante de ponto de fixação.

O trailer que fará a viagem nesta cartografia não é um carro qualquer, mas um trailer de circo. Os territórios vividos trazidos à cena em cada parada do veículo que nos conduzirá serão representados pelo circo que se instala, o picadeiro que se instaura, as cortinas que se abrem. “Respeitável público!”, dizia o apresentador do espetáculo. Tornar público, trazer à cena, ao picadeiro, os momentos importantes da cartografia experimentada. Respeito e público, quanta sabedoria em tão poucas palavras.

O ato de armar a lona do circo e encantar a plateia, acabei trazendo em meu fazer profissional. Ao trabalhar com rádio, num antigo hospital psiquiátrico em reforma, considero que trouxe o lúdico para um local que antes era só dureza e sofrimento, antes do circo chegar, era somente o terreno baldio, a terra e a poeira.

Outra relação possível de se fazer de minha propensão à cartografia, é a profissão vivenciada, por longos anos da minha vida por meu pai: vendedor ambulante. Morávamos numa pequena cidade. Tanto meu pai, quanto minha mãe eram advindos da zona rural. Preservando os costumes do campo, vivi ali na cidade uma infância “rurbana”, pois meus pais criavam galinha, porcos, cabras... a horta era extensa. No quintal de meu avô, casa que ficava ao lado da minha, ele plantava mandioca, cultivava café e havia um imenso abacateiro bem próximo à porta da cozinha. Minha vó plantava dalias. Enfim, meu pai era comerciante de secos e molhados. Além da venda que possuía, administrada por minha mãe, todos os dias ele saía de casa muito cedo e corria as estradas da zona rural com sua perua Kombi vendendo seus produtos. Considero que a verve ambulante de meu pai deve estar nas minhas veias de cartógrafo.

Não foi à toa que fui resgatar parte da história de meus avós e meus pais na memória de minha infância. Outra conexão possível de minha vocação para cartógrafo também pode ser encontrada em minha descendência. Meu avô, por parte de pai, era descendente de portugueses, responsáveis por grandes descobertas no período de expansão. Os portugueses eram considerados aventureiros e se lançavam mar afora. Já minha avó paterna era descendente de espanhóis, e meus avós maternos, descendentes de italianos. Toda minha descendência nos remete aos povos que migraram para o Brasil no início do século XX, em busca de novas perspectivas de vida e trabalho. Com a esperança de encontrar fartura e abundância, os imigrantes europeus povoaram o Brasil no início de 1900, e muitos vieram trabalhar na lavoura, como foi o caso de meus bisavós, no lugar dos escravos que se encontravam recém-libertos. O migrar está arraigado em minha árvore genealógica, e acredito que isso também pode ter contribuído, de forma inconsciente, para a escolha da cartografia.

A situação de descendente de imigrantes europeus hoje me faz compreender a minha condição sócio-econômica-cultural, tanto para o bem, quanto para o mal, e talvez explique a minha identificação pelos marginalizados. Sou filho de uma geração que sofreu com a pobreza no país de origem, lançou-se além mar para manter-se dedicada ao cultivo da terra.

Sempre gostei de me expressar bem por meio da palavra escrita, desde o início de minha alfabetização. Essa minha identificação com a palavra escrita foi reconhecida na terceira série do primeiro grau, quando ganhei o prêmio de melhor redação da classe, num

concurso que elegia os melhores textos da escola. Mais tarde, surgiu a poesia como expressão de meu modo de ver e traduzir o mundo e esta sempre me acompanhou. A inspiração para a poesia vem de forma avassaladora, e como se eu tivesse que estar atento para fisgar as combinações das frases num campo imaginado, onde elas aparecem e somem. Eu tenho a inspiração de recolhê-las e arranjá-las no momento exato na inspiração, que me põe em sintonia com esse universo imaginário das letras. A poesia me faz ser quem sou.

Desde os meus 14 anos, meus pais, seguindo a tradição camponesa, exigiram que eu trabalhasse para me tornar responsável. Assim, fui guardinha da Guarda Mirim de minha cidade, e trabalhei nos mais variados e descabidos (pelo menos naquele momento) empregos. Andava muito como cobrador, aprendi a tirar xerox, aprendi contabilidade, aprendi a avaliar os empregos e dispensá-los rapidamente, quando percebia que não me levariam a lugar algum. Mas a dispensa era seguida de uma troca de trabalho, mas nunca de um parar de trabalhar, que seria considerado pela minha família como um insucesso, uma incompetência, uma inadequação à responsabilidade. Baseados em suas histórias de vida de muita luta e sofrimento, meus pais me ensinavam que a vida é dura e exige disposição para a batalha, mas eu era uma criança/adolescente, e achava muito pesado o trabalho, mesmo como aprendiz.

Minha formação toda realizada em escolas públicas. No período do ginásio me engajei no movimento estudantil e permaneci por uns três anos atuando no grêmio. Não me recordo exatamente qual era o nome de meu cargo no movimento, mas minha função sempre estava ligada à comunicação, o que já indicava uma propensão da carreira a seguir futuramente. Meu primeiro vestibular, na dúvida, foi para Medicina. Só prestei USP, mas não passei, como era de se esperar. Não havia me preparado para enfrentar um vestibular tão concorrido como esse. Nos três anos que se seguiram prestei vestibular para Psicologia, e não era para qualquer faculdade - queria estudar Psicologia na Unesp de Assis - motivado por amigos da cidade que tinham ido para lá. Nunca passei nessa minha primeira opção. Cheguei a passar em duas segundas opções: Ciências Sociais (Unesp/Marília) e Letras - Português, Latim e Alemão (Unesp/Assis) - esta quase fui cursar, mas a distância me inibia e minha família fazia campanha para que eu não saísse de perto deles. Nesse contexto, fui obrigado a servir o exército.

Apesar de sempre ter escutado que o exército me ensinaria muito, sempre fui um desinteressado pela carreira militar. Era um soldado raso. Fui membro do Grêmio do Tiro de Guerra, e minha função, de novo, já delineava o que seria meu futuro, pois ocupei o posto de Relações Públicas. Acabei trabalhando no Tiro de Guerra e, a convite do Sargento, tornei-me secretário, continuando, depois do término do serviço, por mais dois meses nesse cargo.

Nesse momento consegui um emprego de auxiliar de departamento pessoal, num renomado colégio particular da cidade. Cresci e aprendi muito nesse colégio, mas nessa ocasião já tinha clareza de que minha área não era administrativa e demonstrei interesse para atuar na área pedagógica. Foi aí que surgiu o convite para eu lecionar a disciplina "Formação Espiritual", para alunos de 5a. a 8a. séries, pois nessa época era participante assíduo do grupo de jovens da Igreja Católica, onde atuei durante oito anos, e cheguei a coordenar os grupos da paróquia.

Dar aulas nesse colégio foi uma grande experiência, que durou dois anos. Acontece que dava aulas para filhos de burgueses e fazendeiros da cidade e, às vezes, abordava temas polêmicos em sala de aula. Lembro-me de um episódio, por ocasião da morte de Chico Mendes, em que levei para a sala a questão da reforma agrária. Dei duas aulas no período matutino, e quando cheguei à tarde para lecionar, antes que entrasse na sala, o diretor me chamou e pediu para que eu mudasse o conteúdo da aula, pois alguns pais fazendeiros tinham ido ao colégio reclamar. Como à tarde eu lecionava para a quinta série, o conteúdo já não era o mesmo. Comprei uma briga com alguns pais, mas o colégio tomou o meu partido e fiquei até o final daquele ano, quando desisti de lecionar. Daí, parti para organizar alguns eventos no colégio, entre eles, como não poderia deixar de ser, levei a turma do ginásio para conhecer a redação do jornal O Estado de S.Paulo, mas ainda não estava certo de que me interessaria por jornalismo e que um dia me tornaria um jornalista.

Nesse período fiz um ano do curso de Direito, mas desisti, antes do final do ano. Não era o que queria. No ano seguinte iniciei o curso de Letras (português e inglês). Gostava muito do curso, mas era mesmo apaixonado por literatura. Eu gostava de escrever! E foi no segundo ano dessa faculdade, quando estava com 23 anos, que entendi que deveria prestar vestibular para Jornalismo.

No ano seguinte, prestei cinco vestibulares e passei na Unesp de Bauru e na PUC de Campinas. Fui matricular-me em Bauru, mas não gostei da cidade, da universidade, nada ali me fazia sentido. Quanto a Campinas, sentia que deveria me mudar para cá. Acontece que havia um agravante nessa história. A PUC era particular e minha família não tinha condições de me ajudar financeiramente.

Nesse mesmo momento, minha família precisava de meu apoio, pois minha mãe tinha sofrido uma cirurgia cerebral há pouco tempo e estava acamada e com sequelas graves. Não sabíamos se um dia ela ficaria bem, como até hoje; já muito melhor, ainda luta para se recuperar da paralisia que afligiu o lado esquerdo do seu corpo. Apesar dos conflitos internos vividos por mim diante da difícil decisão a ser tomada, meus pais me incentivaram a ir em

busca dos meus sonhos, o que culminou em minha mudança para Campinas. Eu tinha certeza de que arrumaria um emprego e que conseguiria pagar meus estudos, contando com a ajuda do crédito educativo. Acontece porém, que sofri um golpe. Naquele mesmo ano, 1991, Fernando Collor assumiu a Presidência da República e aboliu o crédito educativo. Nesse momento, já havia tomado a decisão definitiva sobre minha opção por Campinas, principalmente porque ficava mais próxima de minha terra natal. Tomada a decisão, fui radical com relação à minha matrícula em Bauru. Se eu não frequentasse os quinze primeiros dias do curso, perderia a vaga, que seria transferida para o próximo da lista de espera. Eu não queria estar em Campinas, pensando em Bauru. Sabia que iria enfrentar desafios, mas queria estar inteiro em minha opção, e queria também que outra pessoa tivesse a mesma alegria que eu, cursando uma faculdade de jornalismo. Dessa forma, não frequentei nenhum dia de aula naquela cidade.

Precisava de um emprego que me sustentasse em Campinas, que cobrisse minhas despesas com aluguel, transporte, alimentação e principalmente a mensalidade da PUC. Procurei emprego o semestre todo, e os que surgiam não pagavam nem meu aluguel. Nesse tempo, fiquei vivendo do dinheiro de um acordo de demissão que fiz com o colégio em que trabalhava. Assim, recebi o fundo de garantia por tempo de serviço e depois o seguro desemprego. Foi uma fase muito difícil, mas eu tinha muita fé. Acreditava numa força maior, no meu sonho, e seguia adiante. Mandava currículo para todos os anúncios em que via alguma possibilidade. Foi no mês de julho de 91, que me chamaram para uma seleção no Serviço de Ouvidoria da Prefeitura de Campinas - o 156. Se não fosse esse emprego, eu voltaria para Rio Pardo, pois meu dinheiro havia acabado. Coloquei toda minha energia nesse concurso e me classifiquei em segundo lugar, para o emprego, que tinha duas vagas. No meu íntimo, essa era uma confirmação, de que estava certo de que devia ter vindo para Campinas mesmo. Com o salário que recebia podia pagar todas as minhas despesas, e ainda o horário do emprego me possibilitava que continuasse a estudar no período matutino, conforme estava matriculado.

No terceiro ano da faculdade de jornalismo, comecei a me interessar pela área de assessoria de imprensa, mas não era qualquer assessoria, queria me especializar na área da saúde. Daí em diante todos os meus projetos e trabalhos foram voltados, para o que eu chamava de "assessoria de comunicação preventiva à saúde". Na época isso era um tanto novo para os professores, que estranhavam um pouco essa minha decisão. Há de se entender tal estranhamento, uma vez que a comunicação tinha sido pauta nas Conferências Nacionais de Saúde recentemente. Em 1986, a 8ª. Conferência e estabeleceu a saúde como direito de cidadania e marcou o processo de redemocratização da sociedade e do Estado brasileiro,

abrindo-se para participação de importantes setores da sociedade, como população usuária dos serviços de saúde, entidades sindicais, associativas, religiosas e não apenas médicos, intelectuais e técnicos do setor da saúde. A partir daí surgiam novas possibilidades entre democracia, saúde e o conjunto das políticas públicas, entre elas a comunicação.

Assim que me formei em 1994, minha primeira oportunidade de emprego foi para trabalhar numa Clínica Psiquiátrica, na cidade de Mococa, onde apresentava um programa de televisão chamado "Mente e Saúde" e realizava um jornal para os pacientes da clínica. Nesse período, nasceu meu interesse pela fotografia. Quando publiquei o primeiro número do jornal, vi que os pacientes não eram alfabetizados. Daquele momento em diante comecei a fotografá-los e o resultado foi imediato. A imagem, mais propriamente a Fotografia, rompia barreiras e comunicava, além de despertar uma série de desejos e sentimentos. A relação com a própria imagem, diante da foto, era algo intrigante para muitos. Era uma relação de amor e ódio, desejo e repulsa, autoestima e não reconhecimento. Essa dualidade estava sempre presente nas fotos. As imagens tocavam aquelas pessoas, como nenhuma palavra escrita tinha tocado até então. A partir deste fato (re)descobri a Fotografia.

No início do meu trabalho na clínica, fiquei extremamente chocado com as péssimas condições do local e com a cara da loucura. Não conseguia entender o porquê de ter feito jornalismo para trabalhar com usuários da saúde mental. Trabalhei ali por seis meses, quando percebi que a diretoria estava usando a comunicação para mascarar os maus tratos que cometia contra os pacientes. Era chegada a hora de partir em busca de um trabalho em que acreditasse e fizesse sentido em minha viagem de vida.

Nesse mesmo momento, um hospital de Campinas estava contratando um comunicólogo para trabalhar. No final de 1995, vim para o Serviço de Saúde "Dr. Cândido Ferreira", para desenvolver uma campanha publicitária institucional. O grande desafio era desenvolver o trabalho com custo zero. A campanha abrangia TV, rádio, jornais e out doors. A mensagem da campanha colocava em cheque quem eram os loucos e os normais de nossa caótica sociedade. Tentava mostrar que tudo não passava de uma forma de leitura, de um determinado ponto de vista. A "loucura" era relativizada, o que confrontava diretamente os preconceitos sociais.

Nessa época, poucos sabiam, mas a instituição existia já há 73 anos, sendo considerada, desde 1993, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), um modelo de tratamento em saúde mental no Brasil. O Serviço de Saúde "Dr. Cândido Ferreira" desenvolvia projetos revolucionários e pioneiros no setor, mas o serviço se fechava sobre si mesmo, sem explorar seu potencial como notícia. Deparei-me com as oficinas de trabalho, o

Hospital-Dia, a desconstrução do conceito de pacientes crônicos, tornando-os usuários moradores, as casas fora do hospital, o atelier de arte, entre tantos projetos, desenvolvidos de maneira eficaz, mas não partilhados com a sociedade através da mídia. A falta de divulgação dos projetos limitava a ampliação de parcerias e a desconstrução da imagem da loucura junto à sociedade. Esses dois pontos foram os pilares fundamentais do trabalho da Assessoria de Comunicação que implantei no Cândido.

Desde o início do meu trabalho na instituição psiquiátrica, divulgava muito sobre “a participação do usuário na sociedade”. Certo dia, questionei-me se realmente acreditava nessa participação propagada em meu trabalho como assessor. Daí por diante comecei a experimentar a inserção dos usuários nos trabalhos da assessoria. Conquistei uma vaga para usuário, que trabalhava como estagiário de comunicação e me ajudava a passar fax, arquivar documentos etc. Esse foi o primeiro passo, fundamental, para a implantação de alguns produtos de comunicação junto aos usuários do serviço, como o Jornal Candura - Espaço Aberto para um Novo Pensamento, o programa de Rádio Maluco Beleza, a Oficina de TV e a Oficina de Fotografia. Os veículos foram desenvolvidos com o objetivo de possibilitar a maior participação dos usuários na produção dos veículos institucionais. O objetivo era desmistificar junto à sociedade a visão sobre a loucura, atuando junto aos receptores como instrumentos de formação de opinião pública, visando, em última instância, à diminuição do preconceito e ao aumento da inclusão social.

No trabalho de assessoria, compreendi e executei a comunicação como fonte de preservação de memória, com o compromisso de trazer a memória dos usuários, muitas vezes relegada à margem da história oficial, para a memória coletiva, ou seja, incluindo essa história nos registros oficiais, pela mídia e pelos veículos produzidos pelos próprios usuários. Meu trabalho era norteado para o “abrir de cortinas”, para o trazer ao picadeiro o protagonista da cena: o usuário da saúde mental.

A forma com que venho desenvolvendo o trabalho de comunicação na instituição tem como missão fazer chegar a mensagem compartilhada, acessível, inteligível, sem cair no discurso infantilizado ou imbecilizado. Em todo o processo de comunicação realizado no Cândido, os usuários têm voz e são ouvidos, sendo respeitado seu direito à fala e seu discurso é considerado, mesmo que, por vezes, pareça caótico.

Ampliar o olhar e a escuta, possibilitar que a complexidade da vida dos usuários invada a maneira dos trabalhadores compreenderem os sofrimentos da vida para além do processo saúde-doença, como um processo de produção de vida, implica também colocar o usuário em outro lugar, em outra posição: a de agente ativo na produção de sua saúde e no encontro com

os trabalhadores de saúde. Bem diferente do lugar em que hegemonicamente se coloca o usuário, objeto das ações de saúde. (Merhy, Feuerwerker & Cerqueira, 2010 : 12)

1.2. Respeitável público: eis a instituição onde se dará o campo da pesquisa

Respeitável e pública são duas características marcantes da instituição onde se localiza o projeto Maluco Beleza: o Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. Localizado na cidade de Campinas, interior de São Paulo, há 93 quilômetros da capital, o Cândido Ferreira é um antigo hospital psiquiátrico, que passa por transformações advindas do movimento da reforma psiquiátrica e do movimento da luta antimanicomial, desde o ano de 1991.

Sua fundação se dá em 1924, como o primeiro sanatório psiquiátrico filantrópico do Estado. Por ocasião da proclamação da República Federativa do Brasil, no ano de 1889, os insanos e desocupados foram recolhidos das ruas e colocados no porão da Cadeia Pública da cidade, numa prática higienista e positivista do novo regime que se instaurava no país. Ali, muitos morriam à espera de uma vaga no único hospital público do Estado – o Juqueri, fundado em 1898, localizado na cidade de Franco da Rocha.

Num contexto conturbado por negros libertos do regime de escravidão, imigrantes europeus que chegavam para substituir sua mão-de-obra nas lavouras e por outras populações marginais como os miseráveis, os órfãos, as prostitutas, os homossexuais, entre eles, os portadores de sofrimento mental, e essa população, considerada desviante, ia contra os princípios do Capitalismo, que entendia cada ser humano como um contribuinte ao movimento de produção e consumo. Ainda: com o processo de urbanização das cidades, a população marginalizada passa a comprometer a imagem ideal da sociedade burguesa, como descreve Moreira (2005).

Os jornalistas Leopoldo Amaral e José Vilagelin Junior, agentes do jornal O Estado de S.Paulo, denunciam por meio de uma notícia, publicada no dia 9 de maio de 1917, os maus tratos cometidos pela população recolhida no porão da Cadeia Pública de Campinas. A partir daí, um grupo de filantropos mobiliza-se para a criação do que inicialmente se chamou Hospício de Dementes de Campinas, inaugurado no distrito de Sousas. Como se percebe, a relação entre a mídia, os jornalistas e os cuidados em saúde mental é intrínseco à fundação do Cândido Ferreira. O caráter filantrópico e humanitário da fundação desse serviço não eliminava a exclusão da população, pois o hospital foi construído numa área rural, cercada por mato, bastante afastada da sociedade da época.

Ao longo da história da humanidade, a loucura recebeu diversas abordagens e tratamentos, de acordo com cada época e cada contexto, o que a caracteriza como fenômeno social interpretado das formas mais diversas. Já no contexto da Psiquiatria, sob o domínio da Medicina, que se deu a partir do século XIX, o Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira utilizou-se de diversas técnicas para o tratamento da loucura, acompanhando a própria evolução da psiquiatria, empregando as técnicas de cada época para o tratamento da saúde mental, como eletrochoque, impregnação medicamentosa, camisa de força, quartos-forte etc. O único recurso não empregado na instituição foi a lobotomia⁸, por falta de equipamentos cirúrgicos adequados para sua realização. A utilização dessas técnicas, hoje consideradas agressivas e inadequadas, consistiram, em outros tempos, em descobertas da medicina para o cuidado da loucura. Apesar das técnicas empregadas no tratamento psiquiátrico estarem adequadas aos avanços da medicina de cada época, diversos abusos, enganos e desrespeito foram cometidos contra os portadores de sofrimento mental, causando profundo sofrimento a eles e a seus familiares, levando à discriminação social, à negação de direitos fundamentais ao homem e à reclusão nos pátios dos manicômios.

Somente no ano 1990, é que se firma um convênio de cogestão entre o Cândido Ferreira e a Prefeitura Municipal de Campinas, o que possibilita a implementação da Reforma Psiquiátrica⁹, substituindo métodos agressivos de tratamento por uma nova forma de cuidar, processo que perdura até a atualidade. Segundo Moreira (2005), grades foram retiradas, portas foram abertas, foi abolido o uso da camisa de força, do eletrochoque, das punições, dos quartos-forte e o uso indevido de medicamentos. A forma mais humanizada de tratar deu início ao processo de desospitalização dos internos e a capacitação deles e da sociedade, para um possível convívio social. Muitos internos descobriram o paradeiro de seus familiares e alguns voltaram a viver com eles, em sua terra natal. Os que não localizaram suas famílias passaram a viver em moradias assistidas pelo serviço, localizadas em diversos bairros da cidade de Campinas.

Tal abertura exige uma mudança de postura no modo de cuidar da saúde mental, pois desencadeia uma relação de coresponsabilidade dos usuários no seu tratamento. O que antes eram regras determinadas pelos médicos e funcionários, com a maior liberdade após as

⁸ Procedimento cirúrgico cerebral, que consiste em extinguir a agressividade e qualquer reação instintiva de defesa do ser humano.

⁹ A Reforma Psiquiátrica é um movimento advindo da Reforma Sanitária, que reúne militantes indignados com a condição de abandono e de desrespeito aos direitos humanos de pessoas que adoeceram involuntariamente das suas faculdades mentais, e tem como objetivo possibilitar novas formas de cuidados em saúde mental, eliminando o confinamento, as camisas de força, o eletrochoque, a lobotomia, a estrutura asilar cercada por grades e altos muros, o que deve dar espaço a abertura dos antigos manicômios.

mudanças implementadas, espera-se que o usuário desenvolva uma maior responsabilidade com sua saúde e com a dos colegas. Além disso, a rede das relações e o próprio capital social das pessoas necessitam ser (re)construídos; o aprendizado se dar-se-á aos poucos, na medida de cada um, respeitando o desejo, a capacidade e os limites singulares, a partir dos afazeres do dia-a-dia, seja no cuidar da própria higiene pessoal, cuidar da limpeza da casa, pegar um ônibus, ir à igreja, ir ao banco, utilizar seu dinheiro, ou no suprir suas necessidades com compras no comércio local. A ressocialização dos usuários tornou-se e torna-se possível a partir do momento em que estão entranhados no meio da sociedade. Como a sociedade tem suas tramas e diversos conflitos, dos quais até então esses usuários estavam afastados, “protegidos”, eles passam a ter contato e a participar efetivamente, na medida dos seus interesses, capacidades, tomando pé de uma sociedade caótica e violenta, com diversas nuances e loucuras pertinentes ao século XXI.

O Cândido atende, atualmente, em torno de 2.500 usuários por mês, para os quais disponibiliza quatro Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), localizados em distintas regiões da cidade; um Núcleo de Oficinas e Trabalho (NOT), que oferece vagas em 13 oficinas profissionalizantes e geração de renda na área de vitral artesanal, vitral plano, velas, mosaico, construção civil e ladrilho hidráulico, parceria, papel reciclado, gráfica, marcenaria, culinária e eventos, nutrição, serralheria e agrícola, atendendo em torno de 290 pessoas, contando com uma fila de espera para abertura de vagas de 80 a 100 pessoas, administrado por uma associação própria de usuários e familiares – a Associação Cornélia Vlieg; um Serviço Residencial Terapêutico, que conta com 34 casas, atendendo uma população de 250 usuários; dois Centros de Convivência e Arte, que contam com diversas oficinas de arte; um Centro Cultural, que oferece alfabetização, convivência social e cultura, não só aos usuários de saúde mental, como também a comunidades do Distrito de Sousas; um Núcleo de Retaguarda para internações de curta permanência para os casos que necessitam de um atendimento mais intensivo nos momentos de crise; e o Ponto de Cultura Maluco Beleza¹⁰. Por essa nova postura na formas de cuidar em saúde mental, o serviço, que oferece atendimento exclusivamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), desde 1993, é considerado modelo pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Apesar das inúmeras mudanças e transformações vivenciadas na instituição, pode-se perceber que existe uma grande dificuldade financeira no tange aos investimentos na saúde pública. O convênio de cogestão municipal mantém-se ao custo de uma militância constante dos gestores da instituição. A discussão sobre qual a melhor forma de desenvolver a reforma

¹⁰ O Ponto de Cultura Maluco Beleza será posteriormente apresentado em capítulo exclusivo sobre o projeto.

psiquiátrica está sempre em pauta, muitas vezes de forma intensa e tensa, e nem sempre se vê consenso na visão dos parceiros de cogestão, sobre qual melhor modelo de atenção.

Quanto à reforma psiquiátrica implicada na vida dos usuários em atendimento, alguns ainda têm críticas às novas formas de tratamento, às formas de participação nos espaços de representação e gestão institucional. Apesar de terem garantido espaço no Conselho Diretor da instituição, alguns demonstram desejo de representatividade na Associação Cornélia, outros têm críticas relativas à superlotação dos CAPS, e por aí... O protagonismo dos usuários da saúde mental na instituição, ao que se pese ter transformado a forma subjugada pela qual os usuários passaram anos de suas vidas, ainda apresenta um déficit na visão de alguns usuários mais conscientes de seu papel político, que têm demonstrado, de forma muito tímida, o desejo e a necessidade de se mobilizarem para a criação de associações que os representem e possam organizar a luta pelos seus direitos e garantir os já conquistados, ou ainda, maior espaço de representação em todas as instâncias institucionais onde há tomada de decisão sobre suas idas e seus tratamentos.

No tocante ao convívio social, podemos afirmar que ainda é grande o preconceito, o que exige um trabalho contínuo de educação para o convívio. Contudo, todas essas novas possibilidades de cuidados em saúde mental, que vêm sendo experimentados por esse serviço na cidade de Campinas, têm levado os usuários a vislumbrarem novos desafios e a (re) planejarem o futuro, com o objetivo de (re) construir suas vidas e seus sentidos, mesmo os de mobilização militante na busca de direitos e participação social e institucional.

1.3. Que rufem os tambores: a um passo da cartografia

As fontes múltiplas passarão por uma legitimação, um reconhecimento sobre o que está posto. No caso de uma acadêmica, um prontuário médico, tais documentos são reconhecidos como devidamente legítimos. Outras fontes serão validadas por esta pesquisa quando encontrarmos verdade nelas, e essa verdade se realiza no outro, por meio do seu saber militante, por meio da experimentação na própria pele, por meio da própria vivência.

Na busca-viagem em nosso trailer, pelo caminho adentro, afora, seguiremos com nossa “trupe” para um próximo espetáculo. O caso-guia nos guiará pela mão para a viagem pretendida, e será apresentado no próximo capítulo. As fontes múltiplas serão analisadas sob o ponto de vista de quem as produz, buscando as implicações de cada uma dessas fontes, em que instituições atuam as fontes acessadas. A cada parada, um novo espetáculo, um novo picadeiro, um novo desvendar de cortinas, como os espaços existenciais desta história,

buscando quais as redes de conexão desses espaços. A cada parada uma singularidade. Assim as paradas-espetáculo da trupe que iniciará sua viagem cartográfica pelas mãos do caso que nos conduzirá, terão singularidades, uma em relação à outra, pois cada parada-espetáculo possuirá temporalidade própria, dinâmica própria; porém as paradas se transversalizarão, uma envolverá a outra, uma interferirá na outra, de forma a revelar novas nuances. Cada parada será distinta, porém haverá uma transversalidade, onde as várias paradas-espetáculo se cruzarão e interferirão uma no outra.

2. O PROJETO

2.1. Histórico

O projeto Maluco Beleza nasceu do trabalho de assessoria de imprensa implementado na instituição, a partir do ano de 1995, pelo pesquisador que ora escreve esta tese. O conhecimento militante do sujeito implicado com o objeto da pesquisa imprime validação do saber com base nas experiências vivenciadas. O projeto pesquisado traz para a cena a epistemologia do “fazer ciência”, conforme Merhy (2004), de um sujeito portador de ideologias, de uma cultura, que ressalta o interesse em determinados aspectos e não em outros.

(...) todo pesquisador, como já está consagrado pelas discussões sobre o “fazer ciência”, é, além de sujeito epistêmico, ou seja, portador de teorias e métodos que lhe permitem se debruçar e estudar certos objetos da ciência, um sujeito ideológico, um sujeito “cultura”, ou seja, um sujeito interessado que dá valor a certas coisas e não a outras, que tem certas opções e não outras, que tem certas concepções e não outras. (Merhy, 2004 : 22)

Além disso, o pesquisador em questão é, também, o pesquisado; analisador e analisado, sujeito militante com objetivos epistêmicos que fogem ao formato consagrado de investigação científica.

Os desenhos de investigação, reconhecidos como campo da ciência, já apontados, têm como aposta comum que a validação do conhecimento produzido se dará no campo de encontro entre sujeitos epistêmicos, armados com suas teorias e métodos. Nos estudos da saúde que necessitam abordagens no campo das ciências históricas e sociais, as reflexões de um autor como Mário Testa são muito ricas, pois procuram entender a constitutividade destes sujeitos epistêmicos, como situação a priori de qualquer pesquisa. Testa, neste seu livro Saber em Salud, com uma analítica fina e brilhante, revela o quanto os sujeitos epistêmicos são subsumidos às lógicas do poder, da ideologia e dos afetos (fala até do sujeito amoroso neste processo), nos distintos contextos históricos, sendo estes seus componentes constitutivos e, portanto, dos seus modos de operarem a construção dos conhecimentos e suas validações. Entretanto, quando procura uma saída para o tema da construção do conhecimento subsume a necessidade de o sujeito epistêmico impor-se, dentro do que “uma certa ciência” tem instituído, ou deve instituir, em nossas sociedades contemporâneas. O que, de um ponto de vista otimista e amoroso, pode nos convidar a ver outras ciências sendo feitas por aí. (Merhy, 2004 : 24-25)

A narrativa dos acontecimentos pesquisados não são meras informações ou relatos. Nessa narrativa, como aponta Benjamin (1994), o narrador imprime sua marca, deixando seus vestígios enquanto sujeito que vivencia a experiência, como também sujeito que as relata.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em

si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. (...) Assim, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata. (Benjamin, 1994 : 205)

Fomos contratados pela instituição para desenvolvimento de uma campanha publicitária que colocava em cheque o comportamento da população que vive em sociedade, considerada “normal”, e das pessoas que fazem tratamento mental num serviço de saúde psiquiátrico, na maioria das vezes consideradas “loucas” pela sociedade. A instituição já era reconhecida como modelo de tratamento mental pela Organização Mundial de Saúde, desde 1993, porém grande parte da sociedade ainda desconhecia as reformas que estavam sendo realizadas pelo serviço no tocante aos modos de tratar em saúde mental. Encerrada a campanha, fomos apresentando à instituição, a necessidade de um trabalho contínuo de comunicação, que auxiliasse na construção de um imaginário coletivo favorável às mudanças advindas da Reforma Psiquiátrica, como a abertura do hospital psiquiátrico, o fim do eletrochoque, da camisa de força, o direito ao convívio social e uma nova forma de cuidados mais humanizada em saúde mental. O processo de reinserção social dos usuários já estava em curso há 5 anos. Para essa continuidade, a instituição facilitaria o processo se a participação da sociedade fosse ampliada, para que o convívio com as diferenças e com os diferentes fosse se efetivasse gradualmente, com os menores ruídos possíveis. Para tanto, o trabalho de comunicação deveria auxiliar na educação não-formal da sociedade para a diminuição do preconceito, que poderia levar a maior aceitação e participação dessas transformações propostas pelo Cândido Ferreira.

Assim, iniciamos o trabalho na assessoria de imprensa e ao ir me deparando com as filosofias dos novos modos de tratar, advindas da Reforma Psiquiátrica, um dos motes era a participação social dos usuários na sociedade. Dessa forma, resolvemos experimentar, na própria assessoria, a inclusão de um usuário que pudesse auxiliar no trabalho de comunicação, seja passando fax, atendendo telefonemas, realizando arquivos, registros fotográficos e outros serviços dessa natureza. Assim se deu o processo que foi se ampliando cada vez mais. Foram desenvolvidos projetos na área impressa, como o jornal "C@ndura – espaço aberto para um novo pensamento", publicação até hoje produzida pela instituição em parceria com os usuários, que conta com tiragem bimestral de três mil exemplares; algumas oficinas de

fotografia e vídeo. Essas experiências em comunicação vieram desembocar no Projeto Maluco Beleza. O trabalho em rádio já era experimentado pelos usuários da instituição desde o final dos anos 90. Realizavam eles oficinas no antigo hospital-dia, coordenados pelo ator Marcelo Pinta e pela terapeuta ocupacional, Tereza Passieri. Os usuários desenvolviam um trabalho de expressão livre em rádio e tinham um espaço na Rádio Muda da Unicamp, uma emissora de rádio livre protagonizada por estudantes daquela instituição de ensino.

O desejo de ampliar o trabalho de rádio junto aos usuários sempre foi muito presente no Cândido Ferreira, que almejava a abertura de uma rádio comunitária, cujo estúdio pudesse ser sediado dentro da instituição e aberto para toda a comunidade. As poucas tentativas de buscas dessa articulação acabaram se esbarrando nas dificuldades impostas pela lei de concessão federal para rádios comunitárias, que puderam solicitar legalização somente a partir de 1998, com a Lei no. 9.612. Para fazer valer tal lei, muita militância teve de ser empregada para a autorização de uma rádio comunitária. Muitas são as exigências para se requerer esse tipo de concessão e depois disso, muitos processos ficam anos sem resposta, o que leva muitos grupos a funcionarem na ilegalidade, pois além da demora ser muito grande, existe o desinteresse e o descumprimento dos órgãos competentes do governo federal, relativo aos prazos estabelecidos pela própria lei. Tanto a possibilidade de implantação de uma rádio comunitária, quanto a de uma rádio livre levantava algumas questões políticas institucionais, como também questões relativas aos usuários da saúde mental. No campo político, a instituição mantém uma parceria com a Prefeitura Municipal de Campinas e, em tese, não pode sediar e possuir uma emissora funcionando na ilegalidade; por outro lado, os usuários ficaram temerosos por estarem fazendo algo “proibido”, o que acabava despertando algumas fantasias relativas aos quadros clínicos, como a persecutoriedade, o medo da polícia, o medo de irem presos etc. Fazer rádio em saúde mental, da forma como foi pensado o projeto, é uma tecnologia distinta de comunicação alternativa, pois essa comunicação está aplicada no campo da saúde mental, cujo objetivo principal é a promoção da saúde. O alternativo, a militância e os enfrentamentos da democratização da mídia são paralisados a partir do momento em que podem prejudicar os cuidados dispensados aos usuários, que são prioridade no projeto. Antes de se tornar Ponto de Cultura, foram realizadas várias rodas de conversa sobre como poderíamos desenvolver uma estação comunitária. Alguns usuários se envolveram com a Associação Brasileira de Rádios Comunitárias (ABRACO) de Campinas, chegando a participar de cursos, congressos de nível nacional, em Brasília, mas o projeto sempre foi incipiente. No decorrer do processo, a Rádio Muda, da Unicamp, chegou a procurar a coordenação do Maluco Beleza, oferecendo-lhe um transmissor de baixa potência, para que se

pudesse inaugurar uma rádio na instituição. No caso, a proposta ia contra a ideia original, ou seja, a instalação de uma rádio comunitária, que já era amparada pela lei que institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária. A Rádio Muda da Unicamp é um dos expoentes do Movimento da Rádio Livre, movimento que se posiciona contra a lei de concessão vigente no país. Acontece, porém, que os participantes do projeto tiveram medo de aceitar o convite, pois estariam agindo na ilegalidade, correndo o risco de serem presos. O temor era concreto, pois muitos militantes de rádios comunitárias e livres já foram tratados como bandidos e seus equipamentos confiscados ou destruídos pela ANATEL. Nesse momento, os usuários com diagnósticos de perseguição como sintoma ficaram vulneráveis, razão por que decidimos parar com o processo de implementação da rádio naqueles moldes, tanto comunitária, como livre, pois houve um entendimento dos coordenadores do projeto que esse processo não estava fazendo bem aos participantes, e a possibilidade de prisão e ameaças que poderiam vir da Agência Nacional de Telecomunicações e da Polícia Federal, de fato poderia trazer graves consequências para a saúde e para a vida dos participantes.

No decorrer desse processo, um outro grupo do distrito em que se localiza a instituição - distrito de Sousas - acabou por montar uma emissora comunitária, o que inviabilizou de vez nossa rádio nesse formato. Não vale a pena debruçarmo-nos sobre a legitimidade da emissora comunitária do distrito, mas somente para ilustrar, essa rádio possui “dono”, anunciante, pouca participação da comunidade, escassez de conteúdo, entre outros. Uma parceria com a emissora ficou inviabilizada pelo entendimento de comunitário que empregamos em nossos trabalhos, entendimento que valoriza a participação das pessoas, experimenta a democracia nos pequenos gestos, evidencia os saberes advindos da população em tratamento; algo bem diferente da concepção de comunitário que os “donos” da tal emissora possuem, chegando ao disparate, certa vez, de oferecerem os estúdios para utilização dos usuários do Cândido Ferreira, mas com cobrança de pagamento pelo uso desses estúdios, o que foi recusado e refutado pelos coordenadores do SSCF.

2.2. Parceria com a Rádio Educativa

O desejo de se comunicar por meio do rádio ainda era pulsante. Foi no ano de 2002, que nasceu uma proposta de parceria entre a instituição e a Rádio Educativa da cidade, que nos ofereceu meia hora mensal para a realização de um programa de rádio protagonizado pelos usuários. Formatamos um projeto de uma revista eletrônica, com apresentação de diversos quadros, em que os usuários do serviço de saúde pudessem expressar seus pontos de

vista para a sociedade, seus talentos, suas opiniões, e assim colocamos no ar, em 10 de maio de 2002, o primeiro programa Maluco Beleza – um programa pra quem tem a cabeça no lugar. Já na primeira edição, sentimos a necessidade de ampliar os 30 minutos ofertados pela rádio, para 60 minutos, o que foi concedido pela diretora da emissora educativa, Ivete Cardoso do Carmo-Roldão, que apostou no projeto. Dessa forma, o programa de rádio Maluco Beleza surge como resultado da parceria do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira e da Rádio Educativa de Campinas. O programa é produzido e apresentado pelos usuários de saúde mental e veiculado pela Rádio Educativa FM (101,9 MHz). Durante os primeiros três anos do projeto, os participantes realizaram um programa mensal, com duração de uma hora. Esse programa teve formato de um temático especial e era composto por duas entrevistas, duas enquetes, espaço para expressão de talentos, como poesia, música, imitações; execução de músicas correlatas ao tema, recados e opiniões. A partir de 2005, a Rádio Educativa ofereceu espaço semanal de trinta minutos para veiculação do programa. Desde então, os usuários produziam de quatro a cinco programas por mês. Os quadros se mantiveram os mesmos, porém o tempo de duração foi reduzido, para se encaixar ao espaço de veiculação oferecido pela Rádio Educativa. Se por um lado a ideia de termos maior espaço para veiculação na mídia seduziu, por outro, os programas produzidos perderam em qualidade, e, pior que isso, o pouco tempo de produção colocou à margem o preparo das pautas de maneira adequada, o acompanhamento do participante na sua dificuldade específica, com a devida calma, respeitando seus devidos tempos. Os debates sobre o tema, de extrema importância para a capacitação dos locutores, foram reduzidos. O programa que era realizado quase de forma artesanal, cercado de todos os cuidados com a saúde mental que o projeto implica, passou a ser produzido por “atacado”, deixando as pautas e os roteiros de entrevistas muitas vezes soltos, sem o devido preparo. Além disso, pelo fato de o projeto ter se tornado um Ponto de Cultura, outras atividades de capacitação acabaram sendo oferecidas aos participantes, que se viam tomados pela produção dos programas em série. Tais dificuldades levaram os participantes do projeto Maluco Beleza a proporem à veiculadora o retorno da produção para um programa mensal, com duração de uma hora, com reprise. Assim, desde o final de 2009, o programa é apresentado todas as primeiras quartas-feiras de cada mês, no horário das 10h, e reprisado às 22h. O retorno do programa mensal tem possibilitado uma maior dedicação dos participantes na produção de suas pautas, pois durante o mês, conseguem pesquisar e preparar melhor as tarefas advindas da reunião de pauta. A decisão de retornar a produção do programa Maluco Beleza para veiculação uma vez ao mês dá-se concomitantemente com os cursos oferecidos pelo Ponto de Cultura Maluco Beleza e com a

implementação e a produção da rádio online Maluco Beleza. Os participantes do projeto demonstraram o desejo de ter mais tempo livre para participarem dessas outras atividades que fossem além da produção dos programas para a Rádio Educativa.

Desde 2008, o projeto passou a ser reconhecido pelo Ministério da Cultura, como um dos pontos produtores e disseminadores de cultura pelo Brasil. Dessa forma, vem sendo investida uma verba para a qualificação do projeto, no tocante à implementação de estúdios de rádio, sala de inclusão digital e inauguração de uma estação de rádio online, inaugurada dia 1 de setembro de 2010, no endereço www.radiomalucobezeza.org.br.¹¹

2.3. Produção dos programas

2.3.1. Encontros semanais

O programa Maluco Beleza é aberto a todos os usuários de saúde mental de Campinas e conta com a participação de aproximadamente vinte pessoas. Uma vez por semana o grupo reúne-se para definição dos temas, pautas, escolha das músicas, produção e gravação do programa. O encontro semanal é um importante espaço para reflexão sobre os temas. Os encontros semanais de produção do programa Maluco Beleza seguem uma agenda previamente determinada.

Na primeira quinta-feira do mês, dá-se a reunião de pauta, em que os temas pertinentes aos quatro programas do mês seguintes são sugeridos e, posteriormente, votados e escolhidos pelos participantes. Na sequência, há a distribuição das pautas e tarefas do mês, quadro a quadro e as sugestões de músicas para cada programa.

Na segunda quinta-feira do mês, os participantes trazem os CDs das músicas que foram sugeridas na reunião de pauta. Ouvimos cada música, atentando-nos para a mensagem que a letra da canção traz como reflexão para o tema que será abordado naquele programa. Após a audição, cada participante atribui uma nota de zero a dez, sendo, no final da reunião, as cinco canções mais votadas são selecionadas para compor o conteúdo do programa. Esse encontro visa ampliar o repertório de músicas dos usuários, e os profissionais envolvidos sempre acabam levando compositores e cantores que, muitas vezes, não fazem parte do repertório dos usuários participantes, como Chico Buarque, Caetano Veloso, entre outros. Os usuários também trazem cantores advindos de seu repertório, o que enriquece bastante a diversidade da audição. Os usuários tendem a dar a nota na canção cujo ritmo ou cantor mais lhes agrada, nem sempre associando a letra da música e sua adequação ao tema do programa.

¹¹ Na sequência do capítulo abordaremos mais detalhadamente sobre o Ponto de Cultura e a rádio online.

Para melhorar a escolha, além de ouvirmos as canções, a letra da música é projetada num telão, onde todos podem acompanhar, facilitando e qualificando a nota e a escolha que realizamos na sequência.

Na terceira quinta-feira do mês, os usuários gravam a maioria dos quadros preparados. Eventualmente, alguma entrevista, cuja fonte não pode comparecer no dia determinado, ou algum quadro, cujo usuário esteja comprometido com outra atividade naquele momento, é gravado em outro dia e horário previamente combinado com o participante.

No quarto encontro, os participantes ouvem o programa semieditado e opinam sobre o que ainda pode ser cortado, pois geralmente o conteúdo gravado é maior que os 60 minutos destinados ao formato final do programa. Nesse encontro é definido o ajuste final da edição e autorizados, pelos usuários participantes do projeto, o conteúdo e a veiculação do programa, o qual vai ao ar toda primeira quarta-feira de cada mês.

Desde o primeiro encontro de produção do programa é estabelecido um cronograma mensal. Essas datas e horários são respeitados por todos. O não cumprimento do combinado, a mudança de datas, o recombinação, não é nada indicado no caso do projeto em que trabalham pessoas em tratamento mental. A rotina e o cumprimento de datas e compromissos devem fazer parte do processo, o que garante uma maior participação e assiduidade das pessoas ao projeto, pois acentua a responsabilidade e a confiança na execução do trabalho de uma população que por anos foi desrespeitada.

O programa é gravado e a maior parte da captação em estúdio é realizada uma vez ao mês; para os conflitos de agenda, são adequados os horários de usuários e entrevistados para gravações em dias possíveis, uma vez que o projeto implementou um moderno estúdio de rádio nas dependências do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, com verbas advindas do Ministério da Cultura, que reconheceu o projeto como um Ponto de Cultura, desde 2008.

A instalação do estúdio no espaço do Cândido Ferreira possibilitou uma maior flexibilidade ao projeto, pois as gravações podem ser feitas de acordo com a necessidade dos entrevistados e participantes.

O grupo dos participantes é aberto, podendo o usuário sair e entrar no momento em que julgar adequado. Nesses anos de existência do projeto, cerca de vinte pessoas tiveram uma participação mais contínua, e muitos foram os que experimentaram o projeto e depois se desligaram. Os participantes ocasionais acabam se identificando com outros projetos, ou mudam seu tratamento para CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) mais distantes do distrito de Sousas, onde está sediado o projeto. Alguns deles vão e voltam, outros

ocasionalmente aparecem. A adesão ao projeto dá-se de maneira livre, sem cobranças por parte dos profissionais envolvidos.

2.3.2. Criação coletiva

Todo o processo de criação do programa, desde vinhetas até os quadros são construídos de maneira coletiva, a partir da apropriação dos participantes dos significados dos saberes técnicos sobre rádio e jornalismo. Além dessas apropriações serem realizadas no cotidiano, algumas oficinas são oferecidas, para que os participantes possam cada vez mais enriquecer seu aprendizado. Dessa forma, os participantes se apropriam do projeto e encaram os desafios inerentes a essa atividade.

Toda a criação dos programas é realizada de maneira coletiva. Como metodologia de trabalho foi adotada a democracia para resolução dos impasses. A cada situação de conflito ou escolha, o grupo se reúne e vota nas propostas, para que as decisões sejam as mais próximas do desejo da maioria. Essa metodologia nos ajudou e ajuda no fazer cotidiano do projeto, pois a partir da votação os participantes podem propor, participar, escolher, argumentar e treinar o processo democrático nesse espaço. As decisões nem sempre agradam a todos; na falta de consenso, as escolhas por meio do voto se fazem eficazes, colocando em pauta a aceitação do desejo da maioria. No início era mais traumático para os participantes que não tinham seu desejo contemplado num momento de impasse, mas com a prática, hoje há uma maior aceitação e respeito sobre as decisões tomadas diante do desejo da maioria.

Enquanto alguns participantes não manifestam o desejo por produzir algum quadro do programa, outros gostariam de fazer o programa sozinho. Há sempre a necessidade de lembrá-los de que todos devem participar de forma mais igualitária possível. Assim, é conduzida a produção das pautas, no tocante à distribuição das tarefas: para os que têm muita ânsia de participação, o limite; aos que ficam pacatos, o estímulo.

2.3.3. A superação dos primeiros obstáculos

No início, as barreiras, a insegurança, os medos eram maiores, mas foram sendo vencidos com o tempo, com o próprio fazer, com o estímulo dos profissionais envolvidos no processo de criação e de implementação. Algumas experiências de gravação de enquêtes na rua, por exemplo, nem sempre eram bem sucedidas. Com o aumento da violência urbana, muitos pedestres se assustavam ao serem abordados pelos participantes da rádio e fugiam,

sem responderem às perguntas. Em alguns momentos, os participantes tenderam a pensar que a não aceitação das pessoas em participarem de uma entrevista fosse fruto de um preconceito relativo ao usuário da saúde mental. A ocasião exigiu uma reflexão junto ao grupo para demonstrar que entrevistas de rua, na maioria das vezes, não são fáceis, nem todos gostam ou aceitam responder às questões, e isso com qualquer repórter, de qualquer veículo. Outra necessidade do grupo foi a identificação visual, que permitisse que as pessoas percebessem imediatamente que se tratava de uma equipe de reportagem e não ficassem temerosos pela segurança. No início foram realizados coletes com a inscrição “imprensa”, depois uma série de camisetas, o que facilitou muito o trabalho de rua.

2.3.4. Pautas

Com relação às pautas dos programas realizados, até o momento é possível perceber que a predominância das sugestões realizadas pelos usuários advém em consonância com os fatos ocorridos e noticiados pelos grandes veículos de comunicação, como as enchentes no nordeste, ou a novela “Caminho das Índias”, da Rede Globo, que abordou o tema loucura. Nessa ocasião, o grupo escolheu como tema a dificuldade dos familiares para lidar com a descoberta do diagnóstico de doença mental de um filho. Outras pautas como gripe suína; guerras; problemas de terras com índios; esportes; circo, entre outros, surgem como sugestão, de acordo com suas veiculações na grande mídia. Acreditamos que por mais que os participantes reproduzam as pautas, mesmo assim conseguem expressar, ao produzi-las, as suas opiniões. Se por vezes reproduzem também as opiniões da grande mídia, ou de líderes religiosos, políticos etc, acreditamos que o processo de apropriação da opinião alheia acaba por desafiar-los a pensar em suas convicções sobre os temas abordados. Merhy (2002) reflete, em sua obra, sobre o fato de nos alternarmos entre protagonistas de mudanças e conservadores, nas mais diversas situações:

Parto do princípio de que somos em certas situações, a partir de certos recortes, sujeitos de saberes e das ações que nos permitem agir protagonizando processos novos como força de mudança. Mas, ao mesmo tempo, sob outros recortes e sentidos, somos reprodutores de situações dadas. Ou melhor. Mesmo protagonizando certas mudanças, em muito conservamos. Entretanto, sob qualquer um destes ângulos somos responsáveis pelo que fazemos. Não é possível não nos reconhecermos nos nossos fazeres. Somos dados e dandos. Somos definidos. Quando chegamos, algo já estava ali. Mas nem por isso somos vítimas das situações. Somos constituídos nisso e por isso. E nas nossas ações constituímos, em si e em relações, as situações. As fabricamos. (Merhy, 2002 : 13-14)

As pautas, muitas vezes inspiradas na mídia comercial, fazem parte do processo de experimentação proposto pelo projeto, na reflexão em busca da construção da própria opinião, e sem medo de expressá-la. A nosso ver, essa inspiração, ou mesmo a repetição das pautas, não prejudica ou diminui o valor da elaboração dos pensamentos dos participantes. Com a prática, advinda da participação, percebemos que os usuários ampliam seus repertórios e se capacitam por meio de pesquisas, de busca de opiniões de outras pessoas, das discussões entre eles; o que acaba interferindo na formação de suas opiniões de forma mais consistente. O objetivo é que, com o enfrentamento dos desafios advindos da pauta, os participantes desenvolvam a criatividade e o senso crítico, superando as dificuldades, de acordo com seus limites e possibilidades. Merhy pontua:

Somos protagonistas ao mesmo tempo que somos protagonizados.
Podemos fazer diferente de outros o que já temos como estabelecido, quando emergimos em uma situação já dada.
Somos determinados e determinantes.
E podemos ambicionar isso. Não como sujeitos plenos de razão, mas como certos apostadores, que podem com certos recursos – cognitivos, desejantes, instrumentais, por exemplo – aumentar as potências dos nossos fazeres por outros sentidos, para nosso agir no mundo, produzindo novos significados para as situações. Procurando tensionar mais ainda a possibilidade de sermos sujeitos do senso comum ou não.
Apostando que todos imersos nos processos de fabricação subjetiva. Nas relações. E que isso é unha e carne do ser sujeito em ação, do cotidiano e do ‘transcendente’.
(...) Com tudo isso, quero deixar claro que nós somos muitos nós. (Merhy, 2002 : 14-15)

2.3.5. O desafio do “fazer com”

No início do projeto, os profissionais envolvidos elaboravam os textos e os roteiros para os usuários, para que fossem gravados pelos locutores, pois ainda não sabíamos se os participantes apresentariam capacitação suficiente para essa elaboração. Nós, da coordenação, não tínhamos clareza das suas capacidades e acabávamos fazendo por eles, que se tornavam reprodutores. Foi a partir do III Fórum Social Mundial, em 2003, depois de assistirmos ao filme “Uma onda no ar”, de Helvécio Ratton, que retrata a trajetória da Rádio Favela, de Belo Horizonte/MG, que tivemos a noção do quanto poderíamos delegar a produção do programa para as mãos dos participantes. A partir de então, coordenadores e usuários ficaram convencidos de que o programa poderia ficar cada vez mais nas mãos dos usuários, com pautas pesquisadas e desenvolvidas por eles, com menor interferência ou nenhuma dos

coordenadores. Assim temos experimentado e tem funcionado muito bem até o momento. Com o tempo percebemos que nosso grande desafio era “fazer com” e não “fazer por”, ou “fazer para”. O “fazer com” muda todo sentido de produção do programa, aumentando os desafios, e estimulando a superá-los. “Fazer com” é um processo muito mais demorado, muito mais complexo e transversal, o que tem dado sentido ao projeto, pois valoriza o saber do outro, a sua alteridade, colocando, também, a contribuição dos profissionais envolvidos, numa via de mão dupla, de forma horizontalizada. O “fazer com” exige um exercício contínuo de usuários e profissionais envolvidos com o projeto, no sentido que um contribua com o outro, para a elaboração de um conteúdo coletivo mais ampliado e democrático. Esse modo de fazer tem surtido resultados positivos. Quando algum novo profissional ou usuário acaba se envolvendo com o projeto, e inicialmente não compreende a total dimensão dessa proposta, vamos ensinando a metodologia a ele, para que também se ajuste a essa forma compartilhada de criação.

2.3.6. Plástica: a proposta de uma nova estética

A plástica dos programas, desde o princípio, primou por ser a mais próxima possível da captação original realizada nos estúdios. Pequenos deslizes de locução, a maneira peculiar de expressar as ideias, os tempos de respiração e do pensamento são mantidos no conteúdo, sem que isso signifique perda da qualidade, mas, sim, uma proposta estética e específica do projeto. O respeito à diferença aqui acaba por imprimir uma nova marca ao programa, que o diferencia dos demais. Editar esses deslizes ou peculiaridades, a nosso ver, pasteurizaria o conteúdo, o que levaria à perda da identidade dos locutores e, por consequência, da originalidade do próprio programa.

Algumas vezes, um novo participante do projeto apresenta muita dificuldade de fala, de articulação, de formação de frases completas, ou pensamentos considerados conexos pela sociedade. Essas limitações não impedem que esse usuário grave seu recado, faça sua participação e expresse seu pensamento. Sempre acreditamos que a mensagem complexamente codificada produzida por esse usuário, mesmo que não seja compreendida pela maioria das pessoas, poderá ser decodificada por outros, ou que possuam o mesmo diagnóstico, ou o mesmo grau de interpretação das ideias, estando na mesma sintonia do locutor, ou de algum familiar que conviva com uma pessoa com dificuldades semelhantes, podendo despertá-lo para a necessidade de maior compreensão e valorização do seu ente.

Acreditamos que a audição do Maluco Beleza pode despertar no familiar uma escuta mais atenta e mais qualificada da pessoa com quem convive.

O fato é: se esse participante do Maluco Beleza não puder se expressar no programa realizado dentro de um serviço de saúde mental, do seu jeito, com suas potencialidades e limitações, onde ele poderá se expressar? Esse é um dos principais objetivos do projeto, elaborado para que dê condições a essas manifestações peculiares de pensamento.

2.4. Relacionamento com a Rádio Educativa

No decorrer desses anos, esse diferencial nem sempre foi compreendido por parte da direção da Rádio Educativa, que, algumas vezes, chamou-nos para conversar sobre o projeto e reclamou da qualidade técnica do programa, muitas vezes advindas do embaraço de algumas falas. Nesses momentos, sempre retomamos o objetivo do projeto, apesar de considerar os apontamentos da veiculadora, colocamo-nos à disposição para aumentar a qualificação do ponto de vista técnico (relativos à utilização do gravador, modulação de som, vinhetas etc.), mas pontuamos e garantimos que a peculiaridade da fala de cada locutor fosse mantida. Realizar o programa e veicular numa rádio FM é além de tudo, um constante trabalho de educação para a diferença.

A Rádio Educativa, por vezes, apresentou também algumas restrições relativas ao conteúdo do programa e chegou a não veicular quatro deles. Um foi pautado nos 6 anos da morte do Prefeito de Campinas, Antônio da Costa Santos. Outro foi sobre as Despesas do Planalto. Outro, sobre o AI-5. E o último, sobre a Ditadura Militar. No programa sobre o assassinato do Prefeito Toninho, por exemplo, os usuários abordaram o crime polêmico, que até hoje levanta incertezas sobre a justiça em seu desfecho, o que ainda gera protestos dos familiares e amigos do prefeito, assassinado em 10 de setembro de 2001. Sabíamos, desde o início, que essa seria uma pauta bastante delicada para se tratar, mas tomamos os cuidados devidos, para não citar nomes ou apontar suspeitos por sua morte. De maneira responsável foi produzido, editado e para nossa surpresa, vetado, quando o programa foi ao ar. O programa iria ao ar às 10h da manhã, com reprise, às 22h, contudo foi veiculado somente no primeiro horário, tendo sua reprise, no período noturno, sido cancelada. A partir daí recebemos nosso primeiro veto de pauta. Não podemos mais tocar em assuntos sobre política partidária. Além disso, acabamos perdendo as reprises realizadas às 22h. Levamos aos participantes do projeto as novas orientações da diretoria da Rádio Educativa; explicamos sobre a política editorial da rádio e as questões cabíveis ao programa Maluco Beleza, para que eles decidissem se ainda

tinham interesse em continuar ou não com a parceria. Depois de muita discussão e muitos questionamentos sobre uma possível censura, os usuários decidiram aceitar as novas regras e se ajustar à nova política editorial da rádio municipal. Desde então, pautas de teor político são banidas. Com o tempo, elas não têm aparecido nem como sugestão, pois os participantes sabem dessa limitação e ficam desestimulados a sugerir. Questionávamos, então: que assunto não envolve política? E mesmo quando surgem pautas referentes à política, o assunto é tratado com uma abordagem educativa. O foco de protesto ou investigação é deixado de lado, o que limita muito a pauta, as sugestões dos participantes e suas expressões sobre os temas. Se por um lado os vetos limitam, por outro tentamos despertar nos participantes o fato de que são ouvidos e quão importante é o conteúdo que produzem. Acreditamos que ninguém vetaria coisa sem importância alguma, e se existe a preocupação com os conteúdos produzidos, é porque somos ouvidos, mais que isso, interferimos de alguma maneira na formação do imaginário popular da cidade, o que nos estimula, e muito.

2.5. Bolsa e outras inserções dos usuários no Cândido Ferreira

Desde o princípio os participantes do Projeto Maluco Beleza participam de forma voluntária, sem o recebimento de bolsa. A alimentação é garantida pela instituição aos que desejarem, os passes do transporte urbano são distribuídos aos que necessitam de locomoção sem onerar custos, uma vez que a quantidade de passe gratuito, destinado aos portadores de transtornos mentais, é limitado pela lei municipal. Hoje, o Cândido não possui mais usuários que moram na instituição. Somente os casos de internação são mantidos no serviço e por períodos mais breves, até que apresentem melhoras e possam retornar às suas casas e aos tratamentos junto aos CAPS, Centros de Saúde ou Centros de Convivência.

Dos participantes do Maluco Beleza, somente um mora circunstancialmente no Núcleo de Retaguarda do Cândido Ferreira, pois a mãe, sua cuidadora, adoeceu, acometida de um acidente vascular cerebral (AVC). Mãe e filho foram acolhidos pela instituição por suas condições vulneráveis de vida. Mesmo assim, está em curso um projeto de retorno desse usuário e de sua mãe para a casa deles, assistência necessária da instituição. Dos outros participantes do projeto, somente um mora numa residência terapêutica, fora do espaço hospitalar, mas sob os cuidados da instituição; os outros moram com suas famílias, em diversos bairros da cidade.

Nesse processo de reabilitação psicossocial, treze oficinas profissionalizantes e de geração de renda foram oferecidas na instituição. Atuam elas na área de vitral artesanal, vitral

plano, velas, mosaico, construção civil e ladrilho hidráulico, parceria, papel reciclado, gráfica, marcenaria, culinária e eventos, nutrição, serralheria e agrícola. Dos participantes, cinco estão inseridos nas oficinas profissionalizantes da instituição, o que lhes garante uma bolsa trabalho, a geração de uma renda que dá suporte financeiro em suas trajetórias. Alguns usuários participam das oficinas de trabalho do serviço de saúde, o que acaba por concorrer com as atividades do rádio. Os horários têm que ser negociados anteriormente, para que consigam desenvolver as duas atividades concomitantemente, mas existe sempre um conflito entre a oficina geradora de renda e a rádio, pois, algumas vezes, o horário que esse usuário se encontra na atividade de rádio é descontado do mesmo, o que diminui sua bolsa no final do mês. Uma vez que a geração de renda é advém das oficinas profissionalizantes e não da oficina de comunicação, com o tempo muitos acabam optando por somente participar da oficina profissionalizante deixando de participar do rádio. O fato do projeto Maluco Beleza não oferecer bolsa acaba não atendendo à expectativa de muitos, pois a geração de renda nos casos atendidos é imprescindível, por se tratar de uma população bastante vulnerável financeiramente. Atualmente, tivemos um caso contrário. Um usuário, possuidor de uma aposentadoria abastada, desistiu de participar da oficina geradora de renda e ficou somente com as atividades de produção do programa Maluco Beleza e de seu programa na rádio online, mas essa não é a regra.

2.6. Eventos, coberturas e valorização

Desde 2002, muitas palestras são realizadas em faculdades de comunicação, jornalismo e psicologia. Além disso, o projeto foi convidado para muitos eventos de militância, como Dia da Luta Antimanicomial, Humaniza SUS (Sistema Único de Saúde) e cobertura de festas da saúde mental. Entre os principais eventos de que o Maluco Beleza participou, fazendo cobertura e/ou oferecendo oficinas de comunicação inclusiva, podemos destacar o III Fórum Social Mundial, no ano de 2003, em Porto Alegre; o V Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, no ano de 2005; o I Fórum Social Brasileiro, em Belo Horizonte, em 2005; o I Festival da Loucura, na cidade Barbacena/MG, em 2007; o Encontro Nacional "20 anos de Luta por uma sociedade sem manicômios", ocorrido em Bauru, interior de São Paulo, em 2007; o II Fórum Internacional de Saúde Coletiva, Saúde Mental e Direitos Humanos, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, no ano de 2008; o X Fórum Social Mundial, em de 2010, na cidade de Porto Alegre. Em alguns desses Fóruns, os locutores do Maluco Beleza foram cadastrados como jornalistas da imprensa alternativa, o

que possibilitou o acesso à sala de imprensa, a todas as entrevistas coletivas, às áreas de acesso restrito à imprensa, o que foi motivo de grande satisfação e reconhecimento do trabalho realizado por eles. No Fórum de 2010, um grupo de três usuários, os mais antigos e atuantes do projeto, foram sozinhos para o evento. Nenhum dos profissionais estava disponível para acompanhá-los e o grupo insistia no desejo de participação. Dessa forma, foi trabalhado com o grupo a ida de alguns participantes, sem acompanhante, de maneira autônoma, mas custeados pela instituição. Os participantes foram de avião para Porto Alegre e realizaram a cobertura do evento, que resultou num programa de rádio para a Rádio Educativa e na principal matéria do C@ndura – espaço aberto para um novo pensamento (jornal institucional), que deu destaque para o fato. A autonomia foi colocada à prova e com bons resultados. Todos os dias o grupo telefonava (por iniciativa deles) dando relatório das atividades realizadas. Essa ida sem acompanhantes foi um marco tanto para os participantes, quanto para o projeto, como para a instituição, pois foi depositada confiança na capacidade de cada um deles, respondendo os participantes à altura do esperado, sentindo-se muito valorizados e ainda mais capazes por tal feito.

2.7. Ponto de Cultura

Desde 2008, o projeto Maluco Beleza foi reconhecido pelo Ministério da Cultura como um dos Pontos de Cultura do Brasil. A iniciativa do governo federal foi de revelar manifestações culturais produzidas nas comunidades brasileiras, revelando a diversidade do povo deste país e investindo na continuidade dos projetos. O projeto Maluco Beleza foi um dos escolhidos para receber os investimentos federais. Por meio de um convênio realizado através da Prefeitura Municipal de Campinas, recebemos um investimento de cem mil reais. Desde então, as ações de rádio se ampliaram. Além de vários cursos de capacitação destinados aos usuários da saúde mental e da comunidade, um estúdio e uma sala de inclusão digital foram instalados nas dependências da instituição.

Desde que o projeto Maluco Beleza se transformou num Ponto de Cultura, o projeto abriu-se para a comunidade, o que possibilitou novas formas de convívio. O Ponto de Cultura Maluco Beleza já ofereceu várias oficinas de capacitação aos participantes, usuários da saúde mental e pessoas da comunidade, como Letramento Digital; Fonoaudiologia voltada para a locução; Edição de Rádio; Produção para rádio online; Língua Portuguesa; Técnicas Jornalísticas; Técnicas de Reportagem; Oficinas de Redação e Oficinas de livre Expressão por

meio do rádio. Todos os cursos são gratuitos, o que acabou atraindo diversas pessoas da comunidade para o Ponto de Cultura.

2.8. Rádio Maluco Beleza online

Dia 1 de setembro de 2010, a Rádio online Maluco Beleza foi inaugurada no Ponto de Cultura. O sonho de possuir a própria estação de rádio deu-se por meio da web. O projeto é inédito no Brasil, por reunir programas realizados por usuários da saúde mental, familiares, funcionários, outros projetos sociais e pessoas da comunidade. A grade inicial foi composta por 23 programas, de 30 minutos cada, produzidos semanalmente. A rádio fica 24 horas no ar pelo site www.candido.org.br, link: “Rádio Maluco Beleza online”.

A grade de programação inicial da Rádio Maluco Beleza será alterada a cada quatro meses aproximadamente, para que novos projetos possam ser encaminhados para o Conselho da Rádio, formado pelos usuários e funcionários do Ponto de Cultura, que analisará a viabilidade de inclusão na próxima grade.

Os programas da rádio web não são diretamente ligados à saúde mental, mas estão, impreterivelmente, relacionados à promoção dos direitos humanos e da cidadania. A rádio online é diversa, contemplando programas feitos por idosos, crianças, crianças em situação de rua, artistas populares, profissionais e usuários da saúde mental. Os programas abordam os mais variados temas e são voltados a diferentes públicos. O Programa Maluco Beleza, inspirador de todo projeto, também faz parte da grade de programação e é reapresentado em diversos horários.

A inauguração da rádio web não interferiu e nem interrompeu a parceria com a Rádio Educativa da cidade. A produção mensal dos programas continua a ser realizada. O programa de rádio Maluco Beleza continua a ser produzido e veiculado, sendo o projeto inspirador de outras ações que surgiram por meio dele.

Os participantes do programa desejam que todas as pessoas de seus bairros tenham a possibilidade de ouvir suas mensagens pela Rádio Educativa, que é mais acessível, uma vez que a acessibilidade a computadores ainda é pequena e restrita. Se por um lado a acessibilidade à Internet ainda é restrita no país, por outro a criação de uma rádio online possibilitou que as mensagens extrapolassem as barreiras da cidade de Campinas, inaugurando uma nova fase de veiculação dos programas, que atinjam outros lugares distantes e inesperados, que possibilitem outras trocas, o que ainda não foi dimensionado pelo projeto, pelo pouco tempo de existência da nova tecnologia.

A inauguração da rádio online foi um momento histórico para a Saúde Mental da cidade, marcando uma importante conquista no cenário nacional. Quem poderia imaginar há algum tempo que uma instituição psiquiátrica pudesse transformar-se de tal forma, que as pessoas em tratamento no serviço conseguissem protagonizar a inauguração de uma emissora de rádio? A Maluco Beleza online visa a anunciar boas notícias e ser um canal de comunicação dos direitos do homem e das possibilidades de transformações, criando novos modelos de comunicação em rádio para toda a sociedade.

2.9. Prêmio Cultura Viva - 3ª. Edição

No segundo semestre de 2010, o Ministério da Cultura anunciou o Ponto de Cultura Maluco Beleza como um dos semifinalistas da 3ª. Edição do Prêmio Cultura Viva. O projeto “Programa Maluco Beleza – o Rádio como reinserção social” foi escolhido entre 1.794 inscrições, vindas de 754 municípios brasileiros. Na fase semifinal, o projeto concorreu com mais 120 iniciativas divididas em quatro diferentes categorias. Na categoria Pontos de Cultura, Maluco Beleza foi o único projeto do interior de São Paulo selecionado. Pela escolha entre os projetos semifinalistas, o projeto recebeu o selo prêmio Cultura Viva, uma chancela de reconhecimento do Ministério da Cultura, que dá visibilidade ao projeto como um destaque na cultura nacional. Apesar disso, o projeto não passou para a fase final da premiação. A 3ª. edição do Prêmio Cultura Viva teve como tema “Cultura e Comunicação”, e foi dirigida a iniciativas que favoreciam a criação de situações comunicativas e a construção de espaços de diálogo. Entendemos que o Projeto Maluco Beleza abarca a cultura, a comunicação, e acima de tudo, a saúde. Dos Pontos de Cultura existentes no país, o Maluco Beleza é o único que se origina num espaço de promoção da saúde mental.

Em 2009, o Ponto de Cultura Maluco Beleza foi selecionado como Ponto de Cultura Estadual, por meio do Governo do Estado de São Paulo, com um investimento de cento e oitenta mil reais, que tem possibilitado a ampliação das atividades de comunicação para o campo audiovisual, por meio da aquisição de equipamentos e da capacitação dos usuários da saúde mental para a gravação e edição de vídeo.

Em 2011, serão oferecidas aos participantes oficinas de capacitação para a linguagem audiovisual, e a previsão é que, em 2012, os participantes do Ponto de Cultura Maluco Beleza realizem oficinas em vários Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) da cidade, multiplicando os saberes adquiridos. O projeto prevê a realização de rádio-espetáculos nos Caps e Centros de Convivência da cidade, nos quais os usuários que se tratam nesses serviços

possam apresentar seus talentos como cantor, poeta, dançarino etc. Os participantes do Ponto de Cultura registrarão toda apresentação em áudio e vídeo. Posteriormente, o conteúdo em áudio será veiculado na Rádio Maluco Beleza online e o conteúdo em vídeo será editado e exibido para o público onde se deu o rádio espetáculo, por meio de um telão.

2.10. Comunicação e aplicabilidades na saúde mental

A partir da Reforma Psiquiátrica, muitas novas tecnologias foram e estão sendo empregadas nos serviços de saúde¹², de maneira sistemática, com o objetivo de criar um tratamento que compreenda o usuário da saúde mental de forma mais abrangente, para além da clínica, como um ser social, com suas complexidades, demandas e contribuições específicas. Entre as novas formas do cuidar, podemos encontrar possibilidades de alternativas complementares à atenção clínica, como as oficinas de arte, oficinas de trabalho para geração de renda, teatro, processos de educação formal e não formal, entre outros. A comunicação tem sido uma das possibilidades experimentadas pelas pessoas em tratamento mental. Seu emprego, associada aos novos paradigmas de atenção psicossocial.

2.10.1. Rádio Tam Tam

Algumas experiências de utilização da comunicação no tratamento mental já foram realizadas no Brasil, como é o caso do Projeto Tam Tam, que, de forma pioneira, implantou, em 1989, a rádio Tam Tam, junto aos usuários da Casa de Saúde Anchieta, localizada na cidade de Santos/SP. O programa Rádio Tam Tam foi ao ar de 1989 até 1997, durante toda a gestão da prefeita Telma de Souza, do PT, que administrou a cidade em dois mandatos consecutivos. Depois disso, a Tam Tam se transformou na Associação Projeto Tam Tam, uma Organização Não-Governamental, sob a responsabilidade do artista Renato Di Renzo, com ações que podem ser consideradas restritas diante da atuação que protagonizou na história da saúde mental daquela cidade, conforme Roldão & Moreira (2005).

A experiência de comunicação realizada em Santos, berço da intervenção da Reforma Psiquiátrica do Brasil, esteve ligada à gestão petista e não se efetivou para além das

¹² A Reforma Psiquiátrica luta pela abolição do uso de camisas de força, eletrochoque, tratamentos fechados em instituições psiquiátricas, uso abusivo de medicamentos e outras tecnologias que não levem em consideração os direitos humanos dos usuários da saúde mental. A Reforma preconiza uma rede substitutiva de cuidados, que possa tratar das pessoas em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), reinserindo-as socialmente em diversos aspectos de sua vida, seja na família, no trabalho ou na escola.

administrações municipais desse partido. A falta de uma política de tratamento mental que inclua a comunicação como uma das formas dos novos modos de cuidar em saúde mental, acaba por deixar os projetos alternativos e complementares ao tratamento clínico à mercê de desejos e interesses dos novos gestores. Em Santos, o pioneirismo da utilização do rádio no tratamento mental não garantiu que a experiência tivesse continuidade, como parte do tratamento das pessoas envolvidas com a Tam Tam.

2.10.2. Outras experiências de rádio na saúde mental

Algumas outras experiências em rádio também foram desenvolvidas em serviços de saúde mental do país. Algumas continuam a ser desenvolvidas, outras tiveram menor durabilidade, e outras ainda têm surgido, no sentido de experimentar a aplicabilidade da comunicação audiovisual junto aos demais cuidados que a saúde mental oferece a seus usuários. Entre tantas, podemos destacar o programa de rádio Papo Cabeça, em atividade desde 1999, na cidade de Santa Cruz do Sul, interior do Rio Grande do Sul; o programa de rádio também intitulado Papo Cabeça, realizado na cidade de Amparo, interior de São Paulo, durante os anos de 2004 a 2006; oficinas de Ondas Paranóicas, realizadas junto aos usuários da saúde mental da cidade de São Paulo, capital, com início no ano de 1996; Rádio Poste, recentemente desenvolvida em Porto Alegre/RS, entre outras experiências desenvolvidas pelo interior do Brasil, junto a rádios comunitárias, sem que se tenha dados concretos sobre elas. Uma questão: qual a força política da comunicação nessas experiências localizadas em diversos lugares do país?

Enquanto a comunicação não for tomada como estratégia de reinserção social, incluída na política de transformações advindas da Reforma Psiquiátrica, as experiências realizadas, ainda que bem sucedidas, correm o risco de naufragarem à mercê dos finais de gestão de governos partidários, ou ainda por motivo menores, como falta de recursos humanos qualificados, falta de compreensão de dirigentes dos veículos de comunicação sobre a importância de um projeto desse porte, ou, ainda, falta de transporte, de verba, de apoio etc. Nossa preocupação é se a comunicação é vista como política e estratégia de reinserção social no tratamento mental, ou se ainda é vista como uma perfumaria, um artigo de luxo, que não tem o seu papel valorizado como deveria e nem sempre desenvolvidos de forma adequada, colocando os usuários da saúde mental no papel de cobaias. Valer dizer que, mesmo que estas experiências sejam bem sucedidas por um tempo, não contam com um suporte necessário para

que sejam desenvolvidas de maneira estratégica, séria, contínua e complementar ao tratamento mental realizado pelos serviços de saúde.

2.11. Loucu-tores: uma identidade formada por dois significados

No programa Maluco Beleza, podemos observar, por exemplo, que alguns participantes se autoreferenciam como locutores. Notamos um direcionamento de discurso do “louco”, historicamente estigmatizado por sua alienação, periculosidade e incapacidade, para uma busca de outra identidade. Associado à referência de nomenclatura daquilo que por anos foi a sua única característica - o louco - para a referencialidade de - locutor - um profissional de rádio. Assim, podemos notar que a associação do termo louco com o locutor (e seus significados) gera uma terceira denominação: o locutor. O locutor traz uma soma de significados que pode representar uma busca de identidade profissional, que permita ao usuário colocar-se socialmente num outro papel, que não o de usuário da saúde mental, de paciente, ou pior, de louco. A autodenominação por parte dos participantes do Maluco Beleza brinca com o próprio sofrimento mental, com o próprio estigma. O projeto pesquisado transforma o discurso de vítima e sofredor, muitas vezes ainda encontrado como únicos elementos de discurso da pessoa portadora de sofrimento mental. No projeto, a lamentação acaba dando lugar ao movimento de busca por um novo discurso, pois o participante encontra espaço adequado e qualificado para essa proposta de transformação de postura diante da vida. O usuário participante do projeto possui um diagnóstico e, na realidade, na maioria das vezes, o tem. Porém, ele também possui seu potencial como comunicador, como locutor de um programa de rádio, veiculado por emissoras com abrangência municipal, pela rádio educativa, e mundial, pela Internet.

O termo locutor indica a busca por uma nova referencialidade do discurso de vítima, sofredor, morador de um manicômio, para a transformação de um discurso numa nova ordem, num outro espaço: de louco, a locutor; de morador de manicômio, a locutor de uma rádio; de um sujeito, que erroneamente já foi visto somente como portador de um diagnóstico mental, para um sujeito que pode transpor a barreira do diagnóstico e ter fazeres profissionais que extrapolem os estigmas.

Esse movimento, que a própria denominação traz em si - locutor - parece indicar as possibilidades de (re)significação de trajetória de vida possíveis que o fazer do radialista possibilita. O termo traz em si não a negação de sua condição de portador de sofrimento mental, mas o reconhecimento desse lugar, porém não estagnado no próprio sofrimento.

Observamos que a associação do “louco” com o “locutor” é que torna possível o projeto de comunicação em saúde mental, fazendo-se viáveis os programas produzidos. É provável que, sem o diagnóstico da doença mental essas pessoas talvez não estivessem atuando num programa de rádio. No projeto pesquisado, o diagnóstico traz a possibilidade do dispositivo da comunicação. O projeto oferece a oportunidade dos usuários da saúde mental se expressarem de forma acessível, valorizando a oralidade, acima da linguagem escrita. Portanto não é exigido que o participante seja alfabetizado.

2.12. Abertura para pessoas da comunidade

A transformação do projeto em Ponto de Cultura possibilitou a sua abertura para outras pessoas da comunidade, o que enriqueceu a diversidade do Maluco Beleza, pois deixou de ser voltado especificamente para usuários da saúde mental. Tal integração tem uma via de mão dupla que enriquece tanto as pessoas que fazem tratamento mental, quanto outras pessoas da comunidade. Hoje o projeto não exige que se possua um diagnóstico psiquiátrico para participação, anteriormente. O diagnóstico aqui perdeu definitivamente a sua função primeira de categorizar as pessoas. Esta pesquisa não apresenta os diagnósticos dos participantes, considerando-se que para o projeto Maluco Beleza o foco não está na doença, como na maioria dos modos de cuidar ainda percebidos nos tratamentos dos serviços de saúde, como aponta Merhy, Feuerwerker & Cerqueira:

Em muitas dessas situações as equipes de saúde, protagonizam a produção desse modelo fascista de atenção em saúde, prescritivo, previsível, normatizador, no qual não há espaço para outras lógicas de produção de cuidado que não aquela centrada na unidirecionalidade e universalização dos diagnósticos. Repete-se a lógica de que um conjunto de sinais e sintomas é igual a um diagnóstico que revela determinado tratamento e, por sua vez determina o prognóstico, no qual o registro é a doença e não o sujeito. Em nome de uma suposta defesa da vida, retiram-se os sujeitos da cena de seu tratamento, e/ou inundam-se os encontros com os sujeitos que procuram por algum tipo de cuidado com os protocolos prescritivos do bem viver. Sustentam suas ações em ideais comportamentalistas, com base em dados científicos, generalizáveis que independem dos aspectos psicossociais e culturais, e que não passam de meras abstrações numéricas ao retirar das pessoas o direito de agenciar e protagonizar o cuidado com si mesmo e as escolhas de sua vida. (Merhy, Feuerwerker & Cerqueira, 2010 : 6)

A comunicação realizada pelos participantes do projeto não pressupõe esse ou aquele diagnóstico, mas está ligado ao fato de a pessoa optar por fazê-la, pois ele pode entrar e sair

do projeto em qualquer momento. Essa escolha denota um protagonismo do usuário da saúde mental em relação ao cuidado consigo mesmo.

O Ponto tem como público prioritário os usuários da saúde mental, todavia outros públicos se agregaram ao projeto. Qualquer pessoa da comunidade pode se envolver com o projeto, seja no programa Maluco Beleza, nos programas da rádio online, nas oficinas de capacitação, ou em qualquer atividade promovida pelo Ponto de Cultura. Essa mescla é positiva no tocante à promoção de convivência entre diversos públicos, o que enriquece a troca e possibilita novos olhares, novas produções, novos jeitos de pensar e agir, novos modos de interagir socialmente. A abertura também exige do usuário da saúde mental uma postura mais ativa, mais atuante, pois divide espaço com outras pessoas da comunidade. Para as pessoas da comunidade, o convívio também tem se mostrado enriquecedor, pois permite que tenham contato com outras realidades socioeconômicas e culturais, o que colabora com a diminuição do estigma calcado sobre as pessoas que fazem tratamento mental, na tentativa de romper, ou diminuir, as barreiras do preconceito. O local que antes era visto como manicômio, promotor de tratamento desumano, hoje vira recurso para a comunidade, que pode se aproximar e se apropriar dos espaços e recursos gerados pela instituição psiquiátrica, como as diversas oficinas de capacitação, da estação de rádio web, de excursões, de festas e encontros promovidos pelo Ponto de Cultura. Dessa forma, temos experimentado a reinserção social e a participação da sociedade, que pelo viés da comunicação acaba se aproximando de um projeto mais amplo, o da reforma psiquiátrica.

2.13. A comunicação terapêutica

No trabalho desenvolvido pelo Projeto Maluco Beleza, a comunicação é a principal ferramenta, o meio, para que pessoas que estão em tratamento mental, e recentemente, também pessoas da comunidade, possam produzir e expressar seus pensamentos por meio do rádio. Para a construção desse conceito proposto por este estudo, investigaremos a comunicação aplicada no projeto. O referencial teórico utilizado para a construção desse conceito, advém do livro *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*, de autoria de Emerson Elias Merhy, 2002, Hucitec, e no texto *Da repetição à diferença: construindo sentidos com o outro no mundo do cuidado*, de autoria de Emerson Elias Merhy, Laura Camargo Macruz Feuerwerker e Maria Paula Cerqueira.

Toda a comunicação aplicada no trabalho de produção dos programas de rádio, tem como objetivo final a realização do programa de rádio, seja para veiculação na Rádio

Educativa FM, seja para veiculação na Rádio Maluco Beleza online. Esse objetivo, demarcado pela ação, prevê um produto. Também esse ato produtivo, aplicado no sentido de chegar a um produto final, faz da ação um produto tecnológico.

O projeto Maluco Beleza é uma tecnologia disponível no contexto do campo da saúde mental, pós início da reforma psiquiátrica, em que as técnicas de comunicação estão atravessadas pelo ato produtivo em saúde. O campo em que essa comunicação é produzida é o campo da saúde. Uma vez que o Maluco Beleza nasce e se desenvolve nesse campo, podemos afirmar que o projeto produz saúde, pois está inserido nesse contexto. O ato produtivo é governado pelo produto que ele objetiva fazer. O projeto Maluco Beleza usa o emprego da comunicação, usa o fazer rádio, no contexto da saúde mental, porque possui um efeito para a geração de saúde, ligado ao lugar onde é produzido o ato. A comunicação contribui para o cuidado em saúde mental, para o seu tratamento. O programa e todas as ações produzidas pelo projeto Maluco Beleza são meios e não fim, pois o produto que interessa para o projeto não é um programa de rádio desenvolvido com o rigor das exigências técnicas de um outro produto jornalístico ou radiofônico de mercado. Ao contrário, o foco principal desse ato produtivo da comunicação em saúde é o usuário participante, não o programa.

Os saberes técnicos aplicados na realização dos programas, desde a pauta, passando pela pesquisa, a produção, a escolha das músicas, até sua gravação e edição, respeitam as necessidades e as capacidades específicas de cada usuário participante. No projeto, ele acaba descobrindo a forma mais adequada para expressar suas ideias, seus talentos, sua sabedoria, suas opiniões, por meio do seu instrumento disponível na comunicação em rádio. O jeito peculiar como cada um estrutura seu pensamento em busca de expressá-lo é respeitado. A regra entre os participantes é não inibir, ou diminuir, ou não considerar a expressão do outro, mas ao contrário, acolhê-la e qualificá-la da melhor forma possível, uma vez que a consideramos única, sendo o valor de cada contribuição essencial para a realização do todo, pois enriquece o conjunto simbólico heterogêneo formado em cada programa finalizado. Para Merhy:

Falar em tecnologia é ter sempre como referência a temática do trabalho, mas em trabalho cuja a ação intencional é demarcada pela busca da produção de ‘coisas’ (bens/produtos) – que funcionam como objetos, mas que não necessariamente são materiais, duros, pois podem ser bens/produtos simbólicos (que também portam valores de uso) – que satisfaçam necessidades. (Merhy, 2002 : 46)

Ainda:

A ação intencional do trabalho realiza-se em um processo no qual o trabalho vivo em ato, possuindo de modo interessado instrumentos para a ação, “captura” intencionalmente um “objeto/natureza” para produzir bens/produtos (as coisas/objetos) [...] exemplificado a partir do trabalho de um artesão-sapateiro, que antes da realização do próprio ato produtivo já sabia onde queria chegar, isto é, a que tipo de produto, que valor de uso estaria produzindo, e, com isso, opera um ato produtivo que amarrado por uma intenção posta anteriormente a ele, no qual o trabalho em si atua como trabalho vivo em ato e os instrumentos usados, bem como a organização do processo, como trabalho morto. (Merhy, 2002 : 47)

O trabalho vivo constitui-se do exercício do protagonismo/liberdade para a produção, como sujeitos e não sujeitados, como protagonistas e não protagonizados, conforme Merhy (2002). Já o trabalho morto pressupõe protagonismo/reprodução. O que se produz no projeto Maluco Beleza tem um valor simbólico que traz novos sentidos para a vida dos participantes, a partir do momento em que estrutura o pensamento para que possa ser expressado, gravado, veiculado e ouvido por outros.

A edição dos programas busca manter o resultado mais próximo possível das gravações captadas, para que a expressão do locutor não se perca pulverizada pela tecnologia, que pode equalizar, recortar, interferir de tal modo, que a comunicação ali produzida, interferiria na perda da sua originalidade, que denota o território singular de produção e subjetividades: o campo da saúde mental. A grande preocupação com uma plástica perfeita para os padrões radiofônicos poderia incidir num grave erro da perda da originalidade da forma e do conteúdo ali expressados, o que poderia levar o próprio locutor a não se reconhecer com aquilo que produziu, ao ouvir o programa editado. A busca feita pelo Maluco Beleza é de reconhecimento e identidade, por meio da valorização da expressão singular de cada participante, que, ao apresentar os quadros do programa, acaba por compor um mosaico revelador de uma identidade coletiva, plural, que se revela a cada programa, cada um de uma forma diferenciada, pois os muitos “eus” (Rolnik, 2007) que habitam em cada um dos usuários participantes também estão em mutação e podem revelar as mais diversas facetas, em momentos distintos.

O projeto Maluco Beleza é uma experiência de um modo de ação de comunicação aplicada à saúde mental por meio do uso do rádio como canal de expressão de conteúdos de usuários da saúde mental, numa emissora educativa e pela rádio online, sob frequência modulada e pela rede mundial de computadores, que veiculam as mensagens produzidas por meio de ondas eletromagnéticas, pela web, utilizando-se dos aparatos tecnológicos necessários.

Esse processo de produção do programa captura saberes acumulados pelo mundo, por meio das tecnologias e técnicas radiofônicas e jornalísticas, devora-os, numa dinâmica antropofágica, como aponta Deleuze e Guatarri (1995). Ao devorar esses saberes, emprega outros advindos do campo da saúde mental, tornando-se um novo meio de aplicabilidade da comunicação como alternativa para a criação de novos sentidos de vida.

O projeto utiliza o aparato de tecnologia dura para a viabilização dos programas. A tecnologia dura pode ser observada no emprego de mesas de som, estúdios, microfones, gravadores, computadores, ondas do rádio e aparelhos receptores. Além das tecnologias duras citadas, as tecnologias leves, relacionadas a valores simbólicos, também são empregadas na produção dos programas. Essas tecnologias leves são responsáveis pelo conteúdo, possibilitando a utilização das técnicas e tecnologias duras, a serviço de subjetividades e mudanças e (re)significações na trajetória de vida dos participantes do projeto.

(...) falar em tecnologia é ter sempre como referência a temática do trabalho, mas em trabalho cuja ação intencional é demarcada pela busca da produção de “coisas” (bens/produtos) – que funcionam como objetos, mas que não necessariamente são materiais, duros, pois podem ser bens/produtos simbólicos (que também portam valores de uso) – que satisfaçam necessidades. (Merhy, 2002 : 46)

Percebemos que o processo de produção do programa Maluco Beleza se utiliza de técnicas e tecnologias inerentes ao sistema de radiodifusão e à comunicação, no sentido de dar formato para a expressão do pensamento produzido pelos participantes, transformando o conteúdo numa radiorevista mensal e produto adequado para veiculação. A tecnologia empregada prioriza a expressão dos usuários participantes, pois para cada fala há uma escuta que considera e qualifica o que o outro traz para a cena. O projeto funciona de maneira horizontal, permitindo que o participante protagonize a produção dos programas, a partir dos seus desejos.

(...) a extrema objetivação e a focalização do olhar e da ação sobre o corpo biológico deixam de lado muitos outros elementos que são constitutivos da produção da vida e que não são incluídos, trabalhados, tanto na tentativa de compreender a situação, como nas intervenções para enfrentá-la. Mais ainda, a busca objetiva do problema biológico tem levado a que a ação do profissional esteja centrada nos procedimentos, esvaziada de interesse no outro, com escuta empobrecida. Assim, as ações de saúde têm perdido sua dimensão cuidadora e, apesar dos contínuos avanços científicos, elas tem perdido potência e eficácia. [...] essa relação empobrecida, em que o outro é tomado como corpo biológico e objeto da ação e que deslegitima todos os outros saberes sobre saúde, é vertical, unidirecional, como se prescindisse da ação/cooperação de quem está sendo “tratado”. Ou como se a cooperação

fosse obtida automaticamente a partir da “iluminação” técnica sobre o problema e as condutas para enfrentá-lo. Não é assim que as coisas funcionam na prática (...). (Merhy, Feuerwerker & Cerqueira, 2010 : 2)

Esse projeto tecnológico do campo da saúde mental, em que o ato produtivo da comunicação em saúde tem como produto o usuário participante, pode ser considerado terapêutico ou terapeutizante?

Em primeiro lugar, compreendamos que a ação terapêutica pressupõe um diagnóstico. Todas as ações advindas de um projeto terapêutico visam a eliminar os sintomas de um determinado diagnóstico. Enquanto que o que consideramos terapeutizante possui um efeito terapêutico, mas como efeito secundário, pois ele não é indicado, prescrito para isso.

Nosso caso-guia, por exemplo, participa do projeto Maluco Beleza desde o ano de 2002. Inseriu-se no projeto sem prescrição terapêutica, sem indicação médica. Veio participar do projeto porque achou interessante, porque tinha talentos para comunicação e viu no projeto um meio de expressá-los. Depois desses nove anos de participação do caso-guia no projeto, o Maluco Beleza possui um efeito valorativo para a sua vida. Em julho e janeiro, quando o projeto faz uma pausa, ela diz, por exemplo, vou tirar férias do Maluco Beleza. Tirar férias indica a característica terapeutizante do projeto. Nenhum usuário participante diz: vou tirar férias dos medicamentos. Impossível. Os medicamentos estão prescritos de acordo com o seu diagnóstico e exigem uso continuado. Mas com relação ao Projeto Maluco Beleza eles podem tirar férias, pois é um modo de viver, e não um projeto terapêutico. O projeto nasceu dentro do contexto de saúde mental, da reforma psiquiátrica, mas nem por isso é considerado terapêutico.

O terapêutico é uma ação tecnológica específica que visa a um tratamento, a uma cura. Apesar disso, podemos encontrar várias ações terapêuticas que não são terapeutizantes, como, historicamente, o uso da camisa de força, do eletrochoque; ou na atualidade, uma ação terapêutica que indique uma mediação que não funcione adequadamente. Por outro lado, existem muitas ações terapeutizantes, sem que sejam terapêuticas, como um passeio, uma ida ao cinema, o dançar num baile, entre outros. Essas ações não foram prescritas, mas podem fazer um bem muito grande na vida dos usuários. O Maluco Beleza pode ser terapêutico se for prescrito por um profissional, mas ainda, possui potencialidades ampliadas que vão além e podem trazer sentidos terapeutizantes. Se o projeto Maluco Beleza fosse reduzido somente a um projeto terapêutico, poderia não funcionar. Tal prescrição poderia não ser positiva.

O Maluco Beleza não tem o mesmo tipo de flexibilidade tecnológica para conter as variações clínicas advindas da saúde mental que o usuário em tratamento apresenta. O limite

clínico do Maluco Beleza é pequeno, porque o projeto não é clínico. O grupo do Maluco Beleza é aberto, podendo o usuário entrar e sair em qualquer momento, justamente por não ser um grupo terapêutico. Tomemos como exemplo um grupo terapêutico dentro de um CAPS. Esse grupo tem a finalidade de conter terapêuticamente, clinicamente, diferentemente do grupo do Maluco Beleza, cuja finalidade é produzir um programa. A abordagem e a ação do terapêutico e do terapeutizante são diferentes. Citemos outro exemplo: um usuário pode chegar ao grupo do Maluco Beleza e dizer que é um cantor, mesmo que isso seja um delírio. Nesse grupo sua palavra terá validade e ele será convidado a cantar uma música no programa. O usuário vai, grava e nunca mais aparece. Vencido o seu delírio, o usuário percebe que nunca foi um cantor, que nem canta tão bem assim, e não volta ao Maluco Beleza. Mas, naquele momento de curta duração, o projeto pode ter sido importante para aquele usuário, que pôde se expressar – foi terapeutizante para ele.

A ação terapêutica baseia-se no diagnóstico, prevendo a eliminação dos sintomas. Por outro lado, o Projeto Maluco Beleza não prevê a eliminação dos sintomas, apesar de eles poderem até diminuir por meio da participação do usuário no projeto, mas isso nunca se sabe a priori. No projeto, só sabemos, a posteriori, se a comunicação funciona ou não para aquele usuário, portanto é terapeutizante.

A ação terapêutica tem a ambição de que a prescrição funcione, ainda que tal não ocorra. Quando não funciona a prescrição terapêutica fala-se em fracasso; em caso positivo, em sucesso terapêutico. No projeto Maluco Beleza, não há como avaliar a participação do usuário como sucesso ou fracasso, pois não se ambiciona o efeito positivo advindo da participação do usuário. Podemos avaliar o Maluco Beleza pelos efeitos bons ou ruins que ele proporciona na vida do usuário participante. Se um resultado ruim ocorrer, causado pela participação do usuário no projeto, nem por isso será perseguido pelo Projeto Maluco Beleza. Quando esse resultado não é bom, o usuário sai, abandona o projeto e vai em busca de outros espaços que façam sentido para ele. A sua participação acaba ali, não há um acompanhamento pelo projeto, para investigar os motivos pelos quais levaram aquele usuário a não participar mais do projeto, ou ainda, para saber como poderia ser a abordagem que possibilitasse um bom resultado para aquele determinado usuário. Essa avaliação até é realizada pela equipe do Maluco Beleza, mas não de maneira clínica, pois o projeto conta exclusivamente com profissionais da área da comunicação. Isso é possível, porque o Maluco Beleza não é um projeto terapêutico. Não sendo terapêutico, não pode e não deve se comprometer com esse fim.

Os programas de rádio e todas as ações das quais ele se utiliza, seja o Ponto de Cultura, as oficinas de capacitação, a veiculação na Rádio Educativa, a Rádio online; sejam os eventos que produz ou de que participa, e até os passeios que realiza, são dispositivos de encontro para aumentar as redes de conexão dos participantes, de busca de novos sentidos de vida, de novas (re)significações para existência do usuário participante, de sua trajetória, despertado por meio do emprego da comunicação no contexto de reforma psiquiátrica. O objetivo da comunicação como dispositivo terapeutizante é produzir mais vida, mais redes de conexão, mais plasticidade das redes, transformando sua estética de viver.

Tomemos o caso-guia como exemplo novamente. A partir de sua participação no projeto Maluco Beleza abriram-se muitas outras redes de conexão em sua vida que ainda não estavam acionadas. Hoje essa participante tem uma plasticidade maior de conexões, pois transita pelo Ponto de Cultura, faz conexões com ouvintes da rádio on line, com os outros produtores da rádio online, com os entrevistados dos programas da Educativa e online, estabelece conexões com outras instituições que a chamam para palestras, faz conexões com os ouvintes de suas palestras, faz conexões com a militância do Movimento da Luta Antimanicomial, com o movimento cultural da cidade, com outras instituições de direitos humanos, com a mídia. Ela se torna um referencial de fonte para os veículos de comunicação, faz conexões com os colegas que estão em tratamento mental na instituição em que se encontra como também com usuários de outras instituições psiquiátricas, pois transita mais facilmente entre eles, tornando-se reconhecida pelo projeto de comunicação. Faz conexões com os profissionais da saúde mental, estabelece uma relação de amizade com muitos funcionários, instaurando, inclusive, uma conexão diferenciada com a própria médica psiquiatra, a qual possui o telefone celular e a considera uma amiga¹³.

O efeito terapeutizante não está restrito às medicinas, mas, sim, às relações, no modo como a vida se produz, nas opções ético-políticas do que a vida significa para nós. A vida deve produzir vida no processo das relações que se fazem no cotidiano, que vão dando sentido à trajetória das pessoas. Quanto maiores as redes de conexão, maior plasticidade e sentido de vida podemos possuir.

¹³ Estas e outras conexões serão desenvolvidas no capítulo “O caso-guia”.

3. O CASO-GUIA

Menina, bailarina, mágica, contorcionista, equilibrista, trágica. Uma palhaça, toda graça, a partner do show. Trapezista, lança-se com redes de proteção, voa a mulher, no globo da morte; com sorte a faca lançada não a atingirá, cospe fogo, dança pelos panos, acrobata,

malabarista, faz o puxa-puxa que o menino vende pela plateia. Quantas mulheres vivem na artista? De quantas personagens necessitará nosso caso-guia? Aqui começa nossa viagem. Pelas mãos de nosso caso, seguiremos em nosso trailer, o pesquisador, ela e a lona do circo em nossa bagagem, rumo à sua história de vida. Por suas mãos iniciaremos essa viagem.

A metodologia empregada nesta pesquisa é a cartográfica¹⁴. Por meio dela, destacaremos aspectos da vida do caso-guia, em diversos momentos de sua trajetória. Para a realização desta cartografia, ao todo foram realizadas doze entrevistas, que nos narrarão diversos aspectos da vida da participante escolhida para a pesquisa. Para aplicação metodológica, a história de vida da participante do projeto foi dividida em seis grandes grupos de assuntos, eixos temáticos (que aqui chamaremos de “paradas”), considerando aspectos importantes de sua trajetória, sob os quais realizaremos uma parada em nossa viagem de trailer, para armar a lona do circo que carregaremos conosco e trazermos para o picadeiro o tema a que queremos dar visibilidade. Nossa cartografia terá estética de uma trupe mambembe.

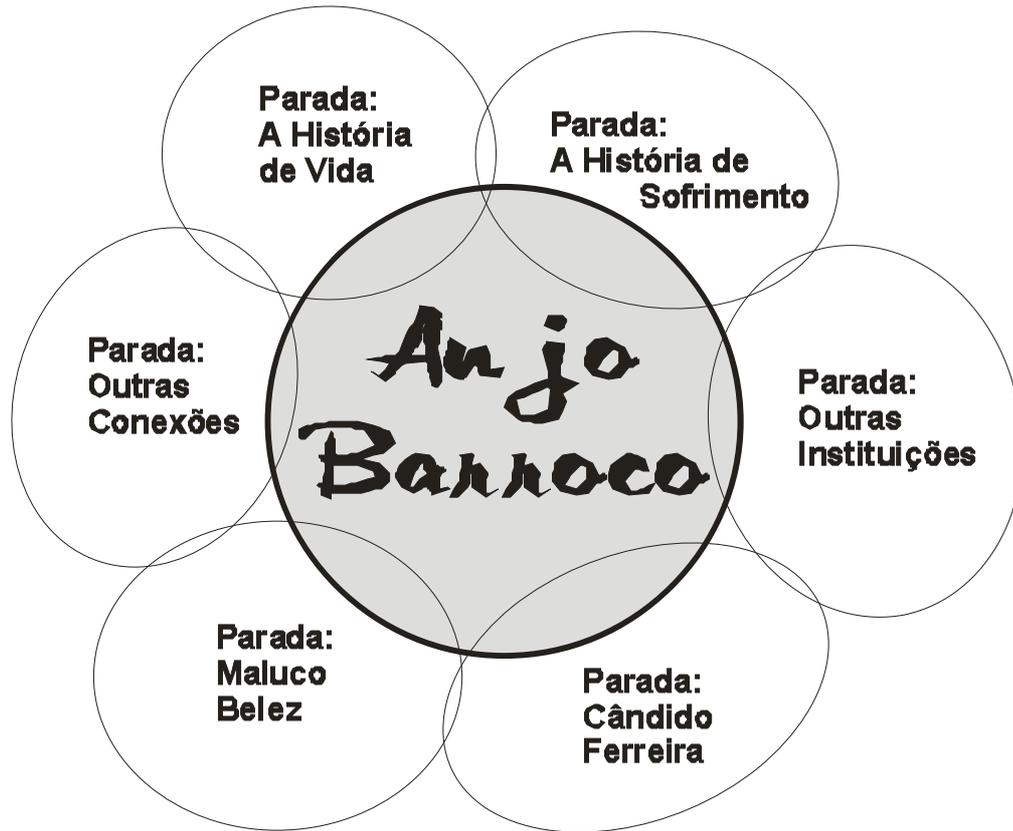
Os seis agrupamentos da trajetória de vida do caso-guia estabelecerão as paradas da trupe. Cada eixo temático é singular em relação ao outro, pois possui temporalidade, singularidade e dinâmica próprias. Os eixos foram divididos desta forma:

- Parada: A História de Vida¹⁵;
- Parada: A História do Sofrimento;
- Parada: Outras Instituições;
- Parada: Cândido Ferreira;
- Parada: Maluco Beleza;
- Parada: Outras Conexões.

Figura 1 - Mapa de eixos temáticos - paradas

¹⁴ Mais informações podem ser encontradas no capítulo Metodologia.

¹⁵ Todas as Paradas serão detalhadas e desenvolvidas na sequência deste capítulo, revelando seus significados.



Apesar de cada parada possuir temporalidade, singularidade e dinâmica próprias, ressaltamos que os eixos se transversalizam, pois não são retos, ou estanques em relação aos outros eixos, ao contrário, um interfere no outro, são oblíquos, aparecendo por vezes, o mesmo tema de uma outra forma em eixos diferentes, com outra linha de significação, numa outra rede de conexão. A transversalidade não é matriz, mas, sim, produção e fluxo, a partir do momento em que um evento interfere no outro. Por exemplo: a morte da mãe interfere na saúde mental do usuário. O tema “mãe” está localizado dentro do eixo “A história de vida”, mas esse acontecimento interfere diretamente no tema “saúde mental”, localizado no eixo “A história do sofrimento”. Um mesmo acontecimento pode provocar interferências em vários eixos temáticos. Os eixos mesclam-se, pois as narrativas se entrecruzam na metodologia cartográfica.

Outro aspecto que se observa são alguns eixos ordenadores da vida de nosso caso. Temas como família, trabalho, amigos, a busca por um companheiro, a militância e a comunicação acompanham toda sua trajetória.

Os depoentes tiveram os nomes trocados, para preservação do sigilo quanto à identidade de cada um, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (de acordo com item IV, da Resolução no. 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, sobre Pesquisa

envolvendo seres humanos). Além disso, não apresentaremos as entrevistas na íntegra, conforme compromisso assumido no referido termo, ou seja, o de destruirmos as gravações após a utilização dos depoimentos para a metodologia da pesquisa.

Aqui, denominaremos nosso caso-guia de Anjo Barroco. Esse nome tem razão de ser, surgiu ele no contexto de uma viagem proporcionada pelo projeto Maluco Beleza, durante o qual que participávamos do I Fórum Social Brasileiro, na capital mineira, quando visitamos as igrejas históricas de Ouro Preto, em Minas Gerais. Vendo as obras de Aleijadinho, identificamo-nos com seus anjos bochechudos. Ali, nascia mais uma característica de identificação do caso-guia com o pesquisador: para ela, éramos irmãos na obra do artista, pois possuíamos bochechas fartas, e por um longo período assim nos chamamos. Nesta pesquisa, retomo esse codinome para identificar o caso-guia, não pela religiosidade que pode parecer inerente, mas pelo fato da identidade por meio das bochechas entre pesquisador e pesquisada.

A escolha do Anjo Barroco como caso-guia deu-se depois de uma análise entre os participantes mais antigos do projeto, que levou em conta os seguintes aspectos:

- participante que estivesse desde o início do projeto;
- participante que mantivesse regularidade na participação do projeto, sem períodos de longas ausências;
- participante atuante, implicado no projeto;
- participante que tivesse se beneficiado por sua inserção no projeto, de acordo com seus depoimentos no decorrer das atividades do Maluco Beleza, demonstrando o estabelecimento de novas redes de conexão após essa participação;
- participante que melhor representasse os outros usuários do projeto.

Assim, chegamos a três participantes que poderiam nos guiar pela cartografia: Silas, Lair e Anjo Barroco. Silas, um senhor de 69 anos, que, após enfrentar 14 anos de internação numa instituição psiquiátrica, refez sua vida e, hoje, trabalha numa das oficinas de geração de renda do Núcleo de Oficinas e Trabalho (NOT), da Associação Cornélia Vlieg, pertencente ao Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. Silas seria um bom caso-guia, não fosse o fato de ele não ter acompanhado o início da implementação do projeto, começando suas atividades no projeto Maluco Beleza cerca de um ano depois. Além disso, a história de Silas revela, como principal atividade de seu tratamento mental, a sua participação na oficina de geração de renda, à qual muito se dedica. Dessa forma achamos melhor procurar por outro caso que nos guiasse.

Lair, de 34 anos, um rapaz totalmente atuante e envolvido com as causas da Luta Antimanicomial. Atua no projeto desde sua criação e atribui a sua participação no projeto

Maluco Beleza como um dos fatores que interferem no fato de ele nunca mais ter tido crise. Isso associado ao uso de um medicamento de alto custo, fornecido pelo hospital da Unicamp. O benefício e as redes de conexões por ele estabelecidas o fariam um excelente caso-guia, porém a fonte se tornou inacessível, na medida em que ela se tornou complexa, do ponto de vista institucional, por Lair realizar seu tratamento na rede municipal de saúde e a autorização da comissão ética institucional ter sido emitida pelo Cândido Ferreira. O burocrático processo de autorização ética exigida pela prefeitura tornou-se um impeditivo.

Anjo Barroco, de 45 anos, também atendia os critérios estabelecidos e, além disso, havia sido contratada pelo “projeto parceria¹⁶” para ser uma das monitoras e recepcionistas do Ponto de Cultura Maluco Beleza. Ainda: Anjo Barroco também havia se beneficiado do ponto de vista da diminuição de crises e sua participação no projeto havia ressignificado vários aspectos de sua vida. A autorização da comissão de ética médica do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira (SSCF) deu parecer favorável e sua irmã, a familiar cuidadora mais próxima, aceitou a realização da pesquisa. Dessa forma, estava escolhido o nosso caso-guia.

A próxima etapa foi a seleção dos depoentes que comporiam as narrativas do caso, tendo em vista os seis eixos temáticos que realizaríamos. O acesso às fontes foi se estabelecendo; das 20 fontes inicialmente pensadas, chegamos a 12 efetivamente realizadas. O acesso às fontes levou em consideração as restrições que nosso caso e sua irmã fizeram a alguns familiares, os quais poderiam implicar complicações dos arranjos familiares atualmente conformados. Além disso, outras fontes procuradas tornaram-se inacessíveis, ou ainda, desnecessárias, conforme o conteúdo das entrevistas foi sendo captado. Ao todo, foram realizadas aproximadamente 10 horas e meia de gravação de depoimentos, que resultaram em 100 páginas de transcrição. Assim, os 12 depoentes tornaram-se fontes fundamentais na elaboração da cartografia. Para uma melhor identificação dos depoentes, segue a apresentação do codinome de cada um deles e sua principal relação com o caso-guia:

- **Anjo Barroco:** caso-guia a ser apresentado;
- **Beta:** irmã e cuidadora, com quem ela reside;
- **Ale:** funcionário e amigo, com quem o caso tem uma relação bastante próxima;
- **Luir:** usuário e amigo de longa data, com quem participa do Movimento da Luta Antimanicomial e do projeto Maluco Beleza;

¹⁶ O projeto parceria é uma das frentes das Oficinas de Trabalho e geração de renda do Núcleo de Oficinas e Trabalho da Associação Cornélia Vlieg, que funciona em parceria com o Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. Essa parceira permite ao usuário a inserção num dos núcleos de trabalho formal da instituição, recebendo a bolsa trabalho através do projeto parceria.

- **Silas:** usuário e amigo, com quem participa nas oficinas profissionalizantes da instituição e do projeto Maluco Beleza;
- **Sandra:** médica psiquiatra do Cândido Ferreira, responsável pelo tratamento do caso-guia;
- **Juma:** funcionária do Núcleo de Oficinas e Trabalho (NOT), com quem trabalhou bastante próxima e acabou se tornando uma amiga;
- **Carola:** funcionária do Ponto de Cultura Maluco Beleza;
- **Lays:** funcionária do Ponto de Cultura Maluco Beleza;
- **Clélia:** gerente do Núcleo de Oficinas e Trabalho (NOT), onde ela está inserida;
- **Oton:** médico psiquiatra e superintendente do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira (SSCF), também responsável pelo tratamento alternativo complementar de acupuntura;
- **Tereza:** presidenta do Conselho Diretor do SSCF, no qual se trata o caso-guia.

Não só os nomes das instituições de saúde em que nosso caso passou antes de sua chegada ao Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira foram substituídos por codinomes, como também os nomes de pessoas citadas no decorrer das recordações. Foram mantidos os nomes reais somente do SSCF, da Associação Cornélia Vlieg, incluindo os serviços e setores dessas duas instituições, e da Rádio Educativa FM, além das autoridades citadas nos depoimentos.

Apesar de as fontes terem sido pensadas a partir dos eixos temáticos, na prática foi percebido que nas narrativas extravasaram o próprio eixo. As fontes múltiplas escritas/registradas ou narradas/orais, vieram dos testemunhais realizados pelos depoentes, além do testemunhal autoreferido, do caso-guia, que generosamente nos concedeu uma entrevista de quatro horas, quando passou a limpo sua trajetória de vida. A forma de olhar para a construção do caso é o que faz com que seja cartográfica, e como pudemos ver, no capítulo Metodologia, somos inspirados pela obra de Suely Rolnik, *Cartografia Sentimental*, não como único referencial, mas como referencial inspirador da forma de cartografar¹⁷.

O cruzamento dos dados virá dos depoimentos, de consultas no Prontuário Terapêutico Individual (PTI), além de outros documentos fornecidos pelo caso-guia, como Carteira Profissional, RG e Termo de Curatela. O prontuário de nosso caso foi consultado, porém não se mostrou uma fonte rica de informações. Como é comum à maioria dos usuários da saúde mental, o prontuário de Anjo Barroco também se revelou uma narrativa de omissão. Todos esses documentos escritos, registrados, foram consultados para a construção da pesquisa, porém não são apresentados como anexo, para preservação do sigilo da fonte. A

¹⁷ Maiores detalhamentos da cartografia sentimental podem ser encontrados no capítulo Metodologia.

soma dos depoimentos e dos registros escritos, é que validará as narrativas apresentadas. A validação das narrativas realiza-se no outro, que corrobora, reitera a narrativa autorreferida. Além disso, a validação busca confirmar os dados da documentação escrita. Narrativas, somadas aos documentos, confirmam as narrativas, porém, se todas as narrativas confirmam a veracidade do fato, aumenta a veracidade do que foi narrado, mesmo que não haja documento.

Outro mapa disponível para o leitor é a linha do tempo do caso-guia, que o guiará sobre as narrativas. Na cartografia, muitas vezes a ordenação cronológica cede espaço para uma ordenação mais lógica da narrativa. Apesar disso, é importante ter essa mapa que mostre a linha do tempo, para que o leitor se situe durante a cartografia, como se fosse uma espécie de GPS localizador.

Quadro 1 - Mapa de orientação cronológica

Nascimento	1ª. mudança	Início dos estudos	Inserção no	Descoberta do	1ª. internação	2ª. internação
------------	----------------	-----------------------	----------------	------------------	-------------------	-------------------

	para Campinas		mercado de trabalho	sofrimento mental	em Hospital Psiquiátrico	em Hospital Psiquiátrico
06/03/1965	1970	1971	1986	1987	1987	1989
Na cidade de Poços de Caldas		Na cidade de Campinas	Na cidade de Campinas	Com 22 anos de idade	Na cidade de Itapira	Na cidade de Itapira

Morte do irmão Félicio	Muda para a casa da amiga Rose	Retorna para a cidade de Itamogi, MG	2ª. internação em Hospital Psiquiátrico	Falecimento dos pais	Começa a morar com sua irmã Beta
1996	1996	1998	1998	1999	1999
Na cidade de Campinas.	Na cidade de Campinas	Vai cuidar dos pais idosos	Na cidade de Passos, MG		Retorno para Campinas

Chega ao SSCF	Internação na ala psiquiátrica da PAT	Início de sua participação no projeto Maluco Beleza	Eleita uma das representantes do Conselho Diretor do SSCF	Interdição Judicial	Começa a trabalhar no Ponto de Cultura
1999	1999	2002	2002	2005	2010
Na cidade de Campinas	Na cidade de Campinas	Começa a participar do MB	Ficou na função até o ano de 2009	Curatela pela irmã Beta	Na função de receptionista e monitora

3.1. PARADA: A HISTÓRIA DE VIDA

“Será que é loucura

Será que é cenário

A casa da atriz”

(Hollanda & Lobo In Hollanda, 2006 : 326)

3.1.1. Família

A primeira parada de nossa trupe traz para o picadeiro a história de vida de nosso caso-guia. A personagem circense da equilibrista foi escolhida para este eixo, pois ela vai seguindo por um fio; quando cai, levanta-se e recomeça, como deve ser a formação de um bom equilibrista, repleta de muitos treinos, muitos ensaios, para chegar ao equilíbrio desejado para a hora do espetáculo.

Nascida no sul de Minas Gerais, na cidade de Poços de Caldas, Anjo Barroco foi abandonada quando criança debaixo de um banco da Igreja Nossa Senhora da Saúde, matriz daquela cidade. O assunto foi noticiado pela emissora da rádio local. Começava aí a relação do nosso caso-guia com a mídia. A notícia atraiu grande número de pessoas querendo adotá-la.

(...) Eu fui encontrada, achada em Poços de Caldas, mas a minha documentação também me fala que é outra cidade, que é Caldas. Porque quando eu fui encontrada, no cartório lá de Minas, lá de Poços de Caldas, tinha uma proibição para o meu registro ser feito lá. Então, como meu pai era amigo do dono do cartório, ele pediu para que fosse para outra cidade e me registrasse como filha legítima de Luti e Mara. E aí foi meu irmão Luca que foi até Caldas e me registrou como se eu tivesse nascida em Pocinhos do Rio Verde, que é uma cidade menor e tudo. E aí como nascida em Pocinhos do Rio Verde, mas ficou como Caldas mesmo, e em seis de abril de 1965. Quando meus pais me adotaram, eu tinha o cordão umbilical ainda. Então, um médico calculou a idade, mais ou menos, como 6 de março. E aí eu fui registrada em 12, acho, de abril. Essa coisa da história da adoção, eu fiquei sabendo só bem mais tarde. A minha mãe já tinha essa minha irmã, Beta, com quem eu moro, que eu chamo de Be, com onze anos de idade. Ela que era a caçulinha da minha mãe. E ela não queria mais filhos, ela não queria adotar, porque, na época, meu pai bebia um pouco ainda e tal. Então, ela não queria mais trabalho porque ela já tinha uma certa idade, e não queria ter mais criança. Mas ela foi passear... Essa história que eu estou contando é a que a minha mãe me contou. Ela foi passear para visitar uma amiga que tinha tido neném e ela ficou sabendo de uma criança que foi achada lá na igreja de Poços de Caldas. Ela pegou e falou assim: Ah, dona Mara, a senhora sabe da criança que foi achada? Eu só não adoto porque eu acabei de ser mãe agora. E aí meu pai já ficou todo aceso e já levou a notícia para casa e meus irmãos, e todo mundo já ficou querendo, querendo, querendo. A minha mãe era a que menos queria.

(...) embaixo do banco tinha alguma coisa, e essa alguma coisa era eu, que estava enroladinha debaixo do banco. E aí dizem que eu comecei a chorar e eu parei a missa. Aí o padre teve que mandar a empregada da casa paroquial me levar para o hospital das irmãs lá de Poços de Caldas. (...) E aí eu fiquei lá e todo mundo da cidade ficou sabendo. A radialista... Eu acho que foi documentado isso, parece que isso foi falado e tudo. Uma cidade, há quarenta e cinco anos atrás, era menor ainda. Foi por isso que se ficou sabendo dessa notícia. Aí minha mãe foi no juizado para saber. Quando a minha mãe contou para mim essa história, ela falou assim, que existiam muitas pessoas lá de dinheiro. Tinha até... porque professor, naquela época, era gente de dinheiro. Gente que teria posses. E o juiz entrevistou casal por casal, pessoa por pessoa. Só que ele falou assim: ele saiu da sala, demorou, demorou. A minha mãe já estava desistindo, queria ir embora. Meu irmão que foi junto com ela, na época, ele tinha dezessete anos, o Luca, ele falou: não, vamos aguardar. Aí ela voltou. E o juiz mandou todo mundo sair da sala e só pediu para a minha mãe e o meu irmão ficarem na sala. (...) E quando ele foi conversar com ela, falou assim: Eu quero entregar essa criança para ser criada como filha, não como empregada doméstica ou como babá. Porque esse que era o medo do juiz, que se adotasse uma criança e que virasse isso depois. Como eu estava no hospital lá, foi essa a decisão do juiz. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 1 e 2)

Desde bebezinho, Anjo Barroco contou sempre com a solidariedade das pessoas, do destino, ou de deus. O fato é que sua adoção foi realizada pela família em questão.

A minha mãe foi até o hospital para me retirar. Eu acho que ele deve ter dado algum documento, e ela foi me retirar lá do hospital. Aí as irmãs católicas lá do hospital não deixaram eu sair do hospital, porque eu não poderia sair com a roupinha do hospital. Teria que levar uma roupa para trocar a criança. Aí minha mãe voltou lá onde ela morava e falou para as vizinhas que ela tinha ganhado a criança, que era eu, com as vizinhas que tinham crianças, bebezinhos pequenos, diz que choveu de roupas, assim. Ela pegou as mais bonitinhas e voltou lá e pegou e falou: Eu tenho tanta roupa que eu posso doar para esse hospital aqui. E aí ela pegou, me retirou e me levou para casa. Até então não tinha o meu registro, a minha Certidão de Nascimento oficial. E daí quando o meu pai foi até o cartório para registrar lá em Poços de Caldas mesmo, ele ficou sabendo pelo escrivão lá que teria que ter, assim, um período de uns trinta dias, que teria que esperar para ver se a mãe genética não reclamava a criança ou não aparecia. Mas como o meu pai era um homem muito conhecido, e ele conhecia o meu pai, ele falou: Olha, se eu fosse o senhor (...) eu ia para outra cidade e registrava como filha legítima etc e tal. E foi o que foi feito. Meu irmão foi para outra cidade e me registrou como filha legítima. Ele foi o declarante do meu registro como filha dos meus pais. E aí foi o que foi feito. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 1 e 2)

Beta, a irmã com quem Anjo Barroco reside atualmente, declarou que se encantou com o bebê desde que o viu na maternidade. Foi uma adoção desejada e o casal teve que lutar para conseguir.

(...) foi uma adoção muito bem vinda, todos nós queríamos. Quer dizer, os que eram solteiros, dois irmãos solteiros e eu. A minha irmã que era a mais velha, que era casada, morava já aqui em Campinas. E surgiu uma conversa das comadres lá que tinha uma criança para ser adotada. E eu tinha onze anos, eu era a filha caçula do meu pai e da minha mãe. E a minha mãe ficou interessada em saber quem era essa criança, ficou curiosa e foi procurar saber. E eu, como era pequena, sempre ia junto. E aí a hora que eu vi aquele bebezinho pequeno na maternidade lá, que estava para adoção, então já foi assim, a hora em que vi aquela menininha pequenininha, bonitinha, gordinha, ela sempre foi gordinha, eu já me apaixonei. E falei: Mãe, leva para casa, mãe, pega, mãe, leva. Eu não tinha noção que tinha que passar por vários processos burocráticos, não é? Para mim, já podia pegar e já levar. E aí minha mãe deu o nome deles numa lista que tinha para adoção. Tinham mais de trinta casais querendo adotar Anjo Barroco.

(...) Poços de Caldas era pequena. Na época, todo mundo se conhecia. E na volta de Poços de Caldas existem muitas fazendas, sítios, pessoas com poder aquisitivo melhor. Gente mais de condições financeiras melhor. E das famílias que estavam inscritas lá, os mais pobres eram meu pai e minha mãe. Mas esses casais que estavam inscritos, todos queriam adotar essa criança. E eu não entendia isso, eu achava que tinha que levar para casa. Eu tinha visto ela, tinha gostado e tinha que levar. E aí foi um processo demorado. Não foi rápido, não, foi bem demorado. O juiz de menor, na época, foi investigar as famílias que estavam interessadas em adotar essa criança. Foram investigar

família por família. Inclusive, foram investigar meu pai, minha mãe, como era a vida deles. Todos. Então demorou esse processo. E um certo dia, ele marcou para todos os casais estarem lá no fórum, e eu junto, sempre junto. (...) E aí chegando lá, estavam todos os casais lá, e o juiz pediu que ficassem sentados e aguardassem, a dona Mara e o senhor Luti, o resto das outras pessoas que podiam se retirar. E o juiz já tinha escolhido quem seria o pai e mãe de Anjo Barroco, da criança, na época. O nome foi a gente que escolheu. E aí foi se levantando e saindo todo mundo, tinham pessoas que ficaram até, nossa, por quê? A gente tem condições. Tinha casal que não tinha nenhum filho, não ia poder ter filho, a mulher tinha problema de saúde não podia ter filho. E casais de fazendeiros com posse muito grande. A gente brinca com ela hoje, porque ela teve a chance de estar numa família rica e nós tiramos isso dela, não é? Então a gente dá risada, brinca com ela, porque ela podia estar numa família rica e foi cair bem nas mãos de uma família pobre. Então a gente brinca com ela sobre isso. E aí ficamos sentados lá, eu, a minha mãe, esse meu irmão e o meu pai trabalhando. O meu pai era mecânico de uma empresa grande lá em Poços de Caldas, ele não podia estar ali naquele horário. E aí o juiz falou: Dona Mara, a senhora ganhou a guarda da criança. A senhora ganhou, a senhora pode passar já no cartório, escolher o nome e registrar. E eu puxava o vestido da minha mãe e falava: Mãe, o que ele está falando? E a minha mãe: Não, nós vamos buscar o neném. é nosso, nós vamos buscar, e dando atenção para o juiz, não é? A senhora pode ir lá e pegar a criança, a criança é da senhora. A senhora foi escolhida, a guarda... Já pode passar no cartório e registrar. E aí a gente já foi direto do fórum buscar. Nós fomos direto para o hospital buscar na maternidade de freiras. E aí chegando lá, a freira viu o papel, viu que a minha mãe tinha conseguido a adoção de Anjo Barroco e falou: Ah, mas a senhora não vai poder levar o neném agora. E aí eu ouvi isso e já comecei a chorar, gritar, chorar lá dentro e falei: Não, é nosso, me dá aí, me dá o neném. E aí minha mãe falou: Por que a senhora não quer deixar levar? Ela falou: O hospital é muito pobre e a gente tem pouca roupa. E se a senhora levar o neném com essa roupa que é do hospital, vai fazer falta para outra criança. E aí minha mãe falou: Não tem problema. A guarda do neném é minha, ela é minha filha e eu vou na minha casa e em meia hora eu volto com a roupa para vir buscar ela. E aí eu chorei, chorando de novo, porque eu não tinha conseguido pegar ela ainda. E aí minha mãe chegou lá e os vizinhos já estavam todos na rua. Porque na rua todo mundo sabia que a minha mãe estava... Era uma dos casais que queriam adotar essa criança. Então, a rua todinha estava na porta da casa da minha mãe esperando o resultado se tinha conseguido ou não. E aí minha mãe falou: Gente, eu consegui a guarda do neném, só que eu não trouxe, porque a freira não deixou. Não podia trazer porque não tinha roupinha para trazer. E aí, na hora, foi um espanto tão grande, Régis, que... Não, vamos lá buscar então. Tanta gente foi buscar, uma foi para lá, outra foi para lá. Foi uma correria total na rua. Mas ela ganhou tanta coisa, tanta roupa que não tinha nem onde guardar. Desde berço, carrinho, tudo. Tudo ela ganhou, muita roupa. Se foi por falta de roupa... Minha mãe fez doação para o hospital, para a Santa Casa, de tanta roupa que nem ia usar. E aí foi buscar Anjo Barroco, foi uma festa na rua. Até no outro dia tinha gente para conhecer o bebê. (...) era recém nascida. Ela passou pelo pediatra e tudo, o pediatra calculou mais ou menos, quinze dias de vida ela tinha. Entre ela ter sido abandonada e o processo de adoção de quinze a vinte dias, ela tinha. Então, aí aquele pessoal todo querendo conhecer, muita gente e aí eu já comecei ficar enciumada, porque eu não queria que ficasse ninguém em casa. E foi assim, ela foi recebida com muito carinho, com muito carinho. Ela foi muito mimada, foi muito bem recebida. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 40-41)

Para Beta, o motivo pelo qual o juiz optou conceder a doação para um casal com menos posses que os outros casais que também desejavam adotar o bebê, deu-se pelo caminho do afeto, pelo juiz ter percebido que na sua família aquela criança teria condições de se desenvolver e ser criada como filha.

(...) Ele fez isso porque ele viu o amor que a gente tinha, o carinho. Por ele ter visto o amor que a minha mãe e o meu pai deram para nós, para os cinco filhos deles. E por mais simples que a gente era, a gente era uma família unida, eu, meus irmãos e o amor que meus pais tinham por nós. O juiz investigou tudo isso. E ele viu que essa criança ia para um lar, ia ser muito bem recebida, ia ser muito paparicada, ia ser recebida com amor, com carinho mesmo, amor verdadeiro. E foi isso que aconteceu com Anjo Barroco, foi isso que aconteceu quando ela chegou, ela foi recebida com muito amor. E foi isso que o juiz viu. Hoje, eu percebo que é isso que ele viu em nossa família. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 41)

Foi muito paparicada assim, na família, não é? Foi muito querida pela família, porque ela foi a última que chegou numa família de cinco filhos. Ela foi a última, então os mais velhos... Eu tinha onze anos e sempre gostei de criança, e para mim era uma boneca que eu podia brincar. Então ela sempre foi muito bem... Ela foi muito bem recebida, era o bibelô da casa. Então ela foi muito querida por todos da família. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 39)

Anjo Barroco não foi a primeira a ser adotada pela família. A experiência já havia sido vivenciada com a adoção de uma outra menina de aproximadamente 10 anos, que depois de uns anos vivendo com a família de Anjo Barroco, a mãe quis a criança de volta. Por conta dessa experiência mal sucedida, desta vez a família se apressou em regularizar a adoção. O bebê era cuidado por toda a família, inclusive pelos irmãos, que se revezavam.

(...) eu era muito admirada, assim, porque meu pai comprava carrinho vermelho para eu passear. Eu tinha brinquinhos de ouro, eu tinha pulseirinha. Meus pais, eles frequentavam, na época, a Igreja Evangélica Congregação Cristã, e aí me levavam junto na igreja. Eu não tenho mais essas fotos, porque sumiu, mas eu também me lembro de umas fotos com quatro anos, mais ou menos, de idade, de binoclinho, que falavam antigamente, de mim com uma arara no braço. Porque tinha um parque lá em Poços, e meu pai e minha mãe, meu pai de terno e eu vestidinha, de mini saía assim. Então, eu fui uma criança que fui criada com muito carinho. E uma frase que minha mãe falava sempre é que mãe é aquela que cria, não aquela que dá à luz. Ela sempre falava essa frase assim, para dizer que aquela que cria, não que dá à luz, assim... Que eu fui gerada pelo coração. Na verdade, o que ela queria dizer é isso. Eu fui gerada pelo coração. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 3)

Atualmente surgiu a desconfiança de que Anjo Barroco seja filha legítima de seu irmão. Muitas probabilidades foram surgindo na família, mas nosso caso-guia não quer

investigar essa possibilidade, por dois motivos: primeiro, temer que o fato desencadeie um desequilíbrio em sua saúde mental; segundo, por ela estar satisfeita com a história da adoção como lhe foi apresentada.

O Luca, que mora em Minas, em Itamogi, onde meus pais estão enterrados. Ele esteve recentemente aqui em Campinas, na casa da filha dele, ele esteve aqui em casa passeando. Eu tenho uma amizade assim, meio que distante. Ele vem, procura saber, tudo. Mas há pouco tempo atrás, houve assim... Falaram que talvez ele poderia ser meu pai, uma conversa assim, que talvez, de repente, os meus pais, que eu penso que são meus pais, na verdade, são meus avós, sabe? Essa conversa fez mais mal para a Beta, que é a minha irmã, que na época tinha onze anos, quando eu fui adotada, e hoje tem cinquenta e seis, fez mais mal para ela, que ela teve até que falar com a doutora Sandra [médica referência] por telefone, do que para mim, realmente. E ela falou assim: Eu não quero mexer com essa história, saber se é verdade, se não é. E esse dia que ele esteve em casa, ela combinou comigo, a gente andou dando umas cutucadas para ver se a gente descobria alguma coisa. Ele nem falou muito. Não, por que você não está satisfeita com a sua família? Ela não falou diretamente essa história, porque foi a própria filha dele que falou isso com a minha irmã. Que eu seria irmã dela, e filha do pai dela. Você não percebeu tia Beta? É, Anjo Barroco é filha do meu pai sim. Olha a arcada dentária dela como é igual à minha arcada dentária, percebe isso, percebe aquilo. Eu sei que o meu irmão tem, a história que eu lembro, o meu outro irmão sempre falava, uma filha de solteira. O meu irmão tem idade para ser meu pai. Se ele tem sessenta e poucos anos hoje, ele teria dezessete na época. Um rapaz com dezessete anos pode ser pai. De repente, não daria certo o casamento com a moça... Vamos supor eu isso fosse uma verdade: Não daria certo com a mãe da minha mãe, por exemplo, e ele entregou para os pais criarem. Ou a minha mãe e o meu pai resolveram criar. E essa história que eu acabei de falar, de achar isso e aquilo outro, é tudo uma invenção... Mas isso então é um segredo assim de... Sabe, que o meu pai e a minha mãe levaram para o túmulo, e quem sabe não conta a verdade. Não sei. Ao mesmo tempo, eu tenho, às vezes, curiosidade de saber, mas eu acho que teria que ser feito tipo um DNA, uma coisa assim, para poder saber. E, ao mesmo tempo, eu não quero saber não, sabe? Eu não quero saber não porque, sei lá, eu acho que pode mexer muito comigo ainda isso daí, não tem muita... Sei lá. E eu acho que se foi isso, ele deixou dentro da família mesmo, ele não me jogou para outra pessoa. Só que eu acho que ele poderia também ter ajudado financeiramente mais. Aí você começa a juntar peças, você começa a montar certos quebra-cabeças. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 12-13)

(...) Então essa coisa do meu irmão, eu lembro quando eu fiquei doente da primeira crise e tudo, ele chegou em casa antes de eu ser internada, eu estava com o pescoço duro por causas do haldol, rígido assim, ele pegou: Vamos dar uma volta. Me pegou, não sei por que ele fez isso, mas saiu comigo, me levou num apartamento ali no apartamento... É assim, meu irmão sempre foi de muitas mulheres. E ele tinha um caso com uma senhora assim, e tal. Aí ele tinha o apartamento dessa senhora, ele me levou nesse apartamento na Benjamim Constant, e ele falou assim, coisas antigas: O que você achava se você tivesse um apartamento e morasse no centro da cidade? Eu falei: eu acharia bom. E depois me trouxe para casa de novo. Algumas coisas assim. Então eu não sei se realmente eu queria saber a verdade mesmo ou não

queria. A minha irmã quer muito mais do que eu. A minha irmã não quer que ele chegue no leito de morte e conte, fale: Sou seu pai. Então é uma coisa que eu quero trabalhar e pensar um pouco mais ainda. Ele distante assim, está bom. Ele lá em Itamogi, e eu aqui está bom. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 15)

Entre as memórias que traz da sua infância, ela atribui a cura do alcoolismo do pai à sua adoção, que o fez tomar maior consciência sobre sua qualidade de vida, caso quisesse acompanhar o crescimento da filha.

E a questão da bebida alcoólica com o meu pai, ele... Eu me lembro que ele teve um ataque epilético, eu tinha mais ou menos uns quatro para cinco anos, e eu cheguei perto da cama, acho que o médico tinha ido em casa, e o médico falou: olha, se o senhor não parar de beber e fumar, o senhor não vai ver essa criança crescer. E foi aí que o meu pai parou de beber. E aí por causa de mim... O meu pai nunca foi internado, esse tipo de coisa, nada. Ele não parou com o cigarro, mas ele pegou e parou, ele parou de beber por causa desse incentivo que ele teve. Porque se ele não parasse de beber, ele não ia me ver crescer, ele ia morrer se ele continuasse daquele jeito. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 3)

3.1.2. Mudança para Campinas

A família possuía dois dos filhos morando na cidade de Campinas, interior de São Paulo. Aos dezesseis anos de idade, sua irmã Beta casou-se, mudando-se também para lá. Esses foram os principais motivos que levaram seus pais, mais um irmão solteiro e Anjo Barroco a se mudarem para a cidade do interior paulista, no ano de 1970. Ali a família começava a vida do zero, numa dura tentativa de se estabelecerem com dignidade. As dificuldades enfrentadas não diminuíram em nada o encanto da infância de nosso caso, que declarou em relação a essa época: “Eu sempre fui feliz”. Anjo Barroco já havia iniciado sua vida escolar numa creche em Poços de Caldas, e, em 1971, começou sua alfabetização na cidade de Campinas.

Na adolescência estudou na melhor escola pública da cidade, era aluna dedicada. Nessa fase de vida começam as primeiras saídas para as discotecas e muitos bailinhos realizados na garagem das casas dos vizinhos, um costume na época.

Na juventude, participava de uma turma que se envolvia com drogas. Por não possuir desejo de consumi-las, logo recebeu o apelido de Anjo Love, Anjo Careta. Mas, apesar disso, ela convivia bem com esse grupo. Dessa época, ficou a experiência de ter experimentado lance perfume num baile de carnaval.

Por volta dos vinte anos, terminou o ginásio e começou a trabalhar, deixando de lado os estudos. Após essa pausa, voltou a estudar no período noturno, no curso de magistério, do qual acabou desistindo, após perder uma prova de química e ser reprovada num dos semestres. A partir daí dedicou-se ao trabalho. Trabalhou como recepcionista, num grande hospital de Campinas; como secretária, numa gráfica; foi vendedora de TV a cabo.

Apesar de ser uma família pobre, simples, humilde, vivíamos com muitas dificuldades financeiras, mas meu pai sempre foi muito trabalhador, uma pessoa muito digna, direita. Minha mãe criou a gente muito bem, educou muito bem, como educou muito bem Anjo Barroco. Anjo Barroco é uma pessoa muito bem educada. Então a gente, por mais simples que a gente foi, a gente teve uma boa educação. E, assim, o nível de escolaridade o máximo que os meus pais puderam dar para nós. Anjo Barroco estudou um pouco mais que os próprios filhos mesmo. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 40)

Anjo voltou a estudar e foi cursar o colegial. Nessa fase, como ela mesma define, surgem os primeiros sintomas do seu sofrimento¹⁸. Amigos do trabalho e da escola a incentivaram ao consumo do álcool. Suas saídas à noite se tornaram mais frequentes para as casas noturnas.

Ela teve sua primeira internação num hospital psiquiátrico, na cidade de Itapira¹⁹, no ano de 1987. Após essa primeira crise, voltou ao convívio familiar, onde cuidou dos pais já com idade avançada e do irmão que sofria com problemas de alcoolismo, e que veio a falecer no ano de 1996.

(...) o Felício também faleceu, em 1996, ele tinha um problema de alcoolismo, ele teve cirrose num ano, e teve cirrose no ano seguinte, e o médico falou que se ele voltasse a beber ele morreria, e ele morreu. Mas eu tive assim, todos os cuidados fui eu que dei para ele. Até na morte assim, fui eu que dei. (...) Eu ajudei meu irmão até onde eu pude. (...) Um dia antes do meu irmão ter alta, o meu pai teve derrame, teve AVC, subiu a pressão, teve derrame porque o filho estava internado e ele não tinha ido visitar. Então, dessa vez eu falei não. Imagina, eu com o meu irmão sem sair do hospital, meu pai com AVC, e tudo, o jeito que eu fiquei. Porque teve um período da minha vida que eu parei de trabalhar para cuidar de dois idosos e um doente, nesse sentido. (...) Eu ajudei ele [Felício] até o último momento da vida dele. Inclusive, até dar a notícia para os meus pais que ele tinha morrido, fui eu que tive que dar. Porque aí montaram lá todo velório, e no outro dia vieram buscar eu, que já sabia. O médico também na hora que foi para morrer me chamou, e eu chamei a Beta, liguei para a Beta, eu falei: Vamos lá porque eu acho que a coisa não está muito boa, porque chamaram a gente. A Beta foi, tudo. Foi só a gente sair de perto dele... Porque foi uma amiga da Beta... Eu falei: A gente não pode ficar aqui, porque está prendendo o corpo dele aqui. Ele precisa descansar em paz. A gente saiu de perto dele, ele faleceu. Recebi o telefone que ele tinha falecido, fiquei em casa. Mas a minha mãe era esperta... Hum, Luca, está acontecendo alguma coisa. Está muito entra e sai

¹⁸ No item Parada A História do Sofrimento, esse episódio será desenvolvido com maior detalhamento.

¹⁹ No item Parada Outras Instituições, esse episódio será desenvolvido com maior detalhamento.

para cá, não sei o quê, e pega documento... A minha mãe era esperta. Quando foi no outro dia para levar os meus pais para visitar o meu irmão, no enterro, até então, eles pensavam que ele estava na PUC internado. Desculpe se eu falo um pouco desconexo, eu começo num assunto e vou para o outro. Eu sou assim mesmo. Aí a Beta falou assim: Eu não vou falar. Meu sobrinho dirigindo, o Adriano, filho do Luca. A tia fala. Aí eu falei: Mãe, nós vamos lá na PUC, mas tem na John Boynd Dunlop que está interditada, não sei o quê, não sei o quê, nós vamos ter que passar pelo Mário Gatti, assim, assim, assim. Porque quando meu pai teve derrame, eu tive que aprender a medir pressão. Eu sei medir pressão. Porque não tinha condição de ficar levando meu pai no posto todo dia. Teve um casal de enfermeiros que eu era vizinho que ia lá e media, e me ensinou. O meu irmão comprou aparelho de pressão, que tinha em casa, e eu aprendi. Então eu fazia controle de pressão. Tinha assim num armário todos os remédios da minha mãe, todos os remédios do meu pai. Eu administrava tudo isso daí. Fazia uma de enfermeira, entre aspas. Eu que fazia tudo isso daí. Aí eu falei: Gente, vamos, eu conto perto do Mario Gatti. Se começar a chorar, acontecer alguma coisa dentro desse carro, a gente para lá e vê o que é que dá. Mas eu estava com o aparelho e tudo. Aí eu peguei e contei que, na verdade, infelizmente, a gente estava indo era para o enterro, tal, tal, tal, aquela coisa toda. Para no Mario Gatti e vamos ver. Aí tinha que fazer ficha no Mario Gatti para atender, para ver uma pressão, eu falei: Vamos embora para o enterro, vamos ver o que é que vai dar lá. Aí chegamos lá, a pressão da minha mãe conseguiu ver, a do meu pai não teve nada, não teve como ver, mas já estava todo mundo lá, visitando e tudo. Eu não conseguia ficar perto do caixão. Eu queria ficar lá fora fumando (...). (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 13-14)

Após a crise, o quadro de sofrimento mental de Anjo Barroco estabilizou-se por uns três anos. Nesse período ela se encontrava com aproximadamente 32 a 35 anos de idade.

Teve época da minha vida que eu fazia tratamento no posto, no Vista Alegre, e tomava só Carmazepina, e passei vários períodos bem. Eu passei, sim. Teve época que sim. E aí essa época que eu cuidava dos meus pais, o meu irmão (...) esse irmão que está em Itamogi [o Luca], ele montou um bazar de roupas usadas e trazia, e aí eu negociava, tudo, essas roupas usadas. Ainda mantinha a casa assim, com compras, tudo. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 14)

Então, depois que ela sarou, sarou bem, voltou a trabalhar, continuou a sua vida normal, mas tomando os remédios, ela precisava tomar. E começou a vida dela e cuidou muito da minha mãe e do meu pai, do meu irmão. Esse meu irmão que viveu com eles, solteiro, ele era alcoólatra. E o meu pai se aposentou depois por problemas de saúde, recebia uma pensão muito pequena. E Anjo Barroco trabalhava, e Anjo Barroco ajudava muito em casa, muito, financeiro e ajudava a cuidar do meu irmão que bebia e trazia problema para dentro de casa com bebida, da saúde do meu pai. Depois, minha mãe ficou doente também, foi Anjo Barroco que cuidou da saúde da minha mãe, acompanhava em médico, no postinho. Acompanhava meu pai em médico, nos postinhos e tudo que precisava ir. Acompanhava meu irmão em médico, em internação. O meu irmão também passava por várias internações psiquiátricas por motivo de bebida. Sempre foi Anjo Barroco à frente. Eu, como eu disse, eu ajudava no financeiro. Mas eu trabalhava, os meus dias eram todos ocupados com horário de trabalho. Então, eu ajudava

em final de semana e financeiro. Mas quem cuidou dos velhinhos foi Anjo Barroco, quem tomou a frente da casa, foi Anjo Barroco. Então ela teve um certo período na vida dela que foi normal.

Mesmo depois da primeira crise, ela voltou ao normal. Mas por enfrentar essa situação, que ela enfrentou, eu achei que ela passou um bom período bem. Porque meu irmão dava muito trabalho, com a bebida, ele dava muito trabalho. Às vezes, eu saía de casa dez horas da noite, porque Anjo Barroco ligava, porque ele estava quebrando as coisas. E a gente ia lá e ajudava ela, chamava um táxi punha ele e levava para o hospital para internar. Então ele deu muito trabalho. E mesmo nesse período assim, eu achei que ela ficou um bom tempo, ela segurou bem. Ela segurou bem. E aí depois, veio outra crise nela, mas já não veio tão forte. E a minha mãe ainda conseguiu cuidar dela. Por mais que a minha mãe estivesse doente, a minha mãe ainda conseguiu cuidar. E aí depois, a minha mãe foi ficando doente, foi ficando doente, foi ficando doente. E aí meu irmão casado, o mais velho, aí resolveu tomar conta. E aí meu irmão levou, vendeu a casa deles aqui. Ai desculpa. Antes da minha mãe ir embora com meu irmão, voltar para Minas, esse meu irmão solteiro faleceu. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 44)

(...) Ela já trabalhou como recepcionista, como balconista. Ela já trabalhou na... Já trabalhou em empresas grandes já. E eu não sei se ela concluiu ou se ia concluir o magistério. Mas eu acho que ela não chegou a concluir o magistério. Ela gostaria de ter feito. Agora ela está mais para a área de comunicação, mesmo, ela achou que ela gosta mais. Talentos para coisas fora de casa, ela tem, sim. Ela tem o talento, sim, de comunicação, de falar, de se comunicar, ela é bem... Ela é pessoal mesmo, assim, de conversar com as pessoas. Para serviço de casa, não é não, viu? Ela é bem devagar... Ela não gosta muito não... Não é muito talentosa não. Ela faz. Se precisar fazer um serviço de casa, ela faz. Cozinhar, ela faz, para ela, assim... Para o gasto dela, ela faz. Mas não é muito chegada, não. A doméstica assim, ela não é muito chegada não. Ela gosta de coisas mais... (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 50)

Acostumada a sempre trabalhar, depois do falecimento do irmão Felício, ela manifestou o desejo de voltar ao mercado, de onde estava afastada há aproximadamente quatro anos, e retomar sua vida profissional.

Então quando aconteceu essa coisa da morte desse meu irmão, do Felício, que eu estava sem trabalhar profissionalmente há uns quatro anos, eu cheguei para o Luca e falei: Luca, eu quero voltar a trabalhar. Vamos colocar alguém para olhar o pai e a mãe, a gente divide, paga, eu, você e a Beta, e aí eu volto a trabalhar. Aí ele achou melhor vender a casa. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 14)

Autorizado pelos pais, seu irmão Luca vendeu o apartamento, que havia sido adquirido pela família, mas com o investimento financeiro de Anjo Barroco. A venda realizada pelo irmão foi acompanhada da promessa de que ele montaria uma casa para ela, quando fosse necessário.

Aí ele achou melhor vender a casa. Aí meu pai aceitou, e depois ele se arrependeu. Mas pai aceitou, mas já tinha dado a palavra. Aí vendeu a casa. Na época, por cinco mil e quinhentos, acho que foi, que é ali no Vista Alegre. Porque era assim, a gente morava no DIC seis, num apartamento da COHAB, que eu pagava. [na época] Trabalhava ali na Equipav, ali na avenida das Amoreiras, eu pagava pra a COHAB. Quando eu fiquei desempregada, a minha mãe ficou com medo de demorar a arrumar emprego, vendeu o apartamento e comprou essa casa que era área da Prefeitura, sim. Aí comprou, pagou. Quando eu falei que eu queria voltar a trabalhar, o meu irmão vendeu essa casa, conseguiu vender essa casa com a autorização dos meus pais, e não deu um tostão para mim, quer dizer, deu quinhentos reais, pegou o dinheiro e levou meus pais para morar com ele, levou meus pais para morar com ele [Em Itamogi, Minas Gerais]. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 15)

Neste momento nosso caso apresenta-se vulnerável. Sem casa para morar, foi pedir abrigo na casa da irmã Beta, que não pode acolhê-la.

Na época, eu até procurei a Beta. Eu falei assim, eu não sei se a Beta lembra muito dessa parte da história: Beta, e tal, de morar aqui, você sabe... Colocou um pouco a Ligia no meio [a filha de Beta]. Você sabe mais ou menos como que é a Ligia, muito exigente, isso e aquilo outro. Quer dizer, eu senti um pouco uma recuada na história. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 15)

A irmã Meire não mantém uma boa relação com Anjo Barroco, e sempre esteve ausente de seu convívio familiar.

A minha outra irmã, a Meire, essa eu não tenho um relacionamento muito legal. Não sei assim direito... A minha mãe fala que foi porque ela não pôde... Na época, em que minha mãe me adotou, essa minha irmã estava grávida. Então na época em que a minha sobrinha nasceu, a Sandra, ela não pôde vir para Campinas para ajudar a filha a cuidar da neta. Então por isso começa aí a história dela não gostar muito de mim. E assim, sei lá... Ela já é aposentada, era enfermeira, hoje ela trabalha com doce, tudo, ela mora aqui em Campinas, tudo, eu sei que ela não... (...) E aí o último contato que eu tive com ela... Ela já foi fumante, e tudo, ela tem... Não é ponte de safena, eu sei que ela estava no Mario Gatti internada, não estava legal, eu fui e falei: Eu vou lá. Eu fui visitá-la e eu cheguei assim perto dela, e ela virou o rosto para mim. A Beta (a outra irmã) estava perto, e Beta se doeu por isso também. Então a Beta já tentou ver o porque e tudo, mas ela não quer saber, então a gente também não vai atrás. Então, eu digo assim, que de irmãos, eu tenho mais é a Beta mesmo. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 13)

Desempregada, sem o apoio dos irmãos, ela acabou sendo acolhida na casa de uma amiga e sua família. Não foi um momento fácil na via de nosso caso.

Aí eu procurei uma amiga que era vizinha desses apartamentos onde eu tinha morado, aí fui morar junto com a Rose, a mãe dela e a filha dela. (...) E eu fiquei uns dois anos morando aqui em Campinas junto com essa Rose, e os meus pais morando lá em Minas, junto com meu irmão. Só que o meu irmão

falou: O dia em que você precisar que eu monte uma casa para você, alguma coisa para você, você fala que eu monto, onde você quer que seja. Aí como depois de um certo tempo não estava dando muito certo eu morar com a Rose, porque eu ronco etc. e tal, foi a desculpa que ela deu de eu também não dormir no quarto, eu dormia no chão, eu dormia no colchão no chão, eu passei uns bons pedaços... E eu estava desempregada, tinha que sair todo dia para procurar emprego, eu era obrigada a sair todo dia para procurar emprego. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 15)

O irmão Luca havia retornado para Itamogi, levando os pais para viver com ele no interior de Minas.

E aí os meus pais foram morar com o meu irmão, porque o meu irmão morou um pouco aqui em Campinas e depois foi embora de vez para Minas. E aí sei lá o que ele fez com esse dinheiro. Ele comprou cadeira de rodas, tudo, depois sei que ele apareceu com barco... Sei lá o que ele fez com esse dinheiro. E foi morar com a esposa dele, que tinha casa nessa cidade, e meus pais foram morar com ele. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 15)

Anjo Barroco chegou a arrumar emprego como vendedora de TV a cabo, mas as condições em que vivia não eram fáceis. Após perder o emprego de vendedora e perceber que o convívio com sua amiga e família estava ficando muito delicado, nosso caso-guia pediu a ajuda do irmão, retornando a viver em Minas.

(...) Foi onde eu pedi asilo para o meu irmão, ver se ele poderia montar. Aí ele falou assim: Monta em qualquer lugar. Eu falei: Pode montar aqui ou aí. Aí ele montou lá para mim, alugou uma casinha. Só que ele montou a casinha, aí ele pegou meu pai e a minha mãe para morar junto comigo. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 15)

Não demorou muito e a saúde mental de nosso caso piorou. A nova crise levou Anjo Barroco a ser novamente internada, agora numa instituição psiquiátrica, na cidade de Passos, em Minas Gerais²⁰. Nesse momento, o irmão Luca leva os pais para num asilo da cidade de Itamogi. Após ter recebido alta, Anjo Barroco volta para Itamogi e fica morando sozinha. Não demorou muito e seu irmão Luca lhe traz de volta para a cidade de Campinas. A partir desse retorno, nosso caso começa a morar com sua irmã Beta, com quem mora até hoje.

(...) quando ela chegou comigo, que meu irmão trouxe... Você disse que era para eu falar tudo, não é? Até hoje, eu tenho esse sentimento muito profundo, esse sentimento guardado dentro de mim, que eu tenho muita tristeza de meu irmão ter feito o que ele fez. Ele usou o dinheiro da casa da minha mãe, que ele vendeu, da minha mãe e do meu, e deixou Anjo Barroco no zero. Porque essa casinha, que a minha mãe e o meu pai tinham, foi através de um apartamento da COHAB que a Anjo Barroco ajudou a pagar

²⁰ No item Parada Outras Instituições, esse episódio será desenvolvido com maior detalhamento.

as prestações. Ajudou a pagar. Como meus pais não gostavam de morar em apartamento, eles venderam e compraram uma casinha pequena. Quer dizer, foi através desse apartamento que comprou a casinha pequena para eles morarem, porque eles queriam morar em casa, e não em apartamento. Mas quem pagou esse apartamento foi Anjo Barroco. Anjo Barroco e o meu pai, enquanto ele pôde trabalhar. Mas a maioria foi... E quando o meu pai ficou doente que o meu irmão vendeu e levou os meus pais para Minas, ele trouxe ela para eu cuidar, parecia uma andarilha. Ele trouxe ela com um chinelo de dedo, um chinelo havaiana, uma roupa muito mal arrumada, umas roupas dentro de um saco, não era nem uma mala. Trouxe muito mal vestida. Sem um desodorante, sem um protetor de nada. Sem um shampoo, sem um sabonete, sem nada. Ele trouxe ela como se pegasse um mendigo na rua e trouxesse. E isso eu tenho esse sentimento. Isso eu tenho guardado dentro de mim. Eu não tenho ódio porque esse sentimento eu não carrego comigo. Mas eu tenho essa tristeza com ele. E trouxe ela assim. E ele usou o dinheiro que era dessa casa, e eu não sei o que ele fez. Eu acho que ela tinha essa parte nesse dinheiro, já que ele vendeu essa casa da minha mãe do meu pai, e não sei o que ele fez com isso, com esse dinheiro. Pelo menos um pouco para ela deveria ter colocado, pelo menos um pouquinho, numa caderneta de poupança, sabendo que ela era uma pessoa doente, ia precisar. Nem isso ele fez. Mas não teve problema não, porque Deus é maior. Ele trouxe ela desse jeito, e, hoje, ele vê o jeito que ela está. Porque ela se superou 100%. Ela não precisa mais dele, não vai precisar, se Deus quiser. Ela tem a independência dela. Eu posso, se eu vir a falecer, eu deixo ela com a pensãozinha dela, direitinho, deixo ela bem amparada. Eu tenho a minha casinha, porque onde mora a minha filha, que já está posta para usufruto dela, que eu estou deixando. Então ela não vai ficar na rua. Ela tem um amparo que eu estou deixando ela. E ela tem também o pessoal do Cândido Ferreira, que eu tenho certeza que não vai abandonar ela. Então esse sentimento do meu irmão, eu tenho isso, essa tristeza dele ter feito isso com ela. Mas ela deu a volta por cima, se recuperou, e está bem. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 49)

O seu retorno a Campinas foi motivado pela busca de tratamento adequado, não oferecido pelas cidades do sul de Minas. Assim começa o seu relacionamento mais próximo familiar que perdura até o momento.

(...) eu tenho mais de perto mesmo essa minha irmã, porque eu convivo mesmo é com ela. É ela que me cobra mais, é ela que me dá mais assistência, é ela que é a mãezona mesmo. Os meus sobrinhos também gostam muito de mim, mas eles têm as famílias deles e tudo. Então eu acho que eu sou bem cuidada, como sempre fui, e continuo bem cuidada. E tenho a minha irmã que se eu precisar, eu sei que eu posso contar com ela. Eu tenho uma irmã que se eu precisar contar com ela em qualquer momento... E ela precisar contar comigo, de qualquer coisa, qualquer dificuldade dela, ela sabe que ela também pode contar comigo. Uma situação assim, até financeira, se precisar... Vamos supor, vem um benefício para mim de um empréstimo, de alguma coisa, eu sei que ela está precisando, eu falo: Você pode pagar? Assim, assado e tal, eu vou lá, eu retiro, porque eu sei que ela paga, ela é assim, ela é ok de todas as formas. Se eu precisar passar por um momento assim, de uma consulta, alguma coisa assim, ela me acompanha. Ela é o meu braço direito, é tudo para mim, a minha irmã. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 34)

O relacionamento que se desenvolveu entre Beta e Anjo Barroco deu sentido tanto para a vida de nosso caso, quanto para a vida de sua irmã. Em certos momentos, Beta a trata como filha, como se fosse ainda uma criança.

Teve momentos tristes, teve momentos bons, alegres... É engraçado, Régis, eu acho que eu lido com Anjo Barroco assim, eu não vejo que ela cresceu ainda. Eu vejo... É automático, é comigo mesmo... Chega essa época de Natal, época de final de ano, eu poderia estar tranquila, pegar uma viagem, passear, viajar, mas eu não consigo mais, depois que ela veio viver comigo. Eu acho que ela ainda tem o lado de criança. Se eu não montar uma árvore de Natal, pôr umas luzinhas brilhando, e fazer um símbolo de Natal... Mas eu faço isso pensando nela. Pôr um presente na árvore de Natal. Eu acho isso importante. E isso, eu faço pensando nela, e nos meus netos. E ela... É assim, são os cinco netos e ela. Só. São os cinco netos e elas. E na árvore tem os presentes simples que eu dou, mas são os presentes de cinco netos e o dela. Dos meus filhos, não. É interessante isso. Eu acho isso aí marcante, um momento que marca muito para mim. Porque essa data, eu não consigo deixar ela de fora, sem pensar nela. É o Natal, e é o espírito de Natal. Eu não sei porque ela está presente ali. Eu tenho que fazer alguma coisa. Eu poderia estar viajando, passeando ou ir para cá, eu não saio da minha casa. Sempre faço uma coisinha, uma comidinha a mais, uma coisa a mais, mas pensando nela. É um momento marcante que eu acho. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 50)

Em muitos momentos podemos perceber o quanto Anjo Barroco estabiliza a irmã Beta emocionalmente, dando sentido à sua trajetória de vida.

(...) para encerrar nossa entrevista, eu agradeço muito a Deus, em primeiro lugar, e agradeço muito à vontade que tiveram meu pai e minha mãe de terem adotado Anjo Barroco. Porque Anjo Barroco foi uma estrela que apareceu na minha vida. Apesar de que eu estou sempre brava com ela, sempre brava com ela. Nunca... Eu acho que, no fundo, no fundo, é o medo de perder. É um medo assim de ser possessiva, de ser dona. Então eu quero sempre essa estrelinha perto de mim. E eu agradeço muito a Deus por essa oportunidade, dos meus pais terem trazido ela para nossa vida. Ela nunca deu nenhum tipo de problema para nós. E isso da saúde dela, não é problema. Nunca foi problema. É uma coisa assim que eu vejo que ela foi escolhida para passar por essa... Por esse caminho, por essa trilha aí. E ela está superando bem. Então eu tenho muito o que agradecer a Deus: Obrigado, por ela ter aparecido, ter vindo na minha vida. E nós vamos continuar companheiras até o fim. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 51)

Os pais de Anjo Barroco viviam no asilo, em Itamogi, quando faleceram, no ano de 1999, num curto intervalo de tempo de um para o outro. No momento do falecimento do pai, que se deu no mês de maio, nosso caso se encontrava internada em Passos/MG. Ao receber alta, ela foi preservada da má notícia, pois os irmãos temiam que ela piorasse, pelo impacto que tal fato poderia causar. Na sequência, Anjo Barroco vem morar com sua irmã Beta, em

Campinas, e nesse momento sua mãe também falece. Outra vez, Anjo está internada na ala psiquiátrica de um hospital universitário, e não é informada sobre a morte da mãe. A notícia somente foi dada quando a família julgou que nosso caso estivesse emocionalmente estabilizada para ouvi-la. Mesmo assim, a morte dos pais foi motivo de grande dor pela significativa perda inerente ao fato.

Internou ela. Lá em Passos. E aí internou. Vinte e oito dias que o meu pai tinha falecido, minha mãe faleceu de depressão. E aí Anjo Barroco em surto, eu trouxe ela para cá, e consegui internar ela aqui na PAT. Aí ela ficou aqui na PAT, internada aqui. Só que quando a minha mãe faleceu, eu não contei para ela que ela tinha falecido, porque ela estava em surto e ela não ia entender mesmo que ela tinha... (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 44-45)

E, nesse meio tempo, que ele levou meu pai e minha mãe, o meu pai ficou doente e veio a falecer. Com vinte e oito dias que o meu pai tinha falecido, a minha mãe faleceu também. Nesse período, que o meu pai faleceu, Anjo Barroco entrou em surto, meu irmão internou ela. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 44)

3.1.3. Relação com o dinheiro

Para quem esteve envolvido com o consumo exacerbado, restabelecer um contato sadio com o dinheiro é uma tarefa desafiadora. Com o tratamento, Anjo Barroco conseguiu superar também esse aspecto e hoje tem uma relação com o consumo e com o dinheiro bastante equilibrada.

Assim, além do dinheiro que eu ganho aqui na bolsa parceria do NOT, aqui do NOT e o Cândido, o salário que eu tenho, eu recebo pensão por morte do meu pai. Porque meu pai era aposentado, no caso, passaria para a minha mãe, mas como a minha mãe faleceu logo em seguida, nem chegou a passar para ela. Na época, a minha irmã começou a mexer no INSS e tudo, e consegui esse benefício para mim. Depois de ter ido inúmeras vezes, passado por médico para fazer perícia. Passei pelo juiz, ela tem a minha curatela²¹, não é? A minha irmã tem minha curatela. E o psiquiatra... Porque o juiz mandou, eu fui duas vezes no psiquiatra, porque o juiz mandou. Então eu tenho uma renda, assim, mais ou menos, de mil reais, vamos supor. Então a minha relação com o dinheiro é assim, eu ajudo, uma das coisas principais é que eu ajudo financeiramente dentro de casa e me mantenho também, que é principalmente. Eu me mantenho e não preciso pedir o dinheiro da minha irmã para nada. Eu tenho o controle. Hoje, por exemplo, eu terminei, agora em outubro, de comprar um computador para mim, porque eu acho que é um bem adquirido com o meu suor, com o meu trabalho. E, hoje, eu tenho o controle do dinheiro também, porque eu estou bem, não é? Numa outra fase, talvez, da minha vida, eu não tivesse controle para poder ter o dinheiro em mãos, não é? E, hoje, eu estou bem. Eu tenho cartão de crédito que às vezes eu posso até emprestar. Às vezes, eu acabo até emprestando para alguém da

²¹ Neste capítulo, o subitem Curatela trará mais informações.

família que é necessário, que me pede, mas eu empresto, porque as pessoas sabem que eu sou um pouco exigente. Eu sou boa pagadora, mas eu sou boa cobradora também, não é? Eu cobro um pouco assim. Então as pessoas, se comprou no cartão, no cartão da tia Anjo Barroco, tem que pagar direitinho, e paga mesmo. Então é mais ou menos assim, a minha relação com dinheiro é mais ou menos essa. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 21)

Anjo Barroco supera de tal forma o hábito de consumir que hoje consegue ter crédito na praça, possuindo contas em várias lojas, conta bancária e cartões de crédito. Com essa nova postura, ela ajuda nas despesas da casa e, muitas vezes, empresta o cartão de crédito que possui para os familiares realizarem suas compras. Empresta e cobra. Exerce controle sobre suas despesas e sobre as contas pendentes de seus familiares, como sua sobrinha e o marido dela, que tem o hábito de emprestarem o cartão de crédito da tia para as compras necessárias, como revela a irmã Beta:

Ela me ajuda aqui em casa, ela ajuda, é compromisso dela, água e luz, ela paga. Todo mês, ela tem esse compromisso comigo. Ela paga água e luz. Eu divido outras... Supermercado, outras coisas... Imposto... Eu faço, eu e o meu esposo. Então a gente leva... É tudo dividido entre três, a gente leva uma vida confortável, não falta nada. As roupas dela, ela compra, ela que paga, sapatos... Ela está sempre bem arrumadinha. Óculos dela, sempre está trocando. Produtos de uso pessoal dela, ela usa produtos de linha boa, Natura. Desodorante não falta, shampoo bom. Eu estou sempre olhando isso. Eu faço questão que primeiro... O que é de uso pessoal dela, em primeiro lugar. Ela conseguiu através dessa pensão, desse benefício que eu consegui pra ela, de trabalhar também de fazer... Ela não tem o registro no Cândido Ferreira, mas ela ganha um pouquinho lá que ajuda, complementa. E através desse benefício, ela conseguiu uma conta no Banco Itaú, através do Cândido. O Banco Itaú. E por isso, por ela ser muito honesta, e ser direitinha com as continhas dela, porque ela é perfeccionista... Régis, não existe, eu acho, na face da Terra, uma pessoa que paga uma conta que nem Anjo Barroco. Ela é bitolada nisso. Porque, às vezes, passa um dia, você não teve tempo, você correu com outra coisa, você se atrapalhou, não deu tempo de passar naquele banco, mas no outro dia você vai lá e paga. Não, ela tem que ser naquele dia ou antes. Ela é até certinha demais. Então, através disso, o Banco Itaú deu várias oportunidades para ela de cartão de crédito. E a sobrinha, que é minha filha, e esse meu genro: Tia Anjo Barroco, tia Anjo Barroco, me empresta o cartão. Ela empresta, mas tem um limite, ela é bem séria. Ela impõe o limite deles. Eu vou emprestar, mas vocês vão gastar tanto, e dia... Vence dia 20, dia 18 eu já quero o dinheiro para pagar a fatura. E com isso ela está consertando eles também. Porque eles aprenderam a andar certo, a pagar as continhas certo. Ela é muito certinha para pagar as continhas dela, e eles aprenderam também. Não, hoje tem que pagar a tia Anjo Barroco. Você vê, com chuva, eles vêm trazer o dinheiro para pagar a tia Anjo Barroco. Mas através do benefício do INSS, o Banco Itaú, adora ela como cliente, porque ela trabalha muito bem. E ela sabe trabalhar, não precisa eu administrar. Eu não administro conta da Anjo Barroco, não administro nada. Só quando eu vejo que ela está assim, meio ansiosa, agitada, aí eu olho e falo: Aí eu preciso tirar os cartões. Porque aí ela fica compulsiva. Como já teve uma fase na vida dela que ela ficou compulsiva, ela achou que ela ia casar com

uma pessoa que fazia tratamento lá no Cândido, aí comprou colchão, comprou várias coisas, porque ela ia casar. Aí teve que devolver, tudo, mas aí foi que eu falei: Não, então quando ela ficar assim tem que tirar. Mas fora isso, ela controla muito bem, perfeitamente bem, os cartões dela, as continhas dela, ela compra na Renner, ela compra na C&A. Ela tem crédito em todo lugar que ela vai, ela tem o crédito dela. Mas ela é corretíssima para pagar. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 49)

A maneira correta em relação às contas que faz, ao seu orçamento, às suas obrigações também interfere na organização das contas dos seus familiares, pois por meio desse controle financeiro ela mobiliza o comportamento dos parentes com quem convive.

(...) Compro e pago direitinho os meus calçados. Eu tenho perfumes, essas coisas tudo, de consumo, tudo normal. (...) desde que eu entrei aqui no Cândido, lá atrás na gráfica, que eu ganhava pouquinho, que não era a parceria ainda, até chegar aonde eu cheguei, onde estou hoje, nunca mais eu precisei pedir nada para minha irmã, assim, financeiramente, nem um maço de cigarros. Aliás, assim, ela não gosta da marca de cigarros que eu fumo, mas ela também fuma. Chega, assim, de segunda-feira que ela está em casa e acaba o dela, ela sabe que no meu quarto tem um pacote de cigarros. Ela vai lá, abre o pacote de cigarros, o macinho lá, ela pega um, outro e fuma. A questão do cartão de crédito, que é um bem que eu tenho, eu quase não uso o cartão de crédito. Eu usei agora para comprar o computador, que foi um bem para mim. Paguei em dez vezes, mas paguei. Mas é minha irmã que usa, a filha dela que usa, se precisa de alguma coisa vai lá e usa. Comprou um microondas agora faz pouco tempo. A compra de mercado lá de casa é comprada no cartão de crédito. É tudo pago direitinho, é tudo assim. E eu tenho, assim, compromisso financeiro, lá em casa eu pago água e luz, que é uma média de duzentos, duzentos e poucos por mês, mas fora o speed, não é? Fora o speed que é para ter uma internet no computador. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 22)

Em relação aos horários, nosso caso vive numa batalha constante para cumpri-los, principalmente no período da manhã. Por possuir apnéia, não tem um sono dos mais tranquilos, além do que os medicamentos parecem interferir na questão do sono.

Com os horários, infelizmente, não é tão 100% assim, porque um dos problemas que eu tenho, pior, assim... Clínicos, é o problema da apneia. Então a apneia que eu tenho, minha apneia ela é forte. Se eu não durmo bem à noite... Eu não tenho o sono perfeito à noite. Não é porque, assim, eu estou deitada de olhos fechados que eu estou dormindo realmente, não é? Então, assim, o meu aparelho que eu tenho, o aparelho de CPAP²², eu não estou usando ultimamente, porque o filtro dele lá, que eu encomendei ontem, vai chegar de novo, um filtro novo. E aí eu acabo dormindo... E outra coisa, se eu tomei minha medicação, se eu tomo um pouco mais tarde assim, eu prolongo o sono um pouco no outro dia. Mas, infelizmente, os horários... Eu não chego muito certo nos horários aqui no Cândido, não. Às vezes, eu

²² A sigla CPAP vem de Positive Airway Pressure, ou seja, um aparelho de pressão positiva contínua nas vias aéreas, que possibilita a melhoria do sono para quem possui apneia.

atraso um pouco, uns quarenta minutos, uma hora, mas não passa muito que isso não. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 22)

3.1.4. Curatela

A curatela é um documento expedido pelo Poder Judiciário, por meio de uma solicitação verbal da pessoa interessada, que interdita o cidadão em suas ações legais, proibindo o interditado de possuir conta bancária ou venda de bens, entre outros deveres. Mais: institui uma pessoa em seu lugar, por meio de um compromisso de curador definitivo. Assim, a irmã Beta passou a ser a curadora definitiva de Anjo Barroco, desde março de 2005.

(...) ela conquistou muita coisa depois que ela veio viver comigo, morar comigo, porque ela foi muito prejudicada também. Ela viveu lá com meu irmão; o meu irmão não tinha muita paciência lá, não sabia como lidar com ela, e não ajudava. Ela estava desempregada. E mulher tem as suas coisinhas para comprar, tem as suas coisas pessoais. E eu vi muito esse lado. Aí eu corri para que eu conseguisse, através de um benefício, a pensão do meu pai, porque eu falei, acho que ela tem esse direito. E conversando com uma pessoa, conversando com outra, com outra, eu descobri que ela tinha direito a uma pensão. E eu fui brigar no INSS, fiquei quatro anos numa fila brigando no INSS para conseguir essa pensão para Anjo Barroco. E eu consegui. Hoje, ela recebe a pensão do meu pai, a pensão por morte. Recebe a pensãozinha. É pouco, mas é para o uso pessoal dela. Ela recebe através de uma curatela que eu tenho. De fato, vem em meu nome o benefício, mas ela tem capacidade para ela ir, passar esse cartão, tirar esse dinheiro, controlar. Ela é super responsável para controlar o dinheiro dela. Eu não sei nem a senha. Esse cartão é no meu nome, a senha é nome, mas quem controla é ela, de tanta confiança que eu tenho nela em relação a isso. Então é ela que recebe, ela compra as coisinhas dela. Quando é uma roupa, um calçado, ela pede opinião, eu vou junto, eu olho. Também não vou deixar ela andar no ridículo. Não vou deixar ela andar de qualquer jeito. Não é porque ela é gordinha que ela vai andar que nem uma gorda. Eu não quero. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 48)

Apesar de trazer benefícios para o nosso caso, como o direito à pensão do pai, por meio do INSS, esse termo a interdita, o que pode ter efeitos negativos na vida de Anjo Barroco. Ainda que nosso caso seja proibida de ter conta bancária, por exemplo, ela a possui, mas é uma situação ilegal, do ponto de vista jurídico. Outra questão, arrumar um emprego com registro em carteira profissional não é possível, uma vez que nosso caso é interditado judicialmente.

Para a médica responsável pelo seu tratamento no Cândido Ferreira, o termo de curatela é que impõe limites à vida de Anjo Barroco e não o seu diagnóstico de sofrimento mental.

(...) eu sinto que coloca limites é a questão da curatela. Isso, sim, não é o diagnóstico necessariamente, que, por outro lado, se conseguiu por causa de um diagnóstico, óbvio. Mas, talvez, se tentasse uma curatela para a ela hoje em dia, provavelmente, essa curatela nunca saísse ou ficasse emperrada ou tivesse que fazer várias perícias para ver se sairia essa curatela num momento de grandes estabilizações. Tanto que, hoje em dia, ela vive, assim, eu acho que ela fica... Ela acaba ficando com isso, não é no meio do caminho, ela tem bastante liberdade, e, assim, o diagnóstico dela não impede de ter as atividades que ela tem, de levar a vida dela, agora, a curatela impõe limitações para ela. Isso é o que eu acho que tem trazido as questões mais atuais, justamente, a questão da curatela, porque aí... Ela não tem uma limitação evidente, uma pessoa que você conversa e avalia: Nossa, não tem condições ou não tem crítica ou não sabe se portar, muito pelo contrário. Agora... Tanto que a maioria das pessoas nem imagina que a irmã dela tem a curatela. (...) Nem o próprio banco, exatamente. (...) Ela tem todos os cartões de crédito, tudo. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 48)

A ambiguidade inerente ao termo de curatela é bastante complexa. Se, por um lado, garante a ela uma renda vinda do recebimento da pensão, impede-a de se lançar à busca de um trabalho no mercado formal. Porém, a médica avalia a importância desse termo para a irmã cuidadora, pois em momentos de crise, a interdição funciona positivamente como limitador de ações, pelas quais nosso caso possa vir a se arrepender futuramente. Dessa forma, a interdição é uma ferramenta utilizada pela irmã Beta para manejá-la nos momentos de crise. O termo de curatela traz para a vida de Anjo Barroco uma dicotomia, pois ao mesmo tempo que a beneficia também a limita.

Eu acho que a curatela ajudou, sim, muito, Anjo Barroco. Eu acho que não veio sem uma função. E ajudou Beta a manejar Anjo Barroco, especialmente, nos períodos de crise, porque é difícil segurar Anjo Barroco quando ela está em uma crise. E aí, assim, tem justamente esses dois lados de, por exemplo, o fato dela ter a curatela e ter uma certa proteção para Beta, inclusive, da questão financeira do ponto de vista, como Anjo Barroco tem a curatela, não teria como ela pegar os cartões de crédito e sair fazendo compras absurdas por aí se ela tivesse em crise, coisa que já aconteceu. A Beta poderia muito bem ter isso, e ter isso bloqueado, inclusive, os cartões para ela. Mas aí entra nessa outra questão, de como que ela fica fora da crise e que função isso tem na vida dela também, e até uma função deles, de organização, de questão financeira mesmo, de coisas mais práticas, eu acho, da família mesmo. E, assim, não é algo ruim só, eu acho que não dá para separar isso. Agora, traz questões, e traz questões que quanto mais ela se sente bem, fica bem, participa das coisas, ela entra nesse dilema, nessa questão do tipo: Mas será que eu não poderia ser uma locutora? Ou uma jornalista? Há pouco tempo, ela veio me perguntar se eu achava se ela poderia conseguir um emprego se ela não tivesse uma curatela ou algo que impedisse que ela tivesse um emprego. E aí ela vê, às vezes, a curatela como: Será que isso não me limita? Mas aí quando a coisa não está... E ela percebe: Puxa, mas eu também tenho problema, eu tenho sofrimento, isso também me dá uma estabilidade, uma segurança, uma rede de proteção. E aí fica essa ambiguidade. É bom, é absolutamente útil, me fez ver e ter um

monte de coisas no momento, mas talvez eu não vá ter tudo ou o outro lado. Eu queria ter o outro lado, eu estou bem, mas eu tenho algo que me impede. Eu acho que fica meio vai e volta, não é, assim, nessa questão. Eu acho que é uma questão que, de vez em quando, aparece e às vezes ela vai um pouquinho no sentido de: Eu não queria ter uma curatela. Mas aí depois: Mas eu recebo a pensão do meu pai que me ajudou muito, que foi via curatela, porque senão eu não teria, e aí me proporciona outras coisas. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 67-68)

Com o surgimento da doença mental, as relações de amizade foram desaparecendo gradualmente. Essas relações de afeto, ordenadoras da vida de nosso caso-guia, representaram uma perda significativa em sua vida. Ela somente vem a reconstruir esses vínculos a partir de sua inserção no Cândido Ferreira.

Eu tinha uma vida antes dos vinte dois anos, e depois dos vinte dois anos. Até os vinte e dois anos, eu curtia baile, eu ia para a discoteca e eu tinha as amizades que eu ia para esses lugares. E depois que eu passei por esse período de internação, sumiu todo mundo desse tempo, sumiu todo mundo. Se afastaram, eu não sei se me rotularam como louca ou alguma coisa desse tipo. Se afastaram e eu não consegui manter. Eu tenho uma ou outra pessoa que... Só alguém mesmo da família, prima, que depois saiu um pouco comigo. Uma prima, uma vizinha dessa minha prima que é amiga desde o tempo lá, que eu já disse, que eu frequentava o Clube de Campo Fazenda Itatiba com os pais dela, com as irmãs dela. Então eu tenho, assim, um pouco de amizade, assim, que, às vezes, eu vou lá e paro no bairro onde eu morei, eu reencontro. Mas eu... As pessoas se afastaram totalmente de mim. Aquele pessoal que eu falava que era da pesada, que eu curtia, a Darfine, eu morria de amores por ela, assim, na boa, de amizade. A gente saía sempre junto, saía com a mãe dela, eu nunca mais vi. Eu nunca mais vi ninguém. O pessoal todo se afastou de mim. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 31)

3.1.5. Namoros

Anjo Barroco sempre esteve em busca de um parceiro com quem pudesse partilhar os momentos da vida. Foi a partir de seu primeiro namoro que o sofrimento mental se desencadeou²³. Na lógica de emagrecer para se tornar mais atraente ao homem por quem se interessava, nosso caso acabou errando na medida e no consumo de medicamentos para emagrecer.

(...) eu tive um namorado, eu não sei se isso desencadeou até o processo da doença mesmo. Porque o remédio para emagrecer em períodos, vai, para e começa, dos quinze aos vinte e dois anos, vários tipos de remédios, eu tomei. Por quê? Essa sociedade, na época, e até hoje, ela é hipócrita, que fala que você tem que ser magra, que você tem que ser modelo para poder ser aceita

²³ No item Parada A História do Sofrimento, esse episódio será desenvolvido com maior detalhamento.

por todo mundo. Então eu tomava a medicação para poder emagrecer e para poder ficar bonitinha e tal. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 33)

Numa das saídas com os amigos para as baladas da sua juventude, Anjo Barroco conheceu um homem casado pelo qual se apaixonou. Após quatro meses de relacionamento, a promessa de abandonar a família para ficar com ela foi interrompida pelo adoecimento do rapaz, que foi atingido por um raio.

Enfim, quando eu conheci o José da Silva e Silva, ele era alto, loiro, de olhos verdes, lá. Naquela época, que eu fui ao Banana Power, quando eu terminei com ele, eu tinha engordado oito quilos. Foi quando eu tomei Modelini para poder emagrecer e ficar bem. Foi que eu misturei com bebida alcoólica e o médico falou para a minha mãe que se eu tivesse tomado mais um comprimido, eu ia ficar muito linda no caixão, eu ia falecer. Porque eu tinha conseguido voltar aos sessenta quilos, mas a cabeça também pirou. E aí de lá para cá, assim, eu não namorei mais ninguém. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 33)

Mesmo durante sua internação, no hospital de Itapira, Anjo Barroco acabou se encantando por outros usuários que ali se tratavam também. Apesar das trocas de afeto, nenhum relacionamento vingou dessas ocasiões.

Aí tinha um senhorzinho de uns quarenta anos também, grisalho, de uns quarenta anos, de Perdizes, São Paulo... Gente rica não recebe visita, detalhe. Porque tinha os particulares. Gente rica não recebe visita. Aí ele andava com umas roupas assim, tipo tenista, aquele calção assim. Ah, eu via o homem ficava com as pernas... Ficava toda, toda. E eu vi ele pelas duas vezes que eu estive por lá. Não sei qual que era o comprometimento dele. Eu tive um namorado que era gay, enfermeiro, de Jundiaí, Nei. Morria de amores por ele, mas beijava lá, escondido, tudo. Aí tinha um amigo dele... (...) [Nei] era funcionário [de um hospital] em Jundiaí. Ele estava tratando [em Itapira]... Ele queria que eu fizesse de conta que eu tomasse os meus remédios dele e desse para ele. Eu fui tentar fazer isso, mas a língua começou a enrolar, eu falei: O quê? Eu não vou dar meu remédio para ninguém, não, eu vou tomar. Ele queria que eu passasse o remédio para ele. Eu não fiz isso não. Aí eu beijava o menino e tudo, mas ele era bonito também loiro, alto, beijava ele e tudo. E tinha também um amigo que era marinheiro, marinheiro de verdade, ele tinha tatuagem de verdade, sabe? E aí esse marinheiro falou assim: Anjo Barroco, você está namorando esse tal desse Nei aí? Você sabe o que ele apronta lá no masculino [ala]? Porque o andar masculino lá era enorme. Ele pega, ele vai tomar banho, ele pega a tanguinha dele, ele enfia a tanguinha dele. Aí os caras pegam a toalha, molham as toalhas e dão surra nele, batem nele. Você acha que ele vai largar de ser gay por causa de você estar namorando ele? Aí que eu ficava sabendo dessas coisas, e não quis mais namorar ele. Então coisas assim que aconteciam. Mas esse outro de Perdizes, eu nunca cheguei a ter nada com ele não. Mas era um bom amigo. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 10-11)

Quando Anjo Barroco inicia seu tratamento no Cândido Ferreira, e se insere nas Oficinas de Trabalho, no ano de 1999, acaba por se apaixonar por um rapaz que também participava de uma das oficinas, mas esse namoro também não foi em frente.

Só depois, quando eu entrei aqui no Cândido, no Cândido Ferreira, eu paquerava muito o Alvaro, um rapaz que tinha e trabalhava aqui no vitral [oficina profissionalizante]. Eu queria namorar ele, queria namorar ele, mas não deu certo. Foi um ano, assim, tentando, tentando. A gente jogava bilhar, porque tinha uma mesa aqui na hora do almoço e tudo e, às vezes, ele perdia para outras pessoas e aí ele falava assim para mim: Ah, Anjo Barroco, eu não quero subir triste para a oficina, não. Vamos jogar, porque com você eu ganho. E aí eu jogava bilhar com ele. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 33)

Em agosto do ano 2000, Anjo Barroco iniciou seu mais longo relacionamento. Na ocasião conheceu Barto, também usuário de uma das oficinas profissionalizantes do Cândido Ferreira.

O Barto, eu conheci quando eu estava internada ainda. Num sábado, ele veio jogar aí com um time de Hortolândia [cidade do interior de São Paulo] e aí eu falei se precisava de técnico para o time. Eu me lembro que eu falei isso para ele. Ele falou que precisava de massagista. E aí eu falei, não, massagista eu não quero ser, eu quero ser técnica. E tinha uma menina que trabalhava na oficina, na época, comigo, que era a Rosilei, na gráfica, que aí eu ficava junto, depois que eu passei para a gráfica, e ele ficava aqui na hora do almoço, a gente ficava nós três conversando e tudo e eu não entendia qual era a da menina, porque ela ficava junto, não sei se ela estava a fim dele também ou o que era. E aí eu já tinha desencantado do Alvaro e já estava a me interessar pelo Barto, que é o Bartolomeu, e Barto é o apelido. Eu estava desinteressada, assim, não sei se eu ia querer namorar ou não, mas aí eu cheguei nela e falei... A minha irmã me orientou a fazer isso, a Beta. Ela falou, pergunta para ela se realmente ela quer alguma coisa com ele ou não. E aí eu cheguei nela e dei uma prensa nela, pus ela meio que na parede, e ela falou que não queria nada com ele. A Roseli, ela tinha um sonho mais, assim, mais alto com pessoas com poder aquisitivo, de mais dinheiro e tudo. E eu não tinha esse sonho, eu queria só ser feliz, não é? E eu acho que para ter felicidade não é o dinheiro em primeiro lugar. E aí eu, assim, eu passava e ele ficava cantando, ele ficava tipo, fazendo eu dar risada e tudo. E aí até que teve, no dia 4 de agosto de 2000, que foi a minha primeira exposição lá no Centro de Convivência, que eu fui convidada junto com o pessoal do Ateliê, e eu convidei ele para ir também, eu chamei ele para ir. E aí nós fomos, e estava cedo e aí passou primeiro num barzinho, ali no Cambuí, e a gente foi tomar um refrigerante, comer uma porçãozinha, e aí foi que ele me pediu em namoro. Então coincidiu que foi o primeiro dia da exposição, que foi no dia 4 de agosto de 2000, que eu namorei ele por nove anos. Depois, ele foi conhecer minha família, minha irmã gostou dele, meu cunhado gostou dele. Eu falei: Daqui só para Hortolândia, porque ele mora em Hortolândia. Então eu queria sair da minha casa e fosse, quando casasse ou se a gente fosse morar juntos, de morar com ele em Hortolândia, não é? (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 33-34)

Apesar das qualidades do rapaz, no decorrer do relacionamento com Barto ela descobriu que seu amado era viciado em jogos, e o encanto não conseguiu resistir às consequências desse vício.

(...) o Barto é uma ótima pessoa. Ele nunca me agrediu, nunca colocou a mão em mim, ele não usa droga, ele não bebe bebida alcoólica, muito que, raramente, uma cervejinha, esse tipo de coisa. Mas o Barto, ele tem um pequeno defeito meio que grave, eu não sei, hoje, porque faz mais de um ano que eu terminei com ele, mas o Barto ele é meio que viciado em jogo. Então esse pormenor que foi uma das coisas que nos afastou também, porque todos os jogos, assim, bilhar a dinheiro, várias coisas. E o que chegou a agravar mais foi a tal da maquininha, foi o jogo da maquininha que ele perdeu dinheiro. Inclusive, numa viagem que ele pediu para mim, tirar férias, falar com a Clélia [gerente do Núcleo de Oficinas e Trabalho – NOT] e tirar férias para a gente fazer uma viagem, e ele perdeu todo o dinheiro da viagem, da parte dele, quinhentos reais mais ou menos, ele perdeu nesse jogo. Até ele comenta com o pessoal da Agrícola [oficina profissionalizante] mesmo, qualquer pessoa pode falar isso. Ele falava: Estou perdendo Anjo Barroco por causa do jogo. E acabou perdendo mesmo, acabou me perdendo. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 34)

Além disso, ela começou a perceber que seu namorado não planejava o futuro, o que a amedrontou a assumir maiores responsabilidades ao seu lado, como um casamento, ou mesmo irem morar juntos na cidade do seu namorado, Hortolândia, nas proximidades de Campinas, como havia planejado inicialmente.

E ele é uma pessoa também que não planeja muito o futuro. Para ele, não existe muito o futuro, para ele, assim, é só o dia de hoje. Ele se satisfaz com muito pouco, tendo um litro de leite para ele beber e tendo um cigarrinho para ele fumar está muito bom. Então eu imaginei assim: Como é que eu vou morar com um cara que se eu for morar com ele, eu vou ter que assumir as responsabilidades financeiras da casa, de aluguel, água, luz, colocar... Eu falei: Vou surtar para o resto da vida, e eu não quero isso para mim, eu prefiro ficar sozinha. E aí, nesse intervalo de um ano para cá, eu acho que fiquei mais bonita, me valorizei mais, teve também a transição do emprego, do setor que eu trabalho, eu fiquei mais feliz. Ele continua me ligando sempre, ele vai em casa de vez em quando. O Natal, ele passou junto comigo, lá com a família. Para ele, eu acho que a gente não terminou, na cabeça dele, ele acha que a gente não terminou o namoro ainda. Eu acho que só o dia em que eu aparecer com alguém do meu lado, e falar: Olha, esse aqui é meu namorado, deixa eu apresentar para você. Aí que ele vai concluir que a gente, realmente, não está mais junto. E eu fui a primeira namorada dele também. Eu acho que é por isso que ele fica meio assim. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 34)

Para seu amigo Luir, a busca de Anjo Barroco pelo parceiro ideal o faz concluir que “(...) Anjo Barroco é muito namorada também. Ela namorava com o Barto, apesar que ela

agora, hoje, não está namorando. Mas ela é uma pessoa maravilhosa e linda”. (Depoimento de Luir, usuário e amigo, 2010 : 56)

Atualmente, solteira, nosso caso se diz satisfeita com a vida que leva, porém sente falta de um parceiro, para fazer companhia, com quem pudesse somar e dividir sua trajetória.

Do que eu sinto que falta na minha vida, hoje? Eu acho assim, eu acho que na minha vida hoje falta só preencher o lado assim do coração, de ter uma pessoa que me ame de verdade, e que eu possa amar também. Não é nem casar, esse tipo de coisa, porque eu nunca sonhei em casar, eu nunca sonhei em ter filhos, nunca... Sabe? Aquele tipo de mulher que cresceu para casar, que nem a minha irmã, por exemplo, o primeiro casamento dela foi com dezesseis anos. A outra casou com quatorze. Eu tenho quarenta e cinco anos, eu acho que... E eu não curto também fazer trabalhos domésticos, não. O meu negócio é mais trabalhar mesmo fora. Eu não curto trabalho doméstico, essa coisa de fazer coisa de casa, eu não curto, não. Então eu queria ter um relacionamento assim, um amigo, ter um namorado. Na verdade, eu acho que me falta um namorado que me faça uma companhia para poder passear, para poder ir no cinema, para poder fazer uma viagem, para poder fazer algumas coisas assim. Eu acho que é isso. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 36 e 37)

A falta de um parceiro não diminui a satisfação que Anjo Barroco tem com sua vida. Ela se considera uma pessoa realizada e faz planos de voltar a estudar no ano de 2011.

Eu estou planejando para o ano que vem, eu quero ver se eu consigo uma bolsa de estudos pra voltar a estudar. Eu quero fazer um curso de locução no Senac. Eu acho que é muito importante isso para mim, mais do que uma faculdade. Fazer cursos rápidos e práticos, porque eu acho que também não tenho muita paciência para fazer uma faculdade, uma coisa assim. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 37)

Eu estou contente comigo mesma. Eu não tenho muito o que mudar. Às vezes, o que acontece é assim, eu sou muito realista, eu não consigo disfarçar nada. Se eu estou num momento um pouco explosiva, eu demonstro também. Geralmente, eu estou muito feliz. Às vezes, eu tenho uma felicidade assim, que eu coloco uma máscara também. Não são todos os momentos, 100% da vida da gente que você pode estar feliz. Mas eu acho que eu tenho essa capacidade que poucas pessoas conseguem ter, e poucas pessoas reconhecem que eu tenho, só quem me conhece muito, porque, às vezes, não... Não significa que eu esteja sorrindo, que eu esteja realmente feliz. Não sei se deu para entender essa frase. Quando eu estou sorrindo, que eu esteja realmente feliz. Mas eu sou feliz do jeito que eu sou. Eu acho que eu não mudaria nada, não. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 38)

3.1.6. Superação

Desde o início do trabalho de campo, quando telefonei para pedir autorização à sua irmã Beta (que possui sua curatela), para desenvolver a pesquisa, tendo Anjo Barroco como

nosso caso-guia, a irmã mostrou-se preocupada com o fato de Anjo ficar muito sensibilizada, ao lembrar toda sua história de vida. Fez algumas ponderações, pois, por diversas vezes em que proferiu palestras e contou sobre sua história de vida, ela acabou com os sentimentos revirados e não ficou muito bem depois de lembrar fatos complexos, profundos e bastante sofridos de sua trajetória.

(...) Beta tem razão em ter esse cuidado. Porque ela ficava muito emocionada mesmo, toda vez que falava do que foi mais difícil na vida dela, do período que ficou internada fora daqui. O relacionamento com a Beta, apesar das brigas, que todo mundo tem em família, ela tem uma questão muito ruim e muito forte com o atual companheiro da Beta. Então lembrar de coisas que ela viveu e que ela passou com ele, que foram muito traumáticas para ela, sempre vieram acompanhadas de muito sofrimento. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 65)

Anjo Barroco já havia aceitado participar da pesquisa e estava disposta a refazer esse percurso por meio de suas memórias. Nosso caso foi esclarecendo o relacionamento que possuía com os três irmãos, mostrando sutilmente o desejo de que eu entrevistasse somente sua irmã Beta, para que permanecesse emocionalmente tranqüila durante a pesquisa a ser realizada; seu desejo foi respeitado.

Em certo momento da pesquisa, antes de me conceder a entrevista, Anjo Barroco solicitou uma explicação mais elaborada da metodologia que seria empregada na pesquisa e quais os objetivos que a tese possuía. Dessa forma, foi realizada uma reunião com nosso caso, durante a qual esclareci todos os detalhes pertinentes à metodologia cartográfica, quais eram os eixos temáticos – Paradas – que planejava realizar em sua trajetória de vida e quais eram as fontes que almejava entrevistar. Só depois dessa reunião, Anjo Barroco sentiu-se segura para a continuidade do trabalho.

Sua irmã Beta, após ponderar, pelos motivos já citados, consentiu a realização da pesquisa somente pelo fato de confiar no pesquisador em questão. Essa relação de confiança foi estabelecida durante os nove anos que Anjo Barroco e pesquisador se encontram trabalhando juntos no projeto, e todas as atividades que se desencadearam por meio dele, como várias viagens que Anjo realizou com o grupo do Maluco Beleza.

Quando ela viaja, que eu sei que ela vai ficar dois ou três dias, eu sei quando ela vai e quando ela volta. Eu sei que ela está com o pessoal do Cândido, que ela está com pessoas que eu conheço, que são responsáveis, que são pessoas relacionadas lá, eu fico bem. Porque sempre que ela chega, ela já liga, ela sempre está dando notícia. Mas assim, para viajar com outras pessoas, eu já não vou permitir. A não ser que eu conheça muito mesmo. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 48)

Beta me recebeu numa noite de segunda-feira, seu dia de folga, no salão de beleza em que trabalha. Fui, pela primeira vez, guiado por Anjo Barroco, até sua casa, num bairro da periferia da cidade de Campinas. Era um final de tarde e caía uma tempestade. Chegando lá, fui recebido com muito carinho, tanto pela irmã, como por nosso caso, que fez questão de mostrar seu quarto, seus pertences, seu computador recém-adquirido. Enquanto realizei a entrevista com sua irmã, Anjo ficou no quarto, para não lhe deixar inibida. Após a entrevista, fui convidado a jantar com as duas, o que aceitei, sem cerimônia. A mesa foi posta e pude me deliciar com a culinária mineira, especialidade da irmã Beta. Foi um encontro de generosidade, em que eu me senti muito acolhido.

Ter ido até sua casa só fez aumentar a intimidade entre pesquisador e pesquisada. No dia seguinte, ela contava para os outros funcionários com muito orgulho, que eu havia jantado em sua casa. A partilha à mesa tinha feito uma grande diferença para a vida dela, o que nos deixou bem mais próximos.

Quando chegou o dia da entrevista com Anjo Barroco, ela generosamente passou sua vida a limpo durante quatro horas de depoimento. A entrevista foi dividida em três momentos, respeitando os horários de refeição, o cansaço, e outras atividades que já havíamos previamente agendado. Não esperávamos que nossa conversa fosse demorar tanto.

O mais surpreendente em seu depoimento foi vê-la passar pelos momentos mais sofridos de sua história de vida, mas como fatos superados, sem com eles sofrer novamente. Anjo Barroco não derramou uma lágrima ao falar sobre temas como sua adoção, seu histórico familiar, a morte do irmão e dos pais, a descoberta do diagnóstico de sofrimento mental e toda sua peregrinação em busca de um tratamento digno adequado, a perda dos amigos da juventude, as histórias dos namoros mal sucedidos. Surpreendentemente, ela conseguiu passar os períodos e fatos mais sofridos de sua vida, mas lembrando-os como passado bem resolvido. Anjo Barroco comove-se a partir do momento em que começa a contar sobre sua nova fase de vida, e recordar como superou todos os obstáculos para chegar aonde chegou. As novas redes de conexão estabelecidas por ela, as (re)significações que conseguiu (re)construir deixaram nossa entrevistada emocionada, e não seria para menos. Dr. Oton, médico psiquiatra e superintendente da instituição, analisa esse processo:

(...) ela ressignificou toda essa questão do contexto de sofrimento da vida dela. E na questão do processo terapêutico, o mais importante é você ressignificar as coisas, não é? Então, nesse sentido, é um tratamento terapêutico, oportunidade para isso daí. Quantas pessoas dão oportunidade

para ressignificar uma porção de coisas que acontecem na vida delas? Há muita gente que para o resto da vida carrega. Não dá a devida importância para esses tipos de questões. (...) Eu reconheço o quanto que para ela foi difícil, e, por outro lado, benéfico, no sentido de produção de vida da qual é autora. Autora da produção de vida dela mesma. Que bom falar dela, que bom. (Depoimento de Oton, médico psiquiatra e superintendente do SSCF, 2010 : 55)

A médica psiquiatra, referência em seu tratamento no Cândido Ferreira, reconhece o quanto é raro ela não sofrer novamente quando recorda eventos sofridos de sua trajetória. Questionada sobre a possibilidade de ela ter passado a limpo o passado de tanto falar sobre ele em seus depoimentos, em palestras, nas vezes em que contou sua experiência a outras pessoas, Sandra ressalta a importância das conquistas atuais, que permitem um olhar para o passado, mas como parte de um todo.

(...) eu fico muito feliz de ouvir que ela conseguiu te dar uma entrevista de quatro horas, falar sobre assuntos difíceis, e não ficar... Que esses assuntos não predominassem e não ficassem depois ali remoendo e retomando... E funcionando no sentido de desestabilizá-la. Porque isso realmente acontecia. Quando ela começava a relembrar muito essas coisas, ela ficava assim... Você percebia que Anjo Barroco já mudava para o resto do dia. Era bem perceptível, isso. Agora, que legal que ela consegue falar mais... Deixar para trás, no sentido disso não atormentar e não influenciar, atualmente, e se emocionar com os aspectos bons. Eu tenho a impressão de que, talvez, o que veio de bom, o que veio depois já preencheu tanto, e tem tanta coisa boa que veio depois, que não cabe mais, não tem mais como o que era do passado, e que ficou lá atrás... Simplesmente anular isso ou passar por cima. Eu acho que ter falado disso pode ter ajudado, e ter feito muita coisa e conseguir olhar que, hoje, ela é parte de um todo, ela se sente importante, é ativa, participa do movimento da luta antimanicomial, reflete muito sobre isso. Eu acho que com o tempo, cada vez mais a Anjo Barroco trouxe conversas, conteúdos sobre isso. Perguntando, querendo saber mais, se informando, indo atrás de informação. Eu acho que isso acabou preenchendo muito mais e pode ter contribuído muito para essa superação mesmo dela, que ela fala do que veio depois. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 65-66)

Dias depois de conceder a entrevista, Anjo Barroco procurou pelo pesquisador e solicitou a não publicação de um trecho da entrevista, que revelava parte da sua história, que considerava muito íntima e não desejava partilhar com as outras pessoas. Imediatamente seu pedido foi aceito, conforme tínhamos acordado no Termo de Livre Consentimento. A sua médica avalia essa decisão como um amadurecimento pessoal de nosso caso.

(...) Ela sabe que é uma pessoa muito conhecida. E ela é muito espontânea, eu acho. Ela fala o que pensa, na hora, não tem muito do tipo: Vou me proteger ou vou me cuidar, vou ficar mais quieta me resguardando. Não, é igual ao que a Beta fala: Ela vai falar e ela vai falar muito, porque essa é a

característica da Anjo Barroco. É quem Anjo Barroco é. Ela é assim. Então eu acho que ela, às vezes, para e consegue pensar depois, e isso eu acho que ela tem muito mais crítica hoje dia, eu acho que faz parte do crescimento e do amadurecimento dela enquanto pessoa mesmo, não só como questão de doença ou de tratamento, eu acho que é como agiria qualquer pessoa que amadureceu e que hoje em dia reflete sobre os seus atos. Eu acho que ela tem uma postura de, hoje, cuidar um pouquinho mais, e daí fica refletindo sobre isso em casa, se informar melhor, trocar ideias com as pessoas que ela conhece, e aí tomar uma decisão. E eu acho legal ela ter feito isso assim, de... Nossa, pensou, ponderou a questão, então voltou, e veio conversar. Porque, talvez, há alguns anos atrás, ela sentisse tão... Ou envergonhada ou com receio de desagradar ou de você ficar magoado com ela ou triste, que ela não falaria. Mas hoje em dia eu acho que ela consegue, inclusive, assumir uma postura do tipo: Olha, essa parte, eu preferi não... E deixar bem claro que é assim, bancar isso, essa decisão. Porque eu acho que não é uma decisão popular ou que agradaria. É uma decisão do tipo: Olha, eu estou pensando em mim, e essa eu quero manter... Ter só para mim, que não seja... Que não apareça em nenhum outro local. Então, assim, eu registro como um super crescimento da parte de Anjo Barroco. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 66)

Nessa complexa viagem cartográfica pela história de vida de nosso caso, defini-la não é tarefa simples. Mesmo assim, alguns depoentes colaboradores desta pesquisa deram algum contorno para nosso Anjo Barroco, montando um mosaico sobre traços de sua personalidade, sem que isso tenha a intenção de ser reducionista.

Ah, eu vejo ela bem esclarecida, bem inteligente, extrovertida. Ela é uma pessoa fácil de se relacionar com as pessoas. Ela tem um QI muito alto, eu acho ela muito inteligente demais. E tem várias personalidades ótimas. Ela está bem. Ela está boa. (...) ela é calma, tranquila, obediente, sossegada. (...) Ela nunca deu problemas, não, nunca deu trabalho, não. Sempre foi tranquila. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 39)

Anjo Barroco é um ser humano muito particular. Uma pessoa que tem uma vida de sofrimento muito intenso, mas conseguiu lidar de uma maneira assim, digna. Eu acho que ela se qualificou enquanto domínio da vida dela, do desejo, da participação. Eu acho que ela é uma coisa que se a gente pode situar na questão da Reforma Psiquiátrica, é um exemplo, que pode falar: Escuta, teve oportunidade de conviver em outros espaços, e ela se apropriar daquilo, Anjo Barroco é uma dessas pessoas aí, muito exemplar nesse sentido. Ela tinha uma vida com muito sofrimento, mas ao mesmo tempo com muita dignidade. Uma pessoa especial, no meu modo de ver. (Depoimento de Oton, médico psiquiatra e superintendente do Cândido Ferreira, 2010 : 51)

Ela é uma pessoa muito espontânea, ela é muito direta, não é? Eu só gostaria que ela olhasse mais para a vida dela, porque eu acho que ela tem muita coisa para construir, e também não ficar na dependência de que os outros façam para ela, eu acho que ela é bem capaz de fazer. Uma coisa com relação ao estudo, porque eu já falei para ela, eu acho que ela é capaz de voltar a estudar, e fazer alguma coisa relacionada ao trabalho. Sobre a vida dela, eu acho que ela só tem que acreditar um pouco mais nela, saber que ela

dá conta das coisas e ir lá e fazer. Ela sempre fica achando que não vai conseguir, não vai fazer. Mas ela dá conta sim, é só ela ir lá e fazer. E se vale, o recadinho vai chegar para ela, para não parar de tomar o remédio, porque ela, de vez em quando, abusa e fica sem o remédio. Eu já falei para ela que vou brigar com ela. (...) eu acho que ela é uma pessoa que tem tudo ainda para vencer, tem muita coisa ainda, é inteligente, é esperta, é uma pessoa amorosa, é uma pessoa afetiva e tem muita coisa ainda para alcançar. Não ficar parada não. E eu acredito nela, eu acredito que a nós ainda vamos fazer muita coisa juntas, vamos construir muitas coisas juntas. (Depoimento de Juma, funcionária do NOT, 2010 : 80)

Sempre com muitos altos e baixos, assim, de estar, às vezes, trazendo as suas angústias, as suas queixas ou de estar muito feliz com alguma coisa. Eu acho que esse é sempre o perfil de Anjo Barroco. Qualquer problema, ela fica muito ansiosa, preocupada, querendo resolver logo, e isso, às vezes, a deixa mais... Pode até ficar muito acelerada ou muito deprimida. Mas ela é uma pessoa que responde bem a um atendimento, a uma conversa, uma escuta e vai seguindo. É uma pessoa agradável, muito solícita, que gosta de interagir com as pessoas. (Depoimento de Clélia, gerente do NOT, 2010 : 90)

Eu gosto muito da Anjo Barroco. Eu acho que é uma figura agradável. Foi muito interessante trabalhar com ela, assim, no dia a dia, embora eu ache que aqui no NOT a gente vive esses dois lados, é trabalho e é tratamento. Mas foi uma pessoa que foi tranquilo lidar com isso, assim, tão próximo. Porque a gente não está... Ela no NOT ficou muito pouco numa oficina, ela se destaca e vai para outras frentes. Foi uma experiência interessante cuidar e, ao mesmo tempo, demandar atividades de trabalho para ela aqui. Uma coisa que eu não falei, eu acho que Anjo Barroco é extremamente honesta, e tem uma postura ética para ouvir coisas e guardar impressionante também. Eu acho que essa postura ética dela merece destaque. Porque, às vezes, ela ouvia coisas e ela até comentava: olha, pode ficar sossegada. E a mesma coisa, o retorno que ela dava para as pessoas. Acho bem interessante o jeito de ser Anjo Barroco, é uma figura interessante. (Depoimento de Clélia, gerente do NOT, 2010 : 94)

Ela é bem responsável no trabalho dela. Organizada. Responsável e organizada. (...) Nos momentos de trabalho aqui no Maluco Beleza, ela procura se organizar bem do jeito dela. (Depoimento de Ale, funcionário e amigo, 2010 : 82)

Anjo Barroco é uma pessoa muito doce. Ela é muito meiga, ela é muito preocupada com as amigas. Eu conheci Anjo Barroco e já me encantei com ela. Não sabia que ela era usuária da saúde mental, e quando ela falou que ela era, e começou a me contar um pouquinho da história dela, eu fiquei super encantada. E ela é uma pessoa maravilhosa, que é amiga de verdade, que liga para saber como você está. Ela é uma fofa, e eu gosto muito dela, da companhia dela. E é isso. Eu me emociono {prestes a chorar}. (Depoimento de Carola, funcionária do Ponto de Cultura, 2010 : 82)

Anjo Barroco também se define, numa narrativa autoreferida de superação, consegue ver o lado bom das oportunidades que a vida lhe dá. Bastante consciente de suas potencialidades e limitações, ela está embrenhada numa luta constante de transformações,

porém, sem nunca perder a ternura, a exemplo de Che Guevara. Ela vislumbra um futuro ainda melhor e se considera uma pessoa feliz.

Eu tenho quarenta e cinco anos. Desde os vinte e dois anos que começou o sofrimento psíquico. E nesses vinte e três anos aí, tanta coisa eu já passei, tanta coisa eu já vivi. De internações, de outros hospitais, de outras coisas. E de começar a imaginar que, hoje, eu ia estar conseguindo ser quem eu sou? (...) Hoje, eu sou uma pessoa que eu me realizo, eu sou uma pessoa realizada porque eu consigo ter amigos maravilhosos, em primeiro lugar, uma família ótima também, que me admira. Uma irmã que não tem nem como falar... Uma mãe irmã. E ter assim, pessoas que confiam em mim, que eu sei que precisam, que podem contar comigo, porque eu dou conta também. Só para ficar um pouquinho melhor assim, eu só tenho que arrumar a parte do coração, amorosa. Eu não sinto... Eu não fico brava, eu não fico nervosa porque ainda não deu certo na minha vida, não. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 27)

Anjo Barroco hoje é uma mulher batalhadora, que conseguiu batalhar, que conseguiu, sabe? Se eu for olhar para trás, e ver lá como tudo começou, e como hoje eu estou, aonde eu cheguei, onde eu posso chegar ainda... Porque eu acho que as coisas não param por aqui, as coisas ainda continuam. Eu tenho quarenta e cinco anos, hoje. Eu defino assim, que eu sou uma pessoa que eu mereço o que eu tenho, que eu cheguei aonde eu cheguei por merecimento. Eu tenho um vínculo de amizades muito bom. As pessoas que são minhas amigas, é porque realmente gostam de mim. Eu tenho uma família ótima, que gosta de mim, não só a minha irmã, mas os meus sobrinhos, que são as pessoas que eu tenho mais contato. E eu tenho objetivos na vida. Sou uma pessoa que tem objetivos e que corre atrás dos seus objetivos. Que nem eu disse, que eu pretendo fazer o curso de locutora do Senac, eu quero fazer algumas coisas na minha vida ainda que vão me engrandecer ainda mais. E eu sou feliz. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 38)

Fecham-se as cortinas. A cara de encanto do público, misturada aos aplausos, indica que é chegada a hora de juntarmos a lona e seguirmos a viagem com nossa trupe. Uma nova cartografia, um novo eixo temático nos espera pelo caminho. Dê-me a mão, Anjo Barroco, e me guie para onde realizaremos a próxima parada.

3.2. PARADA: A HISTÓRIA DO SOFRIMENTO

“Ir deixando a pele em cada palco e não olhar pra trás”

(Hollanda & Lobo In Hollanda, 2006 : 328)

Falar sobre sofrimento não é nada fácil. Recordar momentos em que foram difíceis na vida do nosso caso remete à coragem de uma domadora de feras. Destemida, ela entra no picadeiro, e o animal feroz que parecia ser perigoso demais, aos poucos vai obedecendo às ordens da domadora. É chegada hora de nossa próxima parada, mais um eixo temático vem para a cena.

Nosso caso sempre esteve acima do peso considerado ideal. Guiada pela imposição da moda contemporânea, de possuir um corpo esbelto para se sentir bonita, para ser aceita, já passou por várias dietas. O uso indevido de anfetamina, associada ao álcool, foi o desencadeador de seu sofrimento mental.

(...) Anjo Barroco era normal. Normal, não aparentava nada, nada que podia dizer assim, olha, essa criança futuramente vai ter problemas. Nada. Se ela tinha isso guardadinho lá dentro, ela mesmo que desencadeou, procurou e desencadeou. Porque até poderia ter ficado lá, parado esse problema dela e

não ter manifestado. A gente não sabe, só um psiquiatra que pode dizer. Eu acredito que por ela ser gordinha... Mas ela ser gordinha, ela foi muito bem alimentada. A minha mãe não tinha muita cultura em saber que uma criança não precisa ser obesa. Uma criança para ter saúde não precisa ser obesa, então é questão de cultura também. E em Minas, há quarenta e quatro anos atrás, os pais achavam que as crianças tinham que ser gordinhas, que criança, se não fosse gordinha, não tinha saúde. Era assim. Então por inocência da minha mãe e falta de orientação, a minha mãe desencadeou isso nela, e ela sempre foi comilona, gostava... Então ela foi desde de pequenininha desenvolvendo essa gordura, e ser gordinha. E aí quando ela foi ficando adolescente e que ela viu que isso incomodava, aí ela procurou o método mais errado de se emagrecer. Porque o método mais errado de se emagrecer é com remédio. O pouco que eu sei, eu acho que a gente tem que, primeiro, fechar a boca e depois tem outros tipos sem ser o remédio. Porque o remédio você toma por um certo tempo, emagrece, mas depois, passa um tempo e você volta a engordar tudo novamente. Eu penso assim. Nessa época, que Anjo Barroco tomou os remédios para emagrecer, eu já não morava mais com os meus pais. Ela mora com meu pai, minha mãe e um irmão meu. Então eu tinha, assim, eu morava num bairro e minha mãe em outro. A gente tinha contato, se via, ficava junto, mas era... Eu tinha já a minha vida, eu trabalhava, eu já tinha meus filhos, eu já tinha outros [compromissos]... Então eu não tinha muita convivência de ficar olhando, eu nem sabia que Anjo Barroco tomava esses remédios. Eu não sabia. Eu acho que ela fez isso escondido também. (...) Ela era uma moça normal, ela passeava, ela saía, ela tinha amigos, ela ia, saía com os amigos dela como qualquer outra moça normal. E em uma festa dessas, ela tomou um aperitivo e isso veio, e eu acho que foi isso, não sei, é o que ela fala, que veio desencadear a doença psiquiátrica dela. E aí foi quando ela entrou no primeiro surto dela. É o que eu soube pela minha mãe, porque, até então, eu não estava junto para ver o que foi, como que foi, que jeito que foi. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 42-43)

No alto de seus 22 anos, quando se apaixonou por um homem casado, os sentimentos desestabilizaram as emoções de Anjo Barroco e ela acabou engordando oito quilos. Para eliminar o peso adquirido, ela começou novamente uma dieta à base de anfetamina. Foi nessa fase da vida de nosso caso que os primeiros sintomas do sofrimento mental começaram a surgir.

E nesse intervalo que eu fiquei com ele, quatro meses, eu engordei de sessenta para sessenta e oito quilos. Eu engordei oito quilos nesses quatro meses. Aí eu comecei a tomar por conta própria medicação para emagrecer. Porque eu já havia, desde os quinze anos, até os vinte e dois, eu sempre tomei remédio para emagrecer. Tomava, e era aquele efeito sanfona, né? (...) É, isso, vários tipos [de anfetaminas]. O que você imaginar, assim. O que me levou para o buraco foi o Darxten Plus... {exita} Não, o Modeline. Tudo tarja preta, vários tipos, eu já tomei. O doutor Luzo, na época, que eu tive convênio, que é um famoso endócrino, e receita esse tipo de remédio, eu já passei por ele também, conhecia ele também. E aí eu comecei a tomar esse medicamento para voltar a ficar magra de novo. Só que era final de ano, da escola, eu precisava passar, era o último ano, eu fazia o quê? Eu trabalhava na gráfica, às 10 horas eu tomava anfetamina, antes de ir para a escola, eu

passava no bar, tomava bebida alcoólica ou a pinga com sorvete lá, entendeu? Ou a menta lá que eu tinha aprendido, tudo, e depois ia para a escola. As provas, as notas, as melhores possíveis, até em matemática. A professora falava: Anjo Barroco, você colou? Mas como que eu vou colar em matemática? Não, porque na hora do almoço, eu estudava pra caramba. Estudava, estava assim elétrica, estudava, aprendi a gostar de matemática para poder passar de ano. Então passei de ano. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 7)

As alterações de comportamento de Anjo Barroco foram percebidas durante uma viagem para o Paraguai, em que acompanhou uma amiga de sua irmã Beta, para realizar compras naquele país. O intuito era que ela servisse como “cabide”, que na linguagem popular era a pessoa que vai junto com o comprador, para poder ajudar a trazer maior quantidade de mercadorias irregulares.

(...) minha irmã Beta, que era minha vizinha, morava na frente, ela tinha um salão de depilação, que até eu já tinha trabalhado com ela como recepcionista, numa época, ela ia fazer uma viagem para o Paraguai. E aí ela me chamou porque tinha vaga como cabide, para carregar as coisas. Eles precisavam de cabide para carregar as coisas, e não precisava pagar. Então eu falei: eu vou. Aí eu fui com ela para o Paraguai. Chegamos lá, eu trouxe whisky, trouxe uns negócios, tudo, de cabide. Ela foi até para a Argentina, eu não fui com ela... Aí voltamos todos no mesmo ônibus. Voltando desse ônibus assim, passou pelas barreiras lá, tudo bem, mas mais para frente teve um outro ônibus que estava sendo revistado. Era um pente fino da Polícia Federal. Ela pegou e falou assim: Anjo Barroco, olha para fora. Olha e veja o pente fino. E aquilo me deu um pavor tão grande que eu peguei e me encolhi no banco. Eu peguei e me encolhi assim no banco e não quis ver. Mas tudo bem, chegamos. Daí isso já foi um primeiro sinal de uma coisa meio que anormal. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 7)

A sua mudança de comportamento a levou a perder o emprego. Algumas alterações eram percebidas, como comparecer à festa sem ser convidada, fazer uso abusivo do cartão de crédito para consumo de roupas, mania de tomar banho sem nunca se sentir suficientemente limpa.

No trabalho, eu não lembro porque motivo eu acabei sendo mandada embora. Só que o meu chefe percebeu que alguma coisa não estava legal. Antes dele me mandar embora, ele me chamou na sala dele, tudo, assim, ele falou? Anjo Barroco... Eu acho que era Fred o nome dele: Quando você não está bem assim na sua casa, o dia que você não estiver legal, você entra no seu quarto, abre o guarda roupa, xinga todas as suas roupas, xinga todos os seus vestidos, desabafe, sabe? Eu acho que ele já estava percebendo que alguma coisa não estava muito legal. Eu sei que ele me demitiu, e eu estava fazendo o aviso prévio, e tinha a festa de final de ano nessa gráfica, que era ali no Castelo, e eu morava na Vila Industrial. Eu sabia que estava tendo festa naquele dia e eu fui a pé da minha casa, peguei o Sarmento, e fui para essa festa a pé, caminhando, caminhando, caminhando. Cheguei lá, estava

tendo a festa e tudo, me deram guaraná, me deram churrasquinho para comer, e acho que me trouxeram de volta para minha casa. Um outro fato que aconteceu nesse intervalo também, tinha uma senhora vizinha onde eu morava, que vendia umas blusas de malha com umas mangas morcego, assim, e eu comprei oito blusas iguais, só com cores diferentes. A minha mãe falou pra essa mulher assim, a vendedora: A senhora vendeu tudo isso de blusa para ela? Estava entrando na mania. A senhora não percebeu que ela não está muito bem? Ela vai pagar, não sei quando, mas ela vai pagar. E aí eu já tinha cartão de crédito também, mas não assim igual Visa, Máster, que eu tenho hoje. Eu tinha o da C&A. Eu fui na C&A e comprei roupão, comprei maiô, lindo, maravilhoso, porque aí também eu já tinha emagrecido, eu perdi peso. Eu pirei a cabeça, quase morri, mas eu perdi os oito quilos. Tinha um maiô assim amarelo, que você olhava assim e tinha umas tirinhas por trás que parecia biquíni, mas na frente era maiô. Eu comprei esse maiô, comprei um outro mais colorido, estava tudo muito chique. Muito chique, mas muito doida também. Teve um dia assim que eu estava em casa, eu tomei banho, pus esse roupão novo, cabelo molhado, porque eu tinha tomado banho, deitei assim na minha cama, só que meus nervos estavam à flor da pele. Meu cobertor escorregou e eu fiz um tranco assim, e gritava com a minha mãe: Mãe, eu estou fedendo. Minha mãe, coitadinha, ela falava assim: Anjo Barroco, você acabou de sair do banheiro agora, você tomou banho. Mas sabe, eu já estava toda desregulada. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 8)

Aqui se inicia uma mudança significativa na trajetória de vida de nosso caso. A falta de compreensão da família sobre como lidar com a nova realidade, a dificuldade pela busca de um tratamento adequado transformaram a vida de Anjo Barroco numa busca incessante pelo equilíbrio perdido. Idas e vindas para prontos socorros, hospitais psiquiátricos, mudança de Campinas para Itamogi, e vice-versa, vão demonstrando a dificuldade de manejo que a família possuía com o surgimento do sofrimento mental²⁴.

Não, não demorou muito não [para a família perceber que ela estava com um sofrimento mental], porque a minha avó, mãe da minha mãe, também era doente mental. Minha avó tinha surto todos os anos. Eu pequena via, mas meus tios conviviam com ela, viam, então, não demorou muito não. Mas foi um choque, não é? Por quê? Como Anjo Barroco? Por que Anjo Barroco? Que teve uma vida tão boa! Foi tão querida! Foi tão amada! Teve tudo que precisava na medida do possível! Por que Anjo Barroco? Mas, ninguém, eu acho que a minha mãe quis esconder, não falou sobre os remédios que ela tomou (...) Então ficou aquilo meio escondido sobre os remédios. Ficou como se ela fosse portadora de um problema mental e que ele tinha desencadeado. Entendeu? (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 43-44)

Muitas tentativas foram feitas para a reabilitação de nosso caso-guia. Nem sempre se manteve internada e nos períodos em que estava de alta, na ocasião em que tinha voltado a morar sozinha em Minas Gerais, ela foi demonstrando que não estava suficientemente capaz de manter os cuidados consigo mesma.

²⁴ As internações pelas quais passou nosso caso-guia serão desenvolvidas no item Parada Outras Instituições.

Quando eu saí desse hospital [em Minas Gerais], antes de chegar na Beta [em Campinas], quando eu saí desse hospital, eu tive alta, ele [o irmão Luca] tinha montado a casa lá para mim, e uma outra casa, uma outra casa que ele arrumou para mim morar, mas ele deixou meus pais no asilo. E eu vim com medicação. Só que eu estava tomando um medicamento que não faz muito bem para mim. É para bipolaridade, mas para mim, piora a minha situação. Como o médico lá não sabia, eu falava [alertava o médico], mas o médico insistia com o remédio, eu vim com esse remédio que não fazia muito bem. Enfim, aí eu comecei a morar sozinha nessa casa, e meus pais no asilo. No asilo, eu ia lá uma vez por semana visitar meus pais no asilo. Eu não ia todo dia, ia uma vez por semana. O que é que eu fazia? Eu fazia a comida, almoçava, aí oito horas da noite eu tomava o remédio, jantava, e aí eu ia dormir. Tinha televisão, tudo, mas eu ia dormir. Esperava o outro dia chegar. Aí fiquei assim alguns dias. Só que ele [o irmão Luca] viu que eu fui piorando, aí eu comecei assim a aparência desleixar, cabelo de qualquer jeito, unha de qualquer jeito, comecei a desleixar, desleixar... Aí como ele vinha comprar roupa aqui no Alan Kardek [bazar beneficente localizado em Campinas], eu acho que ele veio falar com a Beta, se ele podia me trazer para cá para a Beta cuidar. Aí eu acho que ele conversou antes tudo com a Beta, e aí foi como eu vim parar aqui na Beta. Mas a Beta também não sabia de nada como que era a coisa do tratamento, como que tratava, tudo, foi aonde que eu fui transferida para cá. E aí deixei os meus pais lá no asilo morando. Os meus pais ficaram no asilo, e eu vim morar na casa da Beta. Então foi assim, depois que eu tive alta lá do hospital (...), eu fiquei um tempo morando sozinha na cidade [Itamogi/MG], tomando um pouco dessa medicação. Ele [o irmão Luca] viu que eu estava num estado pior, e aí me trouxe para Campinas, porque Campinas tem tratamento. E foi por isso que eu vim para cá morar com a Beta. Aí outra coisa que ele comentou, que ele não ia deixar faltar nada, que ele ia mandar dinheiro, aquilo outro... Nunca ajudou financeiramente nesses dez anos. Ele deixou, na época, eu acho que foi um pacote de cigarros, depois ele nunca mais ajudou. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 16)

Em um dos momentos em que Anjo Barroco passou pelo ambulatório do Hospital da PAT, em Campinas, ela viu em seu prontuário o diagnóstico de “esquizofrenia”, seguido de um ponto de interrogação. A descoberta de possuir um diagnóstico a deixou bastante tocada, ainda que não fosse o correto, pois, posteriormente, veio a se confirmar seu quadro de bipolaridade. Pela primeira vez, ela sentiu o peso de possuir um diagnóstico que a caracterizava, segundo ela, como “louca”.

Então, desses hospitais que eu realmente fiquei internada, em alguns momentos, eu passei pelo ambulatório da PAT²⁵, né? (...) o que me assustou bastante, porque quando eu chegava para consultar lá, no prontuário aqui, estava escrito o meu nome e estava escrito esquizofrenia e um ponto de interrogação. Gente, eu pegava, lia aquilo lá... Gente, eu não sou louca. Porque para mim, na minha cabeça, assim, esquizofrenia é uma coisa... Loucura era uma coisa assim... Eu não sou louca, eu não sou louca, sabe?

²⁵ Todos os nomes das outras instituições de saúde por onde passou Anjo Barroco foram substituídos por codinomes, por questões éticas.

Porque, sei lá, deve ter algumas coisas da esquizofrenia com o bipolar, que, antigamente, falava psicose maníaca depressiva, que deve ter igual, né? Até então eu não sei se tinha surgido essa doença com essa denominação. Mas algumas particularidades de uma coisa com a outra eu acho que deve casar, então por isso que tinha o ponto de interrogação, não tinha a confirmação direito, né? Mas foi difícil assim descobrir, né? Porque mexeu com tudo na minha vida. Porque mexe com a parte sexual, porque... Libido, que fala, não é? Mexe com a parte de cérebro (...). (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 17)

Questionada sobre preconceito, ela relata ter sofrido uma ou outra maldade, mas considera ter sido discriminada no mercado formal de trabalho. Durante doze anos, dos vinte e dois anos em que está em tratamento, passou por diversos empregos, mas não conseguiu se estabilizar em nenhum deles. Há dez no Cândido Ferreira, trabalha no Núcleo de Oficinas e Trabalho e acredita desempenhar bem as funções que lhe são delegadas.

Quando começou a doença, eu me lembro de uma chilena que estudava comigo no terceiro colegial, no Aníbal de Freitas, por exemplo, que por algum motivo, eu tive um desentendimento com ela. Ela fez eu passar por uma situação que eu não tinha feito, que ela... Eu fui acusada de... Por exemplo, eu não sei se isso é um preconceito. Mas eu fui acusada de roubo de uma coisa que eu não roubei. Ela furtou, sei lá, a calculadora de uma amiga minha e colocou debaixo da minha carteira. Foi achada debaixo da minha carteira, como se eu tivesse roubado. Eu chorei, eu me expliquei para uma classe inteira que não fui eu que tinha feito aquilo, mas a menina fez para poder me incriminar. E eu acho que em outras situações também, assim, profissional, que eu tentei. Porque, nesse tempo todo dos vinte e dois anos para cá, eu trabalhei também formalmente, no mercado de trabalho. Eu estou no Cândido há dez anos. São vinte e dois anos que eu faço tratamento e, em doze anos, tiveram períodos na minha vida que eu trabalhei no mercado de trabalho formal. E eu tive preconceito porque eu acho que eu perdi o emprego. Porque eu acho que era mais fácil mandar eu embora, do que me mandar para um tratamento, e eu voltar para o mercado de trabalho que eu estava trabalhando, não é? Eu acho que isso é preconceito também. É mais fácil mandar embora e não ter paciência de esperar a pessoa melhorar. Lá fora é assim que funciona, não é? Por isso que a gente tem, assim, essa coisa protegida aqui dentro, não é? E aqui dentro, eu já tive alguns períodos, assim, de fazer leito noite, de ter que passar por leito noite e melhorar e voltar para a oficina, voltar para o setor administrativo do NOT sem problema nenhum. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 32)

Atualmente Anjo Barroco sofre com as novas regras da Associação das Empresas de Transporte Coletivo Urbano de Campinas, a TRANSURC, para obtenção do passe de ônibus gratuito para pessoas portadores de sofrimento mental, e que necessitam de transporte público gratuito para darem prosseguimento em seus tratamentos terapêuticos. As novas regras restringem o direito ao passe gratuito para as pessoas portadoras do mesmo diagnóstico de nosso caso, mantendo o benefício somente para os esquizofrênicos.

Eu estou sentindo na pele. Eu estou sentindo na pele, dos direitos dos usuários da saúde mental. Principalmente, aqui em Campinas, o usuário da saúde mental não tem direito a transporte para fazer o próprio tratamento dele. São vários casos de pessoas que não estão conseguindo renovar o transporte gratuito, o cartão do transporte na EMDEC (Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas), na SETRANSP (Secretaria de Transportes), porque simplesmente eles negam, eles dão alta. Então, como que o usuário vai poder continuar o tratamento dele, e em muitos dos casos, eles não têm condições de estar pagando, tirando do bolso ou pedindo para a família ajudar. E isso vai trazer um retrocesso, um retrocesso no tratamento dele. Ele pode entrar em surto, chegar até a ser internado no caso disso. E isso está acontecendo comigo também. Há mais de trinta dias também que eu estou passando por isso com a TRANSURC e com a EMDEC, que me negaram o benefício do transporte gratuito. Uma das coisas que eu vejo é isso. Aqui em Campinas, o que está mais apertando é essa parte do transporte. E eu acho que é um direito... Primeiro, é um direito do cidadão de ir e vir, é um direito do cidadão lá dos direitos humanos da pessoa. E o portador de transtorno mental, se ele não tem condições financeiras, e se ele não tiver o benefício para poder sair da casa dele e ir até o Caps, se não puder sair da casa dele e ir até um projeto terapêutico, dentro do Cândido Ferreira, que fica no sub distrito de Campinas, e geralmente fica longe de casa, ele precisa pegar duas conduções para ir, duas para voltar, como é que fica, então? O que é que a gente vai fazer? A gente vai colocar todo mundo lá, então, dentro da sede da TRANSURC, na onze de Agosto lá [noem da rua], vamos fazer a oficina lá dentro ou vamos fazer um retrocesso, vamos fazer internação lá dentro, eu não sei. Alguma solução tem que ser feita. Eu não sei se algum abaixo-assinado, alguma manifestação, mas alguma coisa tem que ser feita, tem que ser tomada. Não só eu que estou sendo prejudicada, mas várias pessoas estão sendo prejudicadas. E as alegações, cada vez ele brecam por algum motivo de alguma coisa. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 37)

A perda desse benefício estava desestabilizando emocionalmente Anjo Barroco. O transporte público gratuito, ao qual teve direito até o final do ano de 2010, a partir das novas determinações está sendo negado a ela, o que provocava uma despesa inesperada, pois ela não tem deixado de frequentar as atividades no Cândido Ferreira e no Ponto de Cultura. O medo de não sustentar o pagamento do transporte por muito tempo é uma ameaça para ela.

Então, isso a deixa extremamente mal, pega, assim, quase descompensada. Mas é uma situação que ela vem pedir para resolver e a gente não tem muita governabilidade sobre isso. Eu acho que ela exagera, às vezes, um pouco, não é? Tanto que, da última vez, ela nem veio. Eu falei: Anjo Barroco vai ter que comprar mesmo e pagar a passagem. Porque ela até recebe um valor da bolsa que daria, mas é uma situação que ela fica descompensada, porque ela fica muito preocupada em não conseguir vir. Porque aí ela tem essa coisa da grana, ela gasta tudo, assim, não é muito, mas aí também ela não tem nenhuma reserva, então ela fica muito preocupada com essa questão. E a gente vai tentando, e vai lidando com ela, assim, para ela não chegar... Ela já chegou a descompensar uma vez aí por conta disso, porque ameaçaram de cortar, ela ficou sem, e aí a gente vai lidando e pensando junto com ela

alternativas: vamos mandar de novo, vamos fazer isso, fazer aquilo. E ela fica meio brava quando eu falo: Anjo Barroco vai ter que pagar. Você recebe uma bolsa até que mais ou menos, um pouco você vai ter que gastar. Quando eles dão por dois três dias e não dão para o resto dos dias, mas ela fica muito mal. Mas eu acho que é uma intransigência da TRANSURC tanto com ela como de outros. Ela tem necessidade, não dá para ela não vir. Eu acho que, embora ela tenha um bom desempenho nas atividades, não dá para ela ficar sem ter atividade nenhuma. E aqui é o espaço, ela está hoje no Maluco Beleza, mas aqui é o espaço dela, das relações. Eu acho que com a equipe, ela mantém... Como a rede de amigos dela que ela liga para várias pessoas, ela é articulada nesse sentido, e ela é querida também. Não é querida... Liga só para encher o saco e o pessoal não dá bola. O pessoal também liga para ela, tem uma resposta. Então é um círculo... É uma rede social mesmo que ela faz. Eu acho super interessante. Mas é uma pena a coisa do transporte, porque daí fica uma preocupação a mais para ela, que é pertinente, porque não é barato pagar ônibus, não é? (Depoimento de Clelia, gerente do NOT, 2010 : 93)

A instituição Cândido Ferreira está intervindo no caso, por meio de recursos cabíveis, com o objetivo de reverter o processo.

(...) ela está impactada com a questão do passe, por conta das regras estabelecidas pela EMDEC das pessoas terem o passe gratuito para participar de processo terapêutico, ela conseguiu [por um período]. Mas por conta da patologia dela não estar qualificada dentro das regras da EMDEC, então ela foi podada no direito de ter. Estou persistindo para que ela tenha um movimento no sentido de conseguir isso. E isso, de certa forma, não só nesse quesito da questão do vale-transporte gratuito, não só no caso do Anjo Barroco, mas para as pessoas que têm esse tipo de sofrimento, tem que ser considerado de uma maneira especial. Porque essas pessoas aí têm um nível de demanda muito grande. E se a sociedade, como um todo, não propiciar espaço de oportunidade, eu acho que a sociedade perde. O usuário perde, mas a sociedade também perde na possibilidade de criar algum outro mecanismo que possa facilitar ou melhorar as condições de igualdade que a própria vida constitui na natureza de todo mundo. (Depoimento de Oton, médico psiquiatra e superintendente do SSCF, 2010 : 51-52)

Esse é o nosso nó atual, essa é a questão do momento. Em relação ao Anjo Barroco, é um benefício que ela recebeu por muitos anos. Eu acho que faz uns dez anos ou mais que ela recebe. E eu não sei se foi só... Ao longo do tempo, eles deram meio que uma mudada na lei e tudo. Mas de um modo geral, sempre forneceram. E Anjo Barroco costuma levar um relatório bem detalhado do acompanhamento dela, de como que é feito, que é um acompanhamento bastante próximo das pessoas, que é sério, inclusive, apontando para a questão da protela, numa tentativa de manter o benefício. Só que esse benefício tem sido cortado para várias pessoas. E ela foi uma delas. Que eu imagino, que a gente imagina, por causa do tempo, porque tem seguido mais ou menos esse padrão. Não tem seguido muito, necessariamente, a questão do diagnóstico. Antes eles limitavam a um CID, a uma classificação, e agora eles têm meio que exigido por trás disso um comprovante de invalidez do INSS. Então isso tem causado muito desespero, até, para algumas pessoas que contam com esse benefício para fazer as

atividades nas oficinas, por exemplo. E mesmo explicando de justificando isso, não se aceita mais essa justificativa. O que é uma pena, porque se você considera que essas atividades, que poder diversificar e fazer coisas diferentes vão servir como tratamento, você limita completamente alguém que não tem condições de sair, de pegar o ônibus para fazer esse tipo de atividade. E aí você cerceia, eu acho, completamente possibilidades de abrir o leque, de ter outras opções. Porque aí você restringe a ficar próximo daquele local exclusivamente onde a pessoa mora. E talvez tenham coisas, porque não dá para fazer tudo... A gente não vai ter tudo em todos os locais. Dependendo da característica, cada um vai encontrar aquilo que agrada mais, ou seja, aquilo que a pessoa consegue desenvolver mais em outros espaços. Então, esse é um ponto que está sendo bem difícil aqui no NOT, e que outras pessoas também foram prejudicadas. Teve, inclusive, gente que saiu da oficina porque não tinha como pagar, e o retorno, quanto que a oficina gerava de renda, mal daria, se é que daria, para cobrir às vezes esse valor. Então, por mais que a gente tente caminhar no sentido de melhorar cada vez mais as bolsas das oficinas, ter... Tem gente que sobrevive só disso. Então esse auxílio é extremamente importante para essas pessoas. Tudo bem que Anjo Barroco, a gente sabe que ela não vive só disso. Mas é um auxílio que ela já tem há um tanto de ano. E veio meio que sem nenhum aviso prévio, sabe? É um corte assim... Não é muito conversável. Não se tem um diálogo ou uma abertura nesse sentido. A gente, enquanto equipe do NOT, já tentou até conversar com o pessoal, propôs uma reunião e a resposta foi meio do tipo: Não temos interesse. Então foi bem assim, foi algo que deixou todo mundo meio chateado no sentido de ver que algumas coisas assim, até eu acho ilegais mesmo, de paciente com afastamento pelo INSS, por causa da greve, o INSS demora mais para fazer a nova perícia, e aí o INSS não deixa esse período descoberto, a pessoa fica recebendo mesmo assim, só que para a Transurc isso não vale. Eles cortam. Eles cortaram de um senhor da oficina porque já venceu o prazo. E mesmo você justificando, mandado relatório, explicando, indo até lá, não tem muita... Não tem conversa. É não, é não, a regra é essa e ponto final. Não parece ser algo conversável. Eu acho que isso vai trazer de novo um dilema para Anjo Barroco, do tipo: Ah, mas eu estou bem, será que eu não poderia ir trabalhar, então, e ter os meus benefícios de trabalhadora, de ter um salário ou algo assim. Ela tem uma amiga que acabou de arranjar emprego, então eu acho que dá meio que uma mexida. Eu acho que volta a transitar de novo nesse sentido. Mas vamos ver. Eu vou... Hoje é um dia que a advogada está aí, a gente vai conversar sobre essa questão. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 71-72)

O sofrimento mental desencadeado em nosso caso vai além de um diagnóstico pura e simplesmente, traz consigo um rótulo, um estigma, que gera preconceito e discriminação. No início, a família e pessoas mais próximas nem sempre souberam como lidar com esse tipo de sofrimento. A sociedade ainda tem vários mecanismos de exclusão para pessoas que são consideradas diferentes, e o convívio com as diferenças nem sempre é harmonioso, causando ruídos de várias ordens. Contudo nosso caso-guia enfrenta o sofrimento com dignidade e segue em busca de novas alternativas para que sejam superados todos os obstáculos que estiverem ao seu alcance, contando com a colaboração das pessoas próximas e das instituições

que estão em seu caminho. Hora de juntar nossa lona no trailer e seguir rumo ao próximo destino. Sigamos a viagem desta cartografia sentimental.

3.3. PARADA: OUTRAS INSTITUIÇÕES

**“Não sei se é vida real
Um invisível cordão
Após o salto mortal”**

(Hollanda & Lobo In Hollanda, 2006 : 331)

Quem é aquela mulher que se dobra no palco? Quem é aquela que parece mais ser feita de borracha de que qualquer outro material humano? Ora os pés pelas mãos, ora a cabeça encaixada na cintura... Flexível, ela vai mostrando as artimanhas, as expressões, formas que seu corpo consegue tomar. É ela: a contorcionista E é a esse personagem circense que associaremos nosso caso-guia neste próximo eixo temático. Consegue se envergar, mas não se quebra diante das dificuldades que enfrentou, nas instituições em que procurou por cuidados.

Após o surgimento do sofrimento mental na vida de nosso caso-guia, muitas instituições de saúde foram procuradas pela família, com o objetivo de sanar os sintomas que surgiram desde então e retomar a saúde de Anjo Barroco. Este novo eixo-temático traz para o picadeiro histórias que nosso caso viveu nos serviços de saúde pelos quais passou antes de chegar ao Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. Os nomes das outras instituições de saúde, citadas no capítulo, foram substituídas por codinomes, para evitarmos problemas éticos e jurídicos futuros. O que nos interessa não é identificar as instituições, mas, sim, saber quais os cuidados empregados por esses serviços de saúde no tratamento mental de nosso caso-guia, e quais implicações esses tratamentos trouxeram para sua vida.

Nossa história começa no ano de 1987, quando surge o sofrimento mental na trajetória de Anjo Barroco, que na época possuía 22 anos. Tomada pelos sintomas advindos de seu quadro, a família procurou ajuda primeiramente com um psiquiatra que atendia o plano de saúde de nosso caso.

(...) como eu tinha sido mandada embora [do trabalho], mas ainda eu tinha o convênio da Unirat, a minha mãe... Primeiro ela me levou, eu fui parar na PAT [hospital público de Campinas]. (...) Aí no negócio do convênio, ela me levou no doutor... O primeiro psiquiatra que eu fui, que ela me levou foi no doutor Fábio Mara, perto do Chapéus Cury. Aí o doutor Fábio Mara me examinou, conversou com a minha mãe e tudo. Eu falei: posso usar o banheiro? Pode. Fui usar o banheiro e tinha um pedestalsinho com um cinzeiro dentro do banheiro. Esses médicos falam que não pode fumar e tinha um cinzeiro dentro do banheiro? Tinha uma criança meio que chorando, eu fui lá no quarto, peguei o filhinho dele no colo, do berço, porque era na casa dele o consultório, peguei a criança no colo, levei para ele. Ave Maria, coitado... Ele falou: Vamos começar a fazer o tratamento dessa menina, e prescreveu os medicamentos para tentar fazer um tratamento em casa, ambulatorial. Aí então estava lá, Aldol, mais alguma coisa... Aí minha mãe comprou os remédios, fomos para casa e tudo. Só que como era época de Natal, minha mãe fazia licor caseiro. Puro álcool, não é? Porque o meu irmão tinha pedido para fazer. E ela tinha feito, eu acho que ela fez de menta, verdinho, hortelã, que eu já gostava tanto da menta, e sobrou. Ela pôs nas garrafas que ela tinha, aquelas garrafas bonitas, e sobrou um copo dentro da geladeira. Aí o que é que eu fiz: belezinha, tomei Aldol, deu tontura e virei o copo de licor em cima dos remédios psiquiátricos. Aí eu tive umas alucinações fortíssimas. Aí eu me lembro que eu desmaiava mesmo. Não cheguei a ver bichos, esse tipo de coisa, porque bichos, essas coisas, era o meu irmão que via essas coisas por causa do álcool. Eu não sei, eu sei que eu fiquei a mil por hora. Aí minha mãe teve que me levar de novo nesse médico, e o médico falou: Não tem como tratar, vai ter que internar. Vai ter que internar porque não tem como tratar. E eu trabalho numa clínica em Itapira, ele trabalhava no B, só que não no lugar que eu fui parar. E lá tem jovens, gente da idade dela, ela vai conhecer gente bacana. E lá atende pelo INSS também. Porque eu estava fazendo com ele pela Unirat, mas ia acabar, porque eu ia ficar desempregada logo, logo [já estava desempregada e o direito ao convênio estava para vencer]. E ele me recomendou que me levasse para Itapira porque não tinha como tratar. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 9)

Nessa época, a irmã Beta não acompanhou todo o processo de tratamento pelo qual passou nosso caso. A mãe de Anjo Barroco ainda era viva e foi ela quem procurou o socorro. Percebe-se, no depoimento de Beta, que existem algumas incoerências com o que é narrado pelo caso-guia, pelo motivo do distanciamento desse processo.

E aí minha mãe levou ela para a PAT, passou pelos médicos lá. E aí que começou o processo de internação. Eu passei a ver como ela ficou. Eu fazia as visitas, mas quem cuidava era a minha mãe. Quem cuidava dela era a minha mãe, visita em hospital. Quando eu soube que ela estava internada, eu

falei: Mãe, mas por que precisou internar? Não, porque ela começou a ver bichos. Eu acho que ela entrou em choque, não é dos remédios. E ela começou a ver bichos e ver coisas que não... E o médico psiquiatra internou. Até então, Régis, eu não entendia de doença psiquiátrica. Eu vim aprender a doença psiquiátrica, bipolar, depois de muitos anos. Depois de várias internações de Anjo Barroco. Depois que ela veio conviver comigo, eu não sabia. Aí ela internou. Eu era a visita, eu ia visitar. Eu ajudava a minha mãe, ela foi internada lá em Itatiba [Itapira], no B. No financeiro, eu trabalhava e minha mãe precisava de dinheiro para ir visitar e para levar alguma coisa então eu ajudava. Até então, eu não sabia do processo da doença. Quem conversava com os médicos era minha mãe. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 43)

Por recomendação do médico psiquiatra que estava cuidando do caso, Anjo Barroco foi internada pela primeira vez, na cidade de Itapira, interior de São Paulo, num famoso hospital psiquiátrico, na véspera do natal de 1987. Sua internação interrompia o sonho de prestar vestibular para Publicidade e Propaganda.

Aí a coisa marcante, assim, principal, que começa é que eu fui internada a primeira vez no hospital psiquiátrico no dia 24 de dezembro de 1987. Então, você imagina, véspera de natal, está todo mundo se preparando para comer o peru, o panetone, e eu estava entrando num hospital psiquiátrico. Consciente, entre aspas, porque eu cheguei na recepção do hospital, minha mãe e meu pai me levaram. Na época, minha irmã era casada com o Nelsinho, num Fiat 147, azulzinho, chegamos lá em Itapira, naquele hospital monumental, aquela coisa toda, na recepção do hospital para o encaminhamento e tudo. Aí o médico... O recepcionista foi preenchendo, eu falei: Eu já trabalhei em hospital, eu conheço, eu lembro de tudo que ele estava escrevendo e tal, só que 100%, a minha consciência eu não estava caída em si que ali era um hospital psiquiátrico, não tinha ideia que eu estava sendo internada e essa coisa toda. Eu sabia e não sabia. E outra, você fica cinco dias para adaptação. Você se interna e não pode já no outro dia receber visitas. Quer dizer, ali eu passei o Natal e o Ano Novo sem minha mãe me ver, nem nada. Quer dizer, depois de alguns dias é que eu fui... Hum, eu acho que eu estou trancada, eu acho que aqui é um hospital, porque lá parecia um clube também. Tinha piscina olímpica, tinha isso, tinha aquilo outro, tinha aquilo outro, então demorou um tempo assim para eu descobrir que o negócio era mais embaixo. E eu tinha vinte e dois anos. E outra coisa: Como eu tinha já terminado o colegial, eu cheguei a fazer inscrição, minha irmã Beta me deu o dinheiro, eu fiz inscrição para fazer a faculdade de publicidade e propaganda da PAT, que era o meu grande sonho ser publicitária, que isso aconteceu duas vezes. No ano seguinte também eu tentei, e não deu certo por causa da doença.

[O tratamento] Era assim, o hospital era dividido por andares, conforme o grau de cada pessoa [diagnóstico e recuperação]. Masculino e feminino e por andares. Eu fiquei como paciente do quarto andar, que era álcool e drogas também, e psicóticos. E era assim, era uma enfermaria, eram oito camas assim, o quarto enorme, grande. O tratamento, tinha um tipo de uma lei assim, se você implicasse, arrumasse alguma amizade, mas se falassem essa amiga sua não pode entrar no quarto para conversar, não pode. Era fechado, quando você acordava de manhã, você descia para tomar o café no refeitório. De lá você já continuava descendo, para onde você ficava no

pátio. Depois você só voltava, eu acho que passava por lá na volta, você já almoçava e voltava para o seu quarto. Depois descia de novo, sabe? Era totalmente assim fechado, não tinha a liberdade que existe hoje, aqui no Cândido, por exemplo. Não tinha nenhum tipo de liberdade. E tinha, como foi antes da Reforma Psiquiátrica, eu acredito que hoje, e espero também que hoje não seja mais assim lá. Mas eu tinha, por exemplo, a camisa de força, que foi uma coisa que eu passei. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 9)

O afastamento da família gerava muito sofrimento ao Anjo Barroco, além do afastamento social que a internação implicava. Mas o fato que deixou as maiores marcas negativas na vida de nosso caso foi o uso da camisa de força. O hospital usava esse recurso para contenção das pessoas que estavam em tratamento. Ter a liberdade cerceada nessa instituição foi um dos eventos mais negativos de sua peregrinação em busca de cuidados adequados.

[O fato mais marcante] Foi, foi a mais marcante a da camisa de força, foi. E além da distância da família, que era... Por ser outra cidade também, ficava muito distante. Uma época, a minha mãe sumiu de lá, mas é porque em uma das visitas que a minha foi, ela quebrou... Ela, assim, bateu no ônibus, ela quebrou a coluna, assim, umas vértebras. Ela teve que parar de ir lá por causa disso. Uma outra coisa que eu queria falar também, é que a minha mãe, uma vez, ela foi me visitar, só com o dinheiro de ida. Ela vendeu o relógio para voltar na rodoviária. Minha mãe era super-simples. Tinha uma menininha lá, inclusive, foi até ela que me ensinou a jogar bilhar e tudo, mas a gente se debatia um pouco. A gente brigava um pouco assim, e a gente teve uma discussão, e aí acabou ela e eu indo pararmos na camisa de força. Por causa de uma outra menina que era amiga minha, tudo, e essa menina eu acho que ela era homossexual, tudo, e ela era meio que mandona dentro ali da enfermaria tudo, e não sei se eu fui... Ah, tá... Foi na sala de terapia, a sala de terapia que tinha lá no pátio, que correspondia ao meu quarto andar lá, tinha pintura em tecido, tinha as pessoas que ficavam fazendo bordado, essas coisas, eu não fazia nada. Eu só via com os olhos, eu não queria fazer nada. A única coisa que eu aprendi a fazer foi um negócio que faz com sabonete lá, sachê. Mas não que eu fiz lá, eu sei fazer porque eu via fazer, e sei fazer. Aí dois senhores passavam com uma máquina assim, passando cafezinho, sabe? Entregando cafezinho. Não era tambor de plástico, eram umas máquinas grandes e pesadas. Aí eu sei que o lance da menina “coisando” o café assim, eu sei que... Eu sei que tinha alguma coisa a ver com o café, eu sei que eu fui para voar em cima dessa menina, aí separaram, aí levaram a gente para uma enfermaria que tinha ali embaixo no pátio, e colocaram ela numa camisa de força, ela se debatia. Quanto mais ela torcia, mais eles apertavam ela na camisa de força. Eu não, sou besta? Eu fiquei numa boa. Puseram a camisa de força, mas eu fiquei assim, entre aspas, mais relaxada e tudo para eles não me judiarem e tudo. Porque foi por causa... A culpa era mais dela, eles não podiam só, como é que fala? Eles não só castigaram ela, castigaram eu também. Então foi assim, é uma coisa que marcou. E uma marca assim profunda por dentro que eu carrego. Porque numa outra ocasião que eu estive lá, no mesmo hospital no ano seguinte, no começo do outro ano ainda, em 1989, eu também passei por camisa de força. E lá tinha muito

lance de conter as pessoas com gravata. Fazer assim, eu te contei, as pessoas com gravata. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 10)

As visitas dos familiares eram raras. Sua irmã Beta recorda como ficou impactada quando visitou Anjo Barroco pela primeira vez, durante sua internação, e a partir disso decidiu não mais visitá-la, ficando somente na retaguarda financeira de sua mãe.

(...) quando eu cheguei lá que eu via a situação dela, a primeira vez que eu vi ela, Régis, eu não acreditei que era Anjo Barroco que estava ali, e naquela situação. (...) Porque eu via ela sempre bem arrumada. Eu via ela normal, trabalhava. Ela sempre trabalhou em empregos bons. E, de repente, não menosprezando as pessoas doentes mentais, não é isso. O quadro é triste, é muito triste. Ela estava sob efeitos de remédios, bem dopada, não é? E é muito triste ver essa situação de quem você praticamente quase criou ou viveu dentro da sua família, você tem como irmã... Porque eu sempre, ela, para mim, não é adotiva, ela é minha irmã. E aí você vê a situação dela, se transformar desse jeito. Porque a pessoa fica de outra forma, muda, a feição muda, fica sob efeito de sedativo, não fala coisa com coisa, não reconhece. Eu saí de lá deprimida, triste, muito aborrecida. Eu chorei muito por ver a situação dela internada com os outros pacientes, doentes também, de ver ela daquela maneira que eu vi, o quadro dela. E quando minha mãe voltou visitá-la, eu não fui. E aí eu falei: Mãe, eu não vou. O que a senhora precisar eu ajudo, mas eu não vou ao hospital ver Anjo Barroco, eu não quero ver ela assim. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 43)

Anjo Barroco foi internada em Itapira duas vezes. A primeira internação foi em 1987 e durou 103 dias. A segunda foi em 1989, quando permaneceu mais de 100 dias em tratamento.

Apesar do contexto sofrido que nosso caso viveu nessa instituição, chegou a paquerar e a namorar por um pequeno período alguns usuários de lá²⁶. Além disso, ela relata algumas festas e atividades que aconteciam na instituição, o que amenizava o período em que por lá esteve. Muitas internações passavam de cem dias, o que nosso caso, hoje militante da Luta Antimanicomial, avalia como meio de capitalização daquela instituição, uma vez que as Autorizações de Internação Hospitalar (AIH), são pagas pelo SUS ao hospital, por meio de diárias. Por causa disso, ela avalia que o processo de recebimento de alta dessa instituição era demorado.

E tinham umas coisas assim também, tinha carnaval... Carnaval, não era um bloco que saía na rua, era um bloco interno. Era um bloco, com banda, com tudo, e um setor lá que tinha, muito grande lá, e que minha irmã mandou até por Sedex a fantasia de carnaval para mim. Meia arrastão, um maiô, porque eu tinha até que era todo de lantejoulas. Eu fiquei em segundo lugar, ganhei medalha. Tinha também gincana, várias coisas. Tinha um lugar bem grandão

²⁶ Como vimos no item Parada A História de Vida.

assim, onde era o cinema, que passava o cinema, só que me incomodava muito você ver aquela letra enorme assim, S. O que é que significava? Sanatório. Sanatório. Porque lá, sei lá, tinha mais de cinquenta anos, aquilo lá já. E era o cinema. Aí o cinema, aquela coisa fechada, tudo escuro, era mais à noite. Quando eu ia para o cinema... Falavam: Quem quer ir para o cinema? A enfermagem via. Tal e tal, eu ficava cinco, dez minutos e já queria sair. Aí dava trabalho de ir, aí ficava lá fora esperando acabar o filme no pátio lá fora, ficava esperando acabar o filme para poder subir com todo mundo para cima. E nesse mesmo cinema de vez em quando tinha show de calouros. Aí eu cantei assim, para o público, umas quinhentas pessoas que eu cantei a música da Alcione, da Marron, cantei lá. E tinha também no outro pátio lá, que era coisa de esporte, tinha uma sala de esportes que tinha mesa de sinuca, mesa de bilhar, tinham várias coisas. A piscina era a melhor que tinha. E era assim, era fechado também por muros. Muros altos, e tinham outros setores, e setores assim, como é que eu falo? Particulares. E aí que você vê, quer dizer, ouvia falar, por exemplo, que sei lá, o Raul Seixas tinha estado por lá, que tinha um chalé que ficava por lá quando ele precisava, tinham essas histórias. Uma vez, você via umas pessoas assim que não têm ideia de quanto dinheiro que têm, mas você via aquela fila indiana andando, pessoas bem comprometidas que ficavam tudo lá no particular. Eles tinham piscina também. Tinha um lugar lá que tinha sauna, de vez em quando a gente ia na sauna. Tinha o que tinha. Mas também tinham umas internações nossas que eram de mais de cem dias. Porque esse dono do hospital capitalizava por dia. Então era difícil você sair de lá de dentro. Entrar você entrava, mas difícil era sair de lá de dentro. Então na primeira internação que eu tive no B, eu passei Natal, ano novo, carnaval, e tive alta quatro dias antes do meu aniversário. E sei lá, aí eu tinha uns costumes assim, tinha baile, aí tinha a cantina que você podia ir à noite, o dinheiro lá, a família depositava num banco que tinha lá dentro, o dinheiro lá era coisa de papel tipo assim, tipo uns bloquinhos assim de papel que você tinha. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 11)

A rotina institucionalizante vivida naquele espaço de tratamento era rompida pelos usuários que se organizavam para boicotar a prescrição medicamentosa.

Eu não gosto de chá, porque chá, para mim, me lembra hospital psiquiátrico. Não gosto de chá. Porque chá, o que mais davam lá era chá com pão. Aí inventei, tomava água com pão, todo mundo da minha turma também tomava. Aí outra coisa que a gente inventou também era tomar café com Coca-Cola, à noite. Tomava café com Coca-Cola. A gente fazia vaquinha para comprar café com Coca-Cola. E quem disse que a gente dormia? Aí nós íamos lá na enfermagem: Nós queremos reforço. O que é reforço? É um outro comprimido. Porque você toma aquele no horário. Ao passa um pouco já vai lá porque... Mas eu não ia dormir porque tinha tomado café com Coca-Cola, que é rebite, tira o sono. Aí começava a conversar, conversava, conversava, e queria ir lá tomar um outro remédio. No começo eles davam, depois o médico acho percebeu que estava muito reforço, mandou esperar um espaço maior para dar o reforço para tentar ver se a gente dormia. E aí tinha muita coisa lá de droga que entrava também, viu? O pessoal sai assim para ir com a família, e quando voltava... Eu não sei como eles entravam com droga lá dentro. Aí eles revistavam todo mundo. E eu tinha um cabelo meio black, um cabelo mais cheio, e um dia, eles forma me revistar, a enfermeira revistando, mexendo no meio do cabelo para ver se achava

maconha. Mas não estava, estava com uma outra amiga minha, que ela tinha saído e tinha voltado, tinha quadro no quarto que ela estava, que era particular, e atrás do quadro acharam trouxinha de maconha, essas coisas assim. Mas o mais importante mesmo [negativamente] é a coisa da camisa de força. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 12)

Como sempre trabalhou, Anjo Barroco procurou desenvolver atividades e prestar serviços naquela instituição, passando por algumas oficinas e colaborando com os funcionários em algumas atividades. Apesar dos trabalhos realizados, nosso caso relata que os usuários não eram remunerados. Embora os trabalhos artesanais fossem, muitas vezes, comercializados, a renda não era compartilhada entre as pessoas que os confeccionavam.

(...) as salas de terapia, os trabalhos que eram feitos dentro de lá, bordado etc., essas coisas que eram feitas, os pacientes não tinham nenhum tipo de lucro daquilo. Aquilo era vendido, vamos supor, se eu fizesse uma peça e se eu quisesse ter aquela peça, eu não podia nem ganhar aquela peça, eu teria que comprar, porque depois tinha um bazar numa sala, eu nem sei onde ficava, onde eles expunham mesmo lá aos domingos quando as visitas vinham, e era vendido. A família teria que comprar tudo e o dinheiro daquela peça não era revertido para o paciente. Eu para poder... Como eu não gostava de ficar na sala de terapia, principalmente, depois que aconteceram esses episódios de camisa de força e tal, eu arrumei, assim, um serviço gratuito e ficava junto com o porteiro. Assim, tinha uma guarita para você chegar nesse pátio todo que tinha a cantina, que tinha todas essas salas de terapia, tinha tipo uma guarita. E aí o guarda ficava lá e eu ficava de companhia com ele. Assim, quando chegava uma visita, ele falava assim: Acompanha essa visita até a tal sala de recepção, que eles vão anunciar o nome do paciente no autofalante. Então, eu fazia esse servicinho e ali eu ganhava uma fruta. Você entendeu? Uma visita, isso e aquilo outro. Mas também era o momento, assim, eu ficava com esse guarda aí, foi uma coisa que eu escolhi, mas ele tinha uma mania de escutar o programa de rádio do Gil Gomes e esses “bom dia”... Gente, aquilo ia entrando na cabeça... Ele tinha essa coisa de escutar esse programa, assim, era uma coisa meio fora. Eu me lembro dessa coisa, assim. Nisso, você não tinha possibilidade nenhuma de crescer [em termos profissionais], de ser tratado que nem aqui [no Cândido Ferreira]. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 19)

Quando voltou a morar em Minas Gerais, em 1998, a cidade de Itamogi não possuía um hospital, um posto de saúde, não havia sequer médico especializado em psiquiatria. Anjo Barroco já se encontrava algum tempo sem tratamento mental e na cidade não havia recursos adequados. Um mês após sua mudança, que se deu para cuidar de seus pais, nosso caso entrou em surto novamente.

Um mês que eu fiquei cuidando do meu pai idoso, cuidando da minha mãe idosa, que eles faziam até xixi na cama, cadeira de roda, aquela dificuldade toda, tinha que cozinhar, fazer um monte de coisa, e aquela coisa toda, eu surtei. Que jeito que meu irmão percebeu que eu surtei? Um dia. ele passou

em frente ao cemitério, e eu estava junto com ele na Kombi, passou em frente ao cemitério assim, e da mesma forma que eu agachei lá trás, na época lá do pente fino da Polícia Federal, eu me encolhi na Kombi. Ah, ficou louca. Foi o que ele respondeu. Ela está louca de novo. Ele esperou passar a Copa, eu não consegui lembrar o ano da Copa. Os jogos da Copa, do Brasil, ele esperou que estava acabando. Acabando a Copa, aí ele me levou um dia lá para outra cidade onde tinha hospital psiquiátrico para me internar, Passos, Minas Gerais, no O, um outro hospital. (...) Me levou para lá, e um dia depois que eu estava internada ele levou os meus pais para o asilo. Quando meu pai e minha mãe foram para o asilo, lá na cidade de Itamogi. Aí eu fiquei internada lá tipo uns sessenta dias. E nesse intervalo eu acho que ele foi uma ou duas vezes só [visitá-la]. Ele foi, me internou, deixou um dinheiro depositado, passou no outro dia, deixou um, dois pacotes de cigarro comprados, e aí eu fiquei nesse hospital internada, que também era bem fechado. Era bem fechado. E lá não tinha regalia, assim, muito menos que o B [hospital de Itapira]. Não tinha piscina, não tinha essas coisas, não tinha nada. E era bem fechado. Carne, era carne de soja (...) eu lembro que parece que era carne de soja, tudo. Leite de soja, esse tipo de coisa. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 16)

Seu amigo Luir, companheiro da Luta Antimanicomial e do projeto Maluco Beleza, avalia o contexto em que Anjo Barroco passou por internações, período anterior à Reforma Psiquiátrica.

No meu caso, eu fiquei doente na Reforma Psiquiátrica, a Anjo Barroco, não. A Anjo Barroco ficou um pouco antes da Reforma Psiquiátrica. Então, ela foi amarrada... Eletrochoque eu acho que não, mas camisa de força, ela teve, ambulância, carrocinha, né? Discriminada, sem esperança. (Depoimento de Luir, amigo, 2010 : 56)

Quando seu irmão Luca a trouxe de volta a Campinas, antes de procurar tratamento no Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, a irmã Beta resolveu substituir o tratamento psiquiátrico convencional pela espiritualidade; dessa forma, suspendeu os remédios e a encaminhou para participar de uma igreja.

Então ele não sabia como lidar com essa situação com ela, como eu também não sabia. Aí ele pegou e trouxe ela para cá, trouxe ela para minha casa. Aí ela falou: Beta, você é mulher, é mais fácil para cuidar, eu trouxe ela aí, o que precisar te ajudar eu te ajudo, mas eu não tenho condições de ficar com ela, e você vê o que é que precisa. Foi quando eu comecei a ir com ela para o médico para aprender a lidar com a doença, e com o problema que ela tinha, e com psiquiatra. Mas mesmo assim, Régis, eu achava estranho aquele surto, eu não sabia, eu não entendia nada, o que é que era uma doença psiquiátrica. Sabia que ela ficava internada, tudo, mas sabia que por meio disso tinha alguma coisa espiritual. Aí eu levei ela para a igreja. Aí eu levei ela pra igreja, e lá o pastor fez oração, tudo, aí eu joguei todos os remédios dela fora! (...) Eu achei que era espiritual, o problema dela. (...) eu achei que ela tomava muito remédio, e que aquilo ia prejudicar muito mais ela, os remédios, e que ela poderia muito bem sarar sem precisar tomar tanto

remédio. Sempre fui contra muito remédio. Mas não é bem assim. Aí eu vim aprendendo a lidar. (...) [Ela] Piorou, piorou, com certeza. Piorou e aí não teve jeito. Aí voltei com ela para a PAT, aí o psiquiatra fez a internação lá no Cândido. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 45)

(...) ela viu que, realmente, tinha perdido meu pai e minha mãe, e ela não tinha ido enterrar eles. Quer dizer, o meu pai ela viu, a minha, mãe não. Então, aí ela estava em surto. Aí chegou, ele [o irmão Luca] me entregou ela, assim, e sem eu saber lidar com a situação também, aí ela ficou ruim. Aí o médico levou para o Cândido. Aí passei nas visitas, ia um dia sim, um dia não. A enfermeira ligava, precisava de cigarro, de cigarro, de cigarro. Então aquilo, eu achava um absurdo, um absurdo, porque eu falava: Meu Deus, o que a minha mãe passou, que sofrimento foi a vida da minha mãe! Na verdade, o sofrimento é para a pessoa que está doente, ela está sofrendo, mas quem está cuidando também sofre de ver a pessoa daquele jeito, e ver as necessidades, tudo o que precisa. Porque o hospital ligava, pedia as coisas para mim, às vezes, eu tinha dinheiro para levar, às vezes, não. Então, foi difícil o começo para eu lidar com ela. Tanto em aprender a lidar com ela doente, que foi uma das piores épocas da minha vida, quando ela chegou, porque eu também não estava bem. Bom, comecei a ir nos psiquiatras, acompanhar, ir, aí fui aprendendo, fui aprendendo, fui aprendendo. Ela tinha o doutor Gustavo, na Puc. Aí o doutor Guto falou para mim: Olha, lidar com essas pessoas doentes mentais é difícil. Vai chegar um tempo em que você vai estar tomando remédio igual. Por quê? De tanto nervoso que você vai passar junto. Eu falei: Mas será possível isso? Eu vou ter que estar bem para cuidar. Como que eu vou estar tomando remédio? Então vão estar dois em surto em casa?. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 45)

Já inserida no tratamento do Cândido Ferreira, em certa ocasião, Anjo Barroco teve uma recaída e foi encaminhada para um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da rede municipal de saúde da cidade de Campinas, porém ela não se ajustou a esse equipamento substitutivo da Reforma Psiquiátrica.

(...) tive um espaço curto que eu passei por CAPS, mas não foi um CAPS pertencente ao Cândido, e um tratamento que eu achei que não foi muito bem... Para mim, não deu muito certo, e eu não gostei muito de ter passado na época que eu passei, não é, no CAPS. Mas também não era um CAPS cuidado pelo Cândido. E aí, na época, eu tive que voltar para o Cândido e continuar o tratamento aqui. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 20)

O CAPS, preconizado como equipamento substitutivo pela reforma psiquiátrica, nem sempre dá conta de atender à demanda dos usuários da saúde mental, como podemos notar na trajetória de nosso caso.

Fechemos as pesadas cortinas desta Parada. O próximo eixo temático nos espera. Sigamos nossa viagem pelas mãos de Anjo Barroco.

3.4. PARADA: CÂNDIDO FERREIRA

**“Ai, diz quantos desastres tem na minha mão
Diz se é perigoso a gente ser feliz”**

(Hollanda & Lobo In Hollanda, 2006 : 326)

Esta parada muito mais se caracteriza como fluxo de uma retomada de sentido de vida. Depois de tanta peregrinação em busca de tratamento adequado, nosso caso chegou ao Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, em agosto de 1999. A personagem mágica de nossa trupe entrará em cena, criando ilusões que surpreendem. As ações que se seguem sugerem que algo impossível aconteceu diante dos nossos olhos, porém toda ilusão da magia é criada por técnicas absolutamente reais. As transformações realizadas na vida de nossa mágica desafiam a lógica natural. A partir de sua inserção nessa instituição, ela consegue restabelecer e criar novas redes de conexão, dando novos sentidos para sua trajetória, (re)significando diversos aspectos de sua vida que estavam fragilizados ou desacreditados. Sua inserção na instituição restitui dois eixos ordenadores de sua existência: o trabalho e os amigos. Lá ela também inicia sua trajetória como militante da Luta Antimanicomial. Sua chegada ao Cândido Ferreira fez com que o diagnóstico voltasse para o seu lugar, o lugar do diagnóstico, e fez com que os sentidos da sua vida retornassem, trazendo à tona toda a riqueza interior que possui Anjo Barroco. Ela é mais que um quadro clínico, ela é o amalgama de diversos aspectos, sentidos, sabores, cheiros, memórias, talentos, projetos, desejos, sonhos... A nova realidade de tratamento mental, proporcionada pela reforma

psiquiátrica, mostra sua potencialidade, revelando as diversas nuances que podem possuir na vida da pessoa portadora de um sofrimento mental.

Sua entrada na instituição deu-se por uma internação encaminhada por um hospital universitário da cidade, porém, desde o início, ela começou a desenvolver atividades nas oficinas de trabalho do SSCF.

(...) fui transferida para cá. Antigamente, o setor que eu fiquei internada, que hoje se fala Núcleo de Retaguarda, o NAC [Núcleo de Atenção à Crise], eram os agudos [pacientes em crise] (...) Eu encontrei uma coisa diferente, porque até então os outros lugares que eu fiquei internada eram só fechados e não tinham, assim, expectativa de mais nada, não é? Até o último, que foi a PAT mesmo, era totalmente fechado. E eu vim para, assim, porque eu já sabia que tinha outra coisa, que era voltar ao mercado de trabalho. (...) E aí eu vim para cá e fazer o tratamento internada. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 17)

Foi quando eu soube que o Cândido Ferreira oferecia para fazer a terapia ocupacional. A assistente social na PAT me orientou. Ela poderia estar fazendo uma terapia ocupacional no Cândido Ferreira. E o doutor Guto, que era o psiquiatra, foi contra. Ele achava que não, que ela não teria que fazer terapia ocupacional, ela teria que arrumar um emprego e trabalhar. Mas mesmo assim, eu fui para o lado emocional meu. Eu falei: Não, eu acho que pôr ela para trabalhar vai puxar muito mais ela, porque ela está fraca mentalmente, e ela vai pagar uma responsabilidade de trabalhar, ela não vai aguentar. E uma terapia, ela vai estar trabalhando ela mesma. Então, eu vou para o meu lado emocional, eu vou mandar ela ir, sim, para o Cândido, para fazer uma terapia, ir desenvolvendo. É lento, mas vai ser bom para ela. Aí foi quando eu consegui essa vaga no Cândido para ela ir fazer a terapia lá. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 46)

Logo que eu estava aqui, acho que uma semana, dez dias, eu já passei por triagem no NOT e mesmo interna eu fazia, assim, uma espécie de estágio, entre aspas, um estágio na oficina gráfica, porque eu tinha escolhido a oficina gráfica. Então era assim, eu tomava o café da manhã, as medicações e o café da manhã, e eu vinha para a oficina, depois eu subia e almoçava com o pessoal da internação e depois voltava e ficava até as quinze horas e aí eu não voltava mais. E aí eu ia tomava a medicação e já ficava [na internação]. Foi assim, por uns quinze dias eu já comecei a fazer isso. Quando eu tive alta, eu comecei direto na oficina. (...) No início, depois que eu tive alta da oficina, não foi assim tudo bem e fiquei numa boa. Aí eu quis saber o quanto eu ia ganhar, o quanto que eu não vou. Como que eu tenho que fazer para ganhar? Eu me dava melhor com a monitora, que na época era a Raquel, do que com a coordenadora, que era a Agnélia. Eu acho que o meu santo batia um pouco de frente com a Agnélia. A Agnélia veio conversar e me explicar [sobre o funcionamento da oficina]. No primeiro mês pode ser que você fique, porque tem letra, tem letra A, B e C. E como é o primeiro mês pode ser que você fique em treinamento e ganhe menos ou como pode ser que você... (...) Era uma classificação salarial. Tudo dependia da sua participação na oficina e de vários fatores que tinham na oficina que você tinha que... Assiduidade, higiene, várias coisas, assim, tanto dos materiais como sua, várias coisas que completavam, assim, na oficina. Então pode ser que você entre em treinamento como pode ser que você não ganhe nada, não

consiga ficar nem em treinamento. Aí eu me revoltei. Eu falei, não quero mais. Eu cheguei em casa e falei: eu não quero nem saber de vir para cá. (...) E aí quando eu fui conversar com a Agnélia, quando eu comecei mesmo a oficina e fui perguntar para ela essa coisa de letra, como ia funcionar e aí eu fiquei meio revoltada. Eu cheguei em casa e falei assim, que não queria mais, que eu não queria saber de Cândido Ferreira, porque talvez eu não ia ganhar nada. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 :17)

O início de sua inserção na oficina gráfica não foi tranquilo, pois Anjo Barroco vinha de outras experiências de trabalho em hospitais psiquiátricos por onde já havia passado, em que não recebia nenhuma recompensa financeira pelos seus préstimos, o que a deixava desacreditada na nova possibilidade de recebimento de bolsa de trabalho no Cândido Ferreira. No início, pensou em desistir, não fosse a persistência da irmã Beta e a colaboração de uma antiga funcionária do SSCF, que, por ser sua vizinha, acompanhava-a generosamente em suas idas e vindas para a instituição.

(...) E importante também, no começo para vir para cá, eu tinha um pouco do acompanhamento, porque eu era vizinha da Marli. Porque a Marli me acompanhava na internação também, por ela ser do Espaço Aberto [ateliê de arte da internação], e ela era minha vizinha, ela falou: qualquer problema que você tiver, assim, de locomoção, até ela aprender e tudo. Eu tinha a companhia da Marli. (...) A Marli era uma monitora que tinha na época, do Espaço Aberto, que trabalhava com os pacientes que estavam internos. E como ela era minha vizinha, vizinha da minha irmã, no caso, e morava pertinho da minha casa, ela me ajudava a vir para cá.

(...) E aí eu falei para a minha irmã que não queria mais e que não ia ficar aqui não. Aí minha irmã só falou o seguinte: não, você vai e vai mesmo. Nem que eu tiver que pagar para você ir para aquele Cândido Ferreira. Você vai para o Cândido nem que eu tiver que te dar cigarros, pagar passagem, o que tiver que fazer. Aqui em casa você não fica. Minha irmã de jeito algum queria que eu ficasse dentro de casa. Eu acho que ela estava, assim... Eu nem imaginava o bem que ela estava me fazendo, não é? Um futuro que ia ser bom para mim. Mas, graças a ela, que foi insistente e que, como mãe até, porque daí eu já não tinha mais a minha mãe, que falou, que deu a ordem: Você tem que ir, e obrigo você a ir. E aí eu vim, vim e continuei. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 18)

Ela foi para a Gráfica. Aí ela foi, da gráfica ela foi melhorando, aí ela foi fazendo uma pintura, aí ela foi se descobrindo... E eu fui descobrindo que ela estava melhorando. Aí eu falei: Não, ela não vai mais sair de lá, não. Essa é a solução para Anjo Barroco. O Cândido Ferreira é a solução para Anjo Barroco. Lá tem tudo o que um paciente precisa, ajuda total. E ela pintava, depois da Gráfica, ela foi passando para outras oficinas. Ela foi para o Not, se deu muito bem, fez amizade, como eu disse no começo da entrevista, ela sempre foi uma pessoa calma, tranquila, comunicativa, amorosa. Então ela se dava bem com as pessoas. Quando eu tenho que chamar a atenção dela por ela, às vezes, ficar fazendo muita fofoquinha, eu chamo a atenção. Trazendo conversinha, sabe? Aí eu já corto. E ela foi fazendo, trabalhando lá, fazendo a terapia, e eu fui vendo as melhoras, as melhoras. Aí quando ela estava em crise, querendo entrar em crise, ela já ia pintar... Ela fazia as

pinturas dela, ali ela se dedicava às pinturas, era um mundo dela. Vivia, então, nas pinturas. Ela se descobria. Também um ótimo caminho para Anjo Barroco é a pintura. Ela se desenvolve muito bem. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 46)

Anjo acabou ficando na oficina gráfica por pouco tempo. Começou a participar de feiras para exposição dos produtos das oficinas, e, logo depois, conquistou um trabalho como vendedora na loja que comercializava o artesanato produzido pelos usuários, num espaço fora do Cândido Ferreira.

E a minha classificação, já não foi assim, eu nem ganhei nada, nem fiquei em treinamento e já fiquei com a letra C. E aí, no mês seguinte, eu já fiquei com a letra B. No outro mês, eu passei para letra A, que era o máximo que tinha que ganhar. E aí eu fiquei um ano trabalhando nessa coisa da letra A, seis letras A. E aí surgiu vaga... Antigamente, tinha aqui no centro de Sousas, ali na Galeria Caleffi, tinha a lojinha do NOT. Hoje é uma loja grande, em Campinas, no Cambuí, o Armazém das Oficinas, porque cresceu bastante o NOT. Mas, antigamente, tinha o NOT e Companhia que era uma lojinha pequena que tinha aqui. E aí a moça que trabalhava lá como vendedora, ela precisava cuidar da mãe clinicamente e tudo, e aí surgiu essa oportunidade. E aí vieram falar comigo e tudo, e aí o pessoal todo: Não, Anjo Barroco, você vai para lá. Eu falei: Ai, gente, tem que trabalhar aos sábados e tudo. E aí o pessoal: Mas você vai perder essa oportunidade. Eu parei e pensei: Mas eu já trabalhei aos sábados na minha vida, não é? Mesmo quando eu estava na Oficina, eu fazia feira hippie. Uma coisa que eu fazia, assim, montar... Quando eu montava a barraca da feira hippie, às vezes, eu era escalada e minha parceira era a Clara do Vitral, a gente sempre trabalhava lá. (...) E aí eu fui trabalhar de segunda a sábado na lojinha. Eu fiquei um ano e oito meses. E, além disso, às vezes, tinha a Vila das Artes [feira de artes do distrito onde se localiza a instituição], na Praça Beira Rio e eu também ia. Eu ia porque ficava mais fácil. E outra, porque eu tinha acesso à chave da lojinha, então às vezes quando mais alguém que trabalhava comigo e tinha um cliente que se interessava por alguma peça que não tinha ali no momento, mas eu sabia que tinha a loja, então eu levava o cliente até a loja ou ia buscar a peça. Então, assim, eu era bem empenhada em trabalhar na loja. Então, assim, esse que foi o começo no NOT. Foi um começo puxado, mas, sempre assim, eu não cheguei aonde eu cheguei e onde eu estou hoje, porque eu passei pelo administrativo [período em que trabalhou pelo projeto parceria, como recepcionista na administração do NOT], por todos os lugares em que eu passei, assim, de graça. Eu não caí de paraquedas, como eu gosto de falar. Eu não cheguei chegando [como recepcionista do Ponto de Cultura]. Eu acho que eu conquistei aquilo que eu conquistei aqui dentro, eu acho que eu conquistei por mérito mesmo. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 19)

Percebemos que em seu depoimento quando ela fala do início do seu tratamento do Cândido Ferreira, Anjo Barroco descreve sua inserção nas oficinas profissionalizantes e de geração de renda, tamanho sentido que o trabalho sempre possuiu em sua vida e a instituição

ofereceu a oportunidade de reconstrução desse eixo norteador de sua trajetória. Além disso, sua inserção também gerou a oportunidade de experimentar outros campos, como a comunicação, que tem grande sentido na reestruturação de sua vida.

Aqui, que a gente é tratado com dignidade e tudo. De crescer, de voltar ao mercado de trabalho e de ser tratado como ser humano que você é mesmo. E aqui é totalmente diferente. Além do tratamento, não fica só na medicação, não fica só em remédios, e você tem essas outras oportunidades. Não só no campo das oficinas como no campo da comunicação e todas as outras coisas, inserções, os Caps, hoje, e tudo isso daí, a gente tem aqui. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 19)

O trabalho tem uma importância na vida de nosso caso como (re)organizador de demandas internas, relativas ao seu quadro de saúde mental, demandas consideradas não só subjetivas, como também externas, relativas à sua vida em sociedade, mais concretas, como o retorno ao ganho de dinheiro para participação nas contas da casa.

A gerente das oficinas de trabalho e renda da instituição avalia o trabalho como sendo o (re)encontro de seu lugar de respeito, de sua dignidade, diretamente relacionado com a boa autoestima proveniente das atividades. Para ela, o trabalho também ajudou em sua relação com a irmã Beta.

[Nas oficinas de trabalho] ela encontra um lugar. Um lugar para ela de respeito, e que ela tem capacidade de se desenvolver, de se relacionar com as pessoas e o lugar que ela aproveita para a vida dela, enfim. (...) [importância] de ter autoestima. Ela tinha um lugar na oficina, quando a gente oferece para ela a oportunidade de estar numa recepção, de ajudar na parte de recepção, ela muitas vezes trazia que o pessoal fica enciumado com esse lugar que eu ocupo, mas eu sei que eu também sou usuária, sou mais uma do projeto, mas o pessoal acha que eu sou importante. E ela também se achava importante, porque ela estava trabalhando muito próxima da equipe. Então, eu acho que, assim, da ampliação da rede dela. E ela melhora nas relações familiares, eu acho que isso a irmã também muda um pouco com Anjo Barroco. Eu acho que ao longo desse tempo, eu percebi que muda a relação dela com a irmã. E ela entende esse espaço como espaço de trabalho mesmo. É uma pena que ela não era registrada nisso, porque ela tinha um desempenho de trabalhador, ora com altos e baixos, assim, querendo ser paciente, mas ocupava, ocupa... Esse lugar [o SSCF] para ela é bastante de trabalho. (Depoimento de Clelia, gerente do NOT, 2010 : 91)

A necessidade de sentir-se importante novamente é ressaltada também pela funcionária do NOT, que percebe a satisfação de nosso caso, quando consegue executar bem uma tarefa delegada.

(...) [a importância do trabalho] é a necessidade de alguém se sentir importante, de se sentir válido, de poder contribuir e saber que você consegue realizar. Para Anjo Barroco isso é muito importante, você dar uma tarefa para ela, e ela conseguir realizar aquela tarefa. Se ela não consegue, ela fica nervosa. Tem tarefa também que eu não consigo realizar, você pega, patina. Mas, assim, o trabalho é a coisa da ocupação, eu acho que é a coisa de você se sentir útil, e também de dividir dificuldades com outras pessoas. Ela também via minhas dificuldades, e eu falava: Anjo Barroco, me ajuda aqui, porque isso não vai terminar se ninguém me ajudar. Eu acho que o trabalho seja ele burocrático, no artesanato ou como o que ela está hoje, lá no Maluco Beleza, eu acho que faz parte da vida, é construção. Eu acho que trabalho é construção. Eu acho que, para ela, construiu bastante coisa, inclusive, para o crescimento até intelectual dela. Eu acredito que... Eu não sei se Anjo Barroco, ela fala: Eu vou ficar com a minha aposentadoria. Vai, quem vai te aguentar em casa? Eu acho que ninguém aguenta. Nem eu aguentaria ficar em casa. Mas, eu acho que o fato de se sentir importante, se sentir acolhida, eu acho que a inserção que você tem naquele local de trabalho, eu acho que é o mais importante. (Depoimento de Juma, funcionária do NOT, 2010 : 79-80)

A médica responsável pelo seu tratamento no SSCF considera que o trabalho teve uma importância fundamental, para que Anjo Barroco pudesse se (re)posicionar com relação a vários outros aspectos de sua vida, como sua militância junto ao Movimento da Luta Antimanicomial, o questionamento sobre os benefícios da curatela, funcionando como um elemento (re)estruturador de sua vida.

Eu acho que começou com o trabalho, inclusive, a possibilidade da militância dela. Eu acho que ela começou a ter um contato um pouco mais com isso, apesar de eu não estar aqui há tanto tempo, mas eu via as atividades dela aqui, assim, tanto que essa coisa de vir questionar da curatela e perguntar do trabalho, um trabalho fora, eu percebo como algo que ajuda a estruturar a vida dela, assim, no sentido de: Olha, eu também sou uma trabalhadora. Eu sou como as outras pessoas também. O trabalho é importante, eu defino. Talvez, se eu tivesse a possibilidade de trabalhar só na militância, é possível que ela topasse um trabalho assim ou unir os dois. Mas, eu acho que ela percebe o quanto que um trabalho organiza, a saída, o contato, se sentir útil. Eu acho que isso faz bastante diferença para ela. E daí até conseguir se comparar com as outras pessoas. Os outros trabalham, eu também trabalho, assim, da fase, no sentido, assim, de normalidade para ela, de ajudar a estabilizá-la como tal. Eu entrei, eu estou lá, eu também tenho minhas atividades, eu tenho as coisas para cumprir, para fazer. Eu nunca vi Anjo Barroco surtar ou se desestabilizar porque ela tinha um monte de cheque para ajudar organizar aqui e fazer pagamento de oficineiro, por exemplo. Talvez outra pessoa ficasse totalmente desesperada ou apavorada com as questões relacionadas ao trabalho. Às vezes, ela até reclamava: É muito, eu preciso de ajuda. Mas isso é algo que ela reivindicava e reclamava. Eu acho que isso traz uma parte muito saudável da Anjo Barroco, que é justamente esse relacionamento com o trabalho e com as pessoas com quem ela tinha no trabalho, de chegar e falar. Isso é algo que desde que eu conheço Anjo Barroco, ela sempre falou, ela nunca teve... Às vezes, eu acho que ela até deixava passar um pouquinho do ponto, assim, de... Ficava, fazia e fazia

muita coisa e, às vezes, não conseguia fazer e daí dizia: Não aguento mais. Mas chegava e dizia. Isso não virava um problema do tipo: Não aguento mais, estou entrando em crise. Era uma reivindicação de trabalhadora, sabe? Não aguento mais, vocês têm que me dar uma folga. Do tipo: Eu não estou em condições, às vezes, ela falava, física de continuar o meu trabalho. Eu estou com sono, eu cheguei cedo. E tinha mesmo bastante demanda, eu acho que para ela fazer. Mas eu acho que trabalho nunca foi um desestabilizador, eu acho que sempre funcionou como um estruturador na vida dela. Nunca ouvi Anjo Barroco comentar algo do tipo: Não quero mais trabalhar. Eu já ouvi ela falar assim: Estou cansada, preciso de férias ou... Férias são outro ponto, não sei se ela comentou, delicado. Eu brinco que a gente tem que dar férias surpresa para ela, licença surpresa, porque toda vez começava se programar muito para as férias, também fazia mil planos e aí não ficava tão bem e aí depois, para curtir as férias... E aí a gente falava, você vai ganhar licença, férias, folga surpresa, porque se você planejar muito... (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 68-69)

No início de 2011, Anjo Barroco solicitou férias de suas atividades do Ponto de Cultura, onde trabalha atualmente na instituição, e, pela primeira vez, não apresentou preocupação em ficar em casa por um grande período, mas, pelo contrário, mostrou a necessidade de descansar.

Eu acho que essa mudança fez muito, teve um impacto positivo, bem grande para ela, Régis [ter ido trabalhar no Ponto de Cultura]. Aqui, quando a gente planejava férias para ela, batata que, assim, ou chegava nas vésperas das férias e daí a gente revia a questão das férias, porque percebia que a coisa estava... [causando insegurança] E para não deixar ficar pior, e, às vezes, até mesmo com ela: Vamos planejar melhor, vamos replanejar suas férias, porque... Mas agora ela já mencionou, e ela não mencionou de um jeito preocupado como ela fazia antes. (...) Eu acho que, finalmente, ela vai conseguir desfrutar das férias, desfrutando mesmo. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 68-69)

O amigo Silas recorda, maravilhado, as conquistas que Anjo Barroco galgou em sua trajetória pelas oficinas de trabalho da instituição.

Então eu vejo essa batalha de Anjo Barroco para a Reforma, mostrando para os outros que deu certo para ela, e ela está aqui lutando para o bem dos outros, e isso é muito gratificante. Eu vejo, por exemplo, ela trabalhando na oficina, ela trabalhou no NOT e, antes disso, ela trabalhou na oficina. Ela trabalhou numa loja que tinha lá em Sousas. Quando eu descia do ônibus, que eu ia para o meu trabalho, eu passava de frente para loja, e eu via a via ali, uma vendedora. Eu vejo, assim, por exemplo, tem pessoas que, lá no passado, não davam valor nenhum em Anjo Barroco. Eu passava, descia e falava, minha amiga está trabalhando como vendedora numa loja. Era uma vendedora como qualquer outra vendedora, uma vendedora de capacidade que está expondo e vendendo os produtos do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, onde os outros colegas fabricam, e ela está ali vendendo e falando das oficinas. Isso é maravilhoso, não é?. (Depoimento de Silas, usuário e amigo, 2010 : 74)

A gerente do NOT destaca a aposta que a instituição faz em Anjo Barroco, e sua resposta positiva diante das oportunidades oferecidas. Mesmo quando nosso caso se fragiliza e se coloca numa postura mais vitimizada, os terapeutas e trabalhadores do SSCF estimulam sua capacidade de superação.

(...) eu acho que Anjo Barroco responde às oportunidades que você dá, responde às tarefas que você passa para ela de modo satisfatório, ouve o retorno. Então eu acho que o trabalho, pensando nessa relação enquanto terapeuta ou enquanto alguém que quer ver ela reinserida, eu avalio como positivo. A gente aposta nela, e ela responde, não é? E com todas as questões do ser humano, assim, às vezes, responde e fica chateada, enfim, com todas essas implicações aí. Mas eu avalio que é um trabalho, que foi, que tem sido, porque eu acho que a gente ainda continua na rede social dela, apesar dela não estar aqui no NOT, mas eu acho que é bastante positivo. É um trabalho que a gente procura sempre estimular as conquistas. Quando ela vem com alguma questão lidar de um jeito... Porque, às vezes, ela se coloca no lugar de coitadinha, de quem não é capaz de fazer alguma coisa, mas se você pontua isso ela vai dando conta. (Depoimento de Clelia, gerente do NOT, 2010 : 90-91)

Com relação ao seu tratamento mental propriamente dito, Anjo Barroco ressalta a forma de cuidados que recebe por parte da médica que a acompanha.

E que eu trato com ela aqui já tem uns três, quatro anos, já. Depois que eu vim aqui fazer o tratamento no Cândido, só uma vez que eu fui fazer tratamento fora daqui, no CS lá do aeroporto, mas cada mês que eu ia consultar com um psiquiatra, era um psiquiatra diferente. Então eu achava muito desgastante você ter que ficar falando sua história, da sua vida, toda vez. Aí eu comecei a ficar revoltada, tudo, aí eu acabei voltando a fazer o tratamento só aqui. A médica, sim, a médica é maravilhosa. Ela me entende, ela sabe assim... Ela consegue distinguir, prever até o que pode acontecer, aumenta ou diminui medicação. Às vezes, eu quero diminuir, eu falo assim: Ah, não dá para diminuir tudo? Ela falou: Não Anjo Barroco, agora não é o momento, vamos esperar mais um pouco. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 34)

A forma diferenciada de tratamento empregado com Anjo Barroco pode também ser percebida na relação que se estabelece entre a médica psiquiatra, referência em seus cuidados na instituição. Anjo cria uma proximidade com funcionários e usuários, sem que isso venha significar invasão de privacidade, o que dá a ela uma transição bastante tranquila em suas relações.

De geral, eu acho que Anjo Barroco acaba sendo muito mais do que... Em geral, todos os casos aqui no NOT têm particularidades e aspectos diferentes. Mas Anjo Barroco, acho até pela proximidade, como ela ficava

aqui dentro e junto com as funcionárias do NOT, ela tem uma transição, eu acho, um pouco mais próxima. Tanto que ela é uma das pacientes que têm o celular de todo mundo, eu acho. Ela é responsável por isso. Eu não acho que dá para falar de Anjo Barroco só como paciente. Eu acho muito difícil fazer essa separação de que Anjo Barroco... Colega, praticamente, de trabalho, porque ficava aqui junto com a gente a maior parte do tempo, com questões outras e com possibilidade de conversar e falar sobre isso em outros momentos, até fora do momento consulta, e no momento tratamento mesmo, sabe? Mas mesmo com isso, eu acho que o relacionamento com Anjo Barroco é mais do que isso, a ponto dela me ligar se ela estiver atrasada e achar que vai conseguir carona comigo, ter liberdade para ligar: Olha, você está passando por aqui? Pode me pegar no ponto? Então esse tipo de coisa rola tranquilamente com Anjo Barroco, sem que eu me sinta invadida por isso. Eu acho que não é com qualquer pessoa que você tem esse tanto de liberdade de relacionamento. E não é todo mundo que tem o seu celular e que tem liberdade também para chegar e te pedir uma carona quando você está indo para o mesmo local que a pessoa. Então eu acho que com Anjo Barroco, isso demonstra um pouquinho do trânsito que ela tem aqui, e, acho, do carinho que as pessoas têm com ela aqui dentro. Eu sinto que além disso, eu acho que não só com a gente, ela acaba assumindo uma... Não é só uma questão de liderança, mas ela acaba assumindo uma posição que ela fica referência não só para os funcionários, mas também para as outras pessoas e para os outros pacientes. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 60)

Médica e paciente se conheceram desde que Sandra veio participar do processo seletivo para trabalhar na instituição, no ano de 2004. A partir de sua admissão, foi Anjo Barroco quem a recepcionou e mapeou os setores da instituição.

Desde que eu trabalho aqui. Eu acho que desde que eu botei os pés aqui dentro, eu já conheci Anjo Barroco. Eu sou, acho, que um bom exemplo disso, de que quando você chega, uma das primeiras pessoas que você tem contato no NOT é Anjo Barroco. E faz pouco tempo que não é assim, que tem realmente uma outra funcionária no lugar dela [atualmente Anjo Barroco é recepcionista no Ponto de Cultura], porque ela assumia essa função. Então era ela que recepcionava todo mundo, que orientava onde ficava. Tanto que quando eu vim conhecer o NOT, fazer a entrevista para trabalhar aqui, ela já estava aqui. Eu lembro que eu conheci ela, mais ou menos, assim. E ela foi uma das pessoas que meio me orientaram no começo. Serviu como um guia de como que é, como funciona, onde é que ficavam as oficinas (...). (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 60)

O trabalho de militância no Movimento da Luta Antimanicomial e seu protagonismo no projeto Maluco Beleza levam nosso caso a viagens constantes. Durante sua participação no V Fórum Social Mundial, ocorrido no ano de 2005, na cidade de Porto Alegre, Anjo Barroco sentiu fortes dores na perna e teve que ser internada num pronto socorro daquela cidade. Uma das possibilidades do médico plantonista que a atendeu era de trombose, afirmando que, e em

caso positivo, a perna deveria ser amputada. A notícia caiu como uma bomba sobre ela e todos nós que a acompanhávamos. Depois de exames mais apurados, constatou-se que o inchaço não passava de má circulação e necessidade de repouso. O alívio foi geral. Desde então o cuidado com a saúde dessa perna foi intensificado.

(...) não acho que Anjo Barroco fica muito quieta. Volta e meia ela vinha conversar de que: Ah, eu queria fazer uma viagem não sei para onde ou tenho não sei o quê. Anjo Barroco, faz pouco tempo, ela estava me perguntando porque é que eu tinha pedido para ela não viajar uma vez, e teve um momento que eu disse: Olha, Anjo Barroco, eu acho que é contra indicado você viajar. Porque ela tinha feito uma viagem longa antes para Porto Alegre, e tinha tido um problema aparentemente grave numa perna lá. E aí fazia pouco tempo, ela queria fazer outra viagem, que não seria uma viagem muita curta, e que ia ficar sentada muito tempo no ônibus. Eu falei: Você acabou de ter um problema por causa disso, e já está querendo fazer outra? Eu acho que pela sua saúde é melhor não fazer. E aí a equipe meio que se mobilizou, falando: Olha, eu acho que ela não devia ir porque ela passou muito mal, ela não estava bem, ela ainda não está 100%, a perna está inchando... E todo mundo ficava avaliando Anjo Barroco, e meio que monitorando a situação. Vamos ver, vamos ver até perto da viagem como que fica. Aí chegou próximo, até a Clelia veio comentar e falar: Não, eu acho e todo mundo acha que era melhor ela não ir fazer essa daí. Aí a gente conversou tudo, com ela, mas ela não... Ela não fez, mas ela não ficou muito feliz com o fato de não ter ido. Tanto que eu acho que esse é um tema que já foi há um tempo atrás, e ela voltou a perguntar faz pouco tempo. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 60-61)

Nas vezes em que o caso-guia tem necessidade de viajar, ela se cerca de cuidados necessários para que se sinta mais segura, mesmo estando longe dos profissionais de saúde da instituição. Um desses cuidados é ter sempre o número do telefone celular de sua médica para acioná-la, quando necessário.

Ela tem todo o esquema de como viajar e se precisar... Eu me lembro dela no Rio, eu não sei quanto tempo faz, e ela me ligar de dúvida: Não, é porque eu estou aqui no Rio e não sei o que aconteceu, e no meu remédio, eu queria saber como é que eu faço... (...) queria alguma orientação para ela continuar no Rio para o pessoal não ficar preocupado com ela e não tirar ela de onde ela estava. Porque eu acho que estavam querendo deixar ela não sei se no hotel ou levar ela para um atendimento em algum local, e aí ela perderia a maior parte das atividades do dia. E aí ela tem liberdade e tem facilidade para me ligar e perguntar: E aí, o que é que eu faço? Orienta aí o pessoal, porque senão, eles não me conhecem, não vão me deixar ir. Aí a gente resolve algumas coisas de manejo, inclusive, dentro de evento, mesmo por telefone. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 65)

A avaliação que a médica faz sobre o seu tratamento psiquiátrico é positiva, e parte do êxito é creditada à sua autonomia, pois Anjo Barroco se posiciona diante do que lhe é prescrito, na busca de que o tratamento faça sentido para seus cuidados.

Eu adoro trabalhar com Anjo Barroco. (...) Anjo Barroco, de um modo geral, é muito boa paciente no sentido de que... Eu acho que Anjo Barroco é uma paciente que as pessoas gostariam de ter para cuidar. Tem algumas coisas que acho que são um pouco mais, que é, por exemplo, a questão do peso do Anjo Barroco. Não sei se ela menciona isso alguma vez, mas a gente já chegou a fazer reunião de equipe, supervisão, porque todo mundo ficou preocupado, porque Anjo Barroco estava engordando. E aí não estava fazendo exercício, todo mundo preocupado com a saúde dela, por causa das complicações disso. Mas eu não acho que a gente vai conseguir impor qualquer coisa às pessoas. Anjo Barroco tem tanta autonomia, e tem um aspecto disso, que ela até faz e consegue seguir. Mas tem um outro que eu acho que é muito difícil a gente modificar. Primeiro porque só falar da questão que ela tem que emagrecer ou que tem que isso ou tem que aquilo, não vai surtir nenhuma grande mudança, eu acho, porque a gente mais trabalhou nesse sentido, e eu acho que esse era um ponto que afligia muito, porque de um modo geral, Anjo Barroco acata as orientações, os conselhos, ela sabe o que faz bem, o que não faz bem. Não é alguém que não tenha conhecimento. Ela compreende muito bem isso, mas eu acho que tem um limite que a equipe que cuida dela, às vezes, fica até meio se sentindo... Até onde que a gente vai? Ou: O que é que cabe à gente decidir e o que é que cabe ao Anjo Barroco decidir? E daí que fica meio, às vezes, um impasse dessa situação. Mas eu acho que Anjo Barroco tem, assim, muita autonomia e condições de mudar e organizar as coisas. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 66)

A crítica sobre sua situação de saúde e sobre qual o tratamento que mais se ajusta às suas necessidades faz com que Anjo Barroco participe das decisões sobre seu Projeto Terapêutico Individual, o PTI.

Olha, na verdade, eu acho que Anjo Barroco, praticamente, construiu o seu PTI, se é que... Ela mesma, ela mesma montou, eu acho, as coisas... Porque eu vejo que o que é mais importante para ela, ela mesma foi atrás. Por exemplo, eu acho que se você fosse levar ao pé da letra ou tentar instituir um PTI que seria o ideal, entre aspas, do tipo: Olha, qual seria... Pensando até em saúde pública, de cuidado para Anjo Barroco, ela, absolutamente, não seguiria. Então, eu acho que é um PTI adaptado para as características dela, e levando em consideração tudo o que ela já passou. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 62)

Considere-se que a prescrição do caso-guia para se tratar num CAPS não fez sentido, não fez sentido para ela, mesmo sendo um dos equipamentos substitutivos preconizados pela reforma psiquiátrica, como alternativa de tratamento mental.

Eu lembro que uma vez eu fui conversar com ela sobre a questão do CAPS, e ela teve uma péssima experiência no CAPS, ela fala claramente isso até hoje, ela não consegue se imaginar dentro de um CAPS, fazendo tratamento dentro do CAPS. E esse é um fator que eu acho superimportante que tem uma influência no PTI dela. Eu acho que esse é um dos motivos para que ela acompanhe aqui comigo, e não num CAPS. Porque, talvez, se não tivesse isso, ela acompanharia num CAPS, e se fosse uma equipe mais rígida, forçaria e insistiria para que ela fosse ser acompanhada num CAPS. A mesma coisa na questão da parte clínica dela. Eu acho que eu acabo gerenciando muita coisa disso, e orientando muita coisa clínica também, além da parte de saúde mental. Porque isso, a gente já tentou, inserir Anjo Barroco no centro de saúde... E ela foi, sabe? Ela quis, bancou, foi animada, levou cartinha, a gente fez contato, orientação do que é que estava bom, do que é que estava ruim para começar uma inserção, um acompanhamento até mais próximo da casa dela, e aí a coisa meio que desandou de novo, porque ela voltou em pouco tempo, apavorada, com medo que a pessoa que atendeu ela falou que não acreditava muito em doença mental, que tinha que tirar os remédios dela, que isso tudo fazia mal, e ela ficou com muito medo de entrar em crise. Ah, eu não vou naquele lugar, o cara já falou que só trata com coisa natural, mas eu sei que se eu não tomo remédio eu fico mal e posso acabar internada. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 62)

Toda construção do seu PTI é realizada no sentido de evitar a recaída que venha a ocasionar uma internação. Devido às experiências já vivenciadas por Anjo Barroco, a internação tornou-se motivo de grande medo.

E aí esse é outro ponto que é importante no PTI do Anjo Barroco, que é a questão do medo da internação. A gente tem quase que um planejamento prévio de todas as etapas do que fazer se ela estiver mal, para evitar a internação a todo custo. Porque esse é um pedido que ela faz com muita intensidade: Olha, eu não me adaptaria no CAPS, eu tentei no centro de saúde, fiquei com medo e não deu certo, aí tinha muita falta de médico, a gente acabou articulando as coisas por aqui. E aí ela foi para as especialidades do que precisava. E a questão da internação, que é algo... Eu acho que depois do CAPS, seria o segundo mais apavorante de possibilidade do que pode acontecer. Eu acho que ela não gostaria de ficar internada. E esse é o momento meu crítico, de final de ano, porque ela é meio assim... De final de ano, costuma ter uma nuvenzinha negra que se aproxima, que ela não fica tão bem. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 62-63)

Os cuidados com ela são mais intensificados nos períodos em que o caso apresenta, sazonalmente, os mesmos sintomas. O final do ano é o principal período de instabilidade. Nesses momentos, há uma maior busca pelo equilíbrio emocional do nosso caso.

Então, ela já, às vezes, comenta: Às vezes, eu me sinto bem. Eu penso em baixar o remédio, e tudo. Porém, é final de ano, as crises que ela teve, a maioria foi em fim de ano, e aí ela associa esse período a uma piora. Então, a gente combinou que em final de ano, a gente não mexe em remédio. Tem todos uns combinados pensando no evitar qualquer desestabilização que possa culminar numa internação. E com esse manejo, eu acho que Anjo

Barroco adere muito bem ao tratamento e quer melhorar. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 62-63)

Anjo Barroco é dona de uma autonomia e iniciativa que a leva buscar alternativas para seu tratamento, para além daqueles prescritos pela médica. Atividades ligadas ao trabalho, à arte, à comunicação e à militância antimanicomial são procuradas por ela. Na maioria das vezes, trazem consequências benéficas para o seu tratamento. O acompanhamento terapêutico neste caso dá-se para que essas iniciativas também possam estar equilibradas em sua agenda, para que ela não seja vítima de um atropelamento de atividades, que depois sofra por não dar conta de não as ter cumprido.

Agora, o PTI dela, por exemplo, fora a questão do tratamento médico, o cuidado de saúde, ela explora todas as possibilidades quase que você oferece na instituição e de... Por exemplo, o trabalho dela não é nem Oficina, na parceria, que a gente considera como se fosse assim, além da oficina de trabalho, e que eu acho que ela desenvolve muito bem, é reconhecida por isso, ela tem... Antes, ela frequentava o Ateliê. Ela pintava, tudo, ela aproveita todos os espaços que oferecem outras atividades... Ela não é aquela paciente que você fica empurrando ou estimulando, do tipo: vai. E que você tenta: Vamos tentar, leva para algum lugar, não. E isso eu acho que ela faz muito bem. O que a gente toma mais de cuidado com ela é no final das contas o oposto. É do tipo: Calma lá, espera aí. Eu acho que a gente funciona quase como um freio ou uma redezinha que vai dar uma segurada na Anjo Barroco para ela não se jogar, talvez, se jogar e cair no vazio. Eu acho que o PTI dela funciona mais nesse sentido, do que no sentido de ficar estimulando. Tem algumas coisas que ela começa e que a gente vê: puxa, legal, acho boa a ideia. A gente incentiva. Mas aí até com uma certa cautela, tipo: Olha, Anjo Barroco, não vamos também exagerar. E aí você transformar a sua vida ou não ter outras atividades para fazer só isso. O que mais do PTI dela...? O PTI de Anjo Barroco não é algo fechado, fixo, que... E também eu acho que quase todo mundo aqui participa do PTI de Anjo Barroco, mesmo que indiretamente. Porque ela é tão... Ela circula tão aqui... Ela tem outras relações de amizades anteriores à minha tão fortes, e pessoas que conhecem ela tão bem, que essas pessoas acabam ajudando muito mais na hora de perceber como será que está Anjo Barroco do que eu, propriamente dito. Tanto que eu recorro a elas várias vezes em caso de dúvida ou quando tem alguma questão específica ou elas vêm e me avisam: Olha, eu acho que Anjo Barroco não está muito bem, ela não costuma ser assim. Um exemplo disso é quando ela começa a mandar mensagens no celular. Aí eu acho que a Juma é a primeira a sentir a questão. Aí a Juma já dá um toque ou aviso: Olha, Anjo Barroco está mandando muita mensagem ou ligando cedinho da manhã, coisa que ela não costuma a fazer, vamos ver o que é que está acontecendo. Eu acho que o PTI dela é construído a partir dessas relações e da entrada que ela tem em todos os setores do serviço. E aí vai formando. O dela é absolutamente rede mesmo, não tem algo isolado, eu acho. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 62-63)

O PTI compartilhado abre possibilidade de uma escuta qualificada, para que o usuário possa se colocar e opinar sobre o que faz mais sentido em seu tratamento, pois se trata de sua vida e das implicações que uma decisão dessas pode trazer ao seu cotidiano. No caso de Anjo Barroco, a possibilidade de diálogo e negociação surte muito mais efeito em seu tratamento.

Então eu acho que a gente dá, hoje em dia, direções para a Anjo Barroco e compartilha daí muito, divide muito no sentido de: O que é que você quer fazer também? Como que você acha que deveria ser as coisas? Você me fala o que você acha e eu te falo o que eu gostaria e a partir daí a gente vai conversando, negociando e talvez traçando alguns planos do que dá ou o que não dá para fazer. O que você sabe que está ruim ou que não está. Como é que você vai fazer. Está disposta ou não está disposta. E aí a partir daí vai seguindo. Eu acho que é um relacionamento tranquilo, por isso que eu digo que Anjo Barroco é o tipo do paciente que eu sinto que é legal de tratar, você tem plenas possibilidades de negociar com ela, você sabe que ela compreende. Ela se posiciona também, ela não é aquela que aceita qualquer coisa que você falou e ponto final. Não vai te perguntar ou não vai te trazer alguma demanda, eu acho que acaba sendo algo bastante interativo, isso sim, não é unilateral. E eu acho que essa é uma grande vantagem dela. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 67)

O autoconhecimento e a maturidade, adquiridos após anos de tratamento mental, levam o caso-guia a ter hoje uma apropriação sobre quadro e quais os melhores procedimentos para seu cuidado mais adequado. Além disso, a confiança da militante e da comunicadora traz a coragem necessária que, muitas vezes, falta para a maioria dos usuários para expor suas opiniões.

Pensando na questão clínica da doença que Anjo Barroco tem, eu destacaria a questão da apropriação que ela teve com o tratamento, do modo que ela se conhece hoje. Eu acho que essa relação, essa participação dela, assim, mais próxima da gente, fez despertar isso nela, da gente dar toques. Então, assim, de despertar a consciência dela com relação à doença e de como que ela está. Ah, eu estou assim é porque eu não estou muito boa e eu posso ficar assado. Então, eu acho que despertou essa consciência com relação à doença, e em saber se cuidar melhor com relação a isso. E saber também se valorizar na vida, nas relações amorosas e ter mais consciência das implicações de sintomas que ela tem. A ponto dela chegar e falar com um monte de sacolas de compras aqui, eu olhar para ela e ela falar: eu só aproveitei a promoção, viu? Porque ela estava com um monte de sacolas e quando ela estava entrando em crise, ela fazia muitas compras. E aí eu olhei e falei: oi Anjo Barroco, nossa! Ela respondeu: eu só aproveitei a promoção viu? Eu estou ótima. (...) Porque todas às vezes que ela entrava em surto, ficava mais em mania, a primeira coisa era comprar muito, gastar mais do que devia. E eu acho que ela acabou num pequeno comentário: nossa! Só aproveitei a promoção, estava tudo muito barato. Muito interessante. (Depoimento de Clélia, gerente do NOT, 2010 : 91)

Além do tratamento clínico e mental, nosso caso conta, também, com cuidados alternativos complementares que auxiliam em aspectos específicos de sua recuperação, como a acupuntura.

A acupuntura, eu comecei, eu acho que foi de 2007 para cá. A acupuntura eu faço com o doutor Oton desde 2007, tanto para parte, assim, para problema de obesidade como para tratamento psiquiátrico também. Na época, a Clelia, que é gerente do NOT, foi conversar com ele para ver se ele poderia fazer esse tratamento em mim. E é um tratamento que deu certo, porque em um ano, mais ou menos, um ano e pouco, eu emagreci vinte quilos. Vinte quilos. Eu acho que, não sei se foi, um pouco, vida sedentária, etc. e tal, e pela medicação, um pouco, e também pela medicação anticoncepcional injetável, que eu também tomei muito tempo, uns oito anos, direto, Deprovera, eu cheguei engordar cinquenta quilos. Quando eu cheguei aqui no Cândido, eu pesava cinquenta e oito quilos. Eu fui parar em cento e vinte e oito quilos e meio, não é? Hoje, eu estou numa média de cento e dez, cento e doze. Então eu perdi bastante quilos, perdi não, eliminei. Porque que nem as meninas falam: Você perdeu aqui, você acha ali. O correto é falar eliminou. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 21)

Na verdade, eu nunca tive um acompanhamento psiquiátrico, propriamente, no tom da palavra. Ao longo da vida dela, eu sempre pude acompanhar. Teve períodos, às vezes, períodos críticos, no final de ano, por exemplo, é um período que mexe muito com a vida dela. Tem um contexto bastante significativo para ela. Então, geralmente, em final de ano, a questão da vulnerabilidade dela se acentua. Mas há algum tempo eu já venho acompanhando ela por conta de uma solicitação que ela fez por conta do emagrecimento dela, do peso dela. E aí desde então eu tenho acompanhado de uma maneira fazendo acupuntura nela, especificamente, nessa questão do pedido dela da questão do peso dela. Por algum período a gente conseguiu diminuir o peso dela, e agora está se mantendo numa certa medida. Eu estou entendendo que além da questão do peso, tem as contingências da vida dela. (Depoimento de Oton, médico psiquiatra e superintendente do SSCF, 2010 : 51)

Anjo Barroco aproveita todas as oportunidades que lhe são dadas e que façam sentido para seus cuidados, para sua vida. Além disso, na maioria das vezes é perseverante no tratamento alternativo, mostrando um grande desejo de superação. Como ela mesma define: “eu acho que assistência é tudo isso. E eu acho que é você se sentir bem”. (2010 : 34)

O interessante é que todos os espaços e oportunidades que Anjo Barroco... (que) são propiciados para ela, ela pega com as duas mãos. Ao longo do tempo, a questão da acupuntura é uma coisa que ela tem seguido. Muita gente teria desistido, não só da acupuntura, mas de uma porção de coisas. Mas desde que ela está... Há quantos anos ela está sendo acompanhada nesta instituição, não teve nenhum período que teve um momento de transição ou de interrupção disso. Então, nesse sentido, ela é uma pessoa que se cuida muito bem, tem um compromisso e o faz de uma maneira muito boa. Nesse sentido, quando eu falei que pontualmente a gente vê a questão do peso dela, mas na acupuntura, a gente não vê só a questão do peso. A gente está

tratando a pessoa de uma maneira inteira. Lógico que a gente vai estar conversando de outras questões. Então a partir da fala dela, a gente vai estar também instrumentalizando, dentro da terapêutica da acupuntura, algumas coisas que ela não traz. Então isso, eu estou entendendo que tem ajudado no processo do acompanhamento do tratamento dela. Então ela é uma pessoa que por alguma razão, às vezes, por conta da minha agenda não dá certo, mas ela fala: Olha, estou aqui, precisa recompor. Então é uma pessoa que também tem uma atitude proativa no sentido de auto se cuidar, falar: Escuta, isso aí está me ajudando, e estar procurando a pessoa para poder estar realizando. Então não é uma coisa só minha e dela, mas dela também para comigo. Então, é muito bem... No meu modo de ver, estou grato por esse cuidado que ela tem também em relação ao que eu disponho para ela. (Depoimento de Oton, médico psiquiatra e superintendente do SSCF, 2010 : 52)

As atividades e os cuidados complementares que nosso caso busca para ela, sempre acrescentam algo além do tratamento em si, o movimento de ir atrás de resoluções faz com que ela estabeleça novas relações, ampliando ainda mais suas redes de conexão social.

A gente sempre estimula Anjo Barroco a buscar [tratamento alternativo]. Eu acho que ela tem alguns problemas clínicos também graves, como a obesidade, ela é diabética. Eu avalio como positivo e também acaba que ampliando essa rede dela, porque aí ela vai e faz ponte com outras pessoas em outros locais. Eu não vejo como nada negativo, acrescenta, e eu acho que ela precisa disso também. Às vezes, ela faz umas coisas, é que daí não é alternativo, o tratamento clínico para apneia, aquele negócio que ela tem. E daí ela vai, ela não usa muito o aparelho que ela tem que usar. Eu não avalio como nada negativo, eu acho que só acrescenta para a vida dela, e tentativas dela melhorar de um modo mais amplo, geral, de estar buscando o equilíbrio. Mas algumas coisas, às vezes, ela não sustenta por muito tempo, não vai. Tipo, ela começa a fazer natação, não é tratamento alternativo, mas ela começa e aí para. Começa a caminhar e não sustenta muito tempo. E a acupuntura, ela faz também e aí tem a coisa que ela refere, porque ela acha que é bom porque ela relaxa e até dorme, mas também o doutor Oton a chama. Tem aquela coisa que ela está fazendo aqui, e aí tem uma rotina que ela... E pena que algumas outras coisas ela começa e depois para, não segue. (Depoimento de Clélia, gerente do NOT, 2010 : 93)

Na avaliação de sua médica os tratamentos alternativos podem diminuir a quantidade de medicamentos utilizados nos cuidados, ou até mesmo prescindí-los, de acordo com cada caso. Segundo ela, certas vezes a manutenção de uma dosagem mínima de remédios acaba sendo prescrita para que o usuário mantenha a ligação com o serviço, como também a função de deixar a equipe de atendimento mais tranquilizada, pois quando se sabe da suspensão total dos medicamentos, isso gera insegurança para a equipe.

Eu acho que ainda faço uma crítica em relação a mim mesma. Nesse ponto, eu acho que a gente tem muito mais recurso que a gente poderia usar, do que centralizar em remédio. Eu acho que a gente faz muito isso, até porque não

conhece ou, às vezes, fica muito isso que eu falei, voltado para o remédio. Eu acho que tem outras formas de tratamento que contribuem muito. A gente discute, tem vários casos que, às vezes, a gente opta por hora, o remédio vai ser o de menos, sabe? Ou vai entrar o mínimo, se é que seria necessário. Tem pacientes que, eu até acho, nem precisaria tomar remédio, porque o trabalho estruturou a vida dele muito mais que qualquer remédio. Então, assim, só que, às vezes, você pega... (...) Por exemplo, Anjo Barroco toma muito remédio clínico, mas, talvez, se tivesse outras atividades que ela se engajasse ou que ela conseguisse ter algo diferente. Por exemplo, se ela tivesse uma atividade que ela gostasse mais, atraente, que proporcionasse, por exemplo, que ela emagrecesse, talvez, um bom tanto dos remédios que ela toma, saíssem de lá, ficariam sem função. Eu acho que a gente tem que investir em outras estratégias, em outros pontos como esse. Eu estou lembrando de um caso que a gente estava discutindo, faz pouco tempo, e essa era uma questão, o que a gente está fazendo agora é tirar remédio da pessoa, porque a gente acha que os remédios estão fazendo mais mal do que bem. E esse é um ponto que a gente tem que ponderar. Eu acho que a questão, por exemplo, Anjo Barroco quando pegou o cara extremo do alternativo, eu acho que queria dar só, como é que foi...? Eu acho que queria dar só coisa natural para ela. E daí o cara falou que doença mental não existia e ela ficou também assustada: Mas como, depois de tudo que eu já passei, você vem dizer que não existe. Eu acho que não dá para ser assim, não dá para fazer nada muito brusco, não dá para ser radical. Tem alguns medicamentos que fazem diferença, todo mundo sabe, mas eu acho que deve ser muito bem indicado isso, muito bem pesado isso. Eu acho que Anjo Barroco tem autonomia, inclusive, para isso. Ela já fez alguns testes de ir reduzindo, de tentar ela mesma manejar a medicação dela. Eu acho que os testes foram infrutíferos, então, por isso que ela mantém alguns. Mas, talvez, a gente conseguisse chegar em uma dose bem menor da medicação dela ou ficariam poucos remédios em doses menores. Tem outros pacientes, que eu consigo visualizar, que dariam para ficar absolutamente sem remédio, assim, que o remédio não tem muita função. Talvez, fosse uma função de manter uma ligação com o serviço, em alguns casos. Sabe, e aí você fica naquela mínima dose e, às vezes, até para acalmar a equipe. Não, a equipe sabe que está tomando, então a equipe fica mais tranquila, porque a própria equipe acredita muito no remédio. Entendeu? Então eu acho que, às vezes, a gente fica nessa: Mas será que é isso? E essa é uma questão também recorrente em discussões de equipe. Porque eu acho que tem que ser daí um esquema compartilhado, assim: Então está bem, nós vamos decidir como equipe, e como equipe a gente vai bancar ou segurar as pontas se precisar ou intervir ou deixar a coisa mais como equipe. É difícil, eu acho, tomar uma decisão ou agir numa postura dessa, sozinho. Agora, em equipe, eu acho muito tranquilo. Tem casos que você consegue, que daria para deixar, sim, sem remédio. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 70-71)

Atualmente Anjo Barroco está com sua saúde mental estabilizada. O foco de cuidados, neste momento, está em sua saúde clínica, pois o consumo do cigarro e a obesidade do nosso caso podem trazer consequências graves.

Eu acho que Anjo Barroco ainda precisa encontrar alguma coisa que dê prazer para ela, e que proporcione algo um pouco mais saudável para o corpo. Porque eu acho que para a mente, ela já faz bastante coisa. Isso ela

vai. Mas eu acho que ela poderia dar uma atenção um pouco mais para o corpo dela. Eu tenho plena noção de que as coisas não são dissociadas, mas talvez esse seja um ponto que mais pra frente a gente precise trabalhar melhor. E a questão... Porque tem essa coisa que, às vezes, ela fala, que eu acho que ela deu um passo importante, mas que talvez não tenho sido totalmente resolvido, e eu também não sei se todos nós somos totalmente resolvidos em relação a isso também, que é a questão do... Por exemplo, viver sozinha, não viver sozinha, ter um companheiro ou não. Eu acho que esse é um outro aspecto da vida de Anjo Barroco que ela não fala muito, mas que existe e que também tem um ponto de conflito. E que também tem uma ambiguidade, tem uma dúvida, um dilema no sentido de: É melhor eu ficar sozinha, só eu, ou será que eu me arrisco ou tento ter um outro relacionamento com alguém... Ela, mesmo tendo terminado com o Barto, a gente sabe que ele liga para ela, tudo, insiste, e mesmo sem voltar, de vez em quando ela dava umas recaídas e mexia com esse aspecto, do tipo de ponderar: Mas será que eu fico sozinha? Como vai ser meu futuro? Eu acho que mexe de novo nessa questão do transitar. Será que eu dou conta? Não dou conta? Preciso de uma curatela? Não preciso de uma curatela? Eu acho que acabam ficando questões muito parecidas. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 72)

Muito do sucesso conquistado no tratamento de nosso caso deve-se à parceria estabelecida com sua irmã Beta, que nesses anos todos faz-se presente e acompanha de perto todos os procedimentos, fazendo com que Anjo Barroco mantenha os devidos cuidados com sua saúde. O relacionamento entre elas acabou se transformando para melhor.

(...) acho que mudou bastante [a sua relação com a irmã] em função do trabalho, da Beta sentir apoio de quando tinha alguma questão com Anjo Barroco, de poder ligar, de poder perguntar e da gente também poder orientar. Eu acho que muda, sim. E muda a posição do Anjo Barroco com relação a ela (irmã). Eu acho que elas passam a ser, ao longo desse tempo, vai crescendo para serem mais parceiras. Eu não sei, assim, definir o que mudou, mas até na negociação delas com relação ao benefício que Anjo Barroco recebe. Às vezes, a gente percebe um pouco de abuso da Beta com relação ao que ela cobra de Anjo Barroco, com relação à divisão da grana, do dinheiro, de quem paga a conta. Às vezes, Anjo Barroco também percebe isso e fica incomodada, mas consegue lidar. Eu não sei, assim, porque eu estou um pouquinho mais distante, mas eu acho que tem uma relação que melhora aí, que não é só a irmã que tem que cuidar dela, parece que elas têm uma outra relação, hoje, mais de cumplicidade, assim, não sei. Pode ser impressão, mas é o que eu acho. (Depoimento de Clélia, gerente do NOT, 2010 : 91-92)

E a irmã dela eu acho que aguenta e apoia muito ela nisso [no tratamento], sabe? Do tipo de reforçar que ela faria qualquer coisa também para evitar que Anjo Barroco ficasse internada. Então eu acho que isso dá uma segurança para Anjo Barroco, do tipo: A minha irmã... Porque a Beta, ela me ajuda me apoia, e aguenta a barra se eu tiver excedendo em casa. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 64)

A rede de cuidados que se estabelece no serviço de saúde vai além dos cuidados clínicos e psiquiátricos, para além dos profissionais especificamente da área da saúde. Existe, na instituição, uma atmosfera de cuidado com os usuários por parte de todos os que ali trabalham, mesmo nas áreas administrativas. Essas parcerias acabam por compor uma rede mais ampliada de atenção, o que beneficia o usuário em suas necessidades.

(...) Então foi numa crise, logo que ela veio trabalhar comigo, que ela precisou internar, que ela foi para o CAPS, e o CAPS, eu acho que deixou passar muito tempo. Enfim, a gente tinha avaliado que não precisava de uma internação, mas o CAPS também não conseguiu segurar Anjo Barroco lá, e quando ela veio para cá, ela estava em crise. Então, isso mexeu muito comigo, porque ela estava muito degradada. Quando ela chegou, assim, eu vi uma pessoa judiada. E teve umas outras ocorrências que eu não vou entrar em detalhes, porque eu não me lembro ao certo. Mas teve uma briga feia na casa dela com o cunhado, foi isso que desencadeou a crise. E essa primeira internação dela, do jeito que ela chegou aqui, mexeu muito comigo, pelo jeito que ela chegou. E a partir daí, eu comecei observar mais as crises dela, e eu acho que depois disso, ela teve mais uma internação. Mas me deixou muito mexida, do jeito que ela ficou, não é? Você vê uma pessoa ali no dia a dia e, depois, você vê a pessoa num sofrimento mental muito grande. Mas aí, depois, passou, ela foi cuidada, a gente cuidou dela e foi passando, e ela retornou. Retornou envergonhada de algumas coisas, mas a gente foi falando que era assim mesmo, que... Enfim, ela também estava no espaço dela, e as coisas foram retornando ao normal. Uma outra situação foi quando ela também estava entrando numa crise, e foi justamente na semana da minha separação. Então ela estava em crise e eu também. Foram duas pessoas em crises aqui, numa semana de pagamento muito tumultuada, que eu não sabia se ela chorava ou se era eu que chorava, se era ela que me acolhia ou se era eu que acolhia ela, porque eu estava nervosa e ela também estava, porque também foi uma semana difícil. E a Clelia simplesmente chegou para as duas e falou: Olha, foi uma semana bem difícil para vocês, vão embora, é feriado, descansa e depois, a gente retoma. E a gente foi embora chorando juntas. Então, assim, foram duas situações que marcaram bastante. Então, eu acho que serviu até para unir mais. (Depoimento de Juma, funcionária do NOT, 2010 : 78-79)

E aí quando eu trabalhava no setor do NOT, do administrativo, outras pessoas também que fazem parte da equipe, na parte de saúde, elas também me ajudavam. Por exemplo, a Juma. A Juma falou assim, eu lembro uma vez que ela falou assim: Anjo Barroco, só de você chegar na porta da minha sala, conforme o jeito que você chegar, eu já sei como é que está o seu humor, por exemplo, como é que você está. Então a pessoa já sabe, da convivência, é tão grande, da intimidade, é grande, da cumplicidade, é tão grande, que a pessoa já consegue saber. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 34)

(...) o dia em que ela chegou da TRANSURC, porque deu problema no passe dela, que ela chegou muito chateada, e que aí eu parei e pensei: o que eu faço agora? O que eu falo para ela? A única coisa que eu consegui fazer foi sentar ao lado dela, abraçá-la e confortá-la, porque ela ficou muito chateada, e aí a gente fica chateada junto. Eu acho que foi o momento que mais me marcou, assim. A nossa viagem para São Paulo, vários momentos, mas esse, eu acho que foi o que me marcou mais, porque eu fiquei sem ação, eu não

sabia o que fazer, o que falar para ela, porque se eu falasse vai dar tudo certo, tem certas coisas que a gente fala por falar e esse momento, não era o momento de falar nada por falar. Então a única coisa que eu consegui fazer foi abraçá-la e aí eu senti que é difícil todo esse processo. E aí eu fiquei muito preocupada com o que ela ia sentir, se ela ia se sentir mal, se ela ia sentir que isso seria mais uma pedra no caminho dela. Se iria afetar isso nela. Então eu tentei fazer com que ela esquecesse e animá-la de uma outra forma. Mas isso me marcou porque, realmente, eu fiquei sem ação, não sabia o que fazer. Então eu acho que esse foi o momento que mais me marcou com ela, porque foi bravo, foi punk. (Depoimento de Lays, funcionária do Ponto de Cultura, 2010 : 89)

As relações de amizade de Anjo Barroco dividem-se em duas fases de sua vida: antes e depois do surgimento do sofrimento mental. Antigos amigos acabaram se afastando quando sua saúde pereceu e a retomada desses laços afetivos, imprescindíveis na vida de qualquer ser humano, dá-se também nessa instituição. Nosso caso estabelece laços que extrapolam a relação entre funcionários e usuários e se transformam em amizade.

Anjo Barroco consegue restabelecer as relações de afeto quando se insere no Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. Nesse espaço as novas relações dão-lhe novos contornos, já que é uma pessoa bastante afetuosa e cuidadosa dos que estão ao seu entorno. Nosso caso consegue restabelecer e ressignificar o afeto diante das novas redes de conexão estabelecida.

As amizades que eu tenho são as amizades que eu construí aqui. Então o que eu falo, assim, o Cândido representa para mim, não só na parte profissional também, na parte de tratamento, mas na parte também social. Porque as amizades que eu tenho foram as amizades que eu construí aqui. E através daqui eu construí também, nesses encontros de luta antimanicomial. Eu conheço várias pessoas que eu encontrei em outros lugares e toda vez que tem esses encontros eu reencontro. O que é muito gratificante também, você ficar dois anos sem ver a pessoa, e, depois, você vai lá e a pessoa está ali na batalha e tudo, e lembra de você, lembra do seu nome. Eu acho que isso é importante também. Eu não sei por que, se a pessoa passa a ser internada, ela não serve mais para ser sua amiga. Não sei por que. E o que acaba dificultando também, que o período que você fica internado, você deixa de frequentar aqueles lugares que você frequentava, socialmente, falando. E aí você deixa de ir numa boate, você deixa de ir num trabalho, porque você acaba sendo afastada por auxílio doença e essa coisa, tudo, você fica sem grana, você fica esse monte de coisas. Eu acho que isso dificulta também continuar a amizade. E a pessoa te exclui, há a exclusão. E aí é a coisa da exclusão. E com o passar do tempo, você não resgata aquelas amizades. É muito difícil. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 31-32)

Luir é um amigo que Anjo Barroco conheceu no Movimento da Luta Antimanicomial. Foram vizinhos em certo momento e, posteriormente, tornaram-se participantes do projeto Maluco Beleza, desde o início do projeto, em 2002.

Olha, é uma amizade muito grande, um carinho muito grande. Anjo Barroco, eu acho que nunca me viu em crise, mas eu já vi Anjo Barroco em crise. Vim visitar ela aqui no Cândido Ferreira. Quando ela estava no Caps Novo Tempo de leito, porque ela teve crise. Anjo Barroco, infelizmente, não toma o remédio direitinho, mas... No meu caso, graças a Deus, faz oito anos que eu não tenho crise, quase nove anos, mas no caso da Anjo Barroco, não. A Anjo Barroco de vez em quando tem umas recaídas, baixas e leves, mas eu pude ajudar ela, visitando ela, consolando ela. Eu me recordo que uma vez, Régis, eram cinco horas da manhã, Anjo Barroco bateu lá em casa. Minha mãe ficou calada, fechou as portas, deixa ela bater, bater... A minha mãe ficou com medo também. Ela batendo: Luir, você vai sair da gráfica. Foi logo quando eu entrei na gráfica do Not. Aí depois no outro dia, ela pediu desculpa para mim. Com toda a crise dela, ela pediu desculpa, pede para sua mãe desculpa. Eu bati porque eu estava muito nervosa, eu estava em surto. Eu falei: Eu sei, Anjo Barroco, que você estava em surto. Então foi um dos momentos... E hoje eu tenho um relacionamento muito feliz com Anjo Barroco, somos muito amigos. O pessoal brinca: Vai namorar com Anjo Barroco... É brincadeira, né? Claro. Mas eu tenho muito carinho pela Anjo Barroco como amizade mesmo. Como eu já te falei, ela é uma pessoa sentimental. (...) De vez em quando, eu e Anjo Barroco também passeamos. Fomos assistir ao cover do Raul Seixas. De vez em quando, a gente está passeando. Anjo Barroco me convida, a gente vai passear à noite, para conhecer mesmo, para manter a amizade, o que é muito legal, eu e ela. (Depoimento de Luir, usuário e amigo, 2010 : 57)

Eu gostei muito de Anjo Barroco quando eu completei trinta anos, estou com trinta e seis, foi há seis anos atrás, eu completei trinta anos, ou foi trinta e um, e Anjo Barroco não esquece de mim. A Anjo Barroco sempre dá um presentinho, liga pra mim, tal. E esse dia eu me lembro até hoje, ela me deu um caderno aqui do... Nós estávamos numa faculdade nesse dia [dando palestra sobre o Maluco Beleza], e ela me deu um caderno daqui da gráfica, com uma canetinha e tudo. Eu gostei bastante. É uma cena que eu guardo, tudo. Não que eu quero que ela me dê presente, mas porque ela sempre lembra de mim, realmente, a Anjo Barroco. (Depoimento de Luir, usuário e amigo, 2010 : 58)

Nós éramos vizinhos, foi na época que Anjo Barroco ficou doente, e ela foi lá em casa, batendo lá. Eu falei: Calma, calma, ela está em crise e tal. Ela mora umas três ruas atrás da minha casa, morava. Agora, Anjo Barroco, veio uma notícia boa: Eles vão construir lá e vão voltar para o bairro. E estou muito feliz, porque agora o bairro está bem melhor lá, o bairro agora tem asfalto. Eu me lembro também que uma vez nós chegamos de Brasília numa enxurrada, meu. Numa enxurrada... Foi logo no começo também. E ela: Ah, meu Deus do céu, o que vai acontecer...? E aí na hora do carro descer, era de barro, aí o carro ficou preso. E aquela chuva forte. Nós tínhamos chegado, acabado de chegar de Brasília. Era noite, eram umas dez horas da noite. E aquela chuva forte, sabe? Mas graças a Deus, deu certo. Anjo Barroco ficou na sua casa, com barro e tudo, e me deixou na minha casa também. Deu tudo certo. E agora o barro está melhor, eu falei para a Anjo Barroco, que tem asfalto e tudo agora. Agora para passear, tudo, vai ser bem legal agora porque pode sair à noite. (Depoimento de Luir, usuário e amigo, 2010 : 59-60)

O relacionamento dos dois dá-se, muitas vezes, a partir da produção dos programas de rádio, sendo as discussões entre eles constantes. Anjo Barroco tem gênio forte e gosta de manter a ordem durante as atividades, enquanto Luir, muito responsável também, porém numa lógica própria de pessoas ansiosas, atravessa as falas, quer fazer muitas atividades de uma só vez, o que incomoda Anjo que está sempre dando uma bronca nele.

Eu nem escuto quando ela fala, sabe? Entra por aqui sai por ali. Eu não tenho raiva da Anjo Barroco nunca. Anjo Barroco é um grande amor. (...) Como se fosse uma irmã mais velha, é isso mesmo. Como se fosse minha irmã mais velha. E ela tem jeito para ser minha irmã mais velha mesmo. Anjo Barroco é dez, eu gosto muito da Anjo Barroco, tenho muito carinho por ela. Às vezes, eu fico preocupado, não quero tocar no assunto do cigarro dela. Mas eu evito, porque eu sei que ela fica nervosa. Anjo Barroco, para de fumar, é perigoso. Cigarro é perigoso. Isso no começo eu falava, depois eu via que ela ficava chateada e nervosa, eu cancelei. A minha preocupação com ela é isso, a saúde dela, como eu também tomo cerveja, que ela briga comigo. Você não toma cerveja também, rapaz? Que nem a minha mãe também: Você não toma cerveja? A minha mãe fuma também. Você não toma cerveja? Deixa eu fumar meu cigarrinho. Então é isso. Mas Anjo Barroco é dez, eu a amo com todo carinho e paixão por ela, por ela ser uma das grandes militantes da luta antimanicomial, uma pessoa especial na minha vida e que Deus nos abençoe por muitos anos estarmos juntos, por muitos anos ainda pela frente, se Deus quiser, em nome de Jesus. Muito obrigado. (Depoimento de Luir, usuário e amigo, 2010 : 59-60)

Outro usuário participante do projeto Maluco Beleza, com quem nosso caso tem uma relação de amizade, é Silas. Os dois estão sempre juntos nas atividades e percebemos um carinho recíproco, como podemos observar em seu depoimento. Esse relacionamento se iniciou desde a primeira vez que Anjo Barroco esteve internada no Cândido Ferreira.

Olha, ser amigo da Anjo Barroco é muito gratificante. Conheci a Anjo Barroco há muito tempo atrás, quando ela ingressou no Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. E quando a gente via as pessoas assim, parece que a gente se identifica, eu me identifiquei muito com Anjo Barroco. E me lembro que, num desses encontros, eu falei: Anjo Barroco, por que você não entra numa oficina? Por que você não participa de alguma coisa aqui? Só que chegou nesse momento e ela não estava bem. Mas, graças a Deus, os dias foram se passando, e Anjo Barroco ingressou naquele movimento do Cândido, ela começou a interagir com as pessoas e eu fui um amigo dela desde lá do começo. Eu tenho um carinho especial pela Anjo Barroco. Eu a vejo uma amiga sincera, uma amiga nas horas difíceis, quando a gente precisa conversar, a gente conversa. Como nós temos o prazer, hoje, de viajarmos juntos, e sempre nós estamos juntos. Pode ver que quando estamos viajando, estou sempre sentado com Anjo Barroco, a gente vai aos encontros e eu estou junto com Anjo Barroco. (...) Eu creio que foi aproximadamente em 1997, 1998, eu me lembro mais ou menos. (...) Foi lá dentro do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, quando eu vim do Hospital Tiberiá. E uma das pessoas, como eu já havia dito, que eu me identifiquei foi com Anjo Barroco. Eu vi Anjo Barroco ali... (...) Ela estava internada lá, e eu conheci

Anjo Barroco. E aí foi onde começou a nossa amizade. Como eu disse, a amizade com Anjo Barroco é uma amizade sincera, e onde eu pude ver a transformação da Anjo Barroco. Porque, sinceramente, Anjo Barroco é uma pessoa de garra. Porque depois de uns tempos, a gente foi conversando, a gente viu ela contar o passado dela, porque eu tive a oportunidade de ouvir a história dela, e é uma história muito sofrida. Ela batalhou muito e, hoje, eu vejo o lugar que Anjo Barroco se encontra hoje. Anjo Barroco se encontra num lugar maravilhoso [referindo-se ao Ponto de Cultura]. (Depoimento de Silas, usuário e amigo, 2010 : 72-73)

As relações de amizade, que o nosso caso conseguia estabelecer no Cândido Ferreira, incluem também funcionários da instituição, com os quais chegou a trabalhar ou trabalha atualmente, acabaram estabelecendo uma relação com ela, que extrapola o simples coleguismo de trabalho, tornando-se afetos mais consistentes.

Juma é uma funcionária da administração do Núcleo das Oficinas de Trabalho da Associação Cornélia Vlieg²⁷, em que Anjo Barroco trabalhou como recepcionista no projeto parceira durante um grande período. Para ela, a relação que se estabeleceu foi além do espaço do trabalho, com visitas na casa de uma e de outra, incluindo até mesmo um passeio na casa dos pais da funcionária, que moram na cidade de Barretos. Atualmente, Juma considera-a como uma irmã. Nessa convivência, as duas dividiram momentos pessoais difíceis, nos quais Juma considera ter aprendido muito com nosso caso.

Anjo Barroco, para mim, hoje, eu chamo ela de irmãzinha. Porque eu acho que a gente realmente estabeleceu uma relação de amizade fora daqui. Eu vejo Anjo Barroco, hoje, como uma pessoa crescida, bem amadurecida, de uma vivência muito sofrida. Mas o nosso vínculo se deu no trabalho, quando ela veio trabalhar na recepção aqui do NOT e eu ficava sozinha e a gente acabou dividindo um monte de coisas. E, hoje, eu vejo o crescimento dela e falo: Nossa, Anjo Barroco, está vendo aonde você chegou? Eu acho que é isso mesmo que você tem que ir. Às vezes, melindrosa. Eu brigo com ela por causa disso. Ela é muito melindrosa, gosta de uma atenção... E aí quando eu percebo que é muita atenção que ela quer, eu falo: Pode parar que não é por aí. E aí ela fala: Você me conhece mesmo. Assim, eu gosto demais dela, não é? Ela é uma pessoa que faz parte também da minha história aqui no Cândido, não é? Se eu não me engano, ela está aqui desde 1999, que ela começou nas oficinas. Depois foi trabalhar na loja, e depois quando surgiu a oportunidade de ter uma vaga para uma pessoa estar auxiliando aqui na parte administrativa do NOT, deu-se essa oportunidade para ela. E, hoje, eu vejo Anjo Barroco como uma... Eu nem vejo ela mais como uma pessoa que faz um tratamento. Eu vejo ela como minha amiga mesmo, como uma colega de trabalho. E luto muito para que ela se dê bem nas coisas. Enfim, eu acho que é isso, sobre Anjo Barroco. Fora, assim, o crescimento dela no Maluco

²⁷ A Associação Cornélia Vlieg é uma instituição que funciona em parceria com o Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira e administra o Núcleo de Oficinas e Trabalho (NOT) do projeto. Essa associação, formada por funcionários, familiares e usuários, tem o objetivo de reinserir os usuários da saúde mental no mercado de trabalho. Funciona como uma espécie de cooperativa, tendo a função de administrar as verbas advindas das vendas realizadas pelos usuários e distribuí-las por meio de bolsas de trabalho.

Beleza se deu pela necessidade dela também de conseguir realizar algumas coisas. Então o Maluco Beleza foi uma porta para ela conseguir, de mostrar para ela que ela é capaz de dar conta. Porque ela sabe que ela é importante nesse núcleo, não só aqui no trabalho do NOT, mas no trabalho da vida dela mesmo, na estrutura da vida dela. Então, as coisas que ela faz e a evolução que ela teve, eu acho que foi muito grande, ela teve muito ganho. E a gente teve muito ganho com ela, eu tive muito ganho com ela também aqui. Eu aprendi muitas coisas com ela. (...) Eu aprendi que a gente tem que dividir, eu aprendi que a gente tem que ter paciência com as pessoas, eu aprendi também a lidar com o diferente. Eu aprendi também que a gente está nesse mundo de passagem mesmo, e a gente passa na vida das pessoas, e as pessoas passam na vida da gente, que é para te trazer sempre uma coisa boa. As coisas ruins, a gente deixa para lá. E Anjo Barroco é uma pessoa que me trouxe bastante coisa boa, me ajudou bastante aqui, me ajudou bastante num momento difícil da minha vida também, que foi a minha separação. A gente estava trabalhando juntas, e eu acho que ela aguentou as pontas também de várias crises minhas, não é? Enfim, eu acho que foi uma troca bem bacana, eu acho que ainda está sendo uma troca bem bacana. E a semana que ela não aparece aqui, eu ligo lá e pergunto se ela está fugida. Ah, eu vou... Então passa aqui para tomar um café. Eu acho que isso que é legal, eu acho que ficou um vínculo bem bacana. Não é porque ela mudou de setor que a gente... Se distancia, é claro, porque ela está com as coisas dela e a gente tem a rotina aqui no NOT que não é pouco, mas eu acho que para ela também foi bom, esse distanciamento, eu acho que ajudou ela a crescer bastante. E o ganho que eu falo é assim, eu acho que sempre que vem uma pessoa para vida da gente, eu acho que ela traz coisas boas, se você souber enxergar, se você colher isso. E Anjo Barroco, me trouxe, assim, principalmente, afetividade, a coisa do carinho, a coisa da amizade, do dividir, eu acho que isso ela... Eu tenho essa avaliação, que ela me trouxe muita coisa boa. (...) Sim, eu falo que ela é minha irmãzinha, não é? E ainda falo que sou a irmãzinha dela, a mais velha, mesmo ela sendo mais velha que eu, mas é porque ela fala que eu dou bronca, que eu cuido. E normalmente a gente faz isso para irmão, não é? Então eu falo para ela que a gente tem um relacionamento de irmãs. Quer dizer, eu acho, assim, eu vejo ela como uma irmã de afetividade, sim. (...) Nós fomos para Barretos. Minha mãe gosta muito dela, das vezes que ela vem aqui. Quando minha mãe ligava, ela já sabia que era minha mãe. E teve uma vez que nós fomos para Barretos. Eu perguntei para ela se ela queria ir, porque a gente foi num feriado. E aí ela falou: É claro. Ela quis, e aí eu fui lá na casa dela e peguei as coisas, não sei o quê. E nós passamos quatro dias lá com meus pais, fomos para o rancho. Enfim, conheceu o Rio Grande, se divertiu, eu acho que foi bem bacana. Eu falei para ela que numa próxima oportunidade, com certeza, ela irá de novo. (Depoimento de Juma, funcionária do NOT, 2010 : 77-79)

Ale, outro funcionário do NOT que se tornou amigo de Anjo Barroco, ressalta seu aspecto cuidador, revelando que ela está sempre preocupada com os amigos e pronta a dar o apoio possível. Ale, como outros depoentes, disse que levou um tempo para entender que nosso caso estivesse em tratamento mental, e somente depois do convívio veio a descobrir isso.

Anjo Barroco, assim, tipo, eu conheci ela aqui no NOT quando eu cheguei, já tem um ano e meio. E, assim, de começo, a gente se simpatizou muito

bem. Tipo, eu sempre tive dúvida também, eu até não sabia da situação dela, eu até achava que ela era uma funcionária e tal. Eu não tinha muito conhecimento aqui no Cândido Ferreira, e ela foi a pessoa que sempre foi muito amiga minha, desde o início. E, assim, a gente sempre foi conversando no dia a dia, e sempre que eu precisava, eu tirava até dúvidas com ela sobre o NOT ou alguma coisa assim. E aí vai indo, foi mais ou menos assim. (...) [Hoje me considero] Amigo. Um amigo, um companheiro dela. (Depoimento de Ale, funcionário e amigo, 2010 : 81)

A amizade dos dois inclui vários passeios extraespaço de tratamento mental. São companheiros em vários eventos.

Tipo, quando tem eventos no Taquaral, feiras do pessoal do NOT, a gente sai. Tipo, sair para conhecer os lugares, sair para os shoppings. Não tem, assim... (...) No Taquaral, Shopping Iguatemi, nos eventos do NOT. Só nesses dois lugares. Mas, assim, chega o fim de semana, ela liga. Se der para sair, se encontrar... Tipo, quando tinha evento do Circo do Marcus Frota, ela queria sair, e não tinha com quem ela ir, tipo, ela ligou para mim e falou se eu poderia ir com ela. E aí eu fui com ela, foi muito legal. (...) Sim. Ela liga de fim de semana e eu ligo para ela. Ela sempre está preocupada, ela sempre quer saber o que está acontecendo com as pessoas. Ela sempre cuida dos amigos dela. (Depoimento de Ale, funcionário e amigo, 2010 : 81-82)

Para Anjo Barroco, a relação que estabeleceu com Carola, funcionária do Ponto de Cultura Maluco Beleza, vai além da amizade, pois a considera como uma filha, o que é confirmado pela jovem funcionária, que a tem como uma segunda mãe. Para além de receber cuidados relativos à sua saúde mental, Anjo Barroco dispõe-se a cuidar das pessoas com quem convive na instituição, estabelecendo relações de afeto.

É de muita amizade, muita amizade mesmo. Ela fala que ela é minha mãe, porque ela cuida de mim aqui. Ela fala assim para mim. E é assim que eu a vejo. É uma pessoa muito maravilhosa mesmo, que eu tenho como minha segunda mãe mesmo. (Depoimento de Carola, funcionária do Ponto de Cultura, 2010 : 83)

Relacionar-se com nosso caso faz com que as pessoas aprendam a valorizar aspectos de suas vidas, que muitas vezes são considerados naturais. Ao perceberem o sofrimento e a superação que Anjo Barroco enfrentou, as pessoas refletem sobre si mesmas. Lays, também funcionária do Ponto de Cultura, ressalta a alegria com que ela convive com as outras pessoas, deixando o ambiente onde está sempre mais feliz.

Bem, ela é aquela pessoa que é uma delícia de conviver. A gente está sempre rindo, ela está sempre sorrindo. Ela gosta muito de cuidar das pessoas. Então, a gente fala que ela é quase uma mãe para todo mundo. Ela se preocupa muito se a gente não está sobrecarregada, se a gente vai conseguir

ou não vai. E ela cobra bastante também. Então ela é uma pessoa muito amiga. Tem os pontos fracos, porque, às vezes, ela fala muito alto com as pessoas, mas é aquela coisa que a gente acostuma, assim. Mas ela é uma amigona, ela é muito... É muito bom de se conviver com ela. Ela ensina bastante para a gente, acho que mais do que qualquer outra pessoa. Ela ensina muito, eu aprendo bastante com ela. (...) Eu aprendi a dar mais valor assim... Com ela e com todos, mas com ela mesmo, a dar mais valor à vida, ao que a gente faz, de tudo que ela já passou, do que ela tem passado. Então, hoje, eu aprendi a dar mais valor nas coisas que eu tenho e nas coisas que eu quero, e a ser mais persistente no que eu quero, assim, seguir o meu objetivo. Porque ela quando quer uma coisa, ela vai atrás e não está nem aí para nada. Não está nem aí se a pessoa falar que ela não vai conseguir, e continua. Então eu acho que aprendi isso com ela, a ser mais persistente e a correr atrás realmente do que eu quero. (Depoimento de Lays, funcionária do Ponto de Cultura, 2010 : 88-89)

Numa instituição de saúde que fosse hegemônica e verticalizada, essa relação talvez fosse pouco provável, mas nesse serviço, no contexto de reforma psiquiátrica que se encontra desde 1990, até a relação da médica psiquiatra, referência do seu tratamento na instituição, responsável pelo Projeto Terapêutico Individual (PTI) de nosso caso, pode ser considerada uma relação de amizade.

Eu acho difícil dar uma definição. Eu acho que acaba ficando mesmo no limiar de várias coisas. Porque eu acho que tem um relacionamento de amizade, de cuidado e de muito carinho que eu acho que várias pessoas daqui têm pela Anjo Barroco. Tem o relacionamento de paciente, de ter que se preocupar mais com o aspecto da saúde, pegar no pé, e, às vezes, ser a chata que fala: Olha, tem que tomar remédio, usa o aparelhinho à noite, senão você não vai dormir bem, e ficar... Porque agora eu venho enchendo o saco nesse ponto, mas eu acho que tem muito essa questão de respeito pelo outro, e de ver ela como uma pessoa absolutamente capaz de manter suas atividades, autonomia, laços... Hoje, a Anjo Barroco é bastante afetiva, cuidadosa com as pessoas, muito afetuosa. E eu acho que isso facilita muito também a entrada dela, a circulação dela em outros espaços, porque ela é uma pessoa cativante. Eu acho que ela faz amizade facilmente, e mantém esses relacionamentos. Eu acho que ela não só faz amizade como, por outro lado, ela também cultiva isso. Não é alguém que, por exemplo, ela mudou de setor, ela não está mais aqui na nossa entrada do NOT, mas ela está lá no centro de cultura, e no Maluco Beleza. Mas ela mantém o contato aqui. Ela não desapareceu. Ela vem, ela mantém uma proximidade. Ela liga, dá notícias, ou conta de problemas ou de quando surge alguma coisa muito boa. Ela compartilha, eu acho, isso. Então vira um relacionamento não só de tratamento ou algo mais formal no aspecto profissional. Eu acho que vira um relacionamento além disso. Eu acho que fica um relacionamento de amizade. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 61-62)

Anjo Barroco extrapola seu papel de cuidada pelos funcionários da instituição, pelas pessoas da família e se dispõe a cuidar também das pessoas do seu círculo, das relações de afeto que estabelece.

(...) em dezembro de 2009, teve o falecimento do meu tio e, assim, do nada ela apareceu lá e me deu muito apoio, e eu gostei. Ficou bem marcado, assim, para mim. (...) Ela foi meu ombro, assim, amigo. (...) Cuidou de mim nesse momento. (Depoimento de Ale, funcionário e amigo, 2010 : 81)

A gente se conheceu quando eu comecei trabalhar aqui no Cândido, em julho de 2009, e eu fui apresentada a ela, e ela trabalhava muito no NOT. E aí ela começou a participar do Maluco Beleza, e a gente começou a ter um contato um pouco mais próximo, com uma proximidade mais. E aí ela começou, depois disso que a gente começou a conversar, ficar mais amiga, ficar mais próxima, ela vinha todo dia no horário do almoço dela para conversar comigo. Ela vinha me fazer companhia quando eu ficava aqui sozinha e era muito bom. Foi assim que a gente se conheceu. (...) Ela se preocupa muito, quando eu tenho que tomar remédio. Ela pergunta: Você já comeu? Você já tomou seu remédio? Você já pingou seu colírio? Esse tipo de coisa assim. Ela é bem preocupada, com saúde e tudo mais. (Depoimento de Carola, funcionária do Ponto de Cultura, 2010 : 82-83)

Eu quero levar Anjo Barroco para sempre, porque ela é uma pessoa maravilhosa. Ela se preocupa demais, ela ajuda. Eu fui apresentar meu TCC [Trabalho de Conclusão de Curso], ela me mandou uma mensagem de boa sorte. Ontem, estava um tempo de chuva e ela ligou para saber se estava chovendo aqui. É uma pessoa que se preocupa muito e que a gente pode contar em qualquer momento da nossa vida. Então o nosso relacionamento, hoje, é de amizade e de um carinho, um amor muito grande, assim, que eu sinto por ela. É um carinho muito grande que eu quero levar para sempre. (Depoimento de Lays, funcionária do Ponto de Cultura, 2010 : 89)

As conexões que nosso caso conseguiu (re)estabelecer após o tratamento que faz no Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira deram sustentação a toda sua trajetória de vida, abalada pelo surgimento do sofrimento mental. É chegado o momento de partir desta parada em direção ao novo espetáculo. Juntos a lona!

3.5. PARADA: MALUCO BELEZA

**“Bocas, quantas bocas
A cidade vai abrir
Pruma alma de artista se entregar”**
(Hollanda & Lobo In Hollanda, 2006 : 328)

“Respeitável público!”, anuncia o espetáculo a apresentadora do circo que está prestes a começar. A figura da apresentadora vai costurando todas as atrações, prendendo a atenção do público e ressaltando os aspectos mais importantes do espetáculo. E essa é a personagem circense que trazemos para esta conexão temática, em que nosso caso se transforma numa locutora de rádio.

Antes mesmo de iniciar sua participação no projeto de comunicação propriamente, Anjo Barroco já havia realizado uma parceria com a assessoria de imprensa, quando trabalhou na oficina gráfica do serviço de saúde.

Eu acho que até antes de começar o Maluco Beleza, o primeiro contato que eu tive aqui, antes de chegar a ser Maluco Beleza, com esse setor que tem para cá e tudo, é quando eu comecei lá atrás quando eu estava na gráfica e fazia o arquivamento das fotos, das fotografias da instituição, de ver o que acontecia e tudo. Passava por aqueles momentos que tinham já acontecido, mas eu catalogava isso e tal, por um certo tempo. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 22)

A profissão de Publicitária, que estava nos planos de Anjo Barroco em sua juventude, foi interrompida pelo surgimento do sofrimento mental. A partir de sua participação no projeto Maluco Beleza, nosso caso consegue (re)ordenar esse eixo.

E aí quando começou, aí que eu fui convidada para fazer parte desse projeto, não é? No início, assim, eu tinha muita dificuldade para fazer perguntas

quando a gente ia gravar lá, ainda lá no Castelo [bairro], lá na torre do Castelo que a gente ia lá fazer as gravações, que a gente ia de van para lá, eu tinha muita dificuldade para poder me expressar, para poder falar com os entrevistados. Eu achei, assim, muito importante nesse sentido a ajuda do Marco, que ele deu, que é um profissional que tem aqui dentro que é formado em ator, em artes cênicas na Unicamp. E ele dava as dicas para poder soltar mais, desenrolar, soltar a língua mesmo, para poder falar melhor. Eu lembro, também, no início, que quando a gente ia fazer as entrevistas, quando a gente começou, as perguntas me eram passadas, não é? As perguntas eram passadas para poder fazer para o entrevistado. Porque não existia ainda aquela capacidade, talvez, que hoje eu tenho de conversar numa boa, de raciocinar até numa boa, como eu raciocino melhor hoje. Então isso começa até por aí. Através do Maluco Beleza, eu consegui desenvolver uma capacidade melhor de raciocínio, de conseguir chegar onde eu estou hoje, não é? Então, esse projeto que começou lá atrás me fez conhecer vários lugares. Com o Maluco Beleza também, de Fórum Social Mundial, esse tipo de coisa e tudo, de fazer entrevistas com pessoas importantes, de conhecer pessoas importantes e de até de ser reconhecida. Tem pessoas que me chamam que eu nem sabia. Quem que é esse mesmo? Quem que não é? (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 22-23)

Hoje, nosso caso realiza várias atividades no projeto:

Hoje, eu faço assim, praticamente tudo o que me pedir. Hoje, eu tenho um quadro, que fala sobre saúde mental, as notícias da saúde mental, que eu faço com o Silas. Eu participo muito, às vezes, das entrevistas que acontecem no programa. Às vezes, também da mesa redonda, e até enquêtes, se precisar, eu também faço. Eu não gosto muito de enquête, mas eu faço também”. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 23)

Beta sente orgulho do talento para a comunicação que a irmã apresenta. Ela considera Anjo Barroco uma radialista de talento e faz a divulgação de seu programa da rádio online entre suas clientes do salão em que trabalha. Para a irmã, nosso caso teve uma melhora substancial após iniciar suas atividades no projeto.

E depois na comunicação, que ela começou a fazer parte... Ela era representante dos usuários do Cândido Ferreira, que ela começou as reuniões, que ela começou a sair, as viagens, e fazer parte, que ela foi na comunicação, até hoje, agora, ela chegou ao Maluco Beleza, que ela faz parte, agora ela desenvolveu assim... Nossa, explodiu. Ela melhorou 500%. É uma radialista, e eu não sabia que eu tinha uma locutora em casa. E ela é uma radialista. Uma pena que ela não pode concluir a faculdade de radialista, porque seria o ideal para a Anjo Barroco, fazer um curso de radialista, fazer uma faculdade. Porque eu acho que ela vai se desenvolver, desempenhar muito bem. Ela tem uma voz bonita, boa, firme, ela fala muito bem. Sabe fazer as perguntas. Eu gostei do programa dela. Aquilo que eu disse para ela: Anjo Barroco, o que eu gosto, eu gosto; o que eu não gosto, eu faço a minha crítica. Eu assistí, eu ouvi outros programas da rádio Maluco Beleza e não gostei. E o dela eu gostei. Ela faz as perguntas muito bem. Não é por ela ser minha irmã. Eu não estou elogiando Anjo Barroco minha irmã,

eu estou elogiando Anjo Barroco locutora, entrevistadora. Ela faz muito bem o programa, gostei muito. Até a escolha da música que ela colocou no programa eu achei que ficou muito bem. É um programa que pode ir para o ar por qualquer rádio. Gostei muito, fiquei muito feliz. Fiquei muito orgulhosa. Levei a mensagem lá no salão onde eu trabalho, falei com minhas clientes, as minhas clientes, inclusive, psicólogas, pegaram na Internet, ouviram, depois me trouxeram, falaram: Olha, Beta, eu ouvi Anjo Barroco na rádio Maluco Beleza pela Internet, ela está ótima, ela é muito comunicativa, ela é uma profissional. Então me orgulhou muito. (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 46-47)

A irmã Beta considera o Cândido Ferreira e o projeto Maluco Beleza extensões de sua família, tamanha gratidão que possui pela instituição e pelo trabalho desenvolvido.

E, hoje, eu falo assim: O Cândido Ferreira é nossa família. O Cândido Ferreira, a equipe do Cândido Ferreira, a equipe do Maluco Beleza, é a nossa família. Anjo Barroco se descobriu ali, e ela está no caminho certo, está muito bem. E eu estou muito orgulhosa disso. (...) em geral, eu estou muito satisfeita, muito feliz. E Anjo Barroco, assim, em geral, também é uma companheira, uma amiga. Tem muita coisa que eu devo a ela. Muita coisa também que ela... (Depoimento de Beta, irmã, 2010 : 47)

O aspecto familiar do projeto também é valorizado pelo Anjo Barroco. No Maluco Beleza, ela se sente acolhida, como se as pessoas que dele participam fizessem parte desse núcleo íntimo de sua vida. Ao recordar os momentos de afeto, ela se emociona:

O projeto, essa coisa toda, o diferencial, parece que é tudo uma família, sabe? Uma família. Tem uma entrevista sua, inclusive, que você está falando do Maluco Beleza, que é uma que eu acho que o Luir está falando também, e que você fala que isso aqui cresceu tanto, tanto... Eu chorando de novo... Que cresceu tanto, tanto que é um filho, que os irmãos, a família toda, essa qualidade de ser um irmão do outro, um ajuda o outro, um se preocupa com o outro. A Ivani se foi... A gente tem que continuar, não é? A Ivani que era uma pessoa... A primeira voz feminina da rádio Maluco Beleza foi a minha, depois veio a companheira Ivani. Mas ela se foi, outras pessoas passaram, e eu continuo. Mas eu acho que o que mais marca é a união que a gente tem entre a gente. No mesmo tempo em que a gente está brigando... Que nem, eu e o Luir vivemos brigando que nem gato e rato, e a gente se gosta. Briga porque a gente se gosta, porque se não gostasse, não brigava. Briga porque eu quero o bem dele. Eu estou super feliz porque agora ele está namorando, ele está feliz também. O Silas casou com a Maria. Tudo isso para mim é felicidade, muita felicidade. E ter você de volta aqui, porque você começou tudo isso. Teve um tempo que você não estava aqui, você voltou para cá. Tudo isso é momento de felicidade para mim. E, às vezes, que nem eu estou chorando agora, mas eu estou chorando por felicidade, porque eu acho que quando a gente é sincero, a gente chora também chora de felicidade. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 28)

Anjo Barroco já viveu muitos momentos no projeto, entrevistou personalidades famosas e viajou para muitas cidades. Dentre as entrevistas que realizou para o programa de

rádio, desde o ano de 2002, a que mais marcou foi com o Humberto Costa, na época Ministro da Saúde. Como militante da Luta Antimanicomial, ela leva, hoje, a bandeira de seu trabalho de comunicação seja aonde quer que ela vá.

Porque aonde a gente vai, a gente leva o nome Maluco Beleza junto. Porque quando eu participo dos fóruns da luta antimanicomial, que é outra vertente que eu também levo, porque eu sou ativista, eu estou sempre com o C@ndura debaixo do braço, eu falo sempre do Maluco Beleza, estou sempre representando a instituição, porque tudo uma coisa tem a ver com a outra. Mas um dos momentos que eu lembro logo no início de tudo, foi ter feito uma viagem de cinquenta horas para Alagoas, para participar do começo de tudo, do início da minha luta antimanicomial, no encontro nacional, foi um dos momentos que me marcaram bastante. E eu acho que dos fóruns, o Fórum Social Brasileiro, de ter conhecido Belo Horizonte, de ter conhecido lá as pessoas que estavam em Belo Horizonte. O Leonardo Boff estava lá em Belo Horizonte, que o Silas chegou para entrevistá-lo. Depois fomos até aquela cidade Mineira... (...) Ouro Preto. (...) foi muito legal também. O presidente... Acho que não é da Argentina... Aquele bem polêmico... (...) Venezuela, isso, Hugo Chavez. Então são todas essas participações. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 29)

Como militante consciente, Anjo Barroco enxerga o projeto Maluco Beleza como um instrumento como qual pode fazer denúncias, cobranças e dar oportunidade de fala para quem geralmente é excluído dos veículos comerciais.

(...) é um instrumento que você pode fazer dele... Através do Maluco Beleza você pode cobrar das autoridades que sejam feitas, mesmo essas denúncias, mas você pode cobrar alguma... Sei lá, alguma coisa que chegue até o Maluco Beleza, você pode cobrar alguma denúncia... Eu não estou sabendo dizer a palavra aqui... Enfim, você pode fazer denúncias, você pode cobrar, você pode dar voz àqueles que precisam falar, porque antes era o momento dos excluídos, antes, por muitos e muitos anos, viveu-se momentos excluídos, e, hoje, não, hoje, nós temos a voz, nós temos a fala, nós temos o direito. E o Maluco Beleza está aí para isso. O projeto todo é feito pensando nessas pessoas, para essas pessoas, valorizar essas pessoas, e acho que é isso daí. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 30-31)

O amigo Luir destaca a importância da participação de Anjo Barroco no projeto, uma vez que é a voz feminina de maior tempo de participação contínua nos programas de rádio.

(...) ela foi a única voz feminina do Maluco Beleza por muito tempo. Por muito tempo foi ela sozinha no Maluco Beleza, a voz feminina. Depois veio a... Hoje, temos a Mana, hoje temos a Célia. Já tivemos a Marisa, já tivemos a Maria, uma senhora, no começo. Já tivemos a própria que faleceu, a Ivani. Mas Anjo Barroco, Régis, ela é especial realmente. Nesse tempo todo, ela sempre ficou com a gente, desde o início. Eu e Anjo Barroco, principalmente, estamos desde o início no Maluco Beleza. Muitos entraram, saíram, e eu não, eu e Anjo Barroco estamos respectivamente firmes no Maluco Beleza. Desde o começo, até hoje, vai completar nove anos do

Maluco Beleza. E Anjo Barroco, ela foi uma das vozes femininas do Maluco Beleza... Demorou muito para vir. Tinha uma época que era só ela de voz feminina. (Depoimento de Luir, usuário e amigo, 2010 : 56)

O projeto proporciona aos usuários a participação em muitos eventos fora do espaço institucional, seja para realização de palestras, de oficinas, de manifestações, de capacitações, como para realização de coberturas para os programas.

É assim, vamos dizer, jornalistas alternativos, vamos chamar assim, nós somos jornalistas, mas a gente não tem assim, o diploma. Apesar do que a lei parece que mudou, não precisa ter diploma para ser jornalista. Mas a gente não tem a capacitação da faculdade de ter ido cursar o curso. Mas a gente acaba tendo muita coisa que eles não têm, que é fazer na raça, fazer bem, e fazer muito bem. Então como jornalistas alternativos, nós já participamos do Fórum Social Mundial, desde a terceira edição, parece que desde 2003, se eu não me engano. Nós fomos duas ou três vezes para o Fórum Social Mundial. O Fórum Social Brasileiro em Belo Horizonte, também nós fomos. Tanto para demonstrar como é o programa Maluco Beleza, fazer o workshop do programa Maluco Beleza, como para estar fazendo entrevistas, estar conhecendo e vendo palestras de outras pessoas também. Para trazer tudo isso tanto para o programa de rádio Maluco Beleza como para estar trazendo para o jornal C@ndura. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 23)

Entre os eventos participados, os que mais marcaram nosso caso foram os Fóruns Sociais Mundiais do ano de 2003, 2005 e 2010, que ocorreram na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul; e do Fórum Social Brasileiro, em Belo Horizonte, Minas Gerais, no ano de 2004.

[O Fórum Social Mundial que mais marcou] o último agora, foi em 2010. Que foram só eu, o Silas e o Luir, que nós fomos sozinhos, e ficamos uma semana lá em Porto Alegre. Nós viajamos de avião, com toda autonomia, sem nenhum técnico presente. Isso eu acho que é uma confiança muito grande dos companheiros do Maluco Beleza, da instituição, de confiar que a gente foi, era capaz, e fizemos, e conseguimos até montar um especial sobre isso. Mas isso começa lá atrás, acho que foi em 2003, por aí, quando a gente foi... Das primeiras vezes, eu acho que a gente foi... Eu lembro que eu viajei junto com a Rosa do meu lado, de ônibus, tudo, que a gente foi para lá. Depois teve uma outra viagem que a gente foi para o Fórum Social Mundial, também em Porto Alegre, que a gente foi de van, também bastante gente, a gente foi de van. É uma viagem meio longa. Mais ou menos vinte horas de viagem, que a gente fez uma parada, um pernoite em Curitiba. Inclusive, meu sobrinho, que é morador de Curitiba, ele esteve lá para conhecer o pessoal, os meus companheiros, tudo. Ele adorou conhecer, o Wilsom, o filho da Beta, inclusive. Ele conheceu lá o pessoal. A gente fez um pernoite para continuar a viagem no outro dia. Eu acho que foi 2003, 2005. Teve um ano que o Fórum Social Mundial foi na Índia. Então teve Fórum Social Brasileiro em Belo Horizonte, e nós fomos também. Tudo assim, para conhecer, ver o que estava se passando para estar representando também as nossas ideias. Porque, diferente de como era antigamente, o usuário de saúde

mental não tinha direito à voz, não tinha como se expressar com nada, hoje em dia, é diferente, né? A gente pode falar e tem direito à voz, e é isso. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 23-24)

A participação nos Fóruns também é recordada pelo amigo Luir, que sempre esteve ao seu lado nesses eventos.

Nós fomos para Porto Alegre este ano, eu me recordo, eu estava entrevistando o ex-governador Olívio Dutra, e como estava só eu... Ela não conseguia... Ela chorou, ela ficou nervosa comigo, chorando. Falou: Mas Luir, eu vim aqui para falar também, não é só você, não, eu também. Ela chorou, se emocionou. Eu pedi desculpas para ela. Falei: Não, Anjo Barroco... Eu tive que controlar a situação. Porque Anjo Barroco é muito emotiva, ela chora fácil. Não é verdade? Você conhece também você sabe. Aí eu pedi desculpa para ela. Não, Anjo Barroco, uma hora você vai entrevistar tal, vai dar tudo certo. Então foi um dos momentos que eu recordo de Anjo Barroco. (Depoimento de Luir, usuário e amigo, 2010 : 57)

A perseverança, a iniciativa e a capacidade de nosso caso são citados pelo amigo Silas, em seu depoimento sobre essas participações nos Fóruns.

Olha, sinceramente, um momento marcante é quando nós esperamos quatro horas, lá em Porto Alegre, lá no (...) Gigantinho [espaço de eventos], para que nós pudéssemos ver o presidente Lula, e nós ficamos ali em pé. Eu vejo Anjo Barroco quando ela fala de obesidade, muitas vezes, ela... Está certo, a gente se cansa, aquele sol quente, mas ela estava ali esperando a oportunidade. E não é só isso não. Depois que entrou lá dentro, ela era a primeira a dar a iniciativa. Pessoal, vamos começar a fazer a entrevista. E ela saía para a batalha para fazer as entrevistas. Isso para mim era gratificante, e era uma força para mim também. Não só para mim, mas para os outros amigos que estavam juntos. Em todos os lugares que nós vamos, ela é a primeira a falar: Ô, pessoal, está na hora, vamos começar a fazer as entrevistas. Eu vejo as entrevistas maravilhosas que ela fez, e a gente ali tirando fotos, e ela com aquela empolgação falando, entrevistando, e para ela não tem barreira, não. Qualquer pessoa que precisar entrevistar ela vai e entrevista, e sai bem nas entrevistas. Eu me lembro uma vez que nós fomos também em uma outra oportunidade, não me lembro se foi em 2003 ou 2004, que nós tivemos em Porto Alegre também, e o mais interessante que ela estava passando por uma crise aqui, num momento que ela não estava bem de saúde, ela estava até internada. E quando houve a oportunidade de ir para Porto Alegre, ela falou: Eu gostaria de ir. O médico liberou Anjo Barroco, porque acreditava nela e ela foi para Porto Alegre. Nós fomos num grupo bem, em umas dez pessoas, nós fomos para Porto Alegre, e chegou lá, o calor, muito calor, e ela teve um... Não passou bem devido ao calor e até era para ela voltar de avião, mas ela falou: Não, eu consigo, eu vou voltar com vocês de van e ela voltou com nós. Você vê, nesse momento, da dificuldade, em nenhum momento, ela quis falar: Eu vou de avião e vocês fiquem aí. Não, ela esperou até o final do evento e veio com nós. E todos nós preocupados com Anjo Barroco. Todos nós, todo momento perguntávamos: Como você está? Nós vamos parar em tal lugar, o que você quer? Você quer uma água? E ela falava: Vocês me tratam como se eu fosse um bebê. Eu falei, para nós, você é um bebê querido. Você é nosso Anjo Barroco querido,

que todos nós temos o prazer de estarmos juntos, cuidando de você, porque você faz parte de nós. Faz parte de nós e faz parte do Maluco Beleza. Faz parte do C@ndura e, hoje, faz parte desse programa pela internet. Você é maravilhoso, Anjo Barroco. Você é demais. (Depoimento de Silas, usuário e amigo, 2010 : 74-75)

No ano de 2010, os três participantes do projeto - Anjo Barroco, Silas e Luir - participaram do X Fórum Social Mundial. Para esse evento, os usuários não viajaram na companhia de nenhum profissional. Pela primeira vez eles exerceram, de fato, a autonomia como comunicadores, pois foram e realizaram toda a cobertura sem nenhuma intercorrência.

Batalhadora, como eu já disse, já tivemos a oportunidade de viajar juntos com o Maluco Beleza. Nós já viajamos para Belo Horizonte, nós já viajamos para São Paulo em muitos encontros. E nós tivemos o prazer, eu, ela e o Luir, nós fomos sem nenhum profissional junto com nós, nós fomos para o Fórum em Porto Alegre. Nós fomos de avião, nós fomos os três juntos. Olha, que gratificante, um ajudando o outro. Isso que é interessante na amizade, um colaborando com o outro, um dando força para o outro, e assim a gente vai crescendo. (Depoimento de Silas, usuário e amigo, 2010 : 73)

No ano de 2003, durante a participação do III Fórum Social Mundial, Anjo Barroco, tendo recebido alta, foi direto para o evento. Uma das atividades foi assistir a uma peça de teatro em alas desativadas dentro de alas desativadas de um hospital psiquiátrico da cidade de Porto Alegre. Na ocasião, uma personagem era submetida à camisa de força, o que impactou nosso caso.

Em 2003, eu estava interna, foi quando eu viajei com a Rosa. Eu estava interna e eu tive alta na parte da manhã, tive alta cedo. Eles decidiram, eu tive alta de manhã. À tarde, eu fui até com o pessoal da enfermagem, e o motorista aqui do Cândido mesmo me levou para o Largo do Pará para encontrar com o ônibus que ia para o Fórum, que ia para Porto Alegre, e eu viajei assim. Foi decidido que eu teria... Que seria tudo bem, que eu teria condições de viajar para um evento como esse, que ia dar tudo certo, e tal. Essa viagem, ela não tinha assim, médico, enfermeiro, não tinha nada que fosse acompanhando. Aí nós fomos para lá e num dos eventos que nós participamos durante essa viagem, nós fomos conhecer o Hospital São Pedro, um enorme hospital psiquiátrico que tem lá. E aí ia ter uma peça de teatro que ia ser apresentada naquele hospital. Durante a apresentação dessa peça de teatro lá, eu não lembro se quando começou... Era uma peça que a gente ia andando junto com os atores, a gente ia andando pelo espetáculo, por onde se passava para ver o que é que estava acontecendo. A gente passou pelos porões do hospital, onde estavam representadas as pessoas lá cheias de lama, os atores, como se tivesse assim, com fezes, uma coisa assim, e tal, e nós andando assim. De repente abre-se uma porta, abriu a porta assim, e adentrou assim aquela atriz, um rapaz parece que estava empurrando ela, mas ela adentrou com uma cadeira de rodas, e ela estava vestida com uma camisa de força. Apenas com a camisa de força. Aí naquele momento assim,

eu fiquei muito nervosa porque eu me senti na... Aí naquele momento eu esqueci que era uma peça de teatro, que era uma representação, que era tudo, porque eu fui lembrar daquela camisa de força que eu passei, não uma, mas duas vezes na minha vida. E aquelas marcas, eu acho que voltaram todas, e naquele momento eu comecei a ter uma crise de choro, eu fiquei nervosa, e eu precisei sair daquela parte do espetáculo, eu precisei sair porque eu não estava conseguindo me controlar, porque eu fiquei nervosa. Porque parece que veio tudo aquilo que eu já tinha passado, veio na mente tudo aquilo, veio na mente tudo de novo. E depois eu voltei, a hora que eu me acalmei eu voltei para continuar vendo o espetáculo da peça. E aquela moça que estava na camisa de força, na peça, ela vira a liberdade, ela vira assim, com asas, uma coisa bonita. E agora lembrando dessa coisa da camisa de força e dela na cadeira de rodas [...]. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 24)

Pude estar com ela em 2003, no início do Maluco Beleza. Nós iniciamos eu, Anjo Barroco, o Aloísio, o Aldo e o Marquinho. Nós iniciamos o Maluco Beleza. Foi aí que eu comecei a ter uma intimidade melhor com Anjo Barroco, perceber as qualidades de Anjo Barroco. Anjo Barroco, ela é muito emotiva, ela chora muito fácil, ela é muito emocional. Ela se emociona muito fácil. Ela chora quando ela sente a sua... Como ela chorou lá em 2003, se eu não me engano, quando nós fomos para Porto Alegre, quando ela se viu numa cena, eram lá uma moças no teatro, como se diz amarradas, foi uma simulação como era o manicômio antes, e Anjo Barroco derramou-se em lágrimas. É uma cena que eu gravo... É uma cena que eu guardo até hoje, como Anjo Barroco chorou bastante, que ela lembrou. (Depoimento de Luir, usuário e amigo, 2010 : 56)

Depois do seu retorno do Fórum de 2003, Anjo Barroco não mais necessitou voltar a ser internada.

(...) eu acho que o projeto, ele dá a liberdade de você pensar melhor, de ter outras formas de participar na sua cidade também. E com isso, você deixa de pensar... É como se fosse assim, diferente de você ser tratado só com aquela coisa da medicação, você tem um lugar a mais, você tem um ponto a mais para viver a tua própria vida e crescer. Então isso é saúde também. Eu acho que é isso. Então eu associo nesse ponto. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 26)

Desde setembro, Anjo Barroco comanda o “Programa de Peso – um programa que te deixa leve”, na Rádio Maluco Beleza online. O programa tem como público-alvo pessoas que estão acima do peso e que desejam, além de se cuidar melhor, aumentar sua auto-estima.

Eu me sinto realizada, assim, nossa, eu me acho demais. Ter o Programa de Peso, eu acho que é demais. (...) Porque uma coisa é você ter uma participação que é feita em conjunto, que é feita democraticamente, que você escolhe o que você quer fazer. Você discute quem que vai ser o entrevistado. Outra coisa é você, além de ser a locutora do programa, a locutora do programa, você produzir o programa, você pensar no que você vai... Porque tem a produção musical, você tem que pensar se vai dedicar uma música, para quem vai dedicar aquela música. No meu caso também que tem a biografia também de cantores, no meu programa, eu tenho que pesquisar, eu

tenho que pesquisar na Internet. Então, eu tenho que fazer tudo. Então não é tão simples assim. Mas é muito gratificante. E saber que eu tenho capacidade para isso também. Então isso que eu acho que é o melhor também. (...) é um programa direcionado para mulheres e homens gordinhos, com dicas de moda e dicas de nutrição. Além de palavras e dicas de auto-estima. Às vezes, falando também um pouco sobre artistas famosos, alguma coisa assim. Também tem biografias de cantores de peso, literalmente de peso. Músicas, da parte musical, geralmente, eu estou dedicando, e as pessoas agora também estão começando a me pedir: Toca uma música assim, tal no programa? Dedicar para mim? Então estão ouvindo bastante também. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 26)

(...) Principalmente depois de ontem, que eu recebi um puta de um elogio no telefone, que me deixou maravilhada. No início, eu achei muito difícil, difícil. (...) Ontem, o telefone tocou aqui na comunicação, porque eu sou recepcionista aqui também, eu atendi o telefone, eu estava na sala da assessoria e atendi o telefone, e uma voz assim muito simpática e envolvente... Eu pensei que era um trote que alguém estava passando, uma pessoa falando que ouviu o meu programa, que estava ouvindo o meu programa naquela hora na Internet... Mas quem está falando? Aí a pessoa disse o nome. Mas quem está falando? Aí ele começou a perguntar, um senhor, ele começou a perguntar sobre como é que era o programa, se era ao vivo, se não era, se ele poderia vir aqui. Eu falei que pode vir conhecer os estúdios e tal. Mas você gostaria de saber sobre o programa que tem na rádio educativa? Ele falou: Mas tem um programa na Rádio Educativa de Campinas? Eu falei: É, na rádio municipal. Expliquei que dia que passava. Eu falei que o programa online era a partir de setembro que começou, e que era de uma semana para a outra. Ele falou se era ao vivo, eu falei que não, a gente grava numa semana e passa na outra, tudo. E ele elogiou bastante. E ele quis saber porque é que, às vezes, na Internet a conexão, às vezes, cai, não consegue entrar muito. Aí nessa parte que eu achei mais técnica, eu pedi para a Lays atender ao telefone e explicar para ele. Aí ela explicou tudo direitinho, que, às vezes, muita gente está querendo ouvir o programa, e que é por isso. A gente está no começo agora. E ele elogiou todos os locutores dos programas, gostou muito, disse que a rádio é uma rádio online muito boa, e que ele vai estar vindo aqui. É um locutor que tem na Rádio Brasil Jovem Pan. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010, 26-27)

Além do fato de ser a idealizadora e a apresentadora do seu programa na rádio web, Anjo Barroco destaca também o fato de poder expressar-se livremente nesse veículo, uma vez que no programa Maluco Beleza, veiculado pela Rádio Educativa FM, os participantes têm de respeitar a linha editorial daquela emissora, e nem tudo acaba indo para o ar.

Eu acho que eu posso pegar esses veículos de comunicação que são, no caso, uma arma, uma espada, para que eu possa enfrentar essa situação e estar denunciando e estar falando. No caso do programa da FM, nem tanto, porque a Educativa é municipal, não sei pode haver algum tipo de... De retroceder, de retalhamento, sei lá, se eu falar alguma coisa no programa Maluco Beleza, porque é um programa que passa, que é veiculado na rádio municipal. Por isso, por estar coligado com a Prefeitura de Campinas, o programa, muitas das vezes, ele sofre censura. Mas o meu programa de rádio online, eu posso falar, porque o programa é meu. Eu posso falar e posso

denunciar para muita gente que não conhece o problema. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 37)

No ano de 2010, o caso-guia iniciou seu trabalho no Ponto de Cultura Maluco Beleza, como recepcionista e monitora. Essa nova atividade teve um impacto positivo sobre sua vida, sob diversos aspectos.

A trajetória no Ponto de Cultura, assim, para mim, é demais. Eu acho que é... Para quem começou lá embaixo... Para quem começou lá na gráfica, eu não imaginava que ia chegar num lugar como esse. Porque antes da doença, de acontecer tudo isso que aconteceu na minha vida, eu queria ser publicitária eu queria trabalhar com comunicação. E, hoje, estar aqui dentro, fazer parte de uma equipe, ser considerada, é muito para mim. É a realização de um sonho, é saber que tem pessoas que confiam em mim, e saber que eu estou aqui porque eu mereço. Mas que tudo o que eu fiz até hoje aqui dentro, nesses dez anos que eu estou aqui dentro do Cândido, é porque eu fiz tudo direitinho, e dizer assim, que nem a minha mãe dizia: não cai uma folha da árvore sem que Deus não queira. Eu acho que tudo tem o momento e a hora certa para acontecer. E esse é o momento. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010, 27)

E quando surgiu essa oportunidade de vir para cá, para trabalhar aqui no Ponto, que surgiu essa oportunidade, que você conversou com a Clelia, e a Clelia, depois, e você foram conversar comigo, eu nem imaginava também. Mas eu falei assim: Nossa, agora eu vou para o céu. Agora eu vou para o céu, porque com o tempo as coisas... Tudo na vida passa, mas com o tempo, você imagina que você vai um dia, quem sabe, conseguir chegar lá. E eu acho que esse dia chegou. E eu acho que daqui para a frente é só me especializar mais. Que nem, eu sou locutora? Eu sou locutora também aqui dentro. Então, eu quero fazer um curso, eu quero tentar uma bolsa no Senac, fazer um curso no Senac para poder fazer melhor o que eu faço, fazer tecnicamente melhor, aprender as coisas mais corretas, falar melhor. Eu queria, que nem, teve poucas aulas porque era voluntária, da fono, da fonoaudióloga, eu também acho isso muito importante. E sei lá, quando a gente serve bem, a gente não tem nada a perder, sabe? Porque Deus lá em cima está vendo, e tudo na vida passa, tudo um dia passa. Não existe mal que sempre dure, né? Eu acho que é mais ou menos isso. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010, 27-28)

Atualmente, além do trabalho como recepcionista e monitora do Ponto de Cultura, Anjo Barroco faz café, recebe visitantes, produz seu programa de rádio online, colabora com a produção, a gravação e a edição de outros programas, quando necessário; participa da produção do programa Maluco Beleza, da produção do Jornal Candura, dos eventos organizados pelo Ponto e pela Assessoria de Comunicação. Enfim, é “pau para toda obra”.

Eu sou assim, recepcionista... Porque eu fico lá na frente, eu atendo os telefones, os ramais, que tocam, que ligam para mim. Geralmente, é a Lays que acaba atendendo mais, o que toca, ela que acaba atendendo mais. Mas eu

sou monitora também na parte do seguinte: Quando chega uma visita no Ponto de Cultura, eu que mostro o Ponto, mostro a sala de informática, falo quais são as pessoas que trabalham aqui, falo o que é o Ponto de Cultura, o que significa ser Ponto de Cultura, o que é o Maluco Beleza, como que é, que é do governo do Estado de São Paulo, que a gente tem um estúdio, que foi construída a sala de informática, tem curso de informática. Se não estiver sendo utilizado no momento, eu mostro também o estúdio de rádio, e é assim, isso é uma das funções. E uma das outras funções que eu tenho aqui, isso seria um pouco mais para o lado da rádio online, eu tenho algumas pessoas que eu assessoro fazendo o programa. O Luir, por exemplo. O Luir que tem um programa sobre os cantores, ele me pede que eu tire a biografia dos cantores para ele na Internet, eu tiro. O pessoal que usa a nossa Internet aqui, o laboratório de informática como lan house gratuita, pede um fone de ouvido ou tem alguma dúvida que eu vou lá ver se eu consigo resolver no computador. Isso eu acho que é uma das funções mais básicas que eu faço aqui dentro. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 28)

Entre os Pontos de Cultura aprovados pelo Ministério da Cultura até o momento, somos o único projeto que associa a comunicação aplicada em saúde mental. A produção de cultura, num espaço que antes da Reforma Psiquiátrica era dedicado ao confinamento de pessoas, é um fato bastante significativo e transformador. O espaço que antes causava sofrimento para os usuários e amedrontava as pessoas da comunidade hoje oferta recursos tanto para as pessoas que fazem tratamento mental, quanto para as pessoas de Campinas, por meio de cursos no campo audiovisual, cursos de inclusão digital, abrindo possibilidade para outros grupos desenvolverem programas para a rádio web, estimulando o convívio de populações diferentes.

Inovador. Eu acho que é muito significativo. O Walter [antigo superintendente desta instituição] quando teve todo esse pensamento aí, ele teve um momento de inspiração assim, divina. Porque através disso aí eu acho que toda essa situação... Porque eu estou falando da história do Anjo Barroco, não dá para imaginar Anjo Barroco sem ter participado disso, e como que seria a qualidade de vida dela. Eu não tenho nenhuma dúvida de que seria muito pior a qualidade de vida dela, por conta de todas essas oportunidades de participar desse processo. Eu acho que é dentro da instituição, fora da instituição, na família, na comunidade. Ela foi, recentemente, numa instituição, numa cidade vizinha, e a informação que eu tive da atuação dela foi... O pessoal ficou assim, admirado. Que bom, não é? Não é só a gente que está olhando, que fala: Escuta... Outra instituição de formação dentro da área da saúde mental, um segmento importante, fala: Escuta, olha só, a pessoa veio aqui e deu um show. Isso é muito bom para a gente saber. Então eu acho que na medida em que as pessoas podem ter voz, isso que eu estou falando de ficar à margem, e ter voz e falarem e as pessoas escutarem, muita coisa já aconteceu nesse vários anos de convivência. E que vai progredir cada vez mais. Nesse sentido, a sociedade está ficando mais saudável também. (Depoimento de Oton, médico psiquiatra e superintendente do SSCF, 2010 : 54)

Ter ido trabalhar no Ponto de Cultura colaborou para que Anjo Barroco não demandasse questões relativas à sua saúde mental durante todo o ano de 2010. Sua procura pela médica responsável ficou restrita a questões reativas a aspectos clínicos.

Eu acho que isso [o Ponto de Cultura] se encaixa perfeito com Anjo Barroco. No sentido de... Se você fosse pensar, eu fico imaginando, se você fosse pensar em alguém para ter uma função de comunicadora, eu acho que você pensaria em alguém com as características de Anjo Barroco. Ela já é comunicativa, tem facilidade de falar, não tem medo ou receio de vir falar com as pessoas ou de, talvez, chegar com um gravadorzinho ou microfone e ir lá na frente: Você podia me dar uma entrevista ou alguma coisa assim. Eu acho que tem tudo a ver com ela. Eu acho que ajuda muito ter essa variedade de opções, assim como eu acho que, às vezes, por exemplo, talvez alguém que tem outras características se dê muito bem em outro tipo de atividade, eu acho que o Maluco Beleza tem essa função na vida de Anjo Barroco. Ela faz algo que não só tem jeito, eu acho, para isso, e, talvez, um tanto da doença dela pode até ter contribuído um pouco. Então eu acho que isso funciona para dar vazão também a essa coisa de falar, que não tem muito como separar. Apesar de eu achar que não dá para classificar também. Eu odeio ter só um diagnóstico ou ficar definido e restrito a isso, eu acho que a gente não olha Anjo Barroco dessa forma. Até porque, assim, é igual preencher aquelas... Eu odeio aqueles papéis da TRANSURC, que é um inferno aquilo lá. Você bota um monte de coisinhas, e se você for restringir Anjo Barroco, isso viraria um monte de letrinhas e números, que absolutamente não diriam quem é Anjo Barroco. Mas eu acho que a possibilidade dela se inserir num espaço em que ela possa dar vazão a isso, a essas características dela, que ela é e que ela gosta de fazer, ajuda muito. Tanto que eu acho que essa mudança dela daqui, da nossa recepção, para onde ela está hoje em dia, que também tem uma recepção, mas tem um contexto absolutamente diferente, fez uma diferença muito boa para ela, que no começo era um ponto de muita dúvida, ela dizia: Será que eu vou? Será que eu vou conseguir? Mas neste último ano, das poucas vezes que Anjo Barroco solicitou alguma demanda da minha parte, e, fora os atendimentos regulares, foram demandas absolutamente clínicas, de questões não saúde mental. De questões de reações alérgicas ou de dor de garganta, de coisas desse tipo. Eu acho que isso contribuiu bastante para ela, sim. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 69-70)

No Ponto de Cultura, além de ser cuidada, nosso caso pode exercitar o cuidado com outras pessoas. Sua função a leva a monitorar outros usuários em suas dúvidas na sala de inclusão digital, na produção dos programas de rádio, além do que é da essência de Anjo Barroco sempre estar preocupada em ajudar em todas as atividades, como colaborar com o bem estar das pessoas que a cercam. No Ponto, além de cuidada ela também é cuidadora.

No Ponto de Cultura é assim, eu sou cuidada muito bem também, porque eu tenho as minhas responsabilidades, que são passadas para mim, e na medida do possível eu dou contas das minhas responsabilidades. Eu acho que da mesma forma que eu trabalhava lá no NOT, que eu fazia as coisas no NOT, no administrativo, eu faço aqui. E eu sou cuidada muito bem por você, sou cuidada muito bem pela Carola, que no começo éramos só nós, e agora tem a

Lays também, e pelas pessoas também que são do restante do projeto. Eu acho que aqui não tenho problema nenhum. Aqui eu tenho mais é prazer de vir todos os dias. (...) É, aqui eu cuido. Eu cuido porque assim, se me pedem alguma coisa, por exemplo, na informática, tem alguma dúvida... Ah, você tem um fone para entregar? Eu vou lá e dou o fone, alguma dúvida que eu consiga resolver no computador lá na sala, no laboratório de informática, eu resolvo. Para o pessoal que faz a rádio online aqui, que eu ajudo a elaborar os programas também, eu cuido se tem alguma coisa para tirar de informação no computador, alguma biografia de algum cantor, eu ajudo. Uma receita, por exemplo. Eu já tirei várias para o Mauro, para o programa dele. Então eu ajudo a cuidar. E ajudo a cuidar assim... Não ajudo cuidar... Também assim da parte material das coisas. E ajudo cuidar, da forma que deve ser uma recepcionista, a hotess do lugar assim, que quando chegam as visitas e eu preciso apresentar, eu apresento literalmente o Ponto de Cultura. Eu falo da história, eu falo o porquê, eu falo como é, eu mostro as dependências, eu mostro o laboratório de informática, se não estiver ocupado, eu mostro também o estúdio de rádio. Aí eu falo tanto, que eu falo até como eu falo, literalmente, na rádio, como que é minha locutora... Como é que eu sou locutora na rádio, e todo mundo gosta. Eu pergunto de onde são os alunos que estão aqui visitando ou a pessoa que está visitando. Então é assim, eu mostro interesse e gosto do que eu faço. EU acho que isso é muito importante. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 36)

O projeto assume a importância da realização de um sonho antigo na vida de nosso caso, o de trabalhar com comunicação, (re)significando vários aspectos de sua vida e dando novos sentidos para a elaboração de novos planos, como o de fazer um curso de locução para o seu aprimoramento profissional.

A importância do Maluco Beleza na minha vida é para.. Eu acho que é assim, para realizar um sonho, e a realização de um sonho que eu tinha que eu concretizei através do Maluco Beleza. Então eu acho que a importância é o dia a dia, de estar aqui dentro, de estar aqui dentro, de fazer parte. Acho que é isso. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 29)

O efeito terapeutizante de sua participação no projeto é destacado no depoimento de sua médica psiquiatra, que considera o Maluco Beleza como uma das coisas mais importantes da vida de nosso caso.

A impressão que eu tenho é que deu um sentido para a vida de Anjo Barroco. Isso eu acho que fica muito claro que é algo que ela vai atrás. É, sem sombra de dúvidas, uma das coisas mais importantes na vida dela. Eu tenho impressão que assume mesmo esse lugar, que direciona para onde ela vai, o que ela vai fazer. Volta e meia ela vem contar de alguma coisa ou do próximo que vai ser, onde que vai ser, quem vai ser, quem ela entrevistou, quem que falou. E ela chega, às vezes, antes de sair no jornal ou de ser divulgado contando qual foi... Então ela tem também essa coisa da notícia e da informação primeiro. Ela tem as coisas fresquinhas, quase como se ela soubesse antes de tudo mundo. E ela está lá no meio do negócio. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 64)

E a aqui a locutora deste espetáculo se despede do público. É chegada a hora de se organizar para seguir a viagem cartográfica rumo à última parada de nossa trupe. Avante em nosso trailer!

3.6. PARADA: OUTRAS CONEXÕES

**“Chove tanta flor
Que, sem refletir
Um ardoroso espectador
Vira colibri”**

(Hollanda & Lobo In Hollanda, 2006 : 331)

O trapézio espera pelas acrobacias que ela venha fazer. Muito preparo, muita concentração, e lá vai ela, a personagem trapezista, remeter-nos ao nosso caso-guia nessa nossa última conexão temática.

Anjo consegue estabelecer em sua trajetória outras conexões seja como militante do Movimento da Luta Antimanociomial, como artista plástica, como poeta e como representante dos usuários no Conselho Diretor do SSCF. Este capítulo mostra como ela vai construindo sentidos em seus trabalhos e na sua representatividade entre os usuários da saúde mental.

Atualmente, a militância ocupa um lugar tão importante na vida de nosso caso que se sobrepõe a outros aspectos de sua vida, segundo sua psiquiatra.

Isso [a militância] se sobrepõe, inclusive, à questão mais íntima dela, de relacionamento com um companheiro, por exemplo. Que eu não sei se ela chegou a tocar, porque esse é um aspecto que ela fala muito pouco. (...) Não só do rompimento, mas do relacionamento, do particular como que é. Demorou um tempo para ela conversar sobre esse tipo de coisa comigo. Ela conversa facilmente e fala muito da militância, disso, sempre tem novidade para contar. Eu acho que isso fez um grande sentido na vida dela, não tem dívidas disso. Às vezes, eu até brinco com ela, falando: Anjo Barroco, e fulano? Um outro militante, de brincar. Mas vocês não estão competindo, não, de ficar...? Eu estou vendo que vocês estão tudo... Você fica, às vezes, com um ciuminho de fulano de tal que foi para tal lugar, e ela não foi, ou que recebeu alguma convite... Aí eu brinco: Olha, toma cuidado para não entrar nessa coisa de competição um com o outro. Mas eu sei que rola, às vezes,

uma questão do tipo: Quem que vai para tal lugar entre os militantes? Aí eu fiz uma brincadeira que eu associe isso a uma questão pessoal. Ela tinha ganhado um brinde de alguma loja, alguma coisa assim, aí eu falei: Nossa, você ganhou de fulano? Que também é um militante. Aí eu falei: Vai dar namoro, alguma coisa assim. Insinuei algo desse tipo. Aí ela: não, nem pensar, com esse não. Talvez, militante demais ou competiria demais com a posição que ela está. Mas a questão da militância eu acho que ocupa assim... Eu acho que é central na vida de Anjo Barroco hoje. (...) Ela nunca fica de fora de nada. Ela pode estar, sei lá, a quilômetros de distância, de alguma forma, que eu não sei como, ela vai ficar sabendo que tem um evento. Ela tem uma rede que eu não consigo visualizar completamente, mas que tem conexões tantas nesse sentido, que ela fica sabendo de todos os eventos. Então eu acho que essa é a maior rede de todas de Anjo Barroco. Fora a rede de cuidado das pessoas, essa aí é a que eu acho que ela tem mais informações e mais rápidas. Eu acho que essa rede aí foi fundamental na vida dela. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 64)

Seu amigo Silas destaca a representatividade que ela conquistou entre os usuários da saúde mental e a importância das várias inserções que ela faz nesse sentido.

E eu vejo que Anjo Barroco tem uma experiência muito grande na saúde mental, principalmente. Ela foi, viajou muito para fora. Eu me lembro uma vez, que a gente ia para Maceió, eu não pude ir porque eu tive um problema de uma cólica renal e Anjo Barroco foi, não só para Maceió, mas também como para outros encontros. E o último encontro, que nós estivemos juntos, foi na bienal, lá no Ibirapuera, nós tivemos juntos. Então todos os encontros, quando não sou eu que ligo para ela, ela liga para mim: Silas vai ter um encontro aí. Como é que é? Estamos juntos. E a gente está nessa luta aí na Reforma Psiquiátrica. Nós já viajamos para Bauru também, nessa Reforma. (Depoimento de Silas, usuário e amigo, 2010 : 73)

A gerente do NOT avalia como positiva a militância de nosso caso, uma vez que contribui para o seu crescimento pessoal, sua autoafirmação e autoestima, porém alerta para a prudência que se deve ter para que a militância não venha a se tornar pesada demais para ela.

Eu avalio de maneira positiva, assim. Eu acho que, às vezes, fica pesado para ela, ela traz essa coisa de... Porque ela se cobra muito de querer dar conta. Em situações, por exemplo, do Conselho Diretor dela dormir e de não conseguir, então, ela ficava muito chateada. Mas a gente sempre estimulou: você vai dar conta, vai. Eu acho que é importante para ela ter esses lugares e circular nessa rede toda. Eu acho que faz parte da vida, a gente tem vários lugares. E para ela, eu acho que é importante ter esses lugares. Ela se sente reconhecida quando ela é indicada, porque ela foi indicada para o Conselho Diretor mais de uma vez pelo grupo de usuários. E, ao mesmo tempo, que estar nesse lugar, é um lugar que ela se cobra de ter que entender o que está sendo dito e de ter que participar e de ter mais um compromisso, eu acho que também faz bem para ela, porque ela está podendo mostrar que ela tem capacidade. Nas artes, eu também acho importante porque ela consegue se expressar, se colocar. Eu acho que é bom ela estar, agora, às vezes, é preciso dar esse contorno, assim, de dar escuta, porque, às vezes, fica pesado, porque

ela acaba assumindo lugares de responsabilidade e ela fica, ela se questiona com relação a isso. Ela não é sem crítica de que ela tinha que responder alguma coisa, mas ela é capaz de pedir ajuda. Muitas vezes, ela precisava fazer uma assembleia e ela pedia para ajudá-la. Mas eu acho que é mais um lugar que contribui, são espaços que contribuem para o crescimento pessoal dela mesmo, e para essa auto-afirmação dela, melhora a autoestima. Para ela faz bem estar nesses espaços. (Depoimento de Clelia, gerente do NOT, 2010 : 92)

A militância de nosso caso a impulsiona para que vá em busca dos direitos cabíveis a ela e aos outros usuários. Imbuída dessa gana, Anjo Barroco conseguiu ir até ao fim na conquista do aparelho de polissonografia fornecido pelo SUS, mas de acesso trabalhoso, concorrido e complicado.

E de ir atrás, até esse espírito dela, dessa coisa mais militante ajudou ela na questão do cuidado com ela mesma, da parte mais saúde clínica mesmo, eu falo. Então ela vai atrás. Ah, não tem polissonografia aqui no SUS? Ela deu um jeito de conseguir o negócio e foi para São Paulo fazer. Passou o dia inteiro, porque só em São Paulo que fazia. Conseguiu o encaminhamento. E isso é algo que você não vê, normalmente, a maioria das pessoas fazerem. Isso é a exceção, de quem vai mesmo até o fim de uma orientação, que foi da pneumologista que falou: Olha, tem que fazer. Você vai ter que usar o aparelho para a apnéia do sono, e esse é o único jeito de conseguir o aparelho. Anjo Barroco foi até, assim, até o fim. Eu acho que ela já foi umas duas vezes dormir na clínica em São Paulo para fazer o tal do exame para manter o aparelho com ela, funcionando. E que é um aparelho cedido pela prefeitura, assim, que é relativamente caro, e são poucas pessoas que conseguem o aparelho. Então, isso mostra o quanto ela é persistente também, que ela vai atrás, e consegue ir atrás das coisas dela. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 66-67)

Numa das manifestações em que participou, num Dia de Luta Antimanicomial, na cidade de Santo André/SP, Anjo teve a oportunidade de realizar uma catarse em relação à camisa de força. Além de queimar algumas camisas em público, interveio com pintaras numa outra camisa, em que escreveu a palavra liberdade. O ato de protesto culminava com a elaboração do sofrimento que vivenciou.

[...] um outro momento, que esse não tem a ver com o Maluco Beleza, mas eu quero registrar, foi uma vez que nós fomos para Santo André e a gente estava com uma camisa... Na Luta Antimanicomial, e a gente estava com uma camisa de força também que durante... Os vereadores, a plateia, estava assim de vereadores, a gente fez uma manifestação da luta antimanicomial em Santo André. A gente passou pelas ruas principais de Santo André e chegamos até a Câmara Municipal. E também tinha uma pessoa nossa que estava ali no meio, da luta, não de Campinas, que estava vestida com uma camisa de força. É um outro momento, e eu sei que essa camisa de força, por algum motivo... Eu acho que ela é aqui do Cândido mesmo, eu lembro que

eu escrevi nessa camisa de força: liberdade. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 24-25)

Na militância, Anjo Barroco estabelece uma rede de novas conexões, com outros atores importantes da Reforma Psiquiátrica brasileira e da Luta Antimanicomial, movimentos que a reconhecem como companheira de lutas, o que a faz se sentir muito valorizada.

É um movimento que existe em todo Brasil. Começou em Bauru, mais ou menos, há vinte anos, com o Davi Capistrano e outras pessoas. Hoje, é um movimento que se tornasse lei, tem Pedro Delgado e o Paulo Amarante, que aliás eu conheço, e eu encontrei com eles quando teve os vinte anos do início do movimento: Oi, tudo bem, tal... Eu já fui para Brasília... Daqui a pouco, eu falo quem eu conheci... E eu fui para Brasília, e ele encontrou comigo em Bauru, aí eu falei: Nossa, quem é essa pessoa que está me chamando pelo nome? Eu já nem sabia... Porque eu conheço tanta gente, tanta gente... Um dos outros benefícios de você fazer parte do Maluco Beleza e fazer parte desses movimentos são as pessoas que você conhece, são as pessoas que você revê. Nesses encontros, nessas lutas, nesses fóruns que a gente vai, essa é uma das vantagens. A rede de informações, a rede de pessoas que você conhece. Eu estava falando da luta antimanicomial, que eu conheço essas duas pessoas que são mais acima assim, e tem o Carrano [Austregésilo Carrano], o finado Carrano que eu entrevistei, uma entrevista importante, que eu não poderia deixar de falar, no encontro que teve na USP, em 2005. Eu conheci o Carrano em Brasília, numa das reivindicações que a gente estava em Brasília, e o Carrano, quando eu conheci ele em 2005, eu revi ele em 2007, em Bauru, e logo em seguida ele veio a falecer. O Carrano passou em Porto Alegre, por causa de um cigarro de maconha, a história dele que conta que ele foi internado em um hospital psiquiátrico. Quer dizer, ele morreu o médico, que veio a falecer, e depois a família do médico, da clínica, tudo, e não conseguiu resolver o problema dele. O Canto dos Malditos era o nome do livro, dessa história dele. E O Bicho de Sete Cabeças, o nome do filme. E muita gente você vai conhecendo. O Lino, do Rio de Janeiro. E a partir do Fórum Social Mundial, da parte da luta antimanicomial você conhece as pessoas que são representantes de São Paulo... Estive também ultimamente, agora, em Sorocaba, para estar vendo o problema lá de Sorocaba. Porque, antigamente, a região de Itapira era dos grandes barões, não do café, mas dos barões dos hospitais psiquiátricos, dos leitos psiquiátricos. Mas agora parece que a coisa mudou um pouco de figura. Sorocaba, Itu, essa região, está pior do que aqueles lados de lá. A quantidade de verba que se recebe é muito grande, e a assistência que se tem é muito pouca. Eles têm algumas moradias, entre aspas, que são vilas, vilas assim que eles dizem, isso quer dizer que são vilas... Eu lembro que a moça justificou, quem não queira morar numa vila, num bairro particular... Não é um bairro particular, algumas casinhas, e recebe-se um grande dinheiro para ter aquele tipo de moradia. As pessoas não têm alta do hospital psiquiátrico, e por isso não conseguem receber o benefício, o LOAS [Lei Orgânica da Assistência Social], por exemplo, do governo. Então tudo isso são informações que você fica sabendo através da luta antimanicomial, que você pode colocar a boca no trombone através do projeto do Maluco Beleza. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 29-30)

Sua militância se iniciou no ano 1999, tão logo recebeu alta de sua primeira internação no SSCF. Foram nesses encontros que ela conheceu alguns profissionais que, posteriormente, vieram a trabalhar na instituição, como também o amigo Luir.

Falar de Anjo Barroco é uma emoção, porque eu conheci Anjo Barroco, a primeira vez que eu conhecia Anjo Barroco foi há quase dez anos atrás, um pouco mais. Foi em 2001 ou 2000. Nós fomos para Miguel Pereira. Eu conheci Anjo Barroco no ônibus, a gente começou a bater papo. E o que é que aconteceu lá em Miguel Pereira? Foi a Luta Antimanicomial, no Rio de Janeiro. Então Anjo Barroco é uma grande militante da saúde mental, ela é uma grande militante da Reforma Psiquiátrica. (Depoimento de Luir, usuário e amigo, 2010 : 56)

Anjo Barroco é uma figura... Para mim, eu tenho pouco conhecimento de Anjo Barroco enquanto paciente. Eu não tive nenhuma entrada na história de Anjo Barroco, nesses tempos aqui do Cândia, como terapeuta ou como referência ou como cuidadora direta de Anjo Barroco. Eu nunca tive essa entrada com ela. Então, eu vejo Anjo Barroco como uma figura militante da saúde mental. Então, os meus contatos com ela sempre se deram nessa linha, nessa lógica. Então eu conheço poucos detalhes da história de sofrimento de Anjo Barroco. Eu sei, assim, percebo que até porque ela verbaliza isso nos momentos em que ela está mal, que, às vezes, visualmente isso se dá. Então a minha relação com ela nunca se estabeleceu pela via direta do cuidado, como cuidadora, mas mais nessa lógica mesmo de uma militância da Reforma Psiquiátrica na saúde mental. Então, para mim, eu vejo Anjo Barroco como uma representante disso, assim, dessa história da Reforma. (Depoimento de Tereza, presidenta do Conselho Diretor do SSCF, 2010 : 85-86)

A consciência que Anjo Barroco possui sobre as causas do Movimento da Luta Antimanicomial fez com que ela, mesmo tendo tido uma experiência negativa com sua passagem pelo CAPS, defendesse o equipamento durante a entrevista concedida para esta pesquisa. O fato revela o quanto ela já superou os percalços de seu tratamento, conseguindo promover uma mudança substancial em sua postura diante da vida.

O CAPS, eu acho que é um grande avanço para as pessoas poderem... Alguns vão alguns dias só na semana para buscar medicamentos, outros têm um comprometimento que precisa fazer terapia ocupacional. E tudo isso, antigamente, com os manicômios, quando não existia, elas teriam que ficar internadas. Internadas noventa, cento e vinte dias dentro de um espaço totalmente fechado, longe de suas famílias, não tinham essa coisa de ir e vir para sua casa, junto do leito de sua família. Então, eu acho que é assim, o CAPS, ele vem num momento para poder resgatar a dignidade de todas essas pessoas, como ser humanos que são, e dar mais um modo de cuidar. Porque a equipe no CAPS, ele tem o psiquiatra, tem o psicólogo, tem o enfermeiro, tem o auxiliar de enfermagem, tem todas as pessoas que estão ali para estarem cuidando das pessoas com sofrimento mental. E eu acho só que veio para ajudar, a coisa do CAPS. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 38)

No SSCF, ela foi indicada como representante dos usuários da saúde mental do município, junto com seu amigo Luir, para compor o Conselho Diretor da instituição.

Eu acho que eu esqueci também de falar da minha participação no Conselho Diretor do Cândido, que eu acho que é muito importante falar. Porque, mais ou menos, foi por cinco anos, que eu participei como representante dos usuários, um bom tempo como titular, e depois como suplente. Eu fui representante dos usuários no Conselho Diretor para tomar decisões importantes aqui dentro da instituição, não é...? E é difícil, assim, porque para eu poder sair desse lado aí do Conselho Diretor, eu tive que não ser mais candidata, porque se eu fosse candidata, estava sendo, fazendo parte até hoje. Porque o pessoal não curte muito, não gosta, assim, de participar desse tipo de coisa. Mas foi muito importante para conhecer várias pessoas. Na época, o presidente que veio a falecer depois, porque agora eu não consigo me lembrar o nome dele. (...) O senhor Antonio Orlando (ex-presidente do Conselho Diretor]. (...) Era uma pessoa muito boa e, sabe, transmitia uma coisa muito boa para a gente. E passaram várias pessoas que foram presidentes do Conselho. E fiz amizades muito boas também durante esse tempo em que passei pelo Conselho Diretor. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 31)

Atuamos juntas no período que eu estou na presidência do Conselho Diretor e ela era representante dos usuários. Essa reunião do Conselho Diretor acontece uma vez por mês, eu não sei se é necessário explicar isso. O Conselho Diretor é a instância máxima, assim, dessa organização Cândido Ferreira, onde têm assento representantes de todas as instâncias envolvidas nesse projeto. Então eu sou presidente eleita pelos sócios do Cândido Ferreira, é uma associação. Essa associação tem representação nesse Conselho Diretor na figura do presidente, do vice-presidente e do secretário. E aí a gente tem representantes de usuários, de familiares, de trabalhadores, das universidades que são parceiras nesse projeto, da Secretaria de Estado, da Secretaria Municipal de Saúde. Os familiares, eu já falei, acho que já falei todas as representações. E Anjo Barroco, portanto, eleita pelos usuários desse serviço, atuou como representante dos mesmos. E esse grupo se reúne ordinariamente uma vez por mês, porque aí é que são discutidos os temas de todos os projetos, a situação financeira, o que tem sido em grande parte discutida nos últimos tempos, e, eventualmente, as reuniões extraordinárias. Então nesse contato, Anjo Barroco sempre presente, não é? E é uma figura interessante, Anjo Barroco. E quando eu falo que não atravessei a história dela e nem ela atravessou a minha pelo viés do cuidado específico, no Conselho Diretor, por exemplo, tinham situações interessantes, porque ela é muito participativa, uma pessoa muito lúcida nesse sentido da Reforma Psiquiátrica, tem comentários interessantes e é muito ativa, e havia momentos, provavelmente, por uso de remédios e tal, ela chegava na reunião e, às vezes, até dormia. Tinha algumas situações constrangedoras dela chegar a roncar. Então tinham algumas das reuniões que ela já sentava do meu lado e dizia assim para mim: se eu cochilar, você me cutuca. Porque dava para perceber que aquilo era mais intenso que a vontade dela, muitas vezes, era até involuntário. Ela estava muito atenta e, de repente, dava uma dormida, não é? E aí tinha isso, sentava do meu lado: Ai, Tereza, não me deixa passar constrangimento. Se você perceber que eu estou dormindo me dá uma cutucada e tal. Era isso, assim. Agora, uma vontade, assim, eu percebo nela e percebia nesse período do Conselho Diretor, de, de fato, ser

participante dessa história da Reforma, dos comentários em relação ao Cândido e, muitas vezes, declaradamente, uma, eu não sei se gratidão seria a melhor palavra, mas eu acho até que faz sentido, por poder ser cuidada de um outro jeito. Então, às vezes, ela dava depoimentos da história de vida dela em instituições e tal, e sempre dando muita ênfase a esta mudança no modo de cuidar como sendo uma coisa dela defender mesmo, assim. (Depoimento de Tereza, presidenta do Conselho Diretor do SSCF, 2010 : 86)

Ela atribui a delegação de poder por parte dos outros usuários à sua personalidade despachada, mas principalmente ao comodismo e à falta de vontade que muitos demonstram pela política militante.

Os usuários, os oficinairos, às vezes, eles reclamam de várias coisas, às vezes, até que acontecem dentro das oficinas e tudo, mas na hora de se representarem... Eles reclamam entre si, mas, de repente, reclamar com quem de direito, eles não conseguem ter essa força, essa coisa e tal. Eu acho que é comodidade, sabe... Eu acho que é mais fácil ter outra pessoa que te represente, de não participar mesmo. Eu acho que é isso que acontece. (...) Eu não sei se eu sou mais, assim, despachada, eu sou mais... O meu jeito de ser, assim, e eu consigo ter mais que uma atividade, e fazer isso, fazer aquilo e aquilo outro. E as outras pessoas, eu não sei, se não conseguem. Eu acho que é falta de vontade mesmo das outras pessoas de quererem ser, de tentarem fazer uma coisa além do trabalho artesanal, do trabalho manual e tudo, de brigarem, de saberem dos interesses de cada um deles também. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 31)

Além da militância, nosso caso também é poeta e artista plástica. Já teve várias de suas poesias publicadas no Jornal Candura e na coletânea de poesias dos escritores do SSCF, Histórias Úteis, livro publicado no ano 2005. Como artista plástica, participou do Espaço 8 Ateliê, atelier de artes que funcionou na instituição durante muitos anos e que projetou vários artistas que faziam tratamento mental para outros contextos.

No período em que eu cheguei aqui, que eu comentei do Espaço Aberto [ateliê de arte da antiga unidade de internação], porque eu conheci a Marli e tudo, era um local que quando eu estava interna, eu gostava de frequentar, porque era um local, assim, de artes, era um local que eu poderia ficar mais, assim, como é que eu posso dizer, num momento de inspiração meu mesmo. E ali dentro do Espaço Aberto, eu fui levada para o Espaço 8 Ateliê, que era um setor que ficava fora do espaço de internação, que ficava aqui no setor de Convivência, que existia aqui dentro, não é? E aí eu comecei a desenvolver um lado meu como artista plástica. Na época, era o Junior que cuidava, que monitorava essa parte do Espaço 8 Ateliê, e eu comecei a desenvolver, a pintar quadros, sabe? A ter ensinamentos, a ter conhecimento com o pincel. Era uma coisa totalmente diferente, que até então eu não tinha. Porque lá, vamos supor, lá no B, a pintura que tinha lá, era aquela pintura clássica de pano de prato. Clássica é modo e dizer, de pano de prato, assim, de desenhos de maçã, de flores disso e daquilo outro. E aqui, não, eu tive, assim, uma coisa, uma expressão livre que eu poderia fazer aquilo que eu quisesse. E o

importante também que não era tratado como arteterapia. O meu quadro, assim, que eu pintava, das minhas fases que eu gostava de... Fases que eu mesmo denomino, mas nunca foi tratado como arteterapia. Não tinha, assim, ninguém que chegasse, ia ver meu trabalho: Anjo Barroco pintou de roxo, hoje. Então, Anjo Barroco está nervosa, está brava, está isso e aquilo outro. Eu tinha total liberdade de fazer o trabalho que eu quisesse aqui dentro. Tinha material para isso, tinha acompanhamento de um artista plástico que me ajudava a fazer isso também. E cheguei até a fazer exposições, e isso é o mais importante também. No ano de... Agora deixa ver, de 1999, 2000, eu acho que em 2001... Eu acho que foi no ano de 2000 que eu fiz minha primeira exposição. E o mais importante é que foi uma exposição que os artistas do Cândido foram convidados a fazerem uma exposição no Centro de Convivência pelo Sindicato dos Contabilistas. Então foi a primeira exposição, assim, de artes que eu tive, que eu participei, e foi muito legal. Foi na época que eu comecei namorar o Barto também. (...) Eles estavam à venda também. E aí, no caso, se fosse vendido algum quadro, uma porcentagem, vamos supor, não sei quanto, agora eu não... Vamos fazer um exemplo, 40% ficavam para a instituição, assim, por conta de material que foi gasto, tela, de tinta etc e tal e o restante para o artista. (Depoimento de Anjo Barroco, 2010 : 19-20)

A participação dos usuários nas instâncias de representação como Conselho Diretor e Movimento da Luta Antimanicomial, uma vez que faça sentido na vida desse usuário, como é o caso de Anjo Barroco, pode interferir positivamente no tratamento. Porém a participação política também expõe os usuários a situações de maior conflito, o que pode gerar uma ansiedade ou uma sobrecarga de responsabilidade, o que tem que ser cuidado pelos profissionais que acompanham cada caso.

(...) eu acho que estar nesses lugares, são lugares de grande responsabilidade, não é? Primeiro, porque, da forma como a gente funciona, é uma representação de um grupo. Anjo Barroco tinha uma responsabilidade de ser a voz de um grupo de usuários, então isso é de extrema responsabilidade. Acho que é uma ação política, digamos assim, que, de um modo geral, no Brasil, a gente percebe que não há uma cultura assim de se fortalecer essas instâncias, de ter ações políticas e não politiqueras e partidárias, mas de uma ação política e tal. Então, vê-la ou ver o usuário conseguindo fazer isso, podendo fazer isso, eu acho que é de extrema importância, é a voz, de fato, podendo ser escutada. Por outro lado, a gente, por experiência, porque eu já vivi situações em que se a gente também... Se há uma convocação muito intensa para esse lugar, o ser humano, às vezes, se fragiliza diante dessa chamada tão grande, assim, de responsabilidade, de ser representante de um grupo e tal. Então, às vezes, eu acho que há um certo paradoxo nisso. Isso não só para quem está em tratamento em saúde mental, mas em qualquer ser humano, a gente percebe que, às vezes, quando a responsabilidade nos é chamada, uma responsabilidade, titubeia, assim. Então eu acho que esse, talvez, seja um cuidado para essa questão da saúde mental que, às vezes, as pessoas estão mais fragilizadas, assim... É o que eu disse, eu já vi Anjo Barroco em momentos bons, mas também já vi Anjo Barroco quando dormia muito, por exemplo, e, às vezes, um conflito interno. Puxa, eu tenho essa responsabilidade, mas não estou dando conta, eu preciso também ser cuidada

e tal. Então é um paradoxo isso, e eu acho que a gente tem que ter um jeito cuidadoso aí, enfim. Agora, em termos de uma militância, de uma... Essa coisa de sustentar isso que é o nosso trabalho tanto para nós, que somos profissionais, quanto para os usuários, sem dúvida nenhuma, é um lugar de extrema importância poder ter essas ações políticas. Infelizmente, a gente não vê muita gente fazendo isso. Então, às vezes, quando fica também centrado muito numa figura só, o peso é muito grande. (Depoimento de Tereza, presidenta do Conselho Diretor do SSCF, 2010 : 86-87)

Eu me lembro de Anjo Barroco vir se queixando muito uma vez, chegar chorando por causa de um evento que tinha acontecido no SAN [Serviço de Alimentação e Nutrição], quando ela foi almoçar, eu não me lembro exatamente que circunstância, mas que um outro usuário veio cobrar uma coisa dela aquele dia, para ela defender, alguma coisa assim, e ela: Puxa, eu estou no meu horário de almoço... Nem almoçar direito eu posso... Então assim, no sentido de que ela também acaba virando tanta referência, e fica tão solicitada, que ela não estava sentindo nem paz para almoçar quieta como ela gostaria. Ela falou: Puxa, nem quando eu chego no SAN eu consigo almoçar sossegada? Tem sempre alguém vindo me perguntar coisa. E isso aconteceu muito, eu acho, aqui também. Como ela ficava na entrada, na recepção do NOT, a primeira pessoa de referência de todo mundo que entrava aqui era Anjo Barroco. Então, acabava tudo vindo também ao encontro dela, e ela estava ali, sorridente, na porta de entrada. E pra todo mundo, tanto para funcionário como para paciente, usuário. Às vezes, coisas de compras e outras questões do NOT, era ela que recepcionava tudo. (Depoimento de Sandra, médica psiquiatra, 2010 : 60-61)

Ao longo de sua militância na saúde mental e de sua participação no projeto Maluco Beleza, nosso caso acabou conquistando uma grande representatividade nos meios de comunicação.

(...) invadindo outros espaços, o momento em que ela se insere na questão do Maluco Beleza, todo trabalho que teve, a questão dos fóruns que ela foi representando ela e representando a questão do segmento das pessoas com sofrimento mental e também a instituição, sempre vi de uma maneira bastante positiva. Mas tinha uma expectativa positiva, e ela sempre respondeu afirmativamente a essa expectativa positiva que eu tinha em relação à pessoa dela. Então, ela sempre teve uma representação e um papel significativo. Então, muitas das coisas que são construídas, hoje, na questão da mídia, eu acho que eu tenho que reconhecer, pessoalmente, que ela teve um papel importante nessa construção. Ela tem, ao longo do tempo, pôde desenvolver uma interlocução. Ela tem uma apropriação da palavra muito legal, ela faz poesias que as pessoas escutam e não tem ninguém que fique sensibilizado com as poesias que ela fala, declama. E ela declama de uma maneira não só racional, mas, principalmente, de uma maneira do coração, afetiva, emocional. O que é uma coisa muito legal da gente ver. É emocionante ver ela nessa situação de oportunidade. É bom viver com ela, conviver com ela e saber da vida dela. (Depoimento de Oton, médico psiquiatra e superintendente do SSCF, 2010 : 52)

Nosso caso possui um pioneirismo dentro do projeto do Maluco Beleza, uma vez que ela é a primeira voz feminina a participar dos programas, mantendo-se ao longo dos anos do projeto.

Historicamente, a questão das pessoas que tinham o quadro relacionado à questão do sofrimento mental era deixado à margem, no sentido de... Qual outro espaço de oportunidade, de poder ter um papel humano, político quanto o cidadão da sociedade? Dessa representação? Na medida em que esta dá, da questão da Reforma Psiquiátrica... Dá oportunidade, e espaço de oportunidade e aprendizado vão aparecendo, lógico que isso tem que ser um contínuo. Da mesma maneira que você falou que Anjo Barroco é uma pessoa perseverante, então toda questão do modelo de tratamento tem que ser inovadora, mas ao mesmo tempo tem que ser também perseverante, não pode experimentar uma coisa e desistir, aquilo que é acumulado de positivo, ele tem que persistir na continuidade para dar oportunidade para essas pessoas. Então, nesse sentido, eu acho que nós estamos começando e, quiçá, eu tenho uma expectativa positiva no sentido de que a representação da mulher vai aumentar, tem que aumentar, e é saudável realmente. Reconheço que teve essa dificuldade, mas não é só a questão do gênero. O gênero tem uma situação muito particular, mas anterior a isso tinha a questão da representação das pessoas que tinham sofrimento mental, elas ficavam na questão da margem. Hoje, eles falam e fazem de uma maneira muito boa. Eu acho que tem uma boa representação, e isso é bastante significativo para que a questão da mídia no sentido de que as pessoas, se a sociedade der espaço e oportunidade para elas, elas vão aproveitar. E é bom que a sociedade possa propiciar mais espaços de oportunidade para as pessoas. Diminuir a desigualdade que ao longo do tempo existe e que a gente vai ter que ter várias ferramentas para combater isso e estimular diminuir essa desigualdade. (Depoimento de Oton, médico psiquiatra e superintendente do SSCF, 2010 : 53-54)

A superação conquistada por ela fez com que Anjo se tornasse um ícone para outros usuários da saúde mental. Seu trabalho de militância abre espaço para que outras pessoas possam almejar também conseguir superar os seus problemas. A maioria dos usuários, do coletivo que representa, não possui uma inserção política. Sua atuação precursora pode servir de inspiração e estímulo a outros, para que compreendam e, quiçá, experimentem uma ação política por meio da militância.

Eu acho que Anjo Barroco é um ícone para que as pessoas que têm esse tipo de sofrimento também possam ousar participar de outra situação. Quando você está falando da representação de vários segmentos, quantas interfaces e quantas variáveis têm em cada uma dessas instâncias? Por exemplo, você citou a questão do Conselho Diretor. Ela faz uma representação da questão das pessoas que têm sofrimento mental dentro de uma instituição, um coletivo que vai pensar sobre qual é a conduta do segmento daquela instituição. E ela participa de uma maneira efetiva em relação a esse tipo de escolha. É muito importante que ela comece um espaço, e que as outras pessoas também possam experimentar esse tipo de situação para que as

pessoas tenham cada vez mais a compreensão política do papel que a própria sociedade nos permite ter de representação. Quanto mais pessoas tiverem esse papel político na situação de aprimorar o tipo de tratamento, de como que pode negociar, qualquer coisa da ordem que fala da saúde dessa pessoa, eu acho que tem que ser executada, tem que ser estimulada e tem que ser formada para que as pessoas possam estar fazendo isso. E Anjo Barroco, como é aquilo que eu já ressaltai, eu vou falar de novo, ela pegou com as duas mãos e respondeu afirmativamente a esse tipo de situação. Caso ela não tivesse feito esse tipo de representação, esse papel, eu estou entendendo que o caminho para essas pessoas ia ficar mais difícil. Ela foi uma facilitadora, nesse sentido, para que outras pessoas possam estar experimentando. Tanto é que hoje, especificamente, teve uma reunião e teve uma representante que teve participação lá no Conselho Diretor, que eu acho que é interessante. E a gente vai formando o quadro para as pessoas também poderem participar desse processo. Imagine nos outros espaços, na questão da mídia, mesmo nas discussões dos bairros, das discussões das comunidades que vai falar sobre a questão não só da saúde (...). (Depoimento de Oton, médico psiquiatra e superintendente do SSCF, 2010 : 53-54)

Ao realizar nossa cartografia, percebemos que a estética do ser e do viver de anjo Barroco pode ser retomada a partir da oportunidade oferecida de um tratamento digno, pelo qual ela pudesse retomar os eixos ordenadores perdidos ou adormecidos, em decorrência de seu sofrimento mental, (re)significando-os. A reorganização da estética de sua vida dá-se pelos laços afetivos reconquistados, pela oportunidade de trabalho e pela geração de renda, pela atuação militante no Movimento da Luta Antimanicomial, pela representatividade que conquistou junto aos usuários e na mídia, e pela retomada de sua identidade profissional. Hoje, Anjo Barroco apresenta-se como jornalista, comunicadora, radialista, locutora, trabalhadora do Ponto de Cultura Maluco Beleza.

Todos os dias, ao levantar, ela vem para o seu trabalho e não para o seu tratamento mental. O quadro psiquiátrico possibilitou essa inserção nesses espaços, porém o diagnóstico deu lugar a novas conexões de produção de novos sentidos para sua vida.

As paradas nos eixos temáticos ficam por aqui. A cartografia, como uso da metodologia da pesquisa, também se encerra nessas linhas, todavia a viagem de produção de sentido de nosso Anjo Barroco segue seu percurso vida afora.

4. OUTROS PARTICIPANTES DO PROJETO

A comunicação aplicada no projeto abrange também outras pessoas, além do caso apresentado, que, em maior ou menor intensidade, experimentam a possibilidade de contar com esse dispositivo para dar novos sentidos na condução de suas vidas. Este capítulo tem como objetivo mostrar como esses outros participantes estão inseridos no projeto e como a comunicação tem proporcionado novas oportunidades de conexões com outros universos e realidades.

Ao longo dos anos da produção dos programas, notamos que um grupo fixo entre 15 e 20 pessoas tem participação contínua no projeto, formando um grupo fixo, enquanto que outros 5 têm participações pontuais, podendo ser considerados flutuantes. Entre os fixos e os flutuantes há variações, de acordo com o período. Alguns participantes assíduos acabaram deixando de participar e outros param e depois retornam. Do grupo flutuante, alguns acabam se interessando mais e participando mais intensamente, passando a fazer parte do grupo fixo, outros participam oportunamente, quando sentem desejo, ou quando estão mais próximos geograficamente do local onde se localiza o projeto, tratando sua crise no Núcleo de Retaguarda da instituição. A maioria destes, ao receber alta, acaba indo pra outros equipamentos substitutivos da rede municipal de saúde e se desligam do Maluco Beleza. Toda essa explicação contribui para deixar claro que o grupo de participantes do projeto é aberto

tanto para entrar, quanto para sair, a qualquer momento da participação dos usuários. Os que ficam são os que realmente se interessam pela comunicação em rádio produzida pelo projeto e que veem sentido na oferta deste dispositivo para o seu tratamento mental.

(...) porque lá é aberto. A gente entra e sai a hora que a gente quer. Então eu vejo, passaram diversas pessoas, mas hoje nós somos um grupo aproximado de vinte pessoas, e é aberto, quem quiser entrar, entra, quem quiser sair, sai a hora que quiser. Mas eu estou lá ainda, não só porque eu gosto, mas porque lá nós somos uma família. Nós somos uma família, todos nós somos uma família. Quando nós vamos fazer uma programação, se você tem uma dificuldade, você fala com um amigo, você fala com o Régis, você fala com a Carola, você fala com a Lays, e com outras pessoas que passaram pelo Maluco Beleza (...). (Depoimento de Silas, participante do programa Maluco Beleza, 2010 : 75)

Muitos apresentam uma vontade tímida de participar do projeto, mas, por estarem envolvidos com outras atividades oferecidas pela instituição ou pela rede de cuidados, acabam por sucumbir a esse desejo. Outros não se autorizam a tal participação, seja por timidez, medo ou falta de impulso para participação de uma atividade de produção simbólica. Ainda outros usuários não se interessam por não verem sentido no projeto de comunicação. Recentemente, uma usuária nos procurou e perguntou novamente sobre as atividades oferecidas, e ao final das ofertas disponibilizadas declarou: “Eu não me interessou por jornalismo. Quando vocês fizerem algo de interessante eu participo.” O que é importante no projeto é a oferta dos dispositivos de comunicação, seja para a participação efetiva, seja para uma participação eventual e até mesmo para avaliar como não adequada ao desejo do usuário; o fato é que o recurso está disponível, e isso faz toda a diferença, inclusive para elegê-lo ou não como importante para a construção do sentido de vida de cada usuário.

Há de se levar em conta o fato de que os participantes são heterogêneos, possuidores de capacidades específicas, dificuldades, vontades, desejos, faixa-etária, etnia, grau de escolaridade, gênero, talentos, interesses e redes sociais distintas. Cada um apresenta um diagnóstico, está inserido num tipo específico de tratamento, num contexto familiar e possui um histórico de vida específico. Todas essas características influenciam no maior ou menor grau de participação dos usuários no projeto.

Os participantes mais assíduos do projeto apresentaram, ao longo dos anos, algumas mudanças importantes em sua estética de ser. Alguns, que ao entrarem no projeto mal pronunciavam o próprio nome, com o exercício da comunicação acabam se capacitando para falas mais elaboradas com frases completas, colocando-se de uma maneira mais coerente e fluída, com um discurso mais elaborado e compreensível, como é possível constatar com os

participantes Marcinho e Mauro Pan. O estímulo dos participantes do projeto ao se expressarem por meio do rádio, os mobiliza. Para alguns participantes, que possuem limitações mais graves, a possibilidade de conseguirem se articular melhor, expressarem ideias, elaborarem frases mais completas, colocarem sua criatividade no ar, cantando, imitando, produzindo sons de efeitos especiais, recitando poesias etc, valoriza sua oralidade, seus saberes, abre oportunidades de expressão para todos, até para os que não são alfabetizados, por ser o rádio um meio democrático. Os participantes Altério, Amália Laurente e Agnelo Caroca apresentam grande dificuldade para a fala, mas, nas vezes em que participaram do Maluco Beleza, expressam livremente suas opiniões, mesmo que não sejam compreensíveis para a maior parte das pessoas.

Participar do projeto Maluco Beleza é muito bom. Por quê? Eu, por exemplo, como vivi quatorze anos internado, parece que você fica fora da realidade do mundo, porque você perde um pouco da referência. E quando você sai das internações, você fica meio perdido. Então, a oportunidade que eu tive, foi... Eu fui convidado por você, Régis, para participar do Maluco Beleza. Quando eu cheguei no Maluco Beleza, eu falei: Nossa, será que eu vou ter condições? Será que isso aí vai dar certo para mim? Olha, dia por dia, a gente foi crescendo, a gente foi perdendo a timidez. Eu me lembro que a primeira vez que eu estava na Rádio Educativa, nos estúdios da Rádio Educativa, eu comecei a falar e gaguejei. Sinceramente, me dava um calafrio, me dava um aquecimento e eu gaguejava e não conseguia falar. (Depoimento de Silas, participante do programa Maluco Beleza, 2010 : 75)

Depois da participação no projeto, Silas sentiu-se seguro para iniciar também um trabalho voluntário num grupo que atende familiares de pessoas envolvidas com álcool e drogas. Segundo ele, a participação no Maluco Beleza foi essencial para que adquirisse a segurança necessária para as palestras que profere no Amor Exigente.

Hoje, eu vejo a importância do Maluco Beleza na minha vida. Eu consigo dialogar com as pessoas, eu consigo falar. Essa timidez, esse medo saiu e eu participo do AE, do Amor Exigente e eu falo, eu dou palestra lá no Amor exigente. Por quê? O Maluco Beleza me deu todo esse apoio, todo esse, como se diz, essa base. Então, eu vejo o Maluco Beleza na minha vida como uma coisa que me deu força, que me deu crescimento. Porque se não tivesse no Maluco Beleza, se eu não tivesse no Candura [jornal institucional], hoje eu não teria essa oportunidade que eu tenho de fazer parte do AE, do Amor Exigente, onde nós trabalhamos com pessoas que têm problemas com álcool e droga. Nós trabalhamos com famílias e eu faço parte, eu falo, eu dirijo com um grupo também lá, por quê? Eu aprendi no Maluco Beleza. O que é o Maluco Beleza então na minha vida? É uma base. Não só para mim, como para os outros colegas (...). (Depoimento de Silas, participante do programa Maluco Beleza, 2010 : 75)

A capacidade e a confiança em si mesmo conquistadas no projeto Maluco Beleza fizeram com que Silas realizasse um desejo que havia nascido a partir dos quatorze anos que passou internado num hospital psiquiátrico: ajudar outras pessoas. O trabalho voluntário que realiza amplia sua atuação para fora da instituição, onde se cuida atualmente e amplia ainda mais suas redes de conexão.

O AE apareceu depois do Maluco Beleza, porque eu queria participar de alguma coisa que eu pudesse fazer algo para alguém, porque eu recebi muito na minha vida. Nas internações, eram quatorze anos internado, sem perspectiva de vida, sem nada. E aí eu pus na minha cabeça: Já que eu parei quatorze, eu não considero isso aí perdido. Daqui para frente, eu posso fazer algo para alguém. E aí eu procurei uma entidade, depois do Maluco Beleza. E aí apareceu o AE, o Amor Exigente: Tratar o ser humano com amor, mas com exigência para que ele possa crescer, onde é o trabalho que nós fazemos lá, para que as famílias possam crescer, para que as famílias possam aprender a lidar com seu ente querido. Você sabe que um não salva uma vida. Muitas vezes, os pais pensam que fazer tudo, tudo que o filho quer, ele está deixando o filho crescer. Não. Ele precisa falar não, porque um não salva uma vida. Eu aprendi lá, mas depois que eu aprendi no Maluco Beleza a lidar com as pessoas. Onde eu aprendi a ser lidado, porque lidaram comigo, eu aprendi lidar, onde eu aprendi, no Maluco Beleza. E, hoje, eu posso lidar com outras pessoas e posso passar minha experiência para outras pessoas. E isso é muito bom, é muito gratificante poder ajudar outra pessoa. A outra pessoa cresce, mas você cresce mais ainda. Você é mais vitorioso. (Depoimento de Silas, participante do programa Maluco Beleza, 2010 : 77)

Alguns participantes voltaram a estudar depois de começarem a participar do projeto. A necessidade de leitura, seja pela pesquisa ou pela locução, acabou levando-os a retomar seus estudos, como foi o caso de Aldo, Aloísio e Roberto Dener. Dois participantes do Maluco Beleza, Luir e Anjo Barroco, chegaram a iniciar um cursinho pré-vestibular, com bolsa conquistada pelo projeto. Anjo desistiu do cursinho, mas Luir foi até o final, prestou vestibular em jornalismo para duas universidades particulares de Campinas, passou em uma, na outra ficou na lista de espera, mas não foi chamado. Assim, Luir desistiu de cursar o nível superior e fez um curso de locução no Senac; o mesmo curso que atualmente Anjo Barroco almeja realizar.

(...) eu sempre falo em meus discursos, sempre falo repetidas vezes, mas é bom repetir. No passado, se eu tivesse o que eu passei de esquizofrenia... Porque eu sou esquizofrênico. Embora eu esteja bem, mas eu sou esquizofrênico, eu já expliquei para todo mundo a situação da minha doença. Se eu tivesse ficado doente na década de quarenta, eu estava ferrado, rapaz. Eu estava confinado ao manicômio para o resto da vida. Ia tomar todo remédio, dopado, e ia ficar assim, que nem um bobão, bocó. Quantos que já saíram do hospital psiquiátrico e até hoje estão com sequelas do tratamento, sequelas dos remédios fortes que foram tomados, e hoje, não têm mais

reversão. Eu conheço muitos desses que ficaram. E graças a Deus, a rádio foi importante para mim porque a rádio é a nossa voz, a rádio... Não só eu, todo mundo do Maluco Beleza, somos porta vozes da saúde mental. Hoje nós desabafamos, falamos o que temos que falar na rádio. Se é sobre isso, sobre aquilo, nós falamos, desabafamos e tudo. E no passado, não. A rádio veio para me ajudar. Embora o Maluco Beleza, hoje, lá na Educativa se vai falar alguma coisa de política, eles censuram, mas mesmo assim, eu amo a rádio Maluco Beleza, porque a gente desabafa todos os nossos pensamentos, todos os nossos sentimentos. A rádio é importante para mim neste ponto, sabe? O desabafamento. (Depoimento de Luir, participante do programa Maluco Beleza e do Programa Especial Delira – homenagem aos artistas, da rádio online, 2010 : 57)

Percebemos que, ao participar do projeto, a maioria dos usuários muda a forma como se apresenta em público. Muitos que se apresentavam como pacientes de determinado serviço, com um foco voltado ao diagnóstico, hoje se colocam como locutores/loucoutores, comunicadores, radialistas, imprimindo uma identidade profissional que (re)significa, (re)constrói e dá lugar ao sofrimento anterior, diante da nova postura mais pró-ativa em relação aos seus próprios cuidados e à sua trajetória. Ao tornarem-se protagonistas de um programa de rádio que é veiculado, ouvido e comentado pelas pessoas, eles acabam sendo reconhecidos por um outro papel, de um outro lugar, que extrapola o rótulo de paciente psiquiátrico.

Eu costumo falar sempre, uma coisa que me marcou muito, quando nós chegamos em Porto Alegre [no Fórum Social Mundial] e você falou: Vamos buscar nossos crachás. Eu fui buscar os crachás e estava escrito assim: Sílvio, jornalista. E aí eu falei para você: Régis, mas como assim, jornalista? Eu faço um programa de rádio Maluco Beleza. E você falou: Para todos os efeitos, você é um jornalista. E você faz o favor, vai entrevistar o Leonardo Boff. Mas como, se tem quase dez, quinze mil pessoas? Como que eu chego até lá? Esse crachá é a sua identificação, você segue, vai mostrando e pedindo licença, que você chega até lá. E eu cheguei até lá, próximo ao Leonardo Boff, e consegui perguntar algumas coisas para ele. Isso, para mim, foi uma coisa marcante na minha vida de saber, não sendo jornalista, sendo Maluco Beleza. E o mais interessante é que quando fala Maluco Beleza, tem pessoa que fala: Esse cara deve ser um maluco. E, de fato, nós somos um maluco: pela cultura, pelo carinho, pelo ser humano. Como nós somos lá no Cândido, nós temos um carinho pelo ser humano. (Depoimento de Silas, participante do programa Maluco Beleza, 2010 : 77)

O participante Luir atribui à sua participação no projeto Maluco Beleza, associado ao uso do medicamento de alto custo, fornecido pela Unicamp, o fato de estar com seu quadro de saúde mental estabilizado há quase nove anos, sem recaídas em novas crises, o que era frequente no passado.

Estou há oito anos no Maluco Beleza, graças a Deus. Eu adoeci em 1986, trabalhando nos Correios. De repente veio o surto, mania de perseguição, ouvir vozes, alucinações, e muito sofrimento psiquiátrico, na qual eu fui para o CAPS, e sempre tinha crises e mais crises, agredia minha própria mãe com palavras, com empurrações, até agredi minha mamãe. Mas, graças a Deus, no ano de 2002, o tabu caiu. Eu fui convidado para entrar na rádio, mudou minha medicação, que é a Closapina, que eu tomo até hoje, 600 mg por dia; neste mesmo ano fui convidado para trabalhar na Rádio Maluco Beleza e graças a Deus o tabu acabou. Hoje eu estou bem, oito anos sem crise, meus amigos da rádio nunca me viram em crise. A esquizofrenia que eu tenho, meu diagnóstico, ela não tem cura, mas tem controle. E eu estou muito feliz no Maluco Beleza, porque nunca mais tive crise. Aqui eu dou meu depoimento, é mesa redonda, entrevistas, opiniões, aberturas, créditos, desanúncios. Sou muito feliz e grato a esse programa. Eu achava que no passado, em 2002, isso aí não ia vingar, eu falava: isso é o programa Maluco Beleza, vai ficar dois, três meses e depois vai desligar, né, não vai funcionar. Mas ao contrário, estamos rumo há 9 anos do Macuco Beleza, em 2011, em maio. (Depoimento de Luir, participante do programa Maluco Beleza e do Programa Especial Delira – homenagem aos artistas, da rádio online - extraído da gravação realizada para a participação da 3ª. Edição do Prêmio Cultura Viva, 2010)

As redes de conexão estabelecidas por alguns participantes do projeto são muito fortes. O sentimento de pertencimento de Silas ao Maluco Beleza leva-o a comparar o projeto a uma família, em quem pode confiar nos momentos de dificuldade.

(...) Então nos sentimos uma família, é um porto seguro na vida da gente. Porque nós temos a família biológica, nós temos a família na igreja, nós temos a família no trabalho, nós temos a família no Maluco Beleza, que faz parte também. Porque se não existisse essa família Maluco Beleza muitas vezes nós poderíamos ter dificuldades em outros setores da nossa vida. Isso aí é que dá força. Muitas vezes, você aprende muito ali, com essas viagens, quando a gente se encontra com outras pessoas, com outras culturas, e a gente aprende outras coisas em outras culturas, por quê? Porque nós estamos inseridos no Maluco Beleza. E é onde a gente vê as outras pessoas que chegam no Maluco, a primeira vez, a gente passa o que é o Maluco, a gente explica para elas, e elas vão adentrando, chegando e a gente vê a gratificação que é o Maluco Beleza para outras pessoas. Isso é muito bom. É demais na minha vida o Maluco Beleza. Se não fosse o Maluco Beleza, eu não estaria na posição que eu estou hoje. Hoje, eu trabalho no café do Armazém das Oficinas, eu me identifico muito com o público. Por quê? Eu tenho esse respaldo lá atrás, porque eu aprendi muito no Maluco Beleza. E a minha vida faz parte o Maluco Beleza. Se eu disser para você que eu não tenho uma participação, que não faz parte da minha vida, eu estou mentindo, porque ele faz parte da minha vida. Quando eu coloco aquela camisa “Manicômio Nunca Mais” [uma das camisetas produzidas pelo projeto], que eu saio pela rua, tem pessoas que falam: Você é doido de sair com isso aí na rua. Não, por quê? Nós estamos mostrando a Reforma Psiquiátrica pelo Maluco Beleza. O Maluco Beleza é que leva essa mensagem para outros Estados. Nós tivemos também na faculdade, na USP, com o Maluco Beleza. Tivemos uma oportunidade de conhecer a USP e outros Estados. Isso é maravilhoso, na minha vida. (Depoimento de Silas, participante do programa Maluco Beleza, 2010 : 77)

Mana, foi militante do movimento de Rádio Livre no período em que foi estudante universitária. Esteve à frente de uma rádio livre instalada, numa grande universidade de Campinas. Na época, manteve contato com o projeto de rádio do Cândido Ferreira, propondo que se tornasse uma emissora dessa natureza, o que foi recusado pelos participantes do MB²⁸. Cerca de um ano, Mana se inseriu no projeto Maluco Beleza. Acometida de um sofrimento mental, hoje ela participa do programa de rádio, mesmo não sendo atendida pela rede pública de saúde. No programa, ela desenvolve um quadro sobre Filosofia, que contempla a sua área de formação acadêmica, na tentativa de superar o novo cenário que se descortinou em sua trajetória de vida.

A partir do ano de 2008, quando o programa Maluco Beleza transforma-se em Ponto de Cultura, a abertura do projeto para a participação de pessoas da comunidade possibilitou que outras pessoas também pudessem experimentar os efeitos da comunicação sobre suas vidas. Hoje, não apenas os usuários da saúde mental, mas também outros grupos e outras pessoas têm acesso ao projeto por meios dos cursos de capacitação e por meio da produção de programas da rádio online e das atividades decorrentes a partir do programa de rádio, como realização de palestras, participação em eventos, fóruns, viagens, passeios e festas.

Hoje, eu faço um programa online. O online, eu só faço o de música, mas uma hora eu vou mudar um pouco o meu programa e vou falar um pouco sobre o que eu gosto de falar, porque eu gosto de falar sobre política, fazer uma análise do que está se passando pelo país, pelo Brasil. Então eu acho que online eu posso, não é, Régis? Online pode? (...) O online ou vou começar. Eu vou ver se em dezembro ou fevereiro, eu mudo um pouco a minha grade, e dar opinião sobre o que está acontecendo na política durante a semana, sobre os escândalos, sobre corrupção. Eu quero fazer uma parte sobre isso, sobre... Uma parte: O que aconteceu na política da semana? E aí meter bronca. Se for para elogiar, a gente elogia, se for para meter bronca... Que nem o Datena (apresentador de TV), sabe, Régis? Então é isso. A rádio então, é isso para a minha vida, é um desabafo. Eu fui numa conferência falar sobre a rádio em algum lugar, não me recordo agora, falaram assim: Então, Luir, os CAPS têm que ter rádio? Para todo mundo ficar bem. Rádio, programa de rádio. Os alunos, os pacientes psiquiátricos fazerem programa de rádio. Então isso é importante. A rádio na minha vida foi muito importante. (...) Todos os CAPS, eu acho que devia ter uma oficina de rádio. (Depoimento de Luir, participante do programa Maluco Beleza e do Programa Especial Delira – homenagem aos artistas, da rádio online, 2010 : 58)

A primeira grade de programação de rádio web reuniu 23 programas, com a participação, além dos usuários da saúde mental, de alguns outros grupos vindos da

²⁸ Esse processo foi tratado com maior detalhamento no capítulo O Projeto.

comunidade, como um grupo de adolescentes que participavam de atividades do Centro de Convivência Espaço das Vilas²⁹; um grupo de crianças e adolescentes de uma instituição da cidade que trabalha com essa população em situação de rua; um grupo da terceira idade que produziam um programa de TV para o canal universitário de Campinas, o qual aderiu à produção de rádio; artistas de rua; funcionários e profissionais da saúde; e familiares de pessoas portadoras de sofrimento mental.

A grade de programação contou com protagonistas diversos e programas com temáticas igualmente diversificadas:

- Saúde Beleza - traz dicas de saúde e bem-estar aos trabalhadores da saúde, tendo como apresentador Araújo, funcionário da Saúde do Trabalho do Cândido Ferreira.

- Rádio Jovem - um programa que conta com a apresentação de crianças e jovens de um projeto social que objetiva tirar esse público da situação de rua, com uma diversidade de temas e apresentações culturais advindas dessa população.

- Programa de Peso - um programa que te deixa leve - é uma revista direcionada aos gordinhos, com dicas sobre nutrição, moda e autoestima; apresentado por nosso caso-guia, Anjo Barroco.

- Tudo para ser Feliz - apresentado pelo artista popular José Poesia, esse programa trata de felicidade em diversos aspectos, por meio da sua produção cultural de poesias e músicas.

- Cuca Legal - um programa para a família, tendo como público-alvo familiares de portadores de sofrimento mental, com dicas, entrevistas e músicas, apresentado por Célia, irmã do usuário Mano, por seu primo Romeu.

- Em Pauta Saúde Mental - uma mesa redonda sobre o tema, que conta eventualmente com convidados; é apresentada por profissionais da saúde mental e gestores do SSCF, Everton, Tereza, Carmem e Helena.

- Mentaleiros - informativo da Saúde Mental. Trata-se de jornal informativo sobre o tema em questão, apresentado por Carola, funcionária do Ponto de Cultura.

- Perfil - que comporta uma entrevista especial com um trabalhador da saúde mental, ou grupos musicais. O programa é apresentado por Lays, outra funcionária do Ponto de Cultura.

²⁹ Os Centros de Convivência são equipamentos substitutivos da Reforma Psiquiátrica que oferecem cultura, cursos e lazer aos usuários da saúde mental e comunidade do entorno dos bairros onde se localizam.

- Jovens Internautas - programa que aborda o universo jovem, com temas relativos a essa fase da vida. Apresentado por jovens participantes do Centro de Convivência Espaço das Vilas.

- Programa Maluco Beleza - uma revista eletrônica produzida desde 2002, veiculada na Rádio Educativa e agora reprisada na rádio online. Produzida e apresentada por diversos participantes do Ponto de Cultura Maluco Beleza.

- Vivendo e Apreendendo - revista apresentada e voltada para a 3ª idade, composta por entrevistas, enquêtes, dicas e música.

- Sintonizando Histórias - programa formado por diversos causos, interpretados por Rodrigo Naja, advindo da comunidade.

- Coletivo da Música - programa que abre espaço para grupos, cantores e compositores da rede de saúde mental apresentarem seus talentos; apresentado pelos participantes do grupo Coletivo da Música, conduzido por Jair Salvati e Laudelina.

- De Bem com o Sertão, sua vida no campo nunca mais será a mesma – um especial sertanejo, composto por músicas, entrevistas, dicas e receitas sertanejas, apresentado por Mauro Pan e Perseu, usuários da saúde mental.

- Delira - Homenagem aos Artistas - especial musical que homenageia artistas antigos, com curiosidades e músicas de cantores consagrados, apresentado por Luir, usuário da saúde mental.

- Palavras e Cores - programa composto por poesias, biografias e músicas, que levam à reflexão sobre determinado tema, apresentado por Márcia Eduarda, funcionária do SSCF.

- Festa Black - programa sobre o universo black e soul music, apresentado pelo usuário Ubiratan da Selva.

- Programa da Lola - composto por poesias e biografias dos autores; muitas dicas culturais e músicas, apresentado por Lola Mouran, da comunidade Sousas, distrito de Campinas.

- Vinícius@Caxambu - único programa especial sobre o grupo Rappa, com música e curiosidades sobre os componentes, apresentado por um usuário da saúde mental.

- Kizomba - a sua revista de cultura - revista eletrônica sobre cultura alternativa, composta por entrevistas, músicas e dicas de cultura, apresentado por este pesquisador.

A inauguração da rádio online faz parte de um desejo antigo dos profissionais da instituição. Desde 1993, a comunicação começou a ser empregada no tratamento do Cândido Ferreira e hoje o projeto tomou um formato e uma dimensão que satisfaz uma das precursoras do emprego da comunicação como ferramenta nas oficinas de terapia ocupacional.

Atualmente, Tereza é presidente do Conselho Diretor da instituição e integra o grupo de gestores que realizam um programa sobre saúde mental na rádio web.

Aqui no Cândido Ferreira, eu trabalho... No ano que vem [2011], vai fazer vinte anos. Então, ver a rádio online no ar não é qualquer coisa para mim. Outro dia mesmo, achei papéis de anotação de 1993, que já participava nas atividades que eu fazia com os usuários, eu já tinha uma ideia de trabalhar com essa coisa. Eu sou terapeuta ocupacional e participei das atividades e sempre me foi muito caro, assim, de ter um objeto intermediário, de fazer mais coisas, enfim, circular mais. E aí eu lembro que eu e o Marco, que era ator na época, a gente tinha um projeto que a gente chamava de Rádio Muda. Primeiro foi Rádio X, depois chamava Rádio Muda, que a gente gravava os programas em fita cassete ainda, não tinha nada... Então ver que a gente tem uma rádio online, para mim, é um resultado concreto de que sonhos são possíveis de serem realizados e sustentados no trabalho. Então eu acho muito bacana (...). Então é um tema que eu acho emocionante, ver isso, hoje, concretizado. Uma coisa que antes era gravado numa fita cassete que ficava entre poucos, hoje, circular no mundo inteiro. Então, eu acho que, não só para o projeto específico do cuidado, é muito para além disso, é muito maior que isso. Então, é a oportunidade de muita gente saber o que acontece nesse mundo. Então, para mim, é muito caro e muito bacana ver esse programa. E é isso, assim, ampliadíssimo, porque você tem programas de todos os tipos e profissionais de estarem envolvidos nisso também é reflexo da implicação e do compromisso que todos nós temos com esse trabalho que a gente faz, consequência disso, assim, não é? E quando da notícia disso, nós montamos um grupo do qual eu faço parte, hoje, de gestores, não é? Então, mais ainda, porque você vê, tem trabalhadores, tem usuários, tem gente que não tem nenhum vínculo específico com o cuidado e tem programa. Você vê gestores, é muito bacana. O programa que a gente tem é o programa para conversar sobre saúde mental. Eu acho fundamental e de extrema importância. (Depoimento de Tereza, presidente do Conselho Diretor do SSCF e participante do programa Em Pauta Saúde Mental, da rádio online, 2010 : 87)

As primeiras experiências realizadas com rádio na instituição nasceram em um grupo de tratamento, num equipamento substitutivo da Reforma Psiquiátrica. Atualmente, o projeto Maluco Beleza não tem como objetivo ser uma atividade terapêutica. Sobre esse processo de transformação de característica do projeto, Tereza, que tem formação em Terapia Ocupacional, avalia:

Eu acho que é um processo, para mim, natural e esperado. Porque, de fato, cumpre uma função, hoje, de ampliar e que outras pessoas... Porque são coisas diferentes. Você pode, inclusive, continuar usando esse recurso se você quiser ir num viés de um cuidado terapêutico num encontro de um profissional com um usuário ou com um grupo de usuários, existem vários recursos para se cuidar. Existe a palavra, existe a atividade e pode existir uma atividade que, inclusive, seja a participação na rádio. Hoje, eu acho que a consequência de a gente ter uma rádio online muito mais ampliada, deste ponto de vista, é que, de fato, cumpre... É um meio de comunicação que cumpre o seu papel de fazer com que mais pessoas escutem. E é obvio que

pode ter efeito terapêutico para seus participantes e para os seus ouvintes, independente de ser um set marcadamente terapêutico, entendeu? Então, eu acho que também isso é um diálogo e um trânsito super possível. Para uma pessoa que escuta alguma coisa dessa rádio pode dar algum clique na cabeça e que aquilo mude alguma para ela coisa para melhor ou que a faça pensar: eu acho bom cuidar disso. E isso pode ter um efeito terapêutico, embora não seja essa, enfim, a missão principal. Então, eu acho que, assim, a gente trata da saúde mental, trata da vida, trata saúde como um todo, trata da piada, trata da música, trata da arte, que são questões importantes para a vida de qualquer um de nós, não é? (Depoimento de Tereza, presidente do Conselho Diretor do SSCF e participante do programa Em Pauta Saúde Mental, da rádio online, 2010 : 88)

Uma das gestoras, hoje também participante de um dos programas da rádio online, recordou o dia da inauguração da emissora, quando o Ponto de Cultura realizou uma apresentação dos programas e dos novos participantes, debaixo de uma árvore que fica em frente ao projeto. Para ela, esse foi um dos dias mais significativos que já viveu no Cândido Ferreira, instituição em que trabalha desde a implementação da Reforma Psiquiátrica, no ano de 1991.

E eu acho que o dia que foi a apresentação, a estreia com todo mundo, acho que foi um dos dias mais intensos que a gente viveu aqui no Cândido. As senhoras da terceira idade, usuários, o depoimento da Célia [irmã de uma pessoa portadora de sofrimento mental] (...) para mim foi marcante. Eu acho que a gente está chegando aonde a gente queria, não é? Nesses vinte anos, pelo menos para mim. (Depoimento de Carmem, gestora do SSCF e participante do Programa Em Pauta Saúde Mental, 2010 : 84)

A produção dos programas de rádio online é um desafio para os profissionais da saúde mental, que se veem diante de um novo dispositivo de comunicação, com o qual geralmente não estão acostumados a lidar. A nova oportunidade abre também espaço para uma capacitação diferenciada desses profissionais, para a experimentação de novos lugares, para além dos já exercidos, possibilitando uma descoberta de talentos, tanto para a produção, quanto para a locução.

Na Rádio, Régis, na realidade, assim, não foi uma participação espontânea. Teve uma convocação, numa conversa que a gente estava tendo com o Éverton [supervisor do colegiado de gestão do SSCF], e ele falou: a gente precisa... A gente tem o que falar. E aí ele propôs a criação do programa. Eu achei super interessante tal, mas não é muito da minha praia essa coisa. Eu gosto de trabalhar mais no bastidor, na articulação, do preparar e tal. Mas é emocionante, assim, quando a gente se vê lá dentro, não é? (...) Então a minha participação é meio assim, eu cuido, eu fico meio que cutucando a pauta, vamos fazer, não vamos fazer, mas, assim, aquela coisa de estar lá no ar não é muito espontâneo, mas de estar ali de alguma maneira é interessante. É muito rico. E, várias vezes, tanto eu quanto a Tereza e o

Éverton, a gente se emocionou lá dentro, porque a gente está falando não só de relatos da saúde mental, mas está falando das pessoas também, da vida das pessoas, não é? Na minha vida, o quanto o Cândido me influenciou e me fez melhor, e um monte de coisas. Então eu acho que, nesse sentido, é de uma riqueza... E todos os programas, o Mauro Pan toda vez que ele me encontra agora, ele fala: você fala bem. É meu único fã. Então, eu acho que é super rico. (Depoimento de Carmem, gestora do SSCF e participante do Programa Em Pauta Saúde Mental, 2010 : 84)

E completa:

Então, eu acho que em termos da comunicação que a gente queria fazer [a instituição], para mim, ali é a síntese de tudo. É isso. (Depoimento de Carmem, gestora do SSCF e participante do Programa Em Pauta Saúde Mental, 2010 : 84)

Dandan, filho de Carmem, fez uma participação especial no primeiro Programa Palavras e Cores, em que entrevistou o primo Túlio sobre a banda de estilo hardcore que ele participa. A gestora se emociona ao recordar sobre essas participações:

Também teve isso, ele também participar, foi emocionante. Eu carrego na bolsa, o cd da participação. Não só o meu filho, mas o meu sobrinho também. E até umas coisas que às vezes a gente não conversa e tal. Esse sobrinho ele vem e fala na entrevista dele que ele começou a buscar o baixo a partir de escutas que ele fazia, ele era muito mais novo que o Dandan, na minha casa. Billy Holiday, algumas coisas que ele foi ouvindo, Ray Charles e aí ele foi de alguma maneira, percebendo. Isso foi uma baita surpresa, porque nesse programa estava meu sobrinho Túlio e estava o Dandan, então foi muito emocionante. Então foi super... {prende o choro} E tem muito a ver também, a entrada do Dandan na minha vida [filho que adotou], tem tudo a ver com as coisas que eu fui aprendendo no Cândido e vendo que era possível. Então, é isso. Eu fico emocionada {deixa a emoção lavar os olhos}. (Depoimento de Carmem, gestora do SSCF e participante do Programa Em Pauta Saúde Mental, 2010 : 84)

Helena, gerente do Cândido Escola³⁰, vê no projeto uma oportunidade de comunicar ações sobre a Reforma Psiquiátrica. O caráter formativo do programa de que participa colabora com a formação e com a capacitação do trabalhador de saúde mental.

Bem, primeiro, eu entendi esse programa como uma grande oportunidade de a gente comunicar coisas que nós acreditamos serem fundamentais para um processo que a gente chama Reforma Psiquiátrica. Para mim, pessoalmente, tem uma implicação, porque, num primeiro momento, pensamos num

³⁰ Cândido Escola é uma unidade do SSCF que referencia estágios realizados na instituição por diversas disciplinas. Além disso, trabalha com cursos, assessorias, publicações, pesquisa e visitas institucionais monitoradas. O serviço se caracteriza por proporcionar formação contínua aos profissionais da saúde mental.

programa que pudesse ser porta voz disso que nós chamamos Cândido Escola, pensar na formação e na capacitação do trabalhador de saúde mental. E daí a saúde mental se sobrepõe a isso, por isso que nós a colocamos em pauta. Então para mim, é muito importante. É que a gente é consumido por uma rotina de trabalho que não nos permite cuidar mais das pautas, em ter convidados, dar maior... Ampliar mais o leque de pessoas para dizerem algo sobre isso, enfim. O que mais, me ajuda aí na pergunta(...) Para mim, pessoa, é oportunidade. Oportunidade de falar coisas sobre isso, pautar coisas, questionar, refletir. Às vezes, a gente, pessoalmente, toma posições no cotidiano de trabalho e daí quando você pauta isso, você pode se interrogar e falar: espera lá, será que é isso mesmo? Então eu, pessoalmente, vejo isso como uma oportunidade para me alimentar profissionalmente, pessoalmente. E acho que daí, claro, que quando isso me toca pessoalmente, isso se alastra para as coisas do trabalho, para o dia a dia, contamina no bom sentido. (Depoimento de Helena, gerente do Cândido-Escola e participante do Programa Em Pauta Saúde Mental, 2010 : 85)

A produção de sentido da comunicação empregada na produção dos programas de rádio atinge, também, pessoas que não estão em tratamento na instituição. Depois da abertura do projeto à participação de outras pessoas da comunidade, o artista popular, José Poesia, inseriu-se tanto na produção do Programa Maluco Beleza, como criou seu próprio programa na rádio web: Tudo para ser Feliz. A sabedoria, que emerge da simplicidade das palavras engajadas de José Poesia, revela que, por detrás do homem que lida com a terra num pequeno sítio em que trabalha como caseiro, existe um artista brasileiro dos mais consistentes.

Então, já que nós estamos na sintonia de falar sobre saúde mental, meu nome é José Poesia, eu participo também do Maluco Beleza, já tem mais ou menos uns 8 meses, eu to contente né, por causa que eu senti aqui no Cândido Ferreira, uma casa que tá de portas abertas, não tenho discriminação com ninguém, pra ele tanto faz ser paciente da casa, como ser pessoa voluntária, inclusive eu sou voluntário, vim aqui pela primeira vez e gostei e to participando porque eu sinto que o programa Maluco Beleza, ele faz o cidadão ser mais cidadão. Ele faz com que as pessoas esqueçam os problemas e as preocupações e venha participar do quadro. Eu to gostando muito desse programa Maluco Beleza, e se depender de mim eu estou sempre aqui, por causa que é uma coisa que já faz parte da minha vida. Inclusive, se a gente tem algum... eu sou poeta e compositor, e aqui eu to sentindo uma vontade pra eu fazer minhas poesias, fazer o meu trabalho cultural, e eu gostaria que o país inteiro se ligasse nesse tipo de coisa, né: cultura pras pessoas. Porque eu já estive à beira da loucura, só que eu nunca cheguei a ir a nenhum hospital, levado por alguém, porque quando eu vejo que já to tento problemas eu procuro aquelas pessoas certas, com quem eu posso estar desabafando, e aqui no Maluco Beleza eu não vim por ninguém, eu vim com o meu próprio pé, né, não sou interno, mas gosto daqui, to sempre vindo aqui e espero que essa convivência minha vá adiante, porque o que eu queria, o que eu quero pro país inteiro é expanda na cultura, porque a cultura é coisa boa. Muitas vezes a pessoa ta assim com certo tipo de problema, dificuldade na vida, se ele começar cantando, criando alguma coisa, ele começa se distraindo e aqueles problemas vão sumindo tudo. É isso aí que eu vejo no Maluco Beleza, é que tem umas pessoas que começam

a melhorar, né, assistindo rádio, música, cantando, dançando, isso aí é que faz o cidadão viver mais. Inclusive eu tenho um sambinha e eu vou mostrar. Através aqui do Maluco Beleza foi criada a rádio online pela internet, eu sou um dos apresentadores, o meu programa começa às 9h da manhã e o nome do meu programa é Tudo para ser Feliz, por causa que eu sinto que as pessoas que têm bastante [bens materiais] e são infelizes. Eu não tenho nada, eu não tenho nem um passarinho pra dar água, mas sou feliz, então ta bom demais desse jeito, eu gosto muito de cantar, gosto de mostrar o meu trabalho, falo muito da conquista da mulher na sociedade, inclusive eu gostaria de falar pra você, mulher, que a “homarada” até agora só nos decepcionou, mas uma mulher vai fazer esse país andar, eu tenho certeza, eu acredito nisso daí. Eu quero mostrar um sambinha que eu fiz aqui falando do Maluco Beleza, é mais ou menos assim, ó:

Eu sou Maluco Beleza

Mas tenho a certeza que doido eu não sou

Eu tenho o meu endereço

Eu sou bom sujeito e sou compositor

É que eu bebi um pouquinho a mais

E não fui capaz de me controlar

Saí por aí dando porrada

Fiquei revoltado e quis guerrear

Aí um cara chamou a polícia

Foi um sacrificio pra me algemar

E veja só o meu desespero

No Cândido Ferreira que eu fui parar

É esse aí o samba que eu fiz e gostaria que alguém escutasse o meu programa, e visse que eu sou capaz mesmo de criar música, poesia, qualquer tipo de coisa, samba, rap, então me procure, eu quero viver também, eu quero ganhar dinheiro, eu quero ser alguém nessa vida. (Depoimento de José Poesia, participante do programa Maluco Beleza e do Programa Tudo para ser Feliz, da rádio online - extraído da gravação realizada para a participação da 3ª. Edição do Prêmio Cultura Viva, 2010)

A rádio web atraiu, também, um grupo de senhoras da terceira idade que hoje realizam o programa Vivendo e Aprendendo. Vencida a barreira do preconceito inicial, de pertencerem ao mesmo projeto que tem como público-alvo usuários da saúde mental, elas iniciaram a participação.

Para mim, nossa é uma experiência, porque nessa fase da vida, a gente nunca esperava que ia ter a oportunidade de estar junto com vocês trabalhando na rádio. (...) E eu estou gostando de trabalhar no Cândido Ferreira. É um meio de comunicação, não tem... para a gente, tudo bem [tentando referir-se ao fato de estarem num projeto que fica dentro de uma instituição psiquiátrica]. (Depoimento de Aurea, participante do Programa Vivendo e Aprendendo, 2010 : 95)

Então, eu estou gostando muito porque a gente pode fazer alguma coisa por alguém. Apesar deles terem todo o apoio, eles são desembaraçados, eles fazem programas também, e a gente poder interagir com tudo isso é muito importante para a gente poder crescer e cada vez poder fazer alguma coisa na vida, mesmo na terceira idade, não é? A gente é útil, e é útil aos outros e consegue conviver e saber de todo esse programa que existe, que

é maravilhoso [referindo-se aos novos modos de tratar do Cândido Ferreira]. (Depoimento de Laura, participante do Programa Vivendo e Aprendendo, 2010 : 95)

Benta vê sua participação como oportunidade de comunicar de forma ampliada as experiências que adquiriu ao longo de sua vida.

Eu acho a nossa participação no programa rádio online do Cândido Ferreira, para mim... Porque é assim, é um meio de comunicação, e a comunicação é muito importante. E a gente já da terceira idade, eu acho que veio acrescentar alguma experiência de vida e fez a gente se firmar mais na convicção daquilo que a gente quer, daquilo que a gente quer passar para as pessoas. Então, para mim é muito importante estar... É um trabalho comunitário, um trabalho que faz parte de um todo. E a minha participação, eu estou muito feliz pela oportunidade. (Depoimento de Benta, participante do Programa Vivendo e Aprendendo, 2010 : 95)

Isabel ressalta o ineditismo dessa experiência em sua vida. Sua participação traz à tona sua fase de criança, quando morava numa cidade do interior de São Paulo e vivia às voltas com a rádio local.

Eu acho maravilhoso, uma experiência inédita na minha vida, que aliás, eu acho que eu já gostava de rádio porque eu vivia rodeando a Rádio Catanduva quando eu era criança, e o locutor gostava de mim. Ele, de vez em quando, deixava eu falar no microfone. Mas é muito gostoso estar participando, e eu acho que isso deve ser levado para outras pessoas também da nossa idade. E a gente tem muito a agradecer a tudo que está sendo programado e proposto nesse novo conceito de rádio online para todos nós. Um beijo. (Depoimento de Isabel, participante do Programa Vivendo e Aprendendo, 2010 : 95)

Uma das participantes do programa Vivendo e Aprendendo já havia tido o pai internado em numa instituição psiquiátrica fechada, no período anterior às reformas. Para ela, está sendo uma oportunidade de (re)significar a imagem do portador de sofrimento mental e das possíveis formas de tratamento.

(...) eu tive assim, uma experiência com hospital psiquiátrico com meu pai. E isso, então, me deixou uma visão completamente diferente da que eu vejo aqui hoje. Eles participando, alegres, cantando. E isso me deixou assim, encantada e com vontade de participar. Eu vim para tirar mesmo essa imagem, em primeiro lugar, e depois porque o nosso programa chamando “Vivendo e Aprendendo”, é o que eu quero: continuar vivendo e aprendendo. E nesse aprendizado poder passar para outras pessoas aquilo que a gente vivencia aqui. Agradeço muito. (Depoimento de Lídia, participante do Programa Vivendo e Aprendendo, 2010 : 95)

Outra participante trabalhou num hospital psiquiátrico de Campinas, por volta do ano de 1975, antes da reforma, e também relata as mudanças que observou no tratamento, após sua inserção no projeto Maluco Beleza.

Não tem nem comparação, porque nossa, antes segurava as pessoas para tomar choque, eu achava um horror aquilo lá. Trancava... (...) Nossa, eu tinha uma visão horrível. Agora eu estou vendo que, hoje em dia, é tudo diferente. Muita diferença de lá para cá. (Depoimento de Aurea, participante do Programa Vivendo e Aprendendo, 2010 : 96)

O Ponto de Cultura oferece várias oficinas, entre elas, a Oficina de Letramento Digital, destinado às pessoas que desejam pela primeira vez aprender informática. Regina, uma das professoras dessa oficina revela:

Para mim, é uma experiência muito rica. Primeiro, é tudo muito novo, porque eu sempre trabalhei com criança, adolescente, e aí de repente tem todo o Cândido, que tem todo um... um preconceito de estar no Cândido Ferreira. E aí você chega e vê que... tudo se quebra, assim, e que é muito mágico. Para mim, pelo menos, é muito mágico lá, estar com a galerinha, o pessoal, assim. (Depoimento de Regina, professora da Oficina de Letramento Digital, 2010 : 96)

Ela considera que sua participação no projeto coloca-a numa situação muito mais de aprendiz, que de educadora, pois essa nova experiência tem marcado sua trajetória de vida.

E eu estou, na verdade, eu acho que eu estou muito mais aprendendo do que ensinando. E... de experiência, para mim, eu estou aprendendo mesmo, estou... Acho que é isso que eu vou levar assim para o resto da minha vida, essa experiência de estar com eles, de aprender muito com eles, aprender a trabalhar... Como que você ensina, você vai... Porque com criança e adolescente, às vezes, tem que ser muito rápido, e com eles não, tem que ser mais lento. Para mim também, isso é... Porque e sou muito assim, rápida. Acho que por muito tempo trabalhar nessa linha de que tem que ser tudo novidade, senão eles cansam, não é? E com eles não. Eu estou com outro tempo, mais lento. Ou não também. À vezes, você acha: vou ter que destrinchar isso aqui para ensinar, e de repente eles pegaram num segundo a coisa. Às vezes, você subestima e eles vão que vão. Acho que para mim é isso. (Depoimento de Regina, professora da Oficina de Letramento Digital, 2010 : 96)

Rádio Jovem é o nome de outro programa desenvolvido na rádio online, protagonizado por crianças e adolescentes participantes de um projeto social, que visa a transformar a situação de rua em que se encontram. Juca, instrutor de artes e participante do Rádio Jovem, avalia que está sendo rica a experiência de sair com os adolescentes do espaço

institucional em que eles se encontram, pois observa uma mudança de dinâmica da relação entre os profissionais e os adolescentes, quando estão no espaço da rádio.

Já faz mais ou menos uns três meses que a gente está participando da rádio, e eu estou sentindo que está sendo muito rico, porque a gente atende criança e adolescente em situação de rua, e dentro do espaço onde a gente atende, a dinâmica é uma. Quando a gente sai do espaço, e começou a frequentar a rádio, no caso, está aparecendo muita coisa nova. Então, eu acho que está sendo bastante importante para a gente e para os meninos também. (...) [influencia no] comportamento, até na autoestima. E a gente está conseguindo dialogar mais. Tem coisas que dentro do espaço, dentro do equipamento, a gente trabalha, eles não conseguem falar. Quando a gente sai para a rua, e pega um ônibus e vai para a rádio, começa a rolar muita conversa, e ajuda até no trabalho na volta para o equipamento. (...) Porque mesmo a gente fazendo um roteiro para ir na rádio, às vezes, muita coisa surge lá, e não é coisa que a gente coloca, é coisa que parte dos próprios adolescentes. Então, essa dinâmica, eu estou achando interessante. (Depoimento de Juca, instrutor de artes e participante do Programa Rádio Jovem, 2010 : 96-97)

A instrutora de artes Elza ressalta que a locomoção dos adolescentes da sede do projeto até ao Ponto de Cultura, para participarem da Rádio online, traz liberdade para os participantes. Pode parecer incoerente, mas o espaço psiquiátrico, que antes amarrava e confinava as pessoas, hoje é gerador de liberdade pelos projetos que oferece à comunidade.

Quando o Juca falou sobre algumas mudanças que tiveram, que a gente encontrou, e que talvez seja essa liberdade, na verdade, eu acho que além dessa liberdade que os adolescentes encontraram de poder sair do espaço que é o abrigo especializado e tudo mais, eu acho que é o contato com outras experiências, assim, eles veem outras dificuldades de outras pessoas quando a gente chega no Cândido. E aí quando a gente chega lá, eles perguntam: tia, mas e isso, o que é que é? Por que é que ele é assim? Por que é que está acontecendo isso? E aí quando a gente explica, e pede para eles entenderem essa dificuldade, é quando eles se sentem importantes, do tipo: nossa, eu consigo entender isso. Então, eu sei entender e eu sei respeitar. Então, esse contato com o outro e com a dificuldade do outro é o que, na minha opinião, mais enriquece para eles e para elas assim. (Depoimento de Elza, instrutora de artes e participante do Programa Rádio Jovem, 2010 : 97)

A participação na rádio online tem propiciado importantes momentos de diálogo, pois muitos assuntos, e não costumeiramente abordados na instituição dos adolescentes, acabam vindo à tona pelo viés da produção do programa.

Tem assuntos que surgem dentro do espaço onde a gente trabalha, e a gente não consegue trabalhar esse assunto lá dentro. Um exemplo é a apologia ao uso de drogas, ao crime, ao funk que fala mal da mulher.

Então, quando a gente leva esse tema dentro da rádio, a gente consegue trabalhar isso com o menino. Dentro do equipamento é muito difícil, porque o diálogo começa a interromper a partir do momento em que você, naquele espaço, não é permitido ouvir a crítica de música. Quando a gente vai para o Cândia, debate isso, eles conseguem. Ouvem a música e a gente consegue fazer uma reflexão sobre a letra dela e tal. E é mais tranquilo trabalhar sobre o assunto. (Depoimento de Juca, instrutor de artes e participante do Programa Rádio Jovem, 2010 : 97)

Temas nem sempre fáceis de serem abordados pelos adolescentes, como a violência e os abusos que sofreram em suas vidas, acabam sendo sugeridos como pauta do programa. A forma indireta de tratar sobre a temática funciona, muitas vezes, como um facilitador da abordagem. A partir da pauta sugerida, o adolescente acaba se sentindo mais seguro e à vontade para dialogar a respeito de aspectos de sua vida particular.

No caso, quando eu estou em oficina com as meninas, aconteceu há algumas semanas atrás, elas estavam na oficina e falando dos temas que a gente joga. Olha, a rádio é de vocês, vocês é que fazem. E aí uma das adolescentes falou assim: por que a gente não fala da exploração sexual, da violência contra a mulher, tia? Eu falei: a gente pode falar. A hora que vocês quiserem a gente pode sentar, conversar e escrever um rap. A gente fala. Então, no começo, quando ela jogou esse tema, eu senti aquele receio do tipo, como a tia vai aceitar isso? Será que a tia vai querer falar comigo sobre isso? Porque talvez a tia não queira ouvir tudo o que eu tenho para falar, tudo o que eu sei, tudo o que eu vivi. Porque essa é a realidade que a gente tem lá dentro. Só que quando eu falei que nós podemos falar se você quiser falar, foi quando começaram a vir um monte de coisas, depoimentos e desabafos, e tudo mais. E tudo isso foi por conta da rádio, porque surgiu por conta disso. Não, tia, eu estou falando isso porque eu quero inserir um tema na rádio. Às vezes, pode nem ser isso, mas a rádio ajudou, porque ela já está indo, ela tem uma ida frequente, ela sabe que toda semana tem que ter tema, então, às vezes, era até uma angústia que ela queria falar um pouco, mas ela não estava tendo abertura por várias questões, porque dentro da casa, a gente tem uma rotina muito grande, uma rotina que é muito grande. (Depoimento de Elza, instrutora de artes e participante do Programa Rádio Jovem, 2010 : 97-98)

A participação no rádio web oferece oportunidade de linhas de fuga da rotina imposta pelas atividades institucionais, que nem sempre priorizam o diálogo. Para a instrutora de artes, o rádio possibilita uma oportunidade, de os profissionais que acompanham os adolescentes, ouvirem cada um deles. Esse momento de escuta é valorizado por todos, e mesmo nos momentos de dificuldades, os obstáculos que aparecem são superados pela valorização desse espaço de comunicação e pelo empenho dos participantes.

(...) Idas para serviços, para CAPS infantis, idas para cursos, cronograma dentro de casa também. Então, às vezes, a gente quer parar para ouvir, mas não tem aquela coisa assim, não pode ser uma coisa marcada, hora

marcada, das 9 horas às 10 horas é um momento para parar e ouvir o adolescente. Não. Às vezes, eles querem falar em momentos que não tem como a gente parar para ouvir, entendeu? E aí nesse momento em que a gente vai para a rádio web, que nem ele falou, quando a gente pega o ônibus e na hora que a gente senta, parece que a gente respira. Senta no ônibus e vamos para a rádio, respirou. Então, tia, sabe... E aí começa. E aí vai falando e volta falando. E aí é nesse momento que a gente tem o que a gente deveria ter dentro da casa, que é o momento de escuta, porque o educador está lá para escutar. Porque muitas coisas a gente não pode resolver ali, está atribuído a outras pessoas. Mas o nosso papel é ouvir. Ouvir e tentar entender aquilo. E é só nesse momento que a gente consegue. E é difícil a gente conseguir uma ida frequente para outros serviços, entendeu? Às vezes, a gente consegue uma oficina aqui, uma oficina ali. Às vezes, não tem, vamos falar o português claro, às vezes, não tem passe, e aí fica aquela coisa assim: ah, mas é uma “oficininha”, não tem problema eles não irem. Agora, a rádio é um compromisso, entendeu? Então força a gente a virar e falar: a gente tem que ir, não tem como. Então, a gente também tem essa dificuldade de encontrar outros parceiros, e aí no meio do caminho esse elo é cortado por “n” motivos, porque não é uma coisa certinha que você foi lá, fez uma inscrição, e que você deu seu nome e tudo mais. Porque ah, é um momento legal de distração e entretenimento para eles. E já a rádio não, a rádio é um espaço de conhecimento para eles, a instituição enxerga isso, é um espaço de conhecimento, é um espaço de interação. Para a gente, é muito mais do que só isso, entendeu? Então a rádio ajuda o educar de artes nesse sentido, da gente poder ter um momento que a gente tem com eles, porque dentro da casa é muito difícil, muito complicado isso. (Depoimento de Elza, instrutora de artes e participante do Programa Rádio Jovem, 2010 : 98)

Os adolescentes confirmam, em sua peculiaridade de expressão, a importância de sua à participação no projeto:

Está sendo bom, está sendo um aprendizado, que nem o meu amigo falou. (Depoimento de Lis, participante do Programa Rádio Jovem, 2010 : 99)

Está sendo muito emocionante. (Depoimento de Caio, participante do Programa Rádio Jovem, 2010 : 99)

Emocionante? Eu achei que é muito interessante. (Depoimento de Lis, participante do Programa Rádio Jovem, 2010 : 99)

Muito legal, muito legal o bagulho. Muito legal (...) Por que é muito legal? Nós estamos falando do que mesmo? Da rádio, não é? Porque eu vou lá, falo naquele bagulho redondo lá [microfone] naquele bagulho redondo. Aí eu falo, começo a falar, falar, falar e não paro mais. Eu não sei, eu não tenho palavras para falar, eu não sei o que eu falo. (Depoimento de Caio, participante do Programa Rádio Jovem, 2010 : 99)

Um aprendizado, cara. (Depoimento de Ju, participante do Programa Rádio Jovem, 2010 : 99)

O projeto atraiu também uma familiar de um portador de sofrimento mental que faz tratamento particular. Refém dos serviços particulares de saúde, a família procurou pelo CAPS, inseriu-se num grupo de família, tendo sido logo no início sugerido, pela psicóloga responsável, que o irmão participasse do Projeto Maluco Beleza. A irmã procurou pelo projeto, apresentou a novidade ao irmão, que não demonstrou interesse em participar.

(...) eu tenho um irmão que tem esquizofrenia, e a gente começou a ter que fazer um tratamento que era... A gente fazia tratamento que era particular, e foi ficando muito caro. E a gente foi ficando cada vez mais refém dos serviços da área particular. E chegou uma hora que minha mãe não aguentou mais pagar e começamos a procurar outras alternativas. Foi aí que a gente foi para o CAPS, e no CAPS a gente fez um... O que foi interessantíssimo para a gente, foi um trabalho que tinha só com familiares. Então, eu e minha mãe começamos a participar desse trabalho com familiar. E nesse trabalho com familiar, uma vez a Raquel [psicóloga] comentou do Maluco Beleza. E aí a gente foi assistir uma gravação. E comecei a ouvir o programa. Então eu comecei a gostar do programa e já me interessei, por causa da área de comunicação, e por causa também do meu irmão. E foi até interessante, porque a ideia era ver se o Mano poderia participar do programa. Fui eu, minha mãe e meu irmão. E quando eu fui, eu fiquei interessada. E até perguntei para a Raquel depois, se eu participar, se isso não ia ser ruim por causa do Mano. Parecia que eu estava competindo com ele quando a gente estava tentando inseri-lo num outro ambiente, trazer... E ela falou que se ele não tinha se interessado ou ele não tinha... que não tinha problema. E aí o tempo foi passando, eu acabei não indo, a vida foi... E continuando a fazer esse trabalho com familiar, essas reuniões com familiar, até quando depois também parou o trabalho. (Depoimento de Célia, participante do Programa Cuca Legal, 2010 : 100)

Anos mais tarde, Célia acabou se inserindo no projeto como voluntária e hoje tem um programa de rádio online voltado para familiares. Com sua participação no projeto, ela avalia que ampliou o entendimento sobre sua família, que possui muitos membros portadores de sofrimento mental. Além disso, depois da família ter procurado pelo grupo de familiares do serviço público, a forma com que a família conviveu com a questão foi modificada, e, depois disso, o irmão Mano nunca mais entrou em crise.

E depois a gente [pesquisador e ela] se encontrou, e acabei vindo para cá. E aí quando eu vim para cá foi muito gostoso, porque assim, era uma coisa que foi de um tempo antigo, um desejo antigo, e vir para cá foi muito gostoso, porque... Posso chorar? Aspas, chorou o entrevistado... Eu estou assim hoje {emocionou-se bastante com o depoimento}. É verdade, porque é assim, estar aqui é uma forma de entender mais um universo que é um universo muito grande na minha família. A gente tem muitos casos de pessoas com problemas de saúde mental, problemas muito graves, e me permite estar mais próximo dessas pessoas, desse universo, entender mais as formas, até mesmo de expressão de emoção e de compreender um

pouco mais o universo do meu irmão para poder me relacionar melhor com ele. A minha participação aqui, e mesmo também a participação a partir mesmo dessas reuniões que a gente tinha com familiares, acabou deixando a gente mais próximo do Mano, e o Mano mais próximo da gente. Depois que a gente começou a fazer o tratamento, ele nunca mais entrou em crise. (Depoimento de Célia, participante do Programa Cuca Legal, 2010 : 100)

Mano, apesar de continuar não apresentando o desejo de participar ativamente do Projeto Maluco Beleza, tornou-se ouvinte dos programas. A irmã Célia avalia como muito significativo o fato de fazer um programa voltado à saúde mental, e que a rádio online tem possibilitado a proximidade com o irmão.

Depois que eu vim para cá, aí tinha aquelas coisas que a gente estava comentando, por exemplo, do Mano lembrar ou ao chegar em casa, me dizer: ouvi o seu nome na rádio hoje. Quer dizer, que ele está ouvindo o programa. Então é assim, essa criação de vínculos que parecem tão pequenos, e aí a gente vai percebendo que não, é muito significativo. Então eu acho que a participação como familiar tem essa proximidade, e ela vai envolvendo a família mais. Então é assim, minha mãe tem outras iniciativas em São Paulo, e eu aqui também é uma forma de estar envolvida com esse movimento maior da família. (Depoimento de Célia, participante do Programa Cuca Legal, 2010 : 100)

Célia também é voluntária do Programa Maluco Beleza, produzido para a Rádio Educativa. Na produção dessa revista, destaca ela forma de reconhecimento e validação das opiniões de todos os participantes, por mais diferentes que possam parecer, o que enriquece sua experiência.

Segundo ela, é nesse espaço, que superficialmente pode ser estereotipado por muitos como local de “loucos”, nesse ambiente que acaba encontrando maior sanidade. Sua participação no projeto trouxe uma outra motivação, um outro olhar, um outro sentido para a sua vida. “Eu acho que esses programas dão para a gente um outro sentido de vida”.

Eu acho que antes da rádio online, pensando no programa mesmo [o Programa Maluco Beleza produzido para a Rádio Educativa, do qual participa como voluntária], toda participação no programa, a forma como ele é estruturado, a forma de reconhecimento da opinião de todo mundo, de validação da opinião de todo mundo. Então, o que é que eu acho interessante desse processo todo? Quer dizer, a gente está fazendo uma votação, a gente já sabe até uma música que vai ganhar, tem muita votação, mas todo mundo dá a sua opinião. Então, todo mundo dá a sua opinião, ainda que ela seja uma opinião de minoria. Então a validação da opinião e da diferença, ela é muito... Acho que é enriquecedora. E aí começar a enxergar nesse ambiente, eu estava pensando nisso nesses dias, inclusive, que num ambiente, num espaço que é de loucura, saúde mental, pessoas que têm problemas de saúde mental, a gente encontra mais

sanidade. Então, se eu for pensar onde eu encontro com a sanidade, é no meio dessas pessoas que são tidas como loucas. Então, isso para mim foi muito rico, muito enriquecedor. Mais ainda, eu acho que esses programas dão para a gente um outro sentido de vida. Então, a gente tem motivação, uma outra motivação, um outro olhar sobre a vida. Então, ele vai além. (Depoimento de Célia, participante do Programa Cuca Legal, 2010 : 100)

Movida pela busca de amenizar um momento familiar de dor, ela se deparou com os outros integrantes do projeto, tendo, a partir daí, maior compreensão sobre si e seus problemas. Com sua participação, Célia percebeu que existem outras maneiras possíveis de produção de sentido de vida, que vão além das coerções impostas pela sociedade, que acabam adoecendo as pessoas.

E é interessante assim, a questão com familiar traz a gente para uma busca, porque é um momento de dor, é algo muito difícil. E aí desse momento que é uma busca para o outro, para entender o outro, a gente acaba se entendendo melhor. A gente acaba descobrindo um outro tipo de vida, uma outra forma de viver, a gente acaba valorizando mais a diferença, e enxergar o outro mesmo. E como, às vezes, a gente não enxerga, não se enxerga, não enxerga as relações que a gente tem, e pior ainda, como a gente deixa essas coerções da vida para viver em sociedades que são maiores que... Uma sociedade que é muito doente, que a gente tem que cada vez trabalhar mais, tem que produzir mais, faz a gente enxergar que a gente precisa ter um outro pé, senão a gente realmente adocece, enlouquece. Então eu acho que tem todas essas questões. (Depoimento de Célia, participante do Programa Cuca Legal, 2010 : 100)

A produção do programa de rádio online desencadeou, também, a parceira com um primo, que apresenta o Cuca Legal ao seu lado. Essa aproximação pelo caminho da comunicação intensificou o vínculo familiar.

Célia é Relações Públicas e trabalha na área de comunicação. Entre suas atividades, já empregou mídia training para profissionais de empresas, treinando-as para falar nos veículos de comunicação social. Na rádio web, ela está se deparando com suas próprias dificuldades de comunicação.

A oportunidade de produção do programa tem encantado a irmã de Mano, que acredita também poder encantar os ouvintes de seu programa, por meio da ampliação de comunicação gerada pela rádio online.

E depois a rádio online, aí a rádio online é um outro passo. Porque é um passo assim, na questão da família, me permitiu, por exemplo, comentar mais com a família esse trabalho, um primo meu começar a fazer parte, e aí esse elo, devagarinho, ele vai se ampliando. Então, por exemplo, o meu primo está superenvolvido, está superanimado. E ele fala coisa, às vezes, que eu não percebo, assim, que no dia a dia dá retorno, por exemplo, ah

como eu aprendo com você. E aí você diz assim: nossa, eu não fiz nada de diferente, eu não... E aí você vai criando um vínculo muito mais forte. Então tem sido muito gostoso. Fora essa experiência de estar do lado... Do outro lado do microfone. Então, é interessante porque, como profissional, eu trabalho na área de comunicação, já fiz mídia training, quer dizer, eu treino a pessoa para falar. Na hora que você está lá do outro lado, é outra experiência completamente... Aí você se vê naquilo assim, nossa eu preparava todo mundo, e eu mesma não sei, não é? E aí você está lá, você se encanta de uma forma encantadora... Eu acho que esse fascínio que tem o meio que é... Agora que é sonoro, que é uma mídia que pode chegar para outras pessoas, e você estar produzindo isso, isso amplia a aura, parece. Você se sente maior, e é muito gostoso, é muito enriquecedor. É isso. (Depoimento de Célia, participante do Programa Cuca Legal, 2010 : 100)

O projeto sempre extrapolou os limites geográficos da instituição e da população de usuários atendida, pois uma vez que os programas são veiculados, tanto pela Rádio Educativa FM, e mais recentemente pela Rádio Maluco Beleza online, ainda não é possível dimensionar a quantidade de ouvintes atingidos pela comunicação produzida. Os ouvintes podem ser considerados pessoas que participam do projeto, porém no papel de receptores das mensagens disseminadas, como vimos no caso do Mano. Apesar dessa constatação, não nos aprofundaremos no público ouvinte, pois essa população receptora não é o objeto de análise desta pesquisa. Nosso foco está voltado para a população produtora das mensagens, os emissores e suas formas de produção em comunicação. Importante dizer que a estratégia de comunicação utilizada pelo projeto tem o foco voltado em quem faz o programa, não em quem o ouve. O público-alvo do projeto é o próprio produtor/emissor na comunicação, não o receptor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo apresentar a comunicação como dispositivo terapeutizante, pela investigação de uma nova aplicabilidade da comunicação como dispositivo ao tratamento mental de pessoas que, por anos na história da psiquiatria brasileira, tiveram seus direitos fundamentais negados, inclusive o da comunicação. Por meio do Projeto Maluco Beleza, que produz comunicação para rádio, tanto com veiculação na emissora educativa, quanto na Internet, essa nova forma de aplicabilidade se revelou uma alternativa complementar ao tratamento mental, possuindo potencialmente efeito terapeutizante na vida dos participantes. Todo trabalho foi legitimado e validado por meio do saber militante do pesquisador/narrador implicado no processo, que imprimiu sua forma de olhar para a construção da pesquisa, por meio da utilização da metodologia cartográfica. A cartografia realizada nos permitiu viajar pela trajetória da vida de uma das participantes do projeto, principal colaboradora desta pesquisa, que nos revelou as diversas implicações que a comunicação possui em sua vida. Além do nosso caso-guia, pudemos constatar nos depoimentos de outros participantes, usuários da saúde mental e pessoas da comunidade, o efeito terapeutizante que a comunicação passou a ter em suas vidas, a partir da participação no Maluco Beleza. O processo de (re)significação de sentidos de vida deu-se a partir da descoberta da comunicação como ferramenta democratizada, disponibilizada e acessível, para

realização de novos meios de produção e veiculação de pensamentos, muitas vezes desprezados, banalizados, estigmatizados ou não validados pela mídia comercial.

A produção dos veículos alternativos de comunicação, realizada por pessoas que na maioria das vezes são marginalizadas socialmente, no contexto da reforma psiquiátrica em processo no Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira, na cidade de Campinas, interior do Estado de São Paulo, tem restituído um dos direitos fundamentais à (re)construção da cidadania dos usuários, ou seja, o direito da comunicação. A condição essencial para a viabilização dessa (re)construção é a democratização dos meios efetivamente experimentada pelo projeto pesquisado. As tecnologias midiáticas em expansão no mundo contemporâneo, não contemplam, infelizmente, a democratização dos meios, que continuam privados e comerciais, pertencentes à elite branca dominante brasileira. A partir dos veículos de comunicação de massa, esses meios validam o que é notícia e veiculam recortes tendenciosos como verdade, induzida, na maioria das vezes, por interesses políticos, financeiros e ideológicos. O poder de transformação social que a comunicação possui, é, muitas vezes, manipulado pelos veículos de comunicação comerciais, por meio de um instrumento, denominado linha editorial, o qual controla o conteúdo a ser veiculado, respeitando os interesses dos proprietários, e que, via de regra, aliena, mantém sob controle a ordem estabelecida na sociedade e reforça os estigmas.

A comunicação como dispositivo terapeutizante, aplicada no projeto pesquisado, e seus veículos provenientes são uma alternativa de ressarcimento do direito de expressão, àqueles que durante anos tiveram o poder da fala negado nos pátios dos manicômios, sendo calados por meio da não validação do que pensavam, pelo fato de possuírem um diagnóstico que os rotulava de “alienados”. A partir da participação no projeto, esses usuários começam a exercitar a elaboração do pensamento e a expressão por meio da fala, de uma mensagem que faça sentido para eles, (re)construindo o sentido de suas trajetórias. O Maluco Beleza tem se mostrado um dispositivo, pelo qual é permitido ao usuário dar vazão à sua criatividade lúdica, às vezes delirante, pois nesse espaço é permitido ao usuário delirar, e o delírio criativo é considerado um fator positivo para a comunicação produzida pelo projeto.

O exercício de produção dos programas de rádio acaba servindo como uma capacitação em diversos aspectos e sobre diversos temas. Esse desafio constante de construção e expressão de ideias acaba por capacitar os usuários para uma participação social mais ampliada, inclusive no tocante à militância, seja para o Movimento de Democratização da Mídia, seja para o Movimento das Rádios Comunitárias, e, na maioria das vezes, para o Movimento da Luta Antimanicomial. O projeto não só promove a ampliação da capacidade de

comunicação e expressão dos usuários, como também estimula a autoestima, a coragem para exporem suas ideias e até mesmo protestos e reivindicações. Nesse contexto, o Maluco Beleza torna-se um celeiro de novos militantes, ao mesmo tempo em que atua também como instrumento para a militância, uma vez que amplia as vozes engajadas. Podemos afirmar que a militância e a comunicação se retroalimentam, uma vez que uma colabora para a qualificação da outra.

Todo foco da comunicação como dispositivo terapeutizante produzida pelo projeto está centrado no emissor das mensagens, não no receptor. O Maluco Beleza é uma ferramenta disponibilizada no campo da saúde mental, no contexto pós início da reforma psiquiátrica, e todas as técnicas de comunicação aplicadas só fazem sentido pelo ato produtivo em saúde. O campo da saúde tem como princípio a produção de saúde, e todos os recursos disponíveis devem colaborar para esse fim. Uma vez o projeto localizado nesse campo e nesse contexto, constatamos que o Maluco Beleza também produz saúde, porque possui efeito terapeutizante para as pessoas que dele participam. Os modos de produção de vida dos usuários passam por transformações a partir de sua inserção no projeto. As mudanças de sentido das trajetórias de vida dos participantes do projeto de comunicação ampliam as redes de conexões sociais por eles estabelecidas, o que permite o aumento da plasticidade das relações, criando uma nova estética do viver, um novo sentido para suas existências.

Pudemos cartografar a trajetória de vida de nosso caso-guia e perceber a importância que a comunicação tem para aquela que sempre levanta a mão para pedir a palavra. Anjo Barroco encontrou, na instituição, um dispositivo que vai além da clínica, que atende seus desejos e a coloca em conexão com outras realidades, fazendo com que ela (re)signifique esse eixo, que é um dos norteadores de sua vida. A partir da tecnologia da comunicação aplicada, ela dispara novos jeitos de ser, novas posturas diante da vida, retomando a dignidade e o sentido de sua trajetória. Após o início de seu trabalho como monitora e recepcionista do Ponto de Cultura Maluco Beleza, ela se transforma em multiplicadora dos efeitos terapeutizantes obtidos pelo projeto, tornando-se também terapeutizante na vida de outros participantes, por meio da assistência que presta para o usuário que a procura na sala de informática; pelos passes de ônibus e pelas autorizações de almoço na instituição que distribui; pelas inscrições que realiza para as oficinas e os eventos; pelas orientações que dá pessoalmente ou por telefone; pela recepção que realiza aos visitantes; pela colaboração que presta aos usuários na formatação de programas na rádio online, ou na produção dos quadros para o Maluco Beleza.

A transformação do programa de rádio em Ponto de Cultura Maluco Beleza foi fundamental para a abertura do projeto para a participação de outras pessoas da comunidade, que atualmente têm experimentado os efeitos da comunicação como dispositivo terapeutizante em suas vidas. Notamos, pelos depoimentos dos funcionários, dos outros grupos ou instituições, dos familiares envolvidos com as atividades do Ponto de Cultura e com a rádio web, que todos denotam a importância do transbordamento dessa nova tecnologia de comunicação, tanto para suas trajetórias profissionais, quanto pessoais. A mudança de paradigma estabelece-se na população a partir do momento em que a instituição, temida pelas práticas manicomial de seu passado, transforma-se em oferta de recursos de comunicação e inclusão digital para a comunidade. Ainda que esse projeto esteja no início, já apresenta sinais positivos. Uma das questões fundamentais tem sido a oportunidade de convivência que se estabelece a partir desse amálgama. O aprendizado de como lidar com as diferenças e com os diferentes tem se mostrado um importante instrumento para a diminuição do preconceito ainda existente com relação aos usuários da saúde mental.

A comunicação como dispositivo terapeutizante empregada no projeto Maluco Beleza tem despertado um deslocamento do estigma das pessoas participantes, que demonstram uma nova postura diante da vida. Acreditamos que essa nova forma de aplicabilidade de comunicação não seja a solução de todos os problemas advindos de anos de marginalização sofrida pelos usuários da saúde mental e as implicações advindas desse processo, mas podemos afirmar que é um dispositivo de capacitação de como lidar com os obstáculos e superá-los. Trata-se do compromisso com a verdade empregado no projeto, com a verdade que faça sentido na vida dos participantes envolvidos e que possa transformar suas trajetórias.

Encerrando estas considerações, sem desejarmos cair no clichê, solicitamos a permissão para apresentar a composição que se tornou praticamente o hino do projeto, a canção Maluco Beleza, pela qual um dos compositores (Raul Seixas) tanto representa nossos usuários, em razão da empatia estabelecida:

Maluco Beleza

Enquanto você

Se esforça pra ser

Um sujeito normal

E fazer tudo igual...

Eu do meu lado

Aprendendo a ser louco

Maluco total

Na loucura real...

Controlando

A minha maluquez

Misturada

Com minha lucidez...

Vou ficar

Ficar com certeza

Maluco beleza

E esse caminho

Que eu mesmo escolhi

É tão fácil seguir

Por não ter onde ir...

Controlando

A minha maluquez

Misturada

Com minha lucidez”

Composição: Cláudio Roberto / Raul Seixas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas, Volume 1, Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERTIUSI, Débora Cristina. **O apoio matricial rizomático e a produção de coletivos na gestão municipal em saúde**. Rio de Janeiro: Tese de doutorado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix; tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol 1**. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Dialogues two**. United States of América: Casebound Editions of Columbia University Press, 2007.

GUELMAN, Leonardo Caravana. **Univvvverrso Gentileza**. Rio de Janeiro: Mundo das Idéias, 2009.

HOLLANDA, Chico Buarque de. **Tantas Palavras / Chico Buarque**. São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

MENEZES, Adélia Bezerra de. **Memória da Ficção**. Campinas, Unicamp: Resgaste – Revista de Cultura no. 3, 2003.

MERHY, Emerson Elias. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo**. São Paulo: Hucitec, 2002.

MERHY, Emerson Elias. O conhecer militante do sujeito implicado: o desafio em reconhecê-lo como saber válido. In: Túlio Batista Franco; Marco Aurélio de Anselmo Peres; Marlene Madalena Possan Foschiera et alls. **Acolher Chapecó: uma experiência de mudança do modelo assistencial, com base no processo de trabalho**. São Paulo: Hucitec, 2004.

MERHY, Emerson Elias. Da repetição à diferença: construindo sentidos com o outro no mundo do cuidado. In: Túlio Batista Franco; Valéria do Carmo Ramos (orgs.). **Semiótica, Afecção & Cuidado em Saúde**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

MERHY, Emerson Elias; AMARAL, Heloisa (orgs.). **A Reforma Psiquiátrica no Cotidiano II**. São Paulo: Editora Hucitec, 2007.

MOREIRA, R. **Memória, loucura e velhice: os ganhos no processo de envelhecimento pós reforma psiquiátrica (Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira – Campinas/SP)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, Campinas/SP, 2005.

PARK, Margareth; FERNANDES, Renata Sieiro (orgs.). **Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos**. Campinas: Unicamp/CMU; Holambra: Editora Setembro, 2005.

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo; MOREIRA, Reginaldo. Experiências no Rádio Brasileiro com Usuários da Saúde Mental. In: **II Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos**. Porto, 2005. *Jornalismo Ciência e Saúde*. 2005. p. 254-260.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

SITE

ENCIPECOM – Encicoplédia do Pensamento Comunicacional Latino-Americano, da Universidade. **Comunicação, saúde e cidadania: desafios colocados pela implantação do Sistema Único de Saúde**. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/5/5c/018_-Janine_Miranda_Cardoso1.pdf>. Acesso em 20 dez. 2010.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AMARANTE, Paulo (org.). **Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

AMARANTE, Paulo (org.). **Saúde Mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

- BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan; HEITZMANN, Patricia Zanin. **Radiojornalismo e subjetividade: Em busca de vozes singulares**. XXVI Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte/BH, 2003.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BUENO, Austregésilo Carrano. **O canto dos malditos**. Ed. rev. alterada pelo autor, Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- CARNICEL, Amarildo; FANTINATTI, Márcia (orgs.). **Comunicação e Cidadania - possibilidades e interpretações**. Campinas, SP: CMU Publicações, 2008.
- COELHO NETO, Armando. **Rádio Comunitária não é crime, direito de antena: o espectro eletromagnético como bem difuso**. São Paulo: Ícone, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 2003.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FUSER, Bruno (org.). **Comunicação Alternativa - Cenários e Perspectivas**. Campinas/SP: Oficinas Gráficas da Unicamp, 2005.
- GIGLIO, Zula Garcia; von SINSOM, Olga Rodrigues de Moraes. **A arte de recriar o passado: História Oral e Velhice bem-sucedida. in Desenvolvimento e Envelhecimento – perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas, SP, Papyrus, 2001.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- GUATTARI, Felix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo – 10 edição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- HENNIES, Rita de Cássia. **Alô, Atenção!: o uso da comunicação em saúde mental como canal de reintegração**. Projeto Experimental da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas. Campinas, SP: PUC-Campinas, 2003.
- MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é Cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MAZZARA, Bruno M. Prejuicios y estereótipos em acción. In: **Estereótipos y prejuicios**. Madri: Acento Editorial, 1999, pp. 9-43.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE, Secretaria-Executiva, Secretaria de Atenção à Saúde. **Legislação em saúde mental: 1990-2004**. 5ª. Ed., Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS.** Brasília, novembro de 2005.

MOREIRA, Reginaldo. A comunicação como reinserção social de usuários da saúde mental: um olhar sobre a TV Pinel e o Programa Maluco Beleza In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal/RN. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31., Natal, RN, 2008.** Natal/RN: Intercom, 2008;

MOREIRA, Reginaldo. A comunicação como reinserção social para usuários da saúde mental: um olhar sobre a TV Pinel e o programa Maluco Beleza. In: **II Fórum Internacional de Saúde Coletiva, Saúde Mental e Direitos Humanos**, promovido pela Universidade Popular das Mães da Praça de Maio; Movimento Nacional da Luta Antimanicomial e Movimento Nacional de Direitos Humanos, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro/RJ, 2008.

MOREIRA, Reginaldo. Comunicação e Reabilitação Psicossocial. In a **Reforma Psiquiátrica no Cotidiano.** HARARI, Angelina; VALENTINI, Willians (Orgs). São Paulo, Hucitec, 2001.

PASSOS, Benedito da Cruz. **Retrospecto da Vida do Sanatório Dr. Cândido Ferreira (Ex-Hospital de Dementes de Campinas).** Campinas, Empresa Gráfica e Editora Palmeiras Ltda, 1975.

PITTA, Áurea M. da Rocha (org.). **Saúde & Comunicação – visibilidades e silêncios.** São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1995.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento e Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SERRANO, Alan Indio. **O que é Psiquiatria Alternativa.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

SILVA, Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e Diferença. A perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 73-102.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente.** Brasília, DF: Editora Alhambra, 1981.

TURINO. Célio. **Ponto de Cultura: o Brasil de baixo pra cima.** São Paulo: Anita Garibaldi, 2010.

VALENTINI, Willians; HARARI, Angelina (orgs.). **A Reforma Psiquiátrica no Cotidiano.** 01 ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

ARTIGOS DE REVISTA

KILSZTAJN, Samuel; et all. **Leitos hospitalares e reforma psiquiátrica no Brasil.** Artigo publicado pelo Cad. Saúde Pública, vol.24, no.10, Rio de Janeiro, Outubro de 2008.

LIMA, Venício A. **Comunicação, poder e cidadania**. Joinville/ SC: Rastros – Revista do Núcleo de Estudos de Comunicação Ielusc, 2006.

MARTINS, Marcos Francisco. **Uma “Catarsis” no conceito de Cidadania: do Cidadão Cliente à Cidadania com valor Ético-político**. Campinas: Revista Phrónesis, Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Campinas, v.2, no.2, p. 106 -118, jul/dez, 2000.

SEGATTO, Cristiane; et all. **Dói internar um filho. Às vezes não há outro jeito**. Reportagem publicada na Revista Época, edição 576, São Paulo, 1º. de junho de 2009.

CATÁLOGOS

MASCARENHAS, Andréia. **Os Excluídos da História - 75 anos do Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira**. Campinas, Catálogo de Exposição, 1999.

SITE

Coordenação Nacional de Saúde Mental; Ministério da Saúde; Humaniza SUS.
Comunicação, saúde e cidadania: desafios colocados pela implantação do Sistema Único de Saúde. São Paulo, 2010. Disponível em:
<http://www.ccs.saude.gov.br/VPC/reforma.html>

Acesso em jun. 2009.